

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

**REGIMES DE CIDADE:
INVESTIGAÇÕES ACERCA DE EXPERIÊNCIAS URBANAS
NO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM (1960-2019)**

ÁLISSON SOUSA CASTRO

Florianópolis - SC

2019

ÁLISSON SOUSA CASTRO

**REGIMES DE CIDADE:
INVESTIGAÇÕES ACERCA DE EXPERIÊNCIAS URBANAS
NO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM (1960-2019)**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em História, na
Universidade do Estado de Santa Catarina.
Orientador: Prof. Dr. Emerson César de Campos.

Florianópolis - SC

2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Castro, Álisson Sousa

Regimes de Cidade : Investigações acerca de experiências
urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019) / Álisson Sousa
Castro. -- 2019.
218 f.

Orientador: Emerson César de Campos
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2019.

1. Cidade. 2. Tempo Presente. 3. Vale do Itajaí-Mirim. 4.
Brusque. 5. Guabiruba. I. Campos, Emerson César de. II.
Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências
Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História.
III. Título.

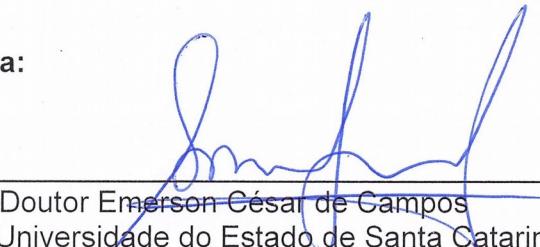
Álisson Sousa Castro

**"REGIMES DE CIDADE: INVESTIGAÇÕES ACERCA DE EXPERIÊNCIAS URBANAS
NO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM (1960-2017)"**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de doutor, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca julgadora:

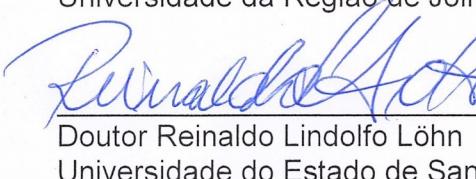
Orientador:


Doutor Emerson César de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina

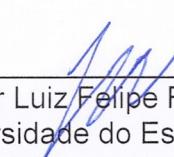
Membro:


Doutora Ilanil Coelho
Universidade da Região de Joinville

Membro:


Doutor Reinaldo Lindolfo Löh
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:


Doutor Luiz Felipe Facão
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:


Doutor Fábio Francisco Feltrin de Sousa
Universidade Federal da Fronteira Sul
(Participação por meio de recurso audiovisual)

Florianópolis, 17 de dezembro de 2019.

Para Luana, Arthur e João Vicente.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Emerson César de Campos, pela acolhida, paciência e compreensão. Um orientador pacientemente à espreita e que além de ser gentil com meus desencontros também soube ser altamente prestativo e incentivador nos meus encontros, obrigado por tudo.

Aos Professores Dr. Reinaldo Lindolfo Löhne e Dra. Ilanil Coelho, que gentilmente se disponibilizaram em participar de minha banca de qualificação elaborando questionamentos essenciais para os rumos desta tese. Aos professores Dr. Luiz Felipe Falcão e Dr. Fábio Francisco Feltrin de Sousa que aceitaram gentilmente participar da minha defesa final de tese e que apontaram também questões essenciais a serem corrigidas e melhoradas.

Aos Professores do PPGH pelas ideias e provocações e, em especial, à turma do Doutorado de 2015, sobretudo à linha Linguagens e Identificações – Daniel Lopes Saraiva, Elias Davi François, Fernanda Mara Borba, Luciano Py de Oliveira, Márcia Regina dos Santos e Renato Muchiuti Aranha, obrigado pela acolhida, hospedagem, cafés, almoços e compartilhamento dos momentos de sonolência, angústia e também de muitos cafés, tererés, alegria, risadas, tainha e companheirismo.

Aos colegas da Prefeitura de Brusque e da Fundação Cultural de Brusque, muito obrigado pela paciência e compreensão, em especial Lucas Cordeiro e Igor Balbinot! Aos colegas da Uniasselvi/Assevim de Brusque, em especial dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design de Moda, Viviany Melchior Albuquerque e Alini Cavichioli. Aos historiadores Dr. Aldonei da Silva Lopes e Luciana Paza Tomasi, da Casa de Brusque, pelo auxílio sempre que necessário. Aos servidores do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, de Blumenau, em especial à Prof. Sueli Petry. Ao historiador Aloisius Carlos Lauth também registro o agradecimento pelo esclarecimento acerca de questões relativas ao contexto em que foram produzidos seus escritos, além da generosa cessão de fontes de seu acervo pessoal.

Ao Alencar Venturini, por providenciar o escritório no Container Bar com aquela cerveja gelada. Ao Lucas Maurici exímio artesão sapateiro; ao Jean Glass pelo dobro de tudo e seus estranhos pássaros, ao Luis Fernando Machado pelos goles de uísque entre o arco e o pote, ao Felipe Zen pelos goles de natu, te agradeço “de coração”: Quê vim vem, fiu! Agora eu vou! Também à parceria dos alquimistas Guilherme Cañellas, Gustavo Gonzaga Pereira, Mestre Marcelo “K.B.Lera” Stotz, ao nosso tenente-artilheiro Silvio José da Luz e ao nosso italiano Bernardo Cardeal.

Em especial para a minha família: minha esposa Luana, guerreira, que suportou a barra sozinha em muitos momentos, e meus filhos Arthur (concebido nos dias de início do mestrado) e

João Vicente (concebido nos dias de início do doutorado) – aos meus pais Álvaro e Francisca e aos meus sogros Jacó e Maria Albertina. Obrigado por tudo!

RESUMO

Essa tese objetiva colaborar para os estudos sobre cidade no tempo presente em Santa Catarina com análise centrada entre os anos de 1960-2019 em cidades do Vale do Itajaí. Tomando por *locus* Brusque, o *Berço da Fiação Catarinense*, e Guabiruba, *Terra do Pelznickel*, busco compreender o impacto da crescente urbanização na experiência de cidade dos habitantes por meio de temas aparentemente desconexos como as obras, *modus operandi* e projetos da gestão do Prefeito Ciro Marcial Roza (1989-1992; 2001-2004 e reeleito para 2005-2008); as manifestações xenófobas ocorridas em Brusque e a forma como os (i)migrantes experienciam a cidade e; a celebração de um ritual natalino que celebra uma tradição local que foi patrimonializada e virou produto turístico. Foi efetuada pesquisa no acervo de jornais e fotografias do Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim (Casa de Brusque) e Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Brusque (Sala Brusque Virtual). Foram realizadas entrevistas norteadas pela metodologia de história oral com pessoas envolvidas no processo de transformação urbana em Brusque e com os (i)migrantes que vivem atualmente na cidade. Postulo que estas tramas desconexas e com fios soltos me possibilitarão flagrar por meio de comparações entre momentos diferentes, através do que denomino regime de cidade, a alteração de uma matriz fabril protagonizada pelo colono-operário para uma matriz de serviços pelo empreendedor-precarizado.

Palavras-chave: Cidade; Tempo Presente; Vale do Itajaí-Mirim.

ABSTRACT

This thesis focuses to contribute to cities studies on present time in Santa Catarina with an analysis centered between 1960-2019 in the cities of the Itajaí Valley. Taking Brusque as *locus, the Cradle of Santa Catarina Spinning*, and Guabiruba, *Pelznickel's Land*, I seek to understand the impact of growing urbanization on the city's experience of the city through seemingly unrelated themes such as the works, *modus operandi* and projects of city by Ciro Marcial Roza as mayor (1989-1992; 2001-2004 and reelected for 2005-2008); the xenophobic manifestations in Brusque and the way (I)migrants experience the city and; the celebration of a Christmas ritual that celebrates a local tradition that was patrimonialized and became a tourist product. Research was carried out in the collection of newspapers and photographs of the Itajaí-Mirim Valley Historical Archive (Casa de Brusque) and the Historical Heritage Department of the Brusque'a Cultural Foundation (Brusque Virtual Room). Interviews guided by the oral history methodology were conducted with people involved in the urban transformation process in Brusque and with (i) migrants currently living in the city. I postulate that these disconnected and loose-woven plots will allow me to catch through comparisons between different moments, through what I call the *regime of city*, the change from a factory matrix led by the worker-colonist to a service matrix by the precarious-entrepreneur.

Keywords: City; Present Time; Itajaí-Mirim's Valley.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Localização de Brusque e Guabiruba..... | 14 |
| Figura 2: Grafite provocador..... | 24 |
| Figura 3: Narrativa-síntese em Brusque..... | 34 |
| Figura 4: Recorte de mapa da área central de Brusque em 1974..... | 54 |
| Figura 5: Projeto Av. Beira Rio - Planta Baixa Admin. Pref. Alexandre Merico 1978..... | 57 |
| Figura 6: Rodoviárias de Rio Negrinho e Brusque..... | 70 |
| Figura 7: Rodoviária, Beira-Rio e Hotel Monthez Flagrante das obras do Hotel Monthez, Rodoviária e Beira Rio. A foto compõe o Relatório de situação e obra do Terminal Rodoviário de Brusque em 16 de março de 1990. Acervo Sala Brusque..... | 72 |
| Figura 8: Parque do Centenário Foto da maquete do Parque Centenário reproduzida no jornal O Município, edição de 27 fev. 1960. Acervo SAB..... | 73 |
| Figura 9: Parque do Centenário de Brusque Montagem com fotos do Parque do Centenário em 1960. Fotos de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron..... | 74 |
| Figura 10: Vista aérea de Brusque em 1960 Ao lado esquerdo podemos ver o templo católico em obras, no centro vemos os telhados de cinco pavilhões ao lado de uma pequena lagoa e mais acima, após a grande lagoa, mais dois pavilhões (local onde está atualmente o Supermercado Angeloni). Acervo SAB..... | 75 |
| Figura 11: Parque do Centenário..... | 76 |
| Figura 12: Pavilhões da FAMOSC..... | 79 |
| Figura 13: Pavilhão da Expoville e da FIDEB..... | 80 |
| Figura 14: Parque da Caixa D'Água Avião do Parque da Caixa D'Água em 1969. Foto de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron..... | 83 |
| Figura 15: Pavilhão da FIDEB Aspecto do Pavilhão da FIDEB quando inaugurado em 1970. Atualmente neste local fica o estacionamento entre o camelô e o prédio da Fundação Cultural de Brusque. Foto de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron..... | 86 |
| Figura 16: Praça da FIDEB Praça da FIDEB, que abrigou também o prédio onde funcionou a Câmara de Vereadores e Biblioteca Pública Ary Cabral. Foto Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron..... | 89 |
| Figura 17: Folder 1ª Fenarreco Capa do folder da 1ª Fenarreco em 1986. Acervo Sala Brusque..... | 93 |
| Figura 18: Propaganda 1ª Festa do Imigrante Folder da 1ª Festa do Imigrante, de Blumenau..... | 95 |
| Figura 19: Villa Quisisana..... | 100 |
| Figura 20: Encarte “Advinhe que país é este”..... | 101 |
| Figura 21: Casarão Schaefer Casarão Schaefer, edifício da Câmara de Vereadores (posteriormente Prefeitura) e acima a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga. Acervo SAB..... | 105 |
| Figura 22: Projetos da Prefeitura de Brusque em 1989 Projetos da Prefeitura de Brusque em 1989. Prefeitura, câmara de vereadores, fórum, teatro e casa da cultura. Fonte: Jornal O Município, edição de 26 de maio de 1989, p. 14. Acervo SAB..... | 114 |
| Figura 23: Estilo germânico em Brusque Imagens retiradas do Google Street View (www.google.com.br). 1) Residência na rua SP-006; 2) Residência em transversal da rua Teodoro Albrescht; 3) Casa de Brusque, na rua Otto Renaux; 4) Lojas Colombo (Pernambucanas), na Av. Cônsul Carlos Renaux; 5) Clube Laranjeiras, rua rua do Centenário; 6) Hotel Monthez, Av. Antônio Heil; 7) Rodoviária; 8) Centro Comercial Geschäftshaus; 9) Fórum, Câmara dos vereadores e Prefeitura; 10) Pavilhão Fenarreco; 11) Pórtico Parque Zoobotânico; 12) Restaurante na AABB; 13) Arena Multiuso; 14) confeitoria Bartz; 15) Delegacia de Polícia Civil..... | 115 |
| Figura 24: Estilo germânico em Brusque..... | 116 |
| Figura 25: Edificações em estilo germânico de Brusque Elaborado pelo autor a partir do Google Maps..... | 118 |
| Figura 26: Evolução do perímetro urbano de Brusque Em amarelo, no centro, o perímetro urbano de 1948; em verde-musgo o perímetro urbano segundo mapa presente no Álbum do Centenário de Brusque; em vermelho o perímetro urbano de 1964; em verde o perímetro urbano de 1979; em roxo o perímetro urbano de 1990; em azul o perímetro urbano de 2015. Em preto os limites do | |

| | |
|--|-----|
| município. Composição do autor com base no mapa do sistema viário de 2012 disponível no acervo da Sala Brusque Virtual (encyclopedia.brusque.sc.gov.br)..... | 125 |
| Figura 27: Carta aos baianos..... | 132 |
| Figura 28: Propaganda da programação de natal de Guabiruba..... | 166 |
| Figura 29: Pelznickel e Christkindl no Palatinado em 1858 e os atuais da Guabiruba..... | 167 |
| Figura 30: Primeira passagem..... | 173 |
| Figura 31: Segunda passagem..... | 176 |
| Figura 32: Terceira passagem..... | 177 |
| Figura 33: Quarta passagem..... | 178 |
| Figura 34: Quinta passagem..... | 179 |
| Figura 35: Sexta passagem..... | 180 |
| Figura 36: Sétima passagem..... | 181 |
| Figura 37: Oitava passagem..... | 182 |
| Figura 38: Nona passagem..... | 184 |
| Figura 39: Revista do Pelznickel..... | 185 |
| Figura 40: Décima passagem..... | 186 |
| Figura 41: Décima e primeira passagem..... | 187 |
| Figura 42: Décima e segunda passagem..... | 188 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1: Evolução demográfica de Brusque entre 1960-2016. Fonte: jornal O Município. Em 1960 Brusque ainda englobava os atuais municípios de Botuverá e Guabiruba..... | 40 |
| Gráfico 2: Taxa de crescimento demográfico por década. IBGE/Jornal O Município..... | 41 |
| Gráfico 3: Propaganda das empresas do conglomerado Ciro Roza..... | 48 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1: Região Central de Brusque..... | 64 |
| Mapa 2: Rodovias de ligação a Brusque..... | 65 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|-----|
| Anexo 1 – Carta "Aviso para os baianos"..... | 218 |
|--|-----|

LISTA DE APÊNDICES

| | |
|---|-----|
| Apêndice A – Comprovante de envio de projeto Comitê de Ética em Pesquisa..... | 212 |
| Apêndice B – Modelo de Termo de Consentimento Livre Esclarecido..... | 213 |
| Apêndice C – Modelo de Termo de consentimento para fotografias, vídeos e gravações | 214 |
| Apêndice D – Resumo das eleições/sucessões para o cargo de Prefeito de Brusque entre 1960-2017..... | 215 |
| Apêndice E – Formulário de entrevista oral..... | 217 |

LISTA DE SIGLAS

CODEB – Companhia de Desenvolvimento e Urbanização de Brusque
DER/SC – Departamento de Estradas e Rodagem de Santa Catarina
DETER – Departamento de Transportes e Terminais
EBTU – Empresa Brasileira de Transportes Urbanos
FATRE – Fábrica de Tecidos Carlos Renaux
FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau
PGM – Procuradoria Geral do Município de Brusque
SAB – Sociedade Amigos de Brusque
SB – Sala Brusque (Fundação Cultural de Brusque)
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SP – Sociedade do Pelznickel
TRE-SC – Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina
TSE – Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO A UMA CIDADE MORTA..... | 13 |
| CAPÍTULO 1 – BRUSQUE AC/DC..... | 34 |
| CAPÍTULO 2 – VALE DOS SUICIDAS..... | 132 |
| CAPÍTULO 3 – TRADIÇÃO COMO PRODUTO TURÍSTICO: GUABIRUBA, A TERRA DO PELZNICKEL..... | 165 |
| CONCLUSÃO..... | 193 |
| REFERÊNCIAS..... | 198 |

INTRODUÇÃO A UMA CIDADE MORTA

De um modo geral, a Cidade Morta é um lugar horrível e a [Av.] Otto [Renaux] é apenas uma cicatriz feia em um grande rosto deformado. Para ilustrar um pouco mais essa calamidade urbanística é preciso dizer que um rio, que guarda toda a podridão química do mundo, corta a cidade ao meio. A sua margem direita, estende-se outra serpente de asfalto que possui postes longos, com luzes amarelas parecidas com os olhos de um peixe morto. Sob tal ambiência nefasta, os habitantes dessa cidade acabam evitando as ruas. Aliás, nunca caminham pelas ruas. Percorrem a cidade em seus automóveis. Isolam-se nessas gaiolas de ferro. Evitam as relações reais. Preferem ver-se através de fotos nas redes sociais da internet, entre outras relações sociais que para acontecerem dependem totalmente de sistemas peritos. Em parte, quando falta luz, os corações nessa cidade param de bater. (*O dobro de tudo*, Jean Glass)

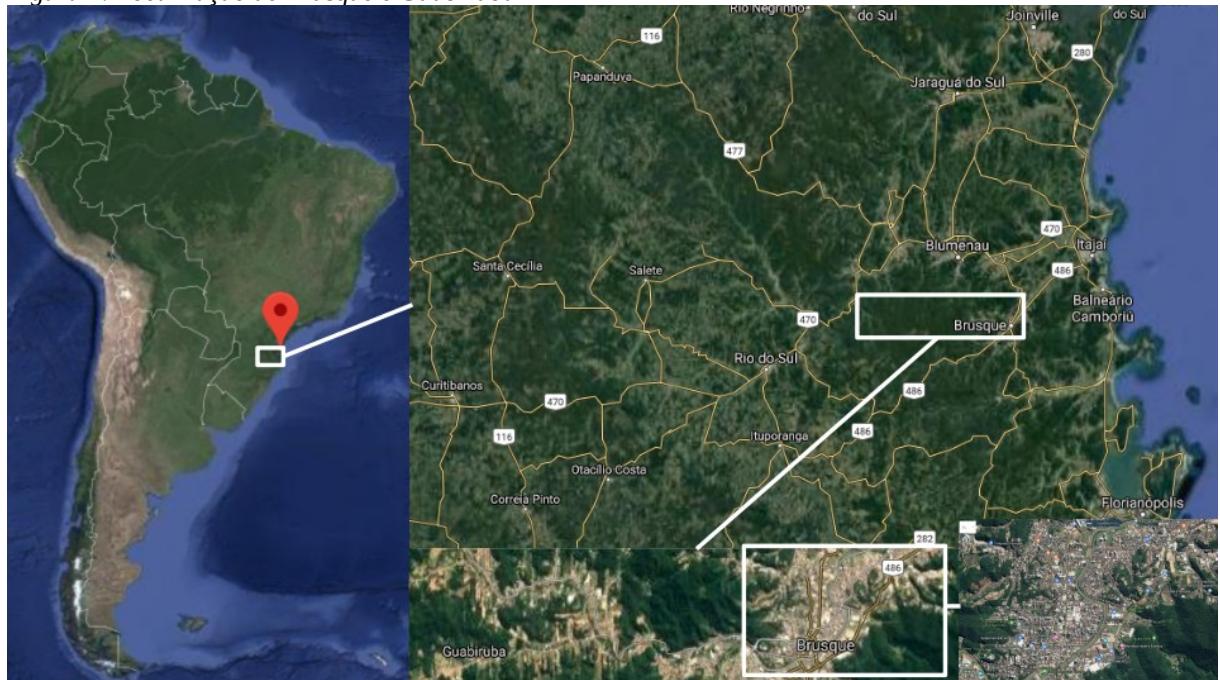
Habitar uma Cidade Morta pode ser suficiente para despertar o interesse sobre o tema “cidade” no tempo presente. A epígrafe que escolhi para apresentar este trabalho procura exprimir o meu desconforto e, por consequência, o foco desse trabalho que, embora se apoie na exploração dos projetos e no desenvolvimento físico das cidades de Brusque e Guabiruba, está muito mais voltado para os fluxos, intensidades, afecções e percepções relativos à forma de ordenar o espaço físico, projetos e anseios provocados nas pessoas – questões inspiradas na obra do filósofo francês Gilles Deleuze em seus vários escritos. E longe de ser uma via de mão única, essas pessoas, atravessadas por tudo isso, também exprimem essa experiência ao ordenar a cidade e se deixar conduzir por ela.

“Cidades Mortas” também é o título de um artigo que emprestou o nome ao livro homônimo de Monteiro Lobato publicado originalmente em 1919 a partir da compilação dos primeiros trabalhos do autor ainda em seus tempos de estudante. Nestes escritos, Lobato retrata a realidade brasileira no tempo em que os fazendeiros do café ditavam o ritmo da economia e da política. Retratando a crise da cafeicultura e sua volatilidade, afirma que “ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. [...] Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de há muito, em matéria de rodas, se voltou aos rodizios desse rechinante simbolo do viver colonial – o carro de boi” (LOBATO, 1971, p. 3). Sobre a cidade onde supostamente morava, denominada “Oblivion” (terra do esquecimento¹), no Vale do Paraíba, Lobato comenta que ela “lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, á beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além” (1971, p. 6). A decadência econômica implicada no esvaziamento das cidades é o que originou a Cidade Morta de Lobato. Teria sido Lobato uma inspiração para Glass?

¹ De acordo com Fernando Mesquita, “A dicção parnasiana [...] costumava chamar a Inglaterra de *pérfida Albion*. É fácil perceber que para chegar ao nome [...] o narrador pegou *oblivio*, palavra latina de ‘gosto raro’, e a compôs como nome próprio, *Oblivion*, ‘terra do esquecimento’, terra que não tem história (2002, pp. 187-188).

Embora Glass, poeta e músico brusquense², se refira a uma cidade específica no tempo presente, estes elementos físicos da Cidade Morta estão presentes em diversas cidades no mundo, tais quais os fluxos, intensidades, atravessamentos, percepções e afecções que elas provocam e que se manifestam de maneiras diversas. A escolha de abordar as cidades de Brusque e Guabiruba, longe de tornar este trabalho restrito a um contexto municipalista, diminuindo sua contribuição para o estudo das cidades, pelo contrário, acaba, a partir do exemplo dessas cidades – mortas – falando de realidades que, se não iguais, podem ter suas experiências atravessadas em cidades que estejam na iminência de sua morte. A análise de um conglomerado de cidades não resultaria ou mesmo não ampliaria o que se fala sobre a Cidade Morta, ela já são muitas e já basta.

Figura 1: Localização de Brusque e Guabiruba



Adaptação do autor a partir de imagens do Google Maps (maps.google.com).

A microrregião do Vale do Itajaí-Mirim é composta pelos municípios conurbados de Brusque e Guabiruba, além de Botuverá. Esta microrregião compõe a região do Vale do Itajaí,

² Jean Carlos Hochsprung Miguel é vocalista e guitarrista da banda brusquense Galáxia. No âmbito acadêmico, ele é graduado em Ciências Sociais (FURB), tem Mestrado e Doutorado em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP) e atualmente conclui Pós-Doutoramento (UNIFESP). Suas pesquisas têm ênfase na Sociologia do Conhecimento Científico e Ambiental. Segundo o que ele informou, apesar da coincidência, Monteiro Lobato não foi uma das influências para os seus escritos. Na época suas leituras giravam em torno de autores como Guy Debord, Raoul Vaneigen, Arthur Rimbaud, Henry Miller e Franz Kafka.

no estado de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. Sua ocupação inicial de maneira sistemática ocorreu com a fundação da Colônia Itajahy-Brusque em 4 de agosto de 1860 e depois com a Colônia Príncipe Dom Pedro em 15 de fevereiro de 1867 que foi incorporada a primeira mais tarde, dando origem ao município de São Luiz Gonzaga em 1881, renomeado de Brusque e depois desmembrado em 1962 dando origem aos municípios de Botuverá e Guabiruba. O objetivo dessa tese é compreender como as transformações culturais na cidade evidenciam uma transformação da matriz do trabalho fabril protagonizado pelo colono-operário para uma matriz de serviços protagonizada pelo empreendedor-precarizado.

Este rio, que Glass diz guardar toda a podridão química do mundo, foi o primeiro ponto que me chamou a atenção para o grau de alienação e passividade reinante na Cidade Morta. Entre 2011 e 2015, uma notícia já não mais disponível no portal da Rádio Cidade AM (rc.am.br), narrou um acontecimento que de certa forma denuncia o estado calamitoso desse rio. Viaturas da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros foram acionadas por populares para retirar um homem que, em um dia de calor de mais de 40 graus desfrutava de um banho no rio Itajaí-Mirim munido de sua boia de caminhão. Não fosse a podridão química do rio e o conformismo dos habitantes da Cidade Morta com a situação do rio, essa cena seria uma das mais frequentes num dia encalorado. Além do conformismo, a relação dos habitantes da Cidade Morta com o rio é de boicote, de disciplinamento, de parasitismo com o rio. A Cidade Morta cresceu em um Vale, espremida entre os morros e os cursos d'água. O rio vivo sucumbiu à Cidade Morta: foi retificado, cortado, enrocado, poluído, esvaziado. Sua matéria-prima foi roubada pelas indústrias que só fornecem detritos. Nesse rio poluído sobram apenas resistentes animais que, ou são pescados, ou servem, como as capivaras, para ilustrar *selfies* nas redes sociais. A Cidade Morta, um dos regimes de cidade possíveis de se engrenar, é um local onde o impensado reina, onde o capital permeia todos os aspectos da vida – poluindo, explorando, matando ou tornando a vida tão insuportável a ponto de forçar a uma fuga – provocando o adoecimento até a morte ou suicídio ou mesmo a fuga para outro local menos nocivo.

Ao mesmo tempo em que não vejo como não me sentir indignado e colaborar com a passividade e alienação com o ritmo da Cidade Morta, durante muito tempo minha rotina fez parte desta paisagem. Resisto, contudo, a relacionar essa situação com a minha situação de migrante. É, antes de tudo, a minha relação com a própria Cidade Morta, atravessado pelos seus fluxos, que influíram em minha resposta aos seus apelos e a ela se somaram em um

grande círculo do qual não se escapa sem um certo distanciamento. Querendo destruir essa cidade, tal qual um espelho em pedaços que ainda assim refletiria minha imagem fragmentada em seus cacos, o tema da “cidade” no tempo presente acabou por ser definido como norteador desse trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História (área de concentração História do Tempo Presente) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Definido o tema, seguiu-se uma fase de aflição bibliográfica, faltando os objetos, as fontes, a teoria, etc de modo que pudesse me embrenhar nessa selva.

Para além do incômodo com questões de ordem psíquica relativa aos habitantes – algo que já me atravessava – também passei a me sentir incomodado com as mudanças físicas pela qual a cidade morta passava e como isso me afetava. Anne Cauquelin (2007) talvez tenha me ajudado a confortar a aflição ao perceber a mudança brusca da paisagem urbana entre as fotos com que eu lidava diariamente no meu ofício de Historiador na Fundação Cultural de Brusque e a paisagem que eu via pela janela, tão logo deixava de ver as fotos antigas. A paisagem das fotos exibiam quase sempre em seu topo, tal qual faróis que permitiam a localização e condução de seus habitantes, as igrejas Católica e Luterana próximas aos céus de Brusque, reinando absolutos em suas colinas – algo que já não se pode identificar tão facilmente na atualidade onde essas edificações já são ofuscadas pelos prédios ao seu redor.

Para se ter uma noção da mudança por qual passou o município de Brusque nos últimos 60 anos, em 1960 a população de Brusque (excluindo Botuverá e Guabiruba) era de aproximadamente 17 mil pessoas enquanto em 2019 a população é de cerca de 134.723 – quase 8 vezes mais – e isso se reflete no aspecto urbano. Cauquelin (2007), ao demonstrar que a própria noção de paisagem é fruto de um investimento erudito, me possibilitou pensar que a questão óptica que me chamou a atenção inicialmente – uma cidade hipermetrope, de se ver de longe, transformada em cidade míope, onde não se enxerga para além do prédio do outro lado da rua, estava relacionado a esse exercício de educação e criação de ideal paisagístico o qual eu fui submetido a ter, por meu ofício, contato com a paisagem antiga de Brusque em uma espécie de investimento histórico. A metáfora oftalmológica – cidade hipermetrope versus cidade míope – me colocou em risco por limitar a análise a questões físicas, sem que eu pudesse explorar as formas como as pessoas conduzem e são conduzidas na cidade. Desta forma, vislumbrei por reformar a noção desta categoria de regime de cidade.

O município de Brusque-SC evoluiu a partir do desenvolvimento das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, fundadas respectivamente em 1860 e 1868 às margens do Rio Itajaí-

Mirim, fomentadas e subsidiadas pelo governo imperial. Majoritariamente, nos anos iniciais, a população se caracterizava por ter emigrado a partir de estados que mais tarde compuseram a Alemanha, sendo, portanto, a narrativa de fundação da colônia associada aos pioneiros “alemães”. Estas colônias também contaram com a presença de imigrantes de origem polonesa e americana/inglesa/irlandesa, os quais se transferiram respectivamente para o Paraná e para diversos outros lugares, não se fixando em grande quantidade. Os elementos de origem italiana (e outras nacionalidades) imigraram quando a colônia já contava no mínimo quinze anos, o que resultou na concentração das melhores terras nas mãos dos alemães, ficando os italianos, portanto, com os lotes mais distantes do *Stadtplatz* (centro núcleo colonial). Esta dinâmica inicial de migração colaborou para que o imigrante alemão acumulasse capital (a partir das vendas e venda fiado aos estabelecidos mais tarde) e, com isto, iniciasse um processo de industrialização. Com isto, o imigrante alemão exerceu influencia sobre os demais grupos étnicos por meio de seu poder econômico. É da cidade resultante deste contexto que parece falar uma tríade que produziu obras que inauguraram de forma consistente a historiografia brusquense: Oswaldo Rodrigues Cabral, Giralda Seyferth e Maria Luiza Renaux [Hering³]. Porém, antes, um antropólogo e sociólogo alemão radicado no Brasil produziu uma importante estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil e também um “trapeiro” (juntador de trapos, de fontes, como ele se denominava) empreendeu grande mobilização para a reunião de documentos que pudessem retratar o primeiro centenário do município.

Nascido em Colônia, no ano de 1905, o antropólogo e sociólogo alemão Emilio Willems emigrou em 1931 para Brusque. Sua emigração ocorreu logo após de obter o título de doutor em Filosofia pela Universidade de Berlim (aos 26 anos de idade). Em Brusque, Willems lecionou grego, latim e francês no Seminário de Azambuja⁴. Em seu estudo antropológico publicado originalmente em 1941, denominado “A aculturação dos alemães no Brasil”, Willems investiga os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil citando por diversas vezes cidades catarinenses como Blumenau, Brusque e Guabiruba. Desse estudo, Willems conclui que a cultura dos alemães sofreu mudanças mais ou menos profundas no Brasil sobretudo por conta das mudanças do meio geográfico que impactaram nos elementos

³ Em algumas publicações o sobrenome de quando ela esteve casada aparece nas referências, optei por referenciá-la como RENAUX.

⁴ BOAS, Glaucia Villas. De Berlim a Brusque, de São Paulo a Nashville: a sociologia de Emílio Willems entre fronteiras. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 12, n. 2, p. 171-188, Nov. 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702000000200012&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702000000200012>.

de cultura material e tecnológica. O isolamento geográfico fez com que a pequena propriedade, a família e a vizinhança ganhassem papel de destaque. Enquanto comunidades puramente agrícolas, os colonos permaneceram nos primeiros anos sem influência da cultura brasileira embora a tenham influenciado elaborando uma cultura híbrida que ele denominou “teuto-brasileira”, principalmente com o processo de urbanização (WILLEMS, 1946, 574-578).

Idealizada pelo relojoeiro Ayres Gevaerd, a Sociedade Amigos de Brusque (SAB) foi criada formalmente em 4 de agosto de 1953 por meio do esforço de várias personalidades brusquenses. A inauguração do prédio que abriga o Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim e o acervo da SAB ocorreu anos mais tarde, em 20 de janeiro de 1973. Gevaerd, memorialista brusquense, foi o responsável pela reunião dos documentos de que dispomos para pesquisar os primórdios da colonização e desenvolvimento do município. Além do esforço empreendido na reunião dos documentos que constituem o Arquivo Histórico da SAB, Gevaerd também esteve envolvido nas comemorações do Centenário de Brusque. Provavelmente inspirada pelas comemorações e atividades desenvolvidas por conta do centenário de fundação de Blumenau (1950) e Joinville (1951), dentro deste contexto foi encomendada ao pesquisador Oswaldo Rodrigues Cabral uma obra que versasse sobre os primórdios de Brusque. Além dessa obra foi compilado o Álbum do Centenário de Brusque (com diversas contribuições em temas os mais diversos) e o livro “Folclore de Brusque”, de autoria de Walter Fernando Piazza.

A obra “Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império”, publicada em 1958, foi organizada em seis capítulos. Enquanto o primeiro deles aborda o movimento colonizador e a fundação da Colônia Itajahy (Brusque); os cinco demais exploram as gestões dos administradores das colônias com base nas correspondências escritas pelos próprios administradores endereçadas aos presidentes da província (equivalentes a governadores, na época). No primeiro capítulo, Cabral aponta que o movimento colonizador em Santa Catarina principiou na zona litorânea ainda no século XVIII; tendo somente em 1829 sido fundada a colônia alemã de São Pedro de Alcântara; em 1836 os primeiros elementos italianos em Tijuca Grande; franceses em Babitonga e Saí em 1842 e a dos belgas em Ilhota em 1844. Por último a dos ingleses/americanos em Príncipe Dom Pedro, mais tarde incorporada à Colônia Itajahy (Brusque), fundada em 1860. Nos cinco capítulos seguintes é sobre os aspectos narrados nas cartas dos administradores destas duas colônias Itajahy

(Brusque) e Príncipe Dom Pedro, que Cabral desenvolve seu estudo que cobre o período entre 1860 e 1880, um ano antes de a Colônia Itajahy (com os territórios da Colônia Príncipe Dom Pedro já incorporados) ser elevada à categoria de município, sob a denominação de São Luiz Gonzaga (1881), tendo seu nome sido alterado para Brusque em homenagem ao Presidente da Província de Santa Catarina Francisco Carlos de Araújo Brusque quando da Fundação da Colônia em 1860.

Seyferth e Renaux (Hering⁵) também abordam em seus escritos o processo de colonização alemã e industrialização no Vale do Itajaí-Mirim. Muito embora o lucro dos vendeiros já tivesse sido citado na obra de Cabral (1958, p. 15;272), é na obra de Seyferth que, junto com os industriais, serão narrados enquanto condenáveis exploradores ao passo que na obra de Renaux estes mesmos vendeiros e industriais terão suas façanhas narradas enquanto louváveis empreendedores que justamente pela acumulação de capital é que possibilitaram o processo de industrialização e desenvolvimento do município.

O caráter acidentado e a dificuldade de aproveitamento agrícola das terras, além do financiamento dos lotes que demoravam a ser demarcados e disponibilizados, marcam a tônica dos escritos de Giralda Seyferth em “A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: Um estudo de Desenvolvimento Econômico” (1974), obra fruto de sua dissertação de mestrado. Além disso, com relação aos vendeiros, a autora destaca que eles acumulavam as funções de local de troca, de estocagem de produtos agrícolas, bem como um sistema de crédito e financiamento. A situação dos colonos era difícil uma vez que ao chegarem eram alojados em ranchos, permanecendo por meses sem trabalho enquanto aguardavam pelos lotes prometidos. Mesmo após se instalarem em seu lote, necessitavam de utensílios e só começariam a produzir excedente meses depois. Nesta situação, acabavam por se endividar com os vendeiros, empenhando suas futuras produções agrícolas.

Negligenciando a situação paupérrima vivenciada pelos imigrantes alemães, Maria Luiza Renaux [Hering] preferiu focar na política eugenista brasileira, fazendo menção em sua tese de doutoramento, “Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento” (1987), a uma certa finalidade a ser cumprida pelos imigrantes alemães de criar uma camada mediana frente à ameaça da segurança interna por conta do contingente de escravos – o que é complicado frente ao que mais tarde ganhou destaque na imprensa sob o título de “Perigo Alemão”. Santa Catarina, longe dos centros econômicos vitais, ocupa

⁵ Sobrenome de casada.

posição estratégica por ser via de passagem ao extremo sul. Não obstante esta posição Renaux cita a independência das empresas catarinenses que fizeram investimentos com recursos próprios sem lançar mão de subsídios governamentais. Para evidenciar o isolamento da região, comenta que a fábrica de tecidos Renaux foi fundada em 1892, ano de forte crise no Brasil. Para ela o crescimento gradativo da indústria, a partir de recursos autogerados e de mercado interno, teve por base o isolamento regional. Nesse ambiente isolado, o motor da economia seria o vendeiro, uma espécie de mola propulsora do processo econômico. Por fim, chamou a atenção na abordagem de Renaux que, com relação à “origem lusa” dos trabalhadores na Fábrica Renaux situados em Tijucas e Gaspar, ela comenta que era a população germânica quem ditava os padrões de conduta e os valores (HERING, 1987, p. 226), o que parece nos levar à conduta passiva e submissa dos habitantes da Cidade Morta, treinados à essa alienação enquanto vendem sua força de trabalho.

Além desta tríade, que de certa forma marcou uma historiografia épico/fabril, tivemos também uma historiografia épico/febril em que se destacam os trabalhos de Aloisius Carlos Lauth, sobre a imigração inglesa/americana (1987), Roselys Izabel Corrêa dos Santos, sobre a imigração italiana (1981) e, Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, sobre a imigração polonesa (1984, 1988, 1989). Tanto Lauth quanto Goulart foram incentivados por Ayres Gevaerd a investigar os temas. A obra de Santos é fruto de sua dissertação de mestrado. Por outro lado, despondo em novos temas como a greve de 1952, Afonso Imhof⁶ e depois Marlus Niebuhr, em sua dissertação de mestrado⁷, exploram o movimento que envolveu mais de 4.000 trabalhadores entre 19 de dezembro de 1952 e 26 de janeiro de 1953. Para além da greve, tema de sua pesquisa de mestrado, Niebuhr coordenou os cursos de História na Univali e Unifebe, onde dirigiu o Centro de Documentação e Memória Oral (CEDOM). Além disso, Niebuhr atuou como Diretor no Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural de Brusque entre 2009 e 2013, tendo organizado o livro “Brusque 150 anos: Tecendo uma história de coragem” (2013), escrevendo sobre temas diversos como cotidiano, trabalho, medicina popular e, mais tarde, o livro “Memória Urbana” (2015), no qual aborda a atuação do Clube de Engenharia e Arquitetura de Brusque no desenvolvimento urbano de Brusque.

⁶ IMHOFF, Afonso. Conflito industrial e populismo em Brusque: A greve operária de 1952. In: **BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, tomo XXI, março de 1980, n. 3. pp. 72-79. Disponível em: <hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/blumenau%20em%20cadernos/1980/BLU1980003.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁷ NIEBUHR, M.; PEDRO, J. M. **Memória e cotidiano do operário textil na cidade de Brusque-SC: a greve de 195**. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PHST0104-D.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

Neste último trabalho Niebuhr chega a abordar os aspectos de evolução urbana de Brusque, porém cessa sua análise no ano de 1977, ano de fundação do CEAB.

Novos trabalhos com temas diversos tem surgido em forma de monografias acadêmicas fruto de dissertações e teses. Destaco as obras sobre temas os mais variados e que escapam à área de história como o trabalho sobre o processo educacional envolvido na trajetória de Fanny por Aquiles Duarte de Souza⁸, educação no seminário de Azambuja de Altamiro Antônio Kretzer⁹, implicações socio-espaciais da indústria têxtil na rua Azambuja de Marcela Krüger Corrêa¹⁰, sobre canção e luta popular em Brusque de Valmir Coelho Ludvig¹¹, reestruturação do setor têxtil nos anos 1990 de Ricardo Henschel¹², os processos de criação da artista Silvia Teske de Luciana Machado Schmidt¹³, sobre preconceito com relação aos migrantes nordestinos de Tafarel Cassaniga¹⁴, construção de subjetividades através de aparências no Vale do Itajaí-Mirim de Renato Riffel¹⁵ e, experiência de trabalhadoras da indústria têxtil na justiça do trabalho de Jade Liz Almeida dos Reis¹⁶.

⁸ SOUZA, Aquiles Duarte de. **Identidades veladas:** Fanny – a formação e a educação na cidade de Brusque na década de 1960. Itajaí, 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Itajaí. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/AQUILES%20SOUZA.pdf>>

⁹ KRETZER, Altamiro Antônio. **Domus dei et porta coeli :** educação, controle, construção do corpo e da alma... O seminário de Azambuja entre as décadas de 1960 e 1980. Florianópolis, 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0249.pdf>>

¹⁰ CORRÊA, Marcela Krüger. **A indústria de confecção e as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque.** Florianópolis, 2006. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGCN0278.pdf>>

¹¹ LUDVIG, Valmir Coelho. **Pão e poesia:** a canção na luta popular em Brusque dos anos 80 a 95. Florianópolis, 2001. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0404.pdf>>

¹² HENSCHEL, Ricardo. **A reestruturação do setor têxtil-vestuarista de Brusque diante das mudanças econômicas dos anos 1990:** uma abordagem à luz da noção de eficiência coletiva. Florianópolis, 2002. ii, 116 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Economia. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PCNM0079.pdf>>

¹³ SCHMIDT, Luciana Machado. **Os signos satíricos do feminino no espaço do 'não-caber':** os processos de criação de Sílvia Teske. Florianópolis, 2008. xiii, 168 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0341-T.pdf>>

¹⁴ CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos em Brusque/SC:** estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI. 123 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2018.

¹⁵ RIFFEL, Renato. **Retratos de masculinidades:** construção de subjetividades através das aparências (Vale do Itajaí-Mirim, 1941-1950). 2011 227 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2011 Disponível em: <

¹⁶ REIS, Jade Liz Almeida dos. **Tecendo direitos:** experiências de trabalhadoras da indústria têxtil na Justiça do Trabalho (Brusque/SC, década de 1970) . 2019 134 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade do Estado de

Para além destes trabalhos de rigor acadêmico, explorados anteriormente, a historiografia brusquense também conta com diversos escritos de padres¹⁷ (sobre seminário de Azambuja e sobre os dehonianos), memorialistas¹⁸, jornalistas¹⁹ que escrevem biografias sob demanda e pessoas que se sentem à vontade o suficiente para escrever sobre o passado sem qualquer rigor acadêmico, muitas vezes sem citar, mas baseando-se nos trabalhos dos demais pesquisadores citados anteriormente. Além disso, após 2010, surgem também trabalhos audiovisuais abordando memórias da cena de rock autoral, de edificações, memória fotográfica e até mesmo sobre (i)migrantes. Dos trabalhos escritos sem rigor científico não farei a descrição pormenorizada dada a sua limitação e por consequência sua vulgarização na imprensa local. Dos trabalhos audiovisuais, alguns importantes contribuições de registro memorial, também não farei a descrição pormenorizada.

De um modo geral, a historiografia que abordou desde antes da fundação da Colônia Itajahy até o Centenário de sua fundação parece estar satisfatoriamente escrita, muito embora novos olhares possam acrescentar novos problemas, etc. Contudo, as transformações verificadas entre as décadas de 1960 e 2019 carecem de análise e atenção por parte da historiografia brusquense, situação na qual esse trabalho pretende contribuir, especificamente, no âmbito desse recorte geográfico, temporal e temático. Além disso, este recorte temporal de 1960 a 2019 coincide com a emancipação político-administrativa do município de Guabiruba (ocorrida mais precisamente em 1962). Diferente do trabalho de dissertação, no qual o foco recaiu sobre os usos e sentidos atribuídos pelos praticantes ao ritual do Pelznickel, agora o foco é flagrar os regimes de cidade em Guabiruba (cidade conurbada com Brusque) por meio das diferenças operadas no próprio ritual. Mas, como cheguei a formular essa noção de “regimes de cidade”?

Ao perceber os passos dados pelo antropólogo italiano Massimo Canevacci em “A Cidade Polifônica”, quando de seu relato como estrangeiro em São Paulo, fui inspirado a fazer-me estranho nesta paisagem da qual eu já também figuro em uma gaiola de aço. A aflição bibliográfica logo cedeu lugar à aflição do objeto. Sem muito esforço, vários apareceram. A profusão de vozes, de signos, de fluxos e atravessamentos logo saltaram aos olhos. Devido à grande quantidade e à minha passagem pela cidade morta em uma gaiola de

¹⁷ Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2019.

¹⁸ Destacamos os padres José Artulino Besen, Raulino Reitz e Eloy Dorvalino Koch.

¹⁹ Destacamos três escritores que recorrentemente publicam textos sobre história e memória local: a reitora da UNIFEBE Rosemari Glatz; o assistente em administração da Prefeitura de Brusque Paulo Vendelino Kons e; o promotor de justiça e professor aposentado Livre-Docente João José Legal.

¹⁹ Os jornalistas Celso Deucher e Saulo Adami publicaram vários livros.

ferro acabei por ignorá-los. As fontes não utilizadas talvez tenham sido tão importantes quanto as utilizadas, pois foram elas, as não utilizadas, que me causaram inquietude com relação ao crescimento urbano da cidade ou com o momento político que o país e a cidade viviam.

Foi a leitura da obra de Canevacci que me ajudou a esboçar a noção de regimes de cidade quando ele afirma que o que mais chamou sua atenção foi "a multiplicidade de ritmos que atravessam como correntes não só os espaços urbanos, mas também os espaços comportamentais e psicológicos das pessoas" (CANEVACCI, 2004, p. 9) - na hora pensei no ímpeto do ex-Prefeito Ciro Marcial Roza e o fato de ele ter rompido politicamente com Danilo Moritz, seu sucessor, em 1993 e a expectativa para saber como seria seu relacionamento com o atual Prefeito Jonas Oscar Paegle, o "Dr. Jonas". Novo rompimento ocorreu, já nos primeiros meses de mandato.

Se Canevacci parece pressupor que o fato de ele aceitar ser um estrangeiro, desenraizado e isolado teria facilitado com que ele pudesse perceber as diferenças que o olhar domesticado não perceberia, pelo contrário, eu, residindo há mais de 10 anos em Brusque, não percebia como isso resultaria em uma vantagem ou desvantagem uma vez que a própria população migrante transforma a cidade. Um exemplo é a dispensa da pergunta sobre o meu sobrenome, ou minha origem familiar como uma forma de já explicitar ou confirmar que não sou de família brusquense. Já não sou mais tomado de assalto por essa pergunta, talvez ela não faça mais sentido para os "autóctones" brusquenses.

Para Canevacci a ideia de uma *cidade polifônica* "reveia que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam" (2004, p. 17). O contato com a obra de Canevacci me sensibilizou para que eu pudesse perceber as inscrições da cidade, o que me permitiu alinhar o foco e *corpus* documental da pesquisa à perspectiva da linha de pesquisa Linguagens e Identificações, na qual estive filiado durante o doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Figura 2: Grafite provocador



Grafite realizado no muro da AABB, próximo ao Archer Boulevard, na Av. Beira Rio, em Brusque-SC. Foto do autor, 13 set. 2016.

O primeiro sinal que percebi após procurar tornar-me um estranho em minha própria rotina, enquanto eu me dirigia para o interior de minha gaiola de ferro para efetuar o rotineiro trajeto trabalho-casa, foi este da foto. Ao lado da serpente de asfalto, que abrigava em suas bordas uma pilha de gaiolas de ferro justapostas ao lado do rio que carrega toda a podridão química do mundo estava, um muro tomado pela ação do tempo que, pouco após ser tomado pela poesia, fora pintado – não para renovar sua beleza e destituir a ação do tempo e da natureza, mas para apagar a sutileza da mensagem ali cravada de maneira desafiadora. Lidar e colidir, dois verbos entrecruzados e atravessados, algo que não me permitia vacilar. Parecia não haver alternativa de ação, além de lidar com aquilo, com a forma com que eu fui tocado pela mensagem ou com o próprio desafio de mudança de tema de pesquisa e construção de uma tese, também deveria refletir sobre o que me incomodava em viver nesta cidade, eu também deveria colidir com ela – com a mensagem, com a tese, com a cidade, com minha postura de seguir o fluxo e habitar uma gaiola de ferro. Além de mim, haveria o anônimo da

mensagem, os relatos de Glass e suas poesias sobre a Cidade Morta, havia, no âmago de toda essa ordem e submissão, pessoas que gritavam contra esse regime de cidade – bastava estar atento. Colidir com a cidade, lidar com a cidade, conduzir a cidade, conduzir-se na cidade, ser conduzido pela cidade. Essa frase me levou a intuitivamente vislumbrar a noção de regime de cidade.

Para não dizer que Brusque passou por transformações bruscas (algo que pode ocorrer em qualquer lugar em qualquer tempo o tempo todo), o fechamento das três principais indústrias têxteis nos últimos anos parece ter colocado um fim à alcunha de “Berço da Fiação Catarinense”, muito embora o slogan de “Capital da Pronta Entrega” ainda se relacione à indústria têxtil. Além da multiplicação de milionários que não se limitam mais aos três sobrenomes que emprestam o nome às indústrias centenárias, Brusque também viu despontar a figura de um lojista bilionário com um império de mais de 100 megalojas de departamento e grande apoiador do presidente Jair Bolsonaro. Se o slogan caiu em desuso, embora sua essência, salvo revisionismo histórico futuro, nunca mude, o Hino da cidade, elaborado no mesmo contexto das comemorações do centenário de fundação da então Colônia Itajahy, suscita questões que precisam ser problematizadas:

Foi aqui, neste vale tranquilo
 Entre os montes e o rio escondido
 Que há cem anos atrás, um pugilo
 De imigrantes surgiu destemido
 Dos heróis palmilhando o roteiro
 Sobre o solo, que audaz desbravou
 Esse grupo invulgar, pioneiro
 A semente de Brusque plantou

Salve Brusque imortal!
 No recesso dos teus vales
 Ressoa nos ares
 O cantar triunfal do progresso
 Pela voz singular dos teares
 Salve Brusque imortal

Na primeira linha da letra escrita por Eduardo Mário Tavares²⁰, o que era para narrar a chegada a um paraíso, parece também denunciar que neste Vale não havia perturbações de ordem psicológica ou emocional como aquelas que ocorreram nos primórdios da colonização quando, além de enfrentar a selva e os animais, também foram contratados os bugreiros,

²⁰ O diácono Eduardo Mário Tavares foi o vencedor de um concurso realizado para a letra do Hino do Centenário de Brusque, cuja música foi elaborada pelo Maestro Aldo Krieger. O Hino do Centenário acabou por ser declarado o Hino oficial do Município de Brusque pela Lei nº 1.769 de 26 de abril de 1993 (BRUSQUE, 1993).

assassinos dos nativos americanos. Na última estrofe reproduzida é a voz singular dos teares que anuncia o canto triunfal de um pretenso movimento para frente, de um avanço (Avanço em que sentido? Em qual direção? Ao precipício?). Pois bem, este avanço parece ter sido justamente aquilo que possibilitou a morte dessa cidade, infectando e alienando as mentes e a própria natureza.

Ao discorrer sobre olhares e diferenças em São Paulo, Canevacci afirma que "o olhar significa não somente olhar, mas também ser olhado". Para ele, "o visual torna-se assim o centro polimórfico que deve ser interpretado e o meio da interpretação" (2004, p. 43). Este trecho me permitiu esboçar pela primeira vez a noção de regime de cidade, ainda que de modo nebuloso, como referente ao grau em que olhamos, percebemos e nos relacionamos com a cidade. De início pensei em dois focos – ou regimes de cidade: **1) regime de cidade hipermetrope**, ou seja, o ambiente da cidade é um ambiente no qual podemos ver os marcos referenciais a uma boa distância, e nos servimos de edificações distantes para nos localizarmos no espaço; **2) regime de cidade míope** – ou seja, o nosso olhar estaria ajustado para perto, onde as edificações de vários pavimentos bloqueiam nossa visão a ponto de não podermos mais utilizar edificações distantes de nossa posição para nos localizarmos no espaço urbano. Estas noções de regime de cidade hipermetrope e regime de cidade míope pareciam dar conta dos processos pelos quais Brusque estaria passando depois do surto de construção civil observada durante os governos Lula da Silva e Dilma Rousseff, sobretudo com o programa Minha Casa, Minha Vida, quando o rápido crescimento urbano vertical evidenciou o contraste com uma paisagem histórica até então formada por mim. Porém, inspirado no sociólogo francês Pierre Bourdieu, que sempre retornava aos mesmos objetos de estudo com novos conceitos, ou que até mesmo deixava seus conceitos e categorias moldarem-se aos seus objetos de investigação²¹ – não quis aprisionar ou limitar minha noção de regime de cidade a uma metáfora oftalmológica. Se Canevacci toma por análise uma metrópole altamente urbanizada como São Paulo, meu enfoque é deveras diferente, restrito a uma cidade de médio porte como Brusque, ou mesmo de pequeno porte como Guabiruba. A dinâmica de migração e crescimento urbano, em menor escala, parece ter atingido Brusque e Guabiruba, possibilitando que possamos ter uma gama de elementos a serem analisados.

²¹ Bourdieu sempre retomava o mesmo tema e o mesmo material de pesquisa de modo a produzir novas análises. Neste sentido, Bourdieu afirma que quando estudamos um novo campo “descobrimos propriedades específicas, próprias de um campo particular, ao mesmo tempo que fazemos progredir o conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias.” (BOURDIEU, 2003, p. 119)

Perdido em São Paulo, Canevacci vislumbrou a construção de um mapa de caráter qualitativo "com o qual se pudesse representar uma rede de significados que desse um sentido aos vários panoramas metropolitanos" (2004, p. 19). Tal não é minha pretensão, pelo contrário, procuro perder-me na Brusque que desconheço, uma vez que já me encontro em contato com a representação qualitativa que está muito bem fixada sob a égide da diversidade cultural inaugurada pela tríade historiográfica e posterior²²: Brusque foi fundada por alemães, italianos e poloneses. Minha perspectiva, antes, é trabalhar com a diferença cultural²³, de modo a destecer o mapa tal qual uma traça, rasgando os significados hegemônicos e estabelecidos e até mesmo desobedecendo às regras de utilização do mapa, traçando novos caminhos pela própria degradação do mapa antigo. Se uma pintura patrocinada pelo poder público – a que abre o capítulo 1 - pretende ditar um ritmo marcado por determinado discurso, visualizá-la como um sinal a ser explorado me fez perceber que há vozes dissonantes e questionadoras como a de Glass.

Uma outra contribuição fundamental para a formulação da noção de regimes de cidade foi encontrada na obra *A invenção do Cotidiano*, do historiador francês Michel de Certeau. Nesta obra Certeau propõe deslocar a atenção conferida a um suposto consumo passivo dos produtos culturais para uma criação anônima fruto da prática do desvio no uso e emprego destes produtos (1994, p.13). Ao discorrer sobre os relatos de espaço, Certeau propõe uma distinção entre lugar e espaço. Para ele, *lugar* remete a uma configuração instantânea de posições que implicaria a uma indicação de estabilidade; enquanto espaço se refere sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo, sendo o espaço um cruzamento de móveis, portanto, sendo animado pelo conjunto dos movimentos que se desdobram nele. Em outras palavras, o "espaço é um lugar praticado" (1994, p. 202).

No início do século XXI os lugares são cada vez mais fluidos e surgem, inclusive,

²² Para o crítico literário indiano Homi K. Bhabha, "A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou da cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única." (2013, p. 69).

²³ Para Bhabha, "A enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como, ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos do artifício do arcaico. Elamina nossa percepção dos efeitos homogeneizadores dos símbolos e ícones culturais, ao questionar nossa percepção da autoridade da síntese cultural em geral." (2013, p. 71).

lugares virtuais onde novas práticas acabam por impactar a cidade. No contexto em que a manipulação das eleições pelo mundo é coordenada pelas redes sociais em uma pura distopia, as pessoas são tomadas por um sentimento que eleva seu estado de insensibilidade esmaecendo todos os sentimentos de humanidade e comunidade a ponto de as tornarem indiferentes ao absurdo – assim elas passam a suportar a Cidade Morta e a gargalhar sua morte. Com ferramentas como os aplicativos WhatsApp e Instagram (de propriedade da empresa de redes sociais Facebook) rodando em Smartphones com conexão Wi-Fi, 3G ou 4G, a indiferença da atitude *blasé*²⁴ é substituída por uma espécie de “proatividade de nuvem” onde para além de se sentir pressionadas a se expressar, as pessoas parecem que são pressionadas a fazerem constantemente *upload* de imagens, vídeos, status e situações a serem atualizadas e armazenadas em servidores remotos na internet (o que se denomina “nuvem”). Nesse cenário em que o absurdo diverte, surgem perfis nas redes sociais como o “bqm1lgr4u” (Instagram) com o objetivo de “zuar o cotidiano da cidade de Brusque e seus belíssimos moradores”. Esse perfil, inclusive, promoveu um “campeonato de fotos apontando coisas aleatórias no rolê” onde surgiram montagens parodiando as fotos do Prefeito Jonas Oscar Paegle na qual ele aparecia apontando para obras, canteiros, etc²⁵. As ferramentas apenas potencializam a forma como as pessoas se relacionam com a cidade e com o que ocorre nela. A morte do lugar é parodiada e por conta disso os habitantes da Cidade Morta dão gargalhadas em seu funeral, o espaço é palco de um tenebroso humor negro.

Se a noção de regimes de cidade apareceu a partir de uma metáfora com enfoque oftalmológico a partir da leitura do texto de Canevacci, o termo propriamente foi usurpado e está relacionado à noção de *regimes de historicidade* do historiador francês François Hartog. Em síntese, um regime de historicidade “é apenas uma maneira de engrenar o passado, presente e futuro ou compor um misto das três categorias” (HARTOG, 2013, p. 11). Para Hartog (2013, p. 17), as ordens do tempo nos ajudariam a compreender essa noção de regimes de historicidade uma vez que “na palavra *ordem*, comprehende-se imediatamente a sucessão e o

²⁴ Segundo Georg Simmel "As grandes cidades [...] acentuam a capacidade que as coisas têm de poderem ser adquiridas muito mais notavelmente do que as localidades menores. É por isso que as grandes cidades também constituem a localização (genuína) da atitude *blasé*. Com a atitude *blasé* a concentração de homens e coisas estimula o sistema nervoso do indivíduo até seu mais alto ponto de realização, de modo que ele atinge seu ápice. Através da mera intensificação quantitativa dos mesmos fatores condicionantes, essa realização é transformada em seu contrário e aparece sob a adaptação peculiar da atitude *blasé*. Nesse fenômeno, os nervos encontram na recusa a reagir a seus estímulos a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana" (SIMMEL, 1973, p.17).

²⁵ bqm1lgr4u. Perfil na rede social. Instagram: **@bqm1lgr4u**. Disponível em: <[instagram.com/bqm1lgr4u](https://www.instagram.com/bqm1lgr4u)>. Acesso em: 16 nov. 2019.

comando: os tempos, no plural, *querem* ou *não querem*; eles se *vingam* também, *restabelecem* uma ordem que foi perturbada, *fazem às vezes de justiça*". A alusão é clara à antiguidade grega – área que é sua especialidade - e ao destino inexorável, claramente abordado nas tragédias como por exemplo *Rei Édipo*, atribuída a Sófocles²⁶. Exposto um exemplo, de um modo geral, ressalto que a atenção dessa noção proposta por Hartog recai "sobre as categorias que organizam essas experiências e permitem revelá-las mais precisamente ainda, sobre as formas ou os modos de articulação dessas categorias ou formas universais, que são o passado, o presente e o futuro" (2013, p. 38). Portanto, com essa noção abordamos "uma das condições de possibilidade da produção de histórias: de acordo com as relações respectivas do presente, do passado e do futuro, determinados tipos de história são possíveis e outros não" (HARTOG, 2013, p. 39).

Para o historiador alemão Hans Ulrich Gumbrecht, por "presença" pretende expressar "que as coisas estão a uma distância de ou em proximidade aos nossos corpos; quer nos 'toquem' diretamente ou não, têm uma substância" (2015, p. 9) – e que elas comunicam, ainda que por outros meios que não pela linguagem²⁷. Se a produção de uma noção que permitisse aplicar à cidade uma adjetivação oftalmológica – hipermetrope ou míope - parecia adequada para fazer a leitura de um conjunto de processos que implicaram em uma rápida transformação e verticalização pela qual passara uma cidade média como Brusque no tempo presente, ela não daria conta de processos diversos que não envolvam o espaço urbano e muito menos a concretização de obras públicas.

²⁶ Desrespeitando a sagrada hospitalidade, Laio teria raptado Crisipo, filho de seu hospedeiro, e praticado conjunção carnal com ele. Como punição recebeu a notícia do oráculo de que não poderia ter filho, caso contrário ele lhe mataria e casaria com sua esposa Jocasta. Tendo o filho – mais tarde chamado Édipo – ele é enjeitado e criado em outro reino. Mais tarde, sendo revelado a Édipo que ele mataria seu pai e desposaria sua mãe, resolve fugir dos pais adotivos – cumprindo com o seu destino de matar seu pai e desposar sua mãe – sem o saber que era.

²⁷ Segundo Gumbrecht (2015, p. 19) "aquilo que não é linguagem será o que passei a chamar de presença". Em suas palavras, mais adiante, Gumbrecht arrebata o que me permitiu unir os pensamentos dele, Hartog e Canevacci no que pretendo por regime de cidade – em metáfora oftalmológica: "O meu abandono da metafísica nesse sentido preciso considera e insiste na experiência de que a nossa relação com as coisas (e especificamente com os artefatos culturais), inevitavelmente, nunca é apenas uma relação de atribuição de sentido. Enquanto eu utilizar a palavra *coisas* para referir aquilo que a tradição cartesiana chama de *res extensae*, vivemos também e sempre numa relação especial com essas coisas e estamos sempre conscientes dessa relação. As coisas podem nos ser 'presentes' ou 'ausentes', e, se nos forem presentes, estarão mais próximas ou mais distantes do nosso corpo. Assim, ao chamá-las de presente, no sentido original do latim *prae-esse*, estamos afirmando que as coisas estão 'à frente' de nós e são, por isso, tangíveis. Não pretendo associar a este conceito quaisquer outras implicações" (2015, p. 22). Gumbrecht então estabelece a distinção entre a cultura do sentido (um observador corpóreo que a partir da posição de excentricidade em relação ao mundo das coisas atribuirá sentidos a essas mesmas coisas) e uma cultura da presença (os seres humanos se consideram parte do mundo dos objetos, ao invés de estarem ontologicamente separados deles). Na minha concepção, é a cultura da presença, por meio de uma integração ontológica entre os seres humanos e os objetos é que torna possível a noção de regimes de cidade.

Ocorre que para uma pesquisa que tenha como Brusque seu local privilegiado de análise, me pareceu claro, a partir de um exemplo como os prédios do Paço Municipal de Brusque²⁸, que eu poderia sim enxergar um regime de cidade com uma estreita conexão com a noção de regime de historicidade – ou mesmo trabalhar com aquilo que permitiu a Hartog vislumbrar os estratos do tempo na Berlim de 1990. Digo isso pois o que permitiu a Hartog retrabalhar a noção de regime de historicidade foi justamente a arquitetura díspar produzida durante a Guerra Fria e que fora evidenciada lado a lado quando da derrubada do Muro de Berlim (2013, p. 30). Dessa forma, minha pretensão com o regime de cidade é trabalhar com aquilo que produziu o resultado observado com que fez com que Hartog percebesse o regime de historicidade (a arquitetura).

Para trabalhar com a arquitetura, dentre as várias possibilidades, resolvi pegar um exemplo específico, e para mim, o mais emblemático e sintomático de nosso tempo, que é a adoção do "enxaimeloide" nos prédios públicos em Brusque. Essa adoção ocorreu no mesmo período em Blumenau e Joinville, o que é muito problemático pois é um processo de valorização daquilo que anos antes pretendeu-se aniquilar pela campanha de Nacionalização empregada por Getúlio Vargas²⁹.

O *enxaimel* parece ser uma resposta contraditória a uma fobia da cidade genérica, ou seja, um medo de que Brusque tivesse "sua própria configuração como uma estética sem critérios, totalmente liberada da busca de singularidade" (JEUDY, 2005, p. 98). Contraditória, pois ao adotar esta estética ela acaba se generalizando junto às demais cidades que também adotaram essa ideia de singularização: um anseio de singularização pela generalização, ou generalização por anseio de singularização. Nesse sentido foi marcante a obra *A crítica da estética urbana*³⁰, do filósofo e sociólogo francês Henri-Pierre Jeudy. O diagnóstico de Jeudy é de que "uma certa nostalgia parece nos fazer acreditar que a cidade não corresponde mais ao signo porque se teria tornado excessivamente percebida graças aos símbolos de sua

²⁸ O primeiro prédio foi inaugurado em 1917 em tipologia vernacular; o segundo prédio, no mesmo local, foi inaugurado em 1968 em tipologia modernista; e o último inaugurado em 1992, que é o atual, em tipologia "enxaimeloide" ou falso enxaimel. As três edificações encarnam os sintomas dos regimes de historicidade passadismo, futurismo e presentismo. No passadismo o passado serve como inspiração, por isso o estilo vernacular. No futurismo a vanguarda modernista brasileira serviu como inspiração para o segundo prédio. Já no presentismo, a nostalgia "germânica" serviu de inspiração para a adoção de uma estética enxaimel, resultando em um falso enxaimel, uma vez que o enxaimel é uma técnica construtiva.

²⁹ Essa problemática foi abordada com propriedade por Margarita Barreto em seu relatório de pós-doutorado em antropologia pela UFSC (ANGELI, 2002). Referência na área do turismo, Margarita Barreto é graduada em turismo e também em museologia, mestre e doutora em Educação pela UNICAMP e orienta no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFSC.

³⁰ Ao lado de *A maquinaria patrimonial*, este texto compõe o livro *Espelho das cidades*. (JEUDY, 2005)

monumentalidade exibida" (2005, p. 81) - uma espécie de cegueira por excesso. Para Jeudy, construímos de forma imaginária uma outra cidade dentro da própria cidade, o que seria um problema, pois, da constelação de imagens que se tornou a cidade, adotar um ponto de vista seria sempre uma maneira de constituir um ponto cego da percepção sobre a cidade (2005, p. 86). Ainda, segundo ele,

Quando tentamos voltar a ver os lugares onde vivemos, ficamos desde logo fascinados pela relação estranha imposta pela cidade, entre o que desapareceu e o que foi recentemente construído, e somos cativados por esse movimento de substituição reversível que estimula a memória antes que nasça a desolação. Se nos lembrarmos do que foi, de qual era a configuração do local ao qual estamos voltando, constataremos curiosamente que sua transformação presente permite à memória se deleitar com as imagens de restituição, e sobretudo com sua espantosa liberdade. A ausência do que foi possibilita qualquer intervenção presente da memória. Assim, a sensação de desaparecimento não provoca nostalgia, mas, ao contrário, provoca efeitos de atualização do local cuja atração visual está relacionada à exibição presente de sua metamorfose. (JEUDY, 2006, pp. 88-89)

Ocorre que estes efeitos de atualização tornaram-se quase que incessantes. A ideia de adotar o enxaimeloide como algo sintomático para refletir sobre o regime de cidade, essa noção ainda nebulosa e disforme para mim na época, evidenciaria um último fôlego do regime de cidade enquanto metáfora oftalmológica sob o rótulo de "hipermetropé" uma vez que estas edificações foram feitas para serem contempladas em seu aspecto estético, e esta contemplação se faz de longe, o contrário do que ocorre com o processo que chamo genericamente de *shoppingnização*, ou seja, do processo de padronização da arquitetura principalmente dos centros comerciais que remetem ao ambiente do shopping onde se constroem espaços uniformes e delimitados onde o que muda é o seu interior, com bastante frequência.

Para além da arquitetura e de como as pessoas veem ou têm impressão sobre ela, o que me interessa são as pessoas. São as pessoas que influenciam para a elaboração e adoção de uma determinada tipologia arquitetônica, são elas que vivenciam uma cidade com uma determinada estética arquitetônica e com base nela formulam discursos e práticas. Retomando Canevacci, são as pessoas, os atores sociais, que olham e são olhados pelos prédios enxaimeloides. Mais do que isso, quando olho um prédio enxaimeloide, mais do que achar bonito, ou mesmo não me identificar com ele, parece que ele está lá posto a me sinalizar: tu não és deste lugar, és forasteiro. A placa com o indicativo "Vale Europeu" parece já ter me alertado antes de minha chegada, ou a qualquer (i)migrante que tenha por pretensão por aqui aportar e se estabelecer. Porém, assim como tantos outros (i)migrantes, não pedi licença e não

me deixei intimidar por esses pequenos e incômodos sinais. Esses símbolos de germanidade, antes de celebrarem a diversidade cultural, ou servirem de materialização a uma história contraditória – uma vez que em 1860 não havia Alemanha para que alemães tenham fundado Brusque – são sintomas privilegiados para a leitura de uma realidade, eles são fruto de ações deliberadas e nos permitem investigar a criação de espaços comportamentais e psicológicos.

E o que seria um regime de cidade? Regime de cidade é uma noção fluida que pretende perscrutar os flagrantes de movimentos de vozes que ecoam enquanto engrenam em um coro que expressa uma multiplicidade de ritmos e fluxos e que atravessam a cidade enquanto lugar de proliferação de práticas comportamentais e psicológicas na medida em que elas se cruzam, se relacionam, disputam sua hegemonia, compõem-se e sobrepõem-se umas as outras permitindo que determinados tipos de cidade sejam impactadas de uma forma e não de outra. Em suma, para além de ordenar desejos que se pretendem hegemônicos, como as pessoas conduzem e são conduzidas no processo de disputa destas ideias que influem nos destinos da cidade e a concretizam. Essa noção se percebe em articulação com as fontes, objetos e problemas investigados nos três capítulos dessa tese.

No primeiro capítulo “**Brusque AC/DC**” (referência à fala do arquiteto brusquense Jorge Bonamente de que existe uma Brusque antes e outra depois do ex-Prefeito Ciro Marcial Roza) parto do mural pintado na parede do Terminal Urbano para compreender seus elementos e as transformações urbanas ocorridas em Brusque após a década de 1960. As obras públicas que modificaram a paisagem urbana do município estão relacionadas ao ímpeto realizador de Ciro Roza – tanto como empresário quanto como político. Foi Ciro Roza quem deu início à adoção da estética enxaimeloide nos prédios públicos de Brusque em seus três mandatos como Prefeito entre 1989-1992, 2001-2004 e 2005-2008. Privilegio, na análise, o seu primeiro mandato a partir da percepção da existência de uma cidade antes e outra depois de sua passagem pela Prefeitura. O capítulo aborda os vários regimes de cidade conflitantes e até mesmo atravessados e incorporados para que tenhamos uma cidade antes e uma cidade depois de Ciro Roza.

No segundo capítulo “**Vale dos Suicidas**” inicio abordando a “carta aos baianos”, uma ameaça que surgiu em 2013 aos migrantes baianos no município de Brusque. Essa ameaça de morte é de autoria anônima e dirigida genericamente a todos os migrantes de origem baiana residentes no município de Brusque. A carta aos baianos foi publicada nas redes sociais em novembro de 2013, ganhando rapidamente repercussão nacional. Considerando que a Cidade

dos Mortos fica, nos dizeres de Glass no Vale dos Mortos, como recorte, entrevistarei (i)migrantes para compreender o que os motivou migrar para esse Vale e por que escolheram Brusque – a Cidade Morta - para viver, além disso, como está sendo a experiência de viver nesta cidade. Os regimes de cidade são flagrados não só nas representações feitas dos migrantes, mas de como eles se projetam e vivenciam a cidade, seus desejos e medos.

No terceiro capítulo “**Tradição como produto turístico: Guabiruba, Terra do Pelznickel**”, a intenção é compreender de que forma as questões relativas a um ritual de um personagem natalino podem evidenciar a condução a uma projeção de cidade que influi sobre o próprio ritual modificando ambos – o ritual e a cidade. Para dar conta desta análise problematizamos o ritual do Pelznickel desde sua emigração até os dias atuais e como as projeções de cidade vão influindo na modificação do ritual e do que envolve o personagem.

CAPÍTULO 1 – BRUSQUE AC/DC

Boa parte da população que vive em Brusque utiliza-se diariamente do transporte coletivo de passageiros, e por consequência, frequenta o único Terminal Urbano existente³¹. Construído em uma tipologia peculiar - que remete a um suposto “estilo germânico” - o Terminal Urbano e as esculturas no entorno dialogam com a paisagem fixada no mural do seu pátio interno, compondo uma narrativa-síntese da cidade. Refiro-me a essas construções como “estilo germânico” por conta do termo utilizado em matéria veiculada no jornal *O Município* que discorreu acerca do encontro entre o Prefeito Ciro Marcial Roza e representantes do CEAB no início de 1989³².

Figura 3: Narrativa-síntese em Brusque



Obra da artista plástica Zane Marcos na parede do Supermercado Archer/pátio interno do Terminal Urbano de Passageiros de Brusque. No lado direito a escultura Os Sete Selos do artista italiano Luciano Dionisi, participante do 3º Simpósio Internacional de Esculturas. Foto do autor, 2019.

³¹ Quando este terminal urbano foi inaugurado, ele foi rebatizado de “Balthazar Bohn”, sendo o nome “Francisco Dall’Igna” designado ao Terminal de Passageiros projetado no bairro Santa Terezinha próximo à rotunda da UNIFEBE, onde durante a gestão do Prefeito Paulo Eccel (PT) foi adaptado para abrigar uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24 horas), o que foi abandonado desde que esse Prefeito teve o mandato cassado pelo TSE (embora tenha revertido a decisão após o término do mandato).

³² Encontro do Prefeito com o CEAB: Engenheiros desejam contribuir com a administração municipal de Brusque. **O Município**, Brusque. 31 mar. 1989. p. 18.

Nesta narrativa-síntese podemos listar da esquerda para a direita: 1) morro do rosário, no santuário de Azambuja; 2) homem operando um tear; 3) Igreja de Azambuja; 4) rodoviária; 5) Museu Arquidiocesano Dom Joaquim (Museu de Azambuja); 6) uma senhora fiando; 7) a ponte estaiada Irineu Bornhausen com o relógio da empresa BRUEM no seu topo; 8) a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga; 9) um misto de cone de linha com chaminé das fábricas; 10) uma tesoura cortando um tecido azul/leito do rio que passa por debaixo da ponte, em alusão ao Rio Itajaí-Mirim; 11) a Igreja Luterana; 12) o Fórum de Brusque; 13) engrenagens com rolo de fios e tecidos; 14) o prédio da Prefeitura de Brusque; 15) casa pseudo-enxaimel³³ defronte a Casa de Brusque; 16) esculturas; 17) Pórtico do Parque Zoobotânico; 19) teleférico³⁴. Nessa composição é possível notar a preocupação em destacar três aspectos que se interligam: 1) religioso, morro do rosário e os três templos cristãos: Igreja de Azambuja, Igreja Matriz São Luiz Gonzaga e Igreja Luterana; 2) econômico/cultural, em retratar aspectos relativos à indústria têxtil e turismo com Museu de Azambuja e Casa de Brusque, Esculturas e Parque Zoobotânico; 3) visual/étnico, ao retratar a edificação falso-enxaimel da Casa de Brusque e os enxaimelosos dos prédios públicos (Prefeitura, Fórum, Zoobotânico, rodoviária).

Afim de elaborar um esboço de uma tipologia do estilo germânico em arquitetura tomo por referência construções presentes no município de Brusque. Também levo em consideração as edificações que tenham seguido em sua construção ou adaptação a ideia de um visual que faça referências a exemplares arquitetônicos específicos e que compõem a paisagem de municípios como Blumenau, Joinville, São Bento do Sul e Rio Negrinho. Dentre estes municípios, destaco Blumenau, que definiu em lei o que seria os estilos *enxaimel* e *casa dos Alpes* (BLUMENAU, 1972b; 1977; 1978) e, São Bento do Sul, que estipulou em lei o que compreende por *estilo alpino* (SÃO BENTO DO SUL, 1989; 1994).

De acordo com o arquiteto brasileiro Günther Weimer, o enxaimel é uma técnica

³³ Uma análise mais detalhada, feita *in locu* permitiu constatar que se trata de um falso enxaimel pois não há encaixe de madeira pois as madeiras são pregadas.

³⁴ Em conversa via programa Whats App com a artista Zane Marcos, ela esclareceu alguns pontos da obra, comentou que a obra foi encomendada pelo Prefeito Ciro Roza e realizada em 2005. Para a artista, se feita hoje, a obra teria referências predominantes relacionadas à indústria metal-mecânica. Na outra quadra, onde está localizada a Praça da Cidadania Pref. Paulo Lourenço Bianchini, defronte ao Shopping Gracher, foi erguido um frontão na qual a artista realizou outra obra que seria o pórtico de entrada da rua 24 Horas, projeto do Prefeito Ciro Marcial Roza. Neste pórtico havia uma alusão ao empreendedorismo pois nele estavam retratados os industriais Carlos Renaux, Gothard Pastor (empresa Buettner), ex-Prefeito Cyro Gevaerd (um dos primeiros a vislumbrar Brusque enquanto uma cidade turística) e Waldemar Schloesser (fundador dos jogos Abertos de Santa Catarina, da família da indústria Schloesser). Na avaliação da artista esse mural, que serviria de pórtico de entrada da rua 24 Horas, era tecnicamente muito superior ao mural do Terminal Urbano, embora o público em geral gostasse mais desse segundo. Para ela, uma releitura do mural do terminal seria importante uma vez que quando de sua realização ela ainda estava experimentando algumas técnicas de pintura.

construtiva trazida pelos imigrantes alemães que

consistia em transformar as paredes maciças num tramaço vazado de madeira. Como os encaixes de madeira não são tão rígidos, foi necessário lançar mão de escoras transversais que garantissem a estabilidade das paredes e, consequentemente, da construção. Desta forma, foi concebida uma estrutura autoportante cheia de vazios (ou prateleiras, segundo a concepção popular) que eram preenchidos com uma vedação inerte que podia ser de taipa, pedra ou tijolos. (WEIMER, 1994, p. 14).

No Brasil, uma das mudanças mais significativas ocorreu devido ao clima e implicou em muitos casos a adaptação de uma varanda, além do deslocamento do fogão e forno para um espaço separado da casa. Se o enxaimel consiste em uma técnica construtiva com encaixes, refiro-me a falso-enxaimel em referência à edificação da Casa de Brusque por conta da ausência de elementos que seriam indispensáveis à sua caracterização (encaixe em madeira) e que por conta de sua ausência, requerem a utilização de outros elementos para a sua sustentação (utilização de pregos e cabos de aço para a sustentação), não sendo, contudo, apenas um fachadismo. Com relação ao enxaimeloso presente nos prédios públicos de Brusque, designo as construções que utilizam uma estrutura de madeira na parte externa da fachada com o intuito de dar a aparência de ser uma construção em enxaimel, a partir da fala do arquiteto brusquense Jorge Bonamente (2019) que complementou: “enxaimel odioso”. De modo geral, me limito a assinalar nesse primeiro momento a que situação me refiro quando emprego os termos “enxaimel”, “falso-enxaimel” e “enxaimeloso” e porque os diferenciei.

Com relação às representações do aspecto religioso, destacamos que o templo do Santuário de Nossa Senhora de Azambuja, já a terceira edificação erigida no local, foi projetado pelo arquiteto Simão Gramlich³⁵, alemão radicado no Brasil, e começou a ser construído em dezembro de 1939 e, embora em uso desde 1943, só fora inaugurado em maio de 1956. Já o Morro do Rosário, que fica próximo ao templo, teve sua construção iniciada em 1950 e logo em agosto de 1950 fora inaugurado com os 15 Mistérios do Rosário, cada qual com uma estátua de cimento em tamanho natural. O complexo é composto, além do Santuário (Templo) e Morro do Rosário, por um Hospital, Seminário e Museu³⁶ e foi destino de peregrinações e de uma grandiosa festa que caiu em decadência na década de 1990³⁷. Já o templo da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, que é a segunda edificação erigida no local, foi projetado na Alemanha pelo arquiteto alemão Gottfried Böhm³⁸ e teve sua construção iniciada

³⁵ Simão Gramlich projetou templos católicos em Azambuja (Brusque), Gaspar, Itajaí, Rio do Sul, Jaraguá do Sul e São Bento do Sul (KOCH, 2010)

³⁶ **Paróquia Nossa Senhora de Azambuja** (Brusque). História. S/D. Disponível em: <<https://azambuja.org.br/paroquia/santuario/historia/>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

³⁷ Milhares de fiéis na Festa de Azambuja. **O Município**, Brusque. 17 ago. 1990. Capa.

³⁸ Gottfried Böhm foi ganhador do prêmio Pritzker em 1986, mais renomado prêmio da categoria para os

em setembro de 1955, não tendo nenhuma data oficial de inauguração³⁹. Embora tenha sido um dos poucos exemplares projetados a serem construídos no Brasil por este vencedor do prêmio Prizker de 1986⁴⁰, isso não chega a ser explorado turisticamente. Com relação à Igreja Luterana, a edificação foi inaugurada em janeiro de 1896 (SOCIEDADE, 1954, pp. 286-288), tendo sido ampliada em meados da década de 1940. Permanece como um dos marcos na paisagem brusquense por figurar nas fotografias mais antigas de Brusque, embora tenha perdido o destaque ou até mesmo sido invisibilizada por conta dos edifícios que surgiram na região central a partir dos anos 2000. Assinalo a ausência de qualquer representação da Igreja Adventista uma vez que foi a partir de Brusque que o adventismo se difundiu no Brasil. Se o intuito é turístico, o “berço”⁴¹ do adventismo poderia representar um bom nicho de mercado.

No aspecto econômico a ênfase está no ramo têxtil: tecelagem, fiação e malharia. A tecelagem e fiação foram instaladas por Carlos Renaux em 1892 e 1900 respectivamente⁴². No caso da fiação, o pioneirismo de Brusque rendeu a alcunha de “Berço da Fiação Catarinense”⁴³. No caso das malharias esse é um fenômeno mais recente e que se iniciou em 1979 com Ciro Marcial Roza (2019), o que mais tarde rendeu a Brusque a alcunha de “Cidade

arquitetos. Sobre a escolha, o relato da imprensa dá conta de que havia a necessidade de ampliação do templo católico mas não havia a possibilidade de se aproveitar a estrutura existente, por conta disso foi encomendado um projeto do arquiteto Simão Gramlich que fora rejeitado pela comissão de construção. Coincidemente, na ocasião das discussões, estava em Blumenau, para projetar a nova Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, o arquiteto alemão Gottfried Böhm, filho do renomado arquiteto alemão Dominikus Böhm, que havia projetado diversas igrejas alemãs após a Segunda Grande Guerra Mundial. O responsável pela comissão brusquense, o industrial Guilherme Renaux, dirigiu-se a Blumenau e solicitou que ele elaborasse um projeto, que fora feito na Alemanha e se distancia da influência do pai (marcante no templo de Blumenau por conta da torre separada. No caso da Igreja de Brusque a torre é ligada ao telhado). A nova Matriz de Brusque: Monumento de Arte e Devoção. **O Município**, Brusque, 30 abr. 1960. pp. 1-2. Para mais detalhes sobre as obras de Dominikus e Gottfried Böhm, consultar RAMOS, Flávia Martini; LEODI, Antonio Covatti; DAUFENBACH, Karine. Templos Modernos: estudos das igrejas projetadas por Dominikus e Gottfried Böhm em Santa Catarina. Florianópolis: PET/ARQ/UFSC, 2013.

³⁹ Foram encontradas notícias sobre a inauguração da escadaria da igreja em 1971 cfme. Dia 18/04 vai ser inaugurada a escadaria da nova Igreja Católica. **O Município**, Brusque. Edição de 02 abr. 1971. Também haveria uma carta de Gottfried Böhm recomendando alguns ajustes para a sua finalização. Ver: KOCH, Eloy Dorvalino. A igreja matriz: Novas sugestões do arquiteto Bohm. **O Município**, Brusque, 9 mai. 1986. p. 8.

⁴⁰ O prêmio internacional é concedido anualmente a um arquiteto vivo por realizações significativas, tendo sido estabelecido pela família Pritzker de Chicago por meio da Hyatt Foundation em 1979. É concedido anualmente e é frequentemente referido como “o Nobel da arquitetura” e “maior honra da profissão.” Mais informações podem ser obtidas no site oficial do prêmio. Disponível em: <<https://www.pritzkerprize.com/about>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

⁴¹ Alusão às outras alcunhas como “Berço de Fiação Catarinense” ou “Berço da Urna Eletrônica”, explicadas nas próximas notas.

⁴² Cônsul Carlos Renaux. **O Município**, Brusque. 04 ago. 1960.

⁴³ Termo cunhado por Raulino Reitz por ocasião das comemorações do Centenário de Brusque (SOCIEDADE, 1954, p. 7).

dos Tecidos”⁴⁴ e mais tarde “Capital da Pronta Entrega”⁴⁵, embora outras como “cidade das azáleas”⁴⁶ não tenham obtido êxito. No tocante ao aspecto cultural, os Museus de Azambuja⁴⁷ e Casa de Brusque⁴⁸ são fruto do trabalho iniciado pela Comissão responsável pelas comemorações do Centenário de Brusque ao longo da década de 1950 (referente ao Centenário da Fundação da Colônia em 1960)⁴⁹. Por ocasião da elaboração do mural, Brusque sediava a 5^a edição do Simpósio Internacional de Esculturas, iniciado em 2001 durante o primeiro ano do segundo mandato de Ciro Roza, e que contou com sete edições⁵⁰ (a oitava edição foi cancelada no último ano do terceiro mandato). O Parque Zoobotânico⁵¹ foi inaugurado com o teleférico em 1992⁵², o pórtico segue o visual étnico germânico.

Com relação ao aspecto visual/étnico, além do pórtico de entrada do Zoobotânico, aparecem no mural a Rodoviária inaugurada em 1990⁵³, o conjunto do Fórum⁵⁴ e Prefeitura⁵⁵

⁴⁴ Uma das primeiras menções a esta alcunha foi a nomeação de um Rotary Club local. Ver: Rotary “Cidade dos Tecidos” recebe carta constitutiva. **O Município**, Brusque. 27 nov. 1987.

⁴⁵ Sucessão: Danilo quer transformar Brusque na capital nacional da pronta entrega. **O Município**, Brusque. 17 jul. 1992. p. 18.

⁴⁶ Brusque – Cidade das Azáleas. **O Município**, Brusque. 11 out. 1974. Capa.

⁴⁷ O Museu Arquidiocesano Dom Joaquim teve sua origem em 1933 a partir do recebimento de uma pequena coleção particular de propriedade de Joca Brandão em troca do custeio dos estudos de seu filho no Seminário Menor Metropolitano Nossa Senhora de Lourdes. O prédio que abriga o Museu foi construído em 1907 e ampliado em 1928 também abrigou o Hospital e o Seminário, sendo totalmente desocupado para o Museu em fevereiro e inaugurado em 03 agosto de 1960 (BESEN, 1979, p. 67). O Museu de Azambuja é anunciado como o maior museu de Arte Sacra do sul do Brasil (AZAMBUJA. Museu. S/D. Disponível em: <<https://azambuja.org.br/museu/>>. Acesso em: 8 mar. 2019.). Em outubro de 1961 Raulino Reitz escreveu um artigo falando sobre um ano de instalação do Museu. Ver: REITZ, Raulino. Um ano de museu. In: **O Município**, Brusque. 14 out. 1961. p.3

⁴⁸ O Arquivo e Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim é fruto de um trabalho iniciado por Ayres Gevaerd em 1953 com a coleta de documentos relativos à história de Brusque e que culminou também no livro “Álbum do Centenário de Brusque” editado pela SAB e no livro “Brusque: subsídios para a história de uma colônia nos tempos do império” de Oswaldo Rodrigues Cabral, entre outros, que estão dentro dos esforços de comemoração do Centenário de Brusque em 4 de agosto de 1960. O acervo está disponível para consulta desde 1971 e desde janeiro foi oficializado o nome Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

⁴⁹ Para saber mais, consultar o Relatório dos preparativos e das festas comemorativas do 1. Centenário de Brusque, reproduzido na Revista Notícias de Vicente Só, de Julho, Agosto e Setembro de 1979. Continua na edição de Outubro, Novembro e Dezembro de 1979.

⁵⁰ A oitava edição foi cancelada no último ano do terceiro mandato de Ciro Roza em 2008. Com um acervo de 106 esculturas elaboradas nas sete edições, os Simpósios não tiveram continuidade. As estátuas foram divididas em dois grupos, estando 40 expostas no Parque das Esculturas e 66 espalhadas pela cidade na Rota das Esculturas. CASTRO, Álisson Sousa. Categoria: Simpósio Internacional de Esculturas de Brusque. 2014. Disponível em: <http://enciclopedia.brusque.sc.gov.br/index.php/Categoria:Simp%C3%B3sio_Internacional_de_Esculturas_de_Brusque>. Acesso em: 9 mar. 2019.

⁵¹ Nomeado Parque Botânico Raulino Reitz. O Pe. Raulino Reitz foi um dos mais renomados pesquisadores em bromélia do mundo. Entre as várias contribuições, fundou o Herbário Barbosa Rodrigues em Itajaí, doou coleções para o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, foi editor da revista científica Selowia e idealizou o Parque Botânico no Morro do Baú. Ver: REITZ, Raulino. Parque Botânico no Morro do Baú. **O Município**, Brusque. 1 jul. 1961b. Capa.

⁵² Ciro Roza inaugura Zoobotânico e Teleférico. **O Município**, Brusque. 18 set. 1992. P. 20.

⁵³ Entre flores, espinhos e chuva, as inaugurações. **O Município**, Brusque, 3 ago. 1990. p. 3. Acervo SAB.

⁵⁴ Brusque inaugura novo fórum hoje. **O Município**, Brusque. 28 fev. 1992. Capa.

⁵⁵ Informe Publicitário: Inaugurada nova Prefeitura municipal de Brusque. **O Município**, Brusque. 5 jun. 1992.

inaugurados em 1992, e a Casa de Brusque em 1988⁵⁶. Todas estas edificações, além do próprio Terminal Urbano, foram construídos de acordo com um estilo germânico. Além delas, outras mais foram feitas.

Religião, economia e visual étnico: qual deve ser o intuito deste mural? O que ele deveria transmitir? Afixada na parede do pátio interno de um terminal urbano de passageiros, onde pressupõe-se que quem embarca e desembarca circula pela cidade, qual seria o intuito? Seria uma forma de mostrar o que Brusque teria de melhor para os seus próprios habitantes? Para o antropólogo italiano Massimo Canevacci a ideia de uma cidade polifônica "revele que a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam"⁵⁷.

Esse coro, com múltiplas vozes autônomas, fora reunido e disposto neste mural por alguém que teve participação decisiva na edificação de boa parte do que estava ali representado. Segundo o arquiteto Jorge Luís Bonamente (2019), que trabalha na Prefeitura desde 1987, existe "Brusque AC e DC (antes de Ciro e depois de Ciro)". Desta fala tiramos o título deste capítulo, e diante disso, fica a questão: qual o impacto dos projetos das gestões do Prefeito Ciro Marcial Roza para o município de Brusque? Para responder a este questionamento, em um primeiro momento abordo a trajetória de Ciro Marcial Roza até sua notoriedade e eleição para Prefeito; as discussões e tensões relativas às obras de seu primeiro mandato e as questões que antecedem o seu mandato e que estão relacionadas a um fenômeno que acontecia em outros municípios como Joinville, Blumenau, São Bento do Sul e Rio Negrinho.

Embora tenha nascido no berço de uma família de rizicultores em Massaranduba no ano de 1946 - na época distrito de Blumenau - logo com 1 ano Ciro Roza foi trazido para Brusque, onde residia a família de sua mãe. Trabalhou dos 6 aos 12 anos de idade em uma fábrica de capilé, e entre os 15 e 16 anos surgiu uma vaga na Indústria Renaux S/A (IRESA), quando teve a oportunidade de finalizar os estudos na escola técnica do SENAI no Rio de Janeiro⁵⁸. Roza (2019) comenta que é "de uma geração que [...] esperava fazer dezoito anos, ia embora" e comenta que a falta de perspectiva na década de 1960 estaria relacionada ao

P. 18.

⁵⁶ Dois importantes projetos estão em fase de conclusão. **O Município**, Brusque. 4 nov. 1988. capa; p. 17.

⁵⁷ Ibidem.

⁵⁸ Ciro Roza: Lavador, vendedor, tecelão, empresário, político... **A Voz de Brusque**, Brusque. 5 mar. 2004. pp. 8-9.

crescimento populacional, pois “chegou um momento em que a cidade cresceu muito, entrou em desarmonia e aí eles não queriam, naturalmente, de um período que ela crescesse bastante” (ROZA, 2019). Questionado sobre o que seria essa “desarmonia”⁵⁹, ele afirmou que a tríade migratória de poloneses, alemães e italianos⁶⁰ fora quebrada após o período da Segunda Guerra Mundial porque, com o “surgimento de empregos começou a vir, especialmente as pessoas do litoral, com uma filosofia e cultura diferente [...] depois, dos anos sessenta pra frente começou a não ter mais emprego. Então você esperava completar a maioridade pra ir [...] para São Paulo” (ROZA, 2019). Sobre este êxodo rumo a São Paulo, é interessante analisarmos a evolução demográfica de Brusque. Seria o fim do modelo colono-operário?

Evolução demográfica de Brusque

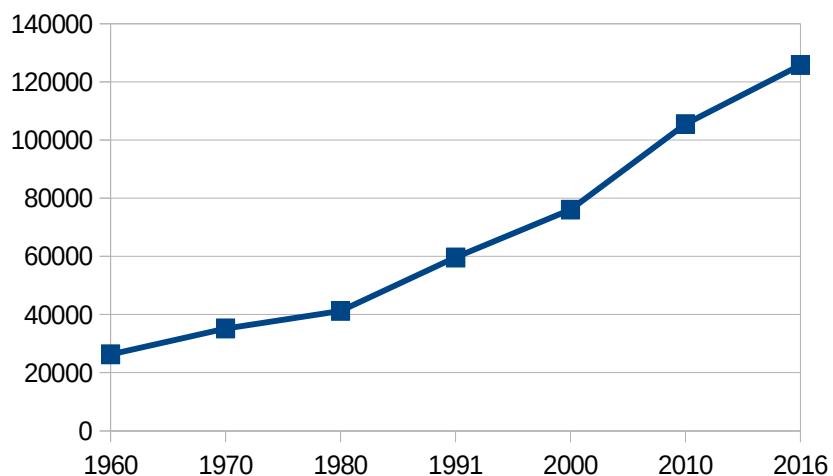


Gráfico 1: Evolução demográfica de Brusque entre 1960-2016. Fonte: jornal *O Município*. Em 1960 Brusque ainda englobava os atuais municípios de Botuverá e Guabiruba.

Até 1960 a população de Brusque teve um crescimento lento. Segundo informou *O*

⁵⁹ Momentos depois, na entrevista, Ciro Roza (2019) comenta que “Era tudo centrado na Cônsul Carlos Renaux, aí eu fui mudando as coisas. Sempre criou muita polêmica as minhas ações [...] eu quebrei todo aquele pensamento que existia [...] conservador, da harmonia”. Se referindo as mudanças urbanísticas implementadas no seu primeiro mandato entre 1989-1992.

⁶⁰ Cabral reproduz correspondência do diretor da colônia Betim Paes Leme, datada de 1875, na qual ele estaria, nas palavras de Cabral, “contrário à entrada da colonos pertencentes a etnias diversas da alemã” (1958, p. 154). Mais adiante Cabral comenta que “datam de 1875 as desmedidas entradas de imigrantes que tanto viriam perturbar a vida colonial [...] temos de reconhecer que o mal maior residiu principalmente no afluxo ininterrupto e numeroso de elementos humanos, sem estar a Colônia habilitada para recebê-los e localizá-los imediatamente” (1958, p. 157). Parece que o que ocorreu em 1875 com relação ao fluxo (i)migratório voltou a se repetir na década de 1980, e pode estar acontecendo a partir dos anos 2010 novamente em Brusque.

Município em 1963, uma das causas do lento crescimento “é, sem dúvida, a existência de grandes extensões de terrenos baldios no centro da cidade, que seus proprietários, via de regra, não vendem nem constroem”⁶¹. Informa a notícia que “enquanto Criciúma teve sua população aumentada nos últimos dez anos de 10 para 27.000 habitantes, Brusque não passou de 12 para 17.000 pessoas no mesmo período”⁶². A matéria informa ainda projetos de aproveitamento dos terrenos do “antigo Parque do Centenário”, que na realidade era de propriedade das Igrejas Católica e Luterana, emprestados para as comemorações do Centenário. Retornando ao gráfico, podemos perceber uma levea inclinação entre os anos de 1980-1991 e 2000-2010. Porém, devemos considerar e analisar mais a fundo os acréscimos percentuais em relação aos números absolutos por década.

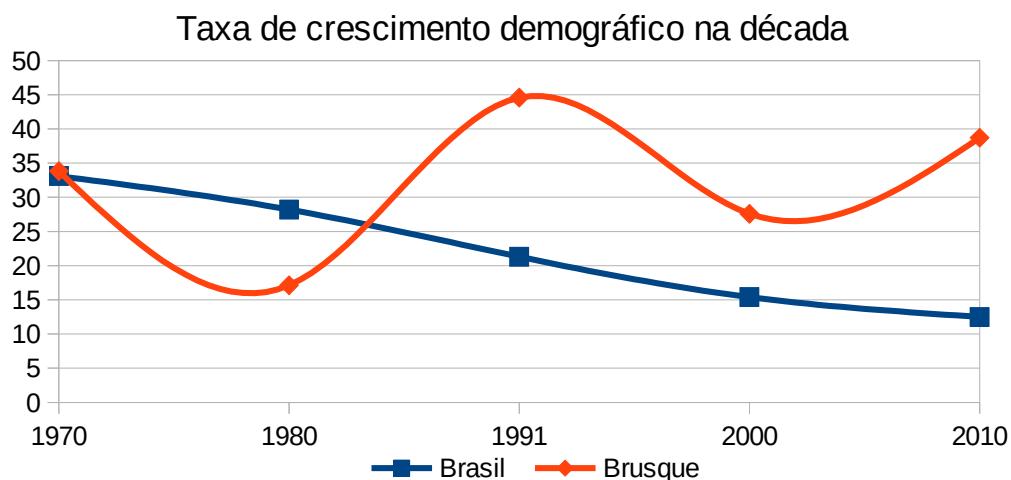


Gráfico 2: Taxa de crescimento demográfico por década. IBGE/Jornal *O Município*.

Analisando os dados para Brusque, vemos que entre 1960-1970 houve acréscimo populacional na ordem 33,83%, entre 1970-1980 de 17,13%; entre 1980-1991 de 44,58%; entre 1991-2000 de 27,59% e 2000-2010 de 38,71%. Para efeitos de comparação, a taxa de crescimento populacional do Brasil entre 1960-2010 foi de queda contínua: 33,1%; entre 1970-1980 de 28,2%; entre 1980-1991 de 21,3%; entre 1991-2000 de 15,4% e entre 2000-2010 de 12,5%. Comparando essas taxas, é possível perceber que entre 1960-1970 houve um crescimento em Brusque semelhante ao crescimento nacional. Porém, entre 1970 e 1980

⁶¹ Brusque vai progredir. **O Município**, Brusque. 23 mar. 1963. Capa.

⁶² Ibidem.

Brusque teve um crescimento bem abaixo do crescimento nacional, o que pode indicar um forte movimento (e)migratório, que coincidiria com o depoimento de Ciro Roza. Entre 1980 e 1991 a situação se inverte, com um saldo de 23,28% a mais em Brusque, caindo para 12,19% a mais entre 1991-2000 e subindo para 26,21% a mais entre 2000 e 2010. Em resumo, entre 1960-1970 o crescimento populacional de Brusque acompanhou o crescimento populacional do Brasil, entre 1970-1980 parece ter havido uma (e)migração por conta de um índice inferior de 11%, retomando o crescimento entre 1980-1991, com menos intensidade entre 1991-2000 e sendo acentuado entre 2000-2010. Muito embora a maior diferença entre o crescimento populacional de Brusque e do Brasil seja entre os anos 2000-2010, a maior taxa de crescimento populacional de Brusque, isoladamente, se deu entre 1980-1991 com 44,58%. O crescimento populacional muito superior à média nacional indica um forte fluxo migratório que coincide com o período em que Ciro Roza introduziu a malha em Brusque, pós-1979⁶³.

Focando no período do êxodo, Ciro Roza - de formação técnico têxtil - comenta que sempre teve envolvimento com a indústria têxtil e que em certa ocasião, quando estava no Rio de Janeiro,

perguntaram pra mim se eu não iria pra África do Sul. Aí falei com o cônsul e acertei, e passei para me despedir. Na época eu era noivo. Aí cheguei em Blumenau... “Tá louco, ir para um lugar desse”. Aí eu pra Denise: “depois eu volto pra te buscar”. Mas aí o meu sogro lia muito jornal e eles tinham montado aqui em Brusque, no LAFITE, um laboratório físico e químico, e tava no jornal. Tava aberto o concurso, e ele dizia “olha, isso é por Deus, na tua cidade, nada é por acaso” e ficou insistindo que estava aberta a inscrição. “Faz rapaz, não vai pra lá”. No fim eu disse tá bom, mas sem pretensão. E acabei sendo escolhido. Depois de dois, três anos, estourou aquela guerra do apartheid. Eu não tinha planos de voltar [para Brusque] e acabei voltando. Parece que o destino está traçado. [...] Nos meus planos nunca passou pela cabeça de voltar e acabei voltando. E nesse laboratório físico e químico que eu gerenciava, eu comecei a prestar serviço para a indústria têxtil. Eu também era credenciado da Bolsa de Mercadorias de São Paulo para a classificação. Só tinha um outro, que era o Mário Rieg, que era um paulista que estava na fundação catarinense. E a indústria têxtil do Brasil, praticamente as maiores, todas eu conhecia, com os contatos que se tinha, e comecei a prestar serviço e depois saí para gerenciar uma empresa. Me deram uma participação no lucro. Depois eu sempre sabia que a tendência era o setor de malharia, porque Brusque só tinha o pano convencional, não existia malha. Eu via que a tendência mundial era partir para o setor de malharia, e eu introduzi a malharia em Brusque. E hoje a malharia é mais forte que o setor de tecido comercial. E foi eu que introduzi nos anos de 1979. [...] E Brusque, quando eu entrei, exatamente, entrei com uma filosofia, de acordo com se ajustar para a exigência não só nacional, mas do mundo – que tava vindo com a globalização. E foi dentro disso ali. Introduzi a terceirização. A área que eu dominava, que eu tinha conhecimento. Porque pra tu chegar a algodão a uma camisa tinha de ter um capital imenso porque são inúmeras máquinas e processos diferentes. E o que que eu fiz? Comecei na introdução da terceirização da fábrica de

⁶³ Ciro Roza (2019) comenta que com a introdução da malharia houve uma inversão, se antes os brusquenses tinham de ir trabalhar em São Paulo, Blumenau ou Gaspar, agora eram as pessoas desses lugares que procuravam Brusque para conquistaram sua vaga de trabalho.

costura, depois na parte de tecimento, tingimento. [...] Todo mundo: “é a malharia do Ciro”, e o estado todo me conhecia. Aí acabei me metendo no futebol em uma brincadeira⁶⁴ com o Vladimir Appel, acabei... tava na segunda divisão, o Paysandú. (ROZA, 2019)

A presidência do Clube Esportivo Paysandú a partir de 1986⁶⁵ e a fusão com o Clube Atlético Carlos Renaux⁶⁶ e consequente rápida criação do Brusque Futebol Clube em 1987⁶⁷ deu visibilidade nas páginas do jornal *O Município* a Ciro Roza⁶⁸. Até então conhecido por ser um empresário bem sucedido (ROZA, 2019), Ciro Roza conseguiu concretizar os anseios⁶⁹ de mais de 14 anos com a fusão dos clubes e pode se projetar enquanto homem público realizador dos anseios populares. Não é a toa que seu nome passou a figurar como

⁶⁴ Ciro Roza (2019) esclarece a brincadeira: “Eu era empresário e super conhecido. Eu joguei futebol, eu me criei aqui na cidade. Naquela época se caçava, pescava e jogava futebol. Não tinha outra coisa. Então eu conhecia todo mundo. Eram pessoas que estudaram comigo, etc. E o Vladimir Appel, a gente tinha ligação, era um jovem que foi presidente do Paysandú – que tava na segunda divisão e foi campeão. E nós fizemos uma viagem para o Mato Grosso, ele foi comigo, e dizia que eu tinha de pegar. Eu dizia ‘não, eu não quero. Eu não empresto o meu nome pra nada, se eu for eu tenho de me dedicar e eu não tenho tempo pra isso, etc’. E ele disse: ‘que eu vou ser campeão, etc’. Aí eu brincando disse: ‘se tu fores campeão eu pego’. Mas, como eu dei a palavra eu peguei.”

⁶⁵ Fundado em 30 de dezembro 1918. Ver: GEVAERD, Ayres. **As sociedades Recreativas, Culturais, Beneficentes, de Classe e Militares de Brusque**. Sociedade Amigos de Brusque: Brusque, S/D.

⁶⁶ Fundado com o nome Sport-Club Brusquense em 14 de setembro de 1913; em 19 de março de 1944 mudou o nome para Clube Atlético Carlos Renaux por conta de “um Decreto-Lei Federal [que] vedava oficializar clubes com nomes pátrios”. Ver: KOCH, Eloy Dorvalino. HEIL, Antônio. C. A. Carlos Renaux. In: GEVAERD, Ayres. **As sociedades Recreativas, Culturais, Beneficentes, de Classe e Militares de Brusque**. Sociedade Amigos de Brusque: Brusque, S/D. pp. 20-29.

⁶⁷ Ciro Roza (2019) comenta que “Ali eu vi que não tinha como chegar a fazer um time forte. O Renaux era o “Vovô do Futebol Catarinense” e as coisas mudaram. Então você tem de estar ajustado. Nós fizemos um plebiscito, fizemos todo um trabalho para criar o Brusque. [...] Foi feito todo um trabalho na mídia. Foi feito um plebiscito e deu 87% de votação. O povo votou na praça. A gente preparou as coisas. Criamos as cores. E essa foi a história do Brusque Futebol Clube, e nós fomos campeões. Nós tínhamos um time muito bom. E aí já entrou a política porque eu já era Prefeito e o Governo do Estado botou um presidente, porque achava que eu ia ser candidato ao governo, e meio que me rifaram do futebol e eu nunca mais botei os meus pés lá. E aí botaram o time para a segunda divisão. Nós fomos campeões em 1992 e em 1993 ele foi para a segunda divisão.” O art. 45 do Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 estabeleceu que seria constituída uma comissão “que estude e organize um plano de nacionalização e uniformização das expressões usadas nos desportos” (BRASIL, 1941) o que promoveu a mudança de nomenclatura do Sport-Club Brusquense para Clube Atlético Carlos Renaux, retirando portanto a alusão ao município. Os Decretos-Leis nº 4.636/1942, 4.166/42, 4.806/42 e 9.085/46 restringiram a participação de estrangeiros em sociedades brasileiras. Mais tarde, na década de 1970, as alusões aos municípios voltaram a aparecer, porém, em Brusque o Clube Atlético Carlos Renaux continuou com o nome, surgindo um novo clube com a fusão.

⁶⁸ A fusão foi inicialmente ventilada em 1973 por 7 vezes. Em 6 de abril de 1973 o jornal *O Município* noticiou o Centro Têxtil “LAFITE” como uma realidade, e também publicou um artigo de Marco A. P. Silveira sobre a fusão de clubes (de uma série que foi veiculada naquele ano). Coincidemente quando Ciro Roza retorna a Brusque e é noticiado o funcionamento do LAFITE, o jornal faz uma investida na questão da fusão – o que deve ter marcado Ciro Roza. Em 1976 e 1977 falou-se apenas uma vez, em 1978 ela apareceu 7 vezes, e em 1987 8 vezes nas páginas do *O Município*, quando finalmente em 12 outubro de 1987 ela foi concretizada com a criação do Brusque Futebol Clube, retornando ao noticiário somente mais tarde quando se tentou reativar o Carlos Renaux e o Paysandú no futebol profissional. Para as fontes, ver “Fusão de Clubes e Criação do Brusque Esporte Clube” nas referências.

⁶⁹ MENDES, Jaime. Fusão de clubes – uma necessidade. **O Município**, Brusque. 30 mar. 1973. Capa.

prefeiturável no jornal *O Município* a partir de junho de 1987⁷⁰.

O ano de 1986 foi emblemático não só por Ciro Roza ter sido empossado presidente do Paysandú como também por ter marcado o falecimento do jornalista Jaime Mendes, diretor e proprietário do jornal *O Município*⁷¹. Nascido em 13 de outubro de 1912 – ano em que também marca o nascimento da imprensa brusquense com o semanário *Brusquer Zeitung*⁷² – o jornalista Jaime Mendes não soube explicar ao certo, em suas reminiscências⁷³, como acabou se envolvendo com o jornalismo. Ele iniciou sua carreira como coletor estadual em Mafra, Capinzal e Rio Negrinho. Em 1943, passou a exercer a função de fiscal da fazenda estadual em Caçador e Rio do Sul. Nesta última cidade se envolveu com o jornalismo fundando o *Jornal da Semana* e a *Rádio Mirador* em 1944 tendo contribuído com ambos até 1952, ano que se estabeleceu em Brusque. Após contribuir para *O Rebate*⁷⁴, Mendes assumiu a direção de *O Município* em 1959 juntamente com o sócio Ingo Arlindo Renaux (o jornal foi fundado em 1954 por Ingo, que era filho do industrial Guilherme Renaux e neto do também industrial Carlos Renaux).

Após três décadas à frente do periódico, o "velho capitão" - como era carinhosamente chamado - faleceu em Florianópolis no dia 9 de outubro de 1986. Seu neto, Koy, assinou alguns artigos⁷⁵ e desmentiu o boato de que o jornal estivesse à venda, mas tão somente o prédio onde o periódico tinha sua sede⁷⁶. Seis meses depois, em junho de 1987, a família Mendes editaria a última edição⁷⁷ antes de passar a direção do jornal ao ex-prefeito Cyro Gevaerd – colaborador há muito tempo do jornal. Gevaerd, um dos acionistas, fora eleito o

⁷⁰ A semana política. **O Município**, Brusque, 5 jun. 1987. p. 10. Acervo SAB.

⁷¹ O jornal *O Município* começou a circular em 26 de junho de 1954. Seu primeiro diretor responsável foi Raul Schaefer – também proprietário da rádio Araguaia AM, assessorado pelo gerente Wilson Santos – também radialista na Araguaia AM. O jornal, filiado à linha ideológica do PSD, fazia oposição ao *O Rebate*, jornal semanal brusquense de linha ideológica alinhada à UDN. Quando Raul Schaefer foi convidado a assumir um cargo público em Florianópolis Jaime Mendes assumiu o jornal após breve período de Julio Renaux, e tornou-se seu diretor entre 1959 e 1986, ano de sua morte. Mendes foi seguido pelo ex-prefeito Cyro Gevaerd (1987), industrial Herbert Pastor ligado à Buetnner SA (1988-1993), industrial Jorge Luiz Colzani ligado à Colcci (1993-1999) e Claudio José Schlindwein (1999-atualmente). ESPINOZA, Marcelo. Jornal Município Dia a Dia, de Brusque, completa 60 anos e recebe homenagem. In: **Agência AL**. 25 jun 2014. Disponível em: <http://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/jornal-municipio-dia-a-dia-de-brusque-completa-60-anos-e-recebe-homenagem>. Acesso em: 15 jun. 2017.

⁷² O primeiro periódico brusquense de publicação mensal circulou entre janeiro de 1912 e outubro de 1917, quando foi descontinuado por conta da proibição de circulação de jornais em língua alemã. Sua versão em língua portuguesa circulou entre 1914 e 1928.

⁷³ MENDES, Jaime. Reminiscências. **O Município**, Brusque, 26 jun. 1963. p. 1.

⁷⁴ O jornal *O Rebate*, de circulação semanal, foi publicado entre os anos 1934 e 1962.

⁷⁵ Caros leitores! **O Município**, Brusque, 28 nov. 1986. Acervo SAB.

⁷⁶ Editorial. **O Município**, Brusque, 5 dez. 1986. Acervo SAB.

⁷⁷ SANTOS, Wilson. O Município: 33 anos de existência. Novos Rumos. **O Município**, Brusque, 26 jun. 1987. Acervo SAB.

presidente do Conselho de Administração do Jornal *O Município* Ltda e também diretor do jornal por um grupo de 10 sócios com 10 quotas⁷⁸.

A compra do jornal *O Município* já vinha sendo noticiada no início de junho de 1987⁷⁹ e ocorreu no mesmo contexto em que ocorreu a aquisição das rádios Araguaia AM e Araguaia FM⁸⁰ - todas de Renaux (ROZA, 2019). Os mesmos 10 sócios fizeram a aquisição do jornal *O Município* e das rádios Araguaia AM e Araguaia FM - criando o "Sistema Itajaí-Mirim de Comunicação", ficando a direção do jornal⁸¹ e da rádio Araguaia FM sob os encargos do ex-prefeito Cyro Gevaerd e a Araguaia AM sob os cuidados de Ciro Roza⁸².

Sobre este episódio, Ciro Roza (2019) explica que as rádios sempre foram do grupo Renaux e que o ex-Prefeito Cyro Gevaerd o tinha procurado “porque tinha um grupo de fora comprando a rádio. E eles achavam que era uma pena, etc. Aí fizeram umas cotas, a rádio pra mim não era investimento [...] o jornal a mesma coisa [...] E chegou num certo ponto alguns acionistas quiserem vender.” Após algum tempo, Ciro Roza tinha vendido suas ações do jornal e adquirido as duas rádio, acabou vendendo a rádio FM para o comunicador catarinense César Souza e permanecendo com a Rádio Araguaia AM.

Esta aquisição pode estar relacionada à intensificação das apresentações do nome de Ciro Roza nas páginas do jornal *O Município*. Indagado sobre ser uma novidade na imprensa, Ciro Roza alegou que aparecia muito no jornal, principalmente quando montou a BruShopping, concorrente da PostHaus e Hermes Macedo na venda por catálogo (ROZA, 2019). Muito embora afirme ter aparecido muito antes da aquisição, Roza havia aparecido poucas vezes especificamente no jornal *O Município* até o fim da década de 1980. A primeira menção encontrada ocorre em 1977 por conta de uma nota sobre o nascimento de seu filho com a esposa e sócia nos empreendimentos Denise Machado Roza⁸³. A segunda menção é de 1985, referente a uma foto de 1938 em que seu pai, Bepi Roza, está ao lado de seu automóvel

⁷⁸ **O MUNICÍPIO**, Brusque, 3 jul. 1987. Capa (rodapé, sem título). Acervo SAB.

⁷⁹ Comandos acionários do jornal *O Município* e Rádio Araguáia de Brusque devem modificar. **O Município**, Brusque, 12 jun. 1987. Acervo SAB.

⁸⁰ A Araguaia FM começou a operar em fevereiro de 1988 Ver: Brusque já tem a emissora de rádio FM que merece. **O Município**, Brusque, 19 fev. 1988, p. 1. Acervo SAB. Atualmente sob a denominação de Guararema Regional FM 107,7, foi adquirida em 1998 por César Souza. O grupo Guararema tem três rádios: Capital, Blumenau e Regional (com sede em Brusque, abrangendo Itajaí e Balneário Camboriú).

⁸¹ Em julho de 1988 a empresa Buettner adquiriu todas as cotas do jornal, tendo assumido a direção Herbert Pastor – nomeado Secretário para Assuntos da Juventude no Governo Ciro Roza, enquanto as rádios Araguaia AM e FM passaram aos domínios de Ciro Roza, que detém a Araguaia AM até hoje.

⁸² Novo sistema integrado Rádios Araguáia FM e AM com Jornal *O Município*. **O Município**, Brusque, 25 set. 1987. Capa. Acervo SAB.

⁸³ NATIVIDADE, José Carlos. Coluna Gente & Notícia. **O Município**, Brusque, 6 mai. 1977. Acervo SAB.

Chevrolet, em frente à sua cervejaria⁸⁴. A terceira menção já é do início de 1987 e se refere à chegada de Ciro Roza à presidência do Paysandú no fim de 1986. Se em maio de 1987 Ciro Roza começa a movimentar a questão da fusão dos Clubes, que ele consegue até o fim do ano, no mês seguinte, em junho de 1987 – quando a compra do jornal *O Município* e da Rádio Araguaia é anunciada - é lançada a primeira nota que projeta o nome Ciro Roza como possível Prefeiturável, ao lado de outros nomes já consagrados nos meios políticos e que são vinculados ao PMDB e PDS, partidos que abrigavam grupos políticos rivais que se revezavam no poder desde a década de 1960⁸⁵.

Após estas menções em junho de 1987 Ciro Roza começou a figurar com mais intensidade nas páginas do jornal *O Município* com matérias e entrevistas que enaltecia sua personalidade⁸⁶, seja enquanto empresário bem sucedido no ramo da malha ou quanto articulador da fusão e criação do Brusque Futebol Clube ou filantropo, financiando a aquisição de terreno para ampliação do Clube Guarani⁸⁷. Vale lembrar e ressaltar que a partir de junho de 1987 foi quando ele passou a ser acionista do jornal e da Rádio Araguaia AM e FM. O ex-prefeito Cyro Gevaerd, que mantinha uma coluna⁸⁸ na imprensa local desde antes do seu mandato na década de 1960, chegou a brincar com a popularidade de seu sócio:

Quando Naninha do Nêgo, de Florianópolis, aqui esteve, visitando amigos & compadres, desejando saber as últimas da cidade, foi-lhe passada a edição de nosso jornal de duas semanas atrás.

Naninha, muito observadora e meticulosa, depois de ler, durante bom tempo, todas as colunas, avisos e até anúncios, saiu-se com uma pergunta (ingênua) desconhecendo a nova fase do "O MUNICÍPIO" com nova direção e novos sócios:
- Esse cidadão deve ser sócio do jornal.

Referia-se ao Ciro Roza que, rápido e agitado, "comparecia" quatro vezes em toda a edição. E por coincidência o 2º sócio a subscrever a quota que lhe coube na Editora .

..

- X -

O "repeteco" do Ciro e "outros menos votados" ocorrem em nosso jornal porque, "semanário grande em cidade pequena, quem circula bastante sempre aparece". Especialmente sendo "sócio da casa".

- X -

E, por falar na "FERA" que volta a ser "focalizada nesta edição, quase especial", já por três vezes recebi uns "clientes" que realmente erraram no destinatário:

⁸⁴ Recordando o passado. **O Município**, Brusque, 23 ago. 1985. p. 3. Acervo SAB.

⁸⁵ A semana política. **O Município**, Brusque, 5 jun. 1987. p. 10. Acervo SAB.

⁸⁶ Empresas & Empresários. **O Município**, Brusque. 12 jun. 1987, p. 8. NATIVIDADE, José Carlos. O trabalho do Ciro Marcial Roza. **O Município**, Brusque, 26 jun. 1987. p. 4. Presidente Ciro Marcial Roza: Futebol de Brusque precisa de apoio de toda a comunidade. **O Município**, Brusque, 17 jul. 1987. p. 11. Acervo SAB.

⁸⁷ Projeto do "Novo Guarani" poderá dar a Brusque um complexo social desportivo inédito e valioso. **O Município**, Brusque. 11 set. 1983. p. 10.

⁸⁸ "Olhando Brusque em 10 Minutos" no jornal O Rebate – antes de ser Prefeito, e depois "Brusque em 10 Minutos" no jornal O Município, tendo sido retomada por último em 3 de abril de 1987 – anos depois de se dedicar à SANTUR. Acervo SAB.

- O senhor, que dizem ser tão bom, não poderia arranjar umas malhinas para nossa família?

- Malhinas ou malhas mesmo, indaguei.

- O senhor não é o Ciro das Malhas, ou a Malha do Ciro?

- X -

Quando fui justificar ao próprio "homem das malhas" a necessidade de conseguir um "STOCK" do produto para atender seus eventuais "clientes", ele se saiu com outra que me deixou "cobrado":

- Bom, e o que eu vou fazer com essas moças que vêm pedir emprego, dizendo que os pais e os avós votaram "no Ciro para Prefeito . . . ?"

Ainda sobre ser novidade na imprensa, Ciro Roza (2019) afirma que antes de ser presidente do Paysandú e ter adquirido cota do jornal trouxera a metalmecânica para o SENAI, viabilizou a piscina no Clube Guarani (ação já mencionada), afirmando que não era político, mas que os políticos queriam que ele se candidatasse. Questionado sobre por que teria adquirido fazendas na região Centro-Oeste e Norte do país, Ciro Roza (2019) respondeu que "quando eu entrei na política eu só tive prejuízo na minha vida" e que por ser filho de agricultor reconhece o valor da terra devido a diferença entre a desvalorização do maquinário industrial e a valorização da terra na agricultura. Ele relata que se não fosse a esposa Denise, teria se mudado para o Mato Grosso em 1983.

Sobre o fato das pessoas não distinguirem entre o empresário Ciro Roza e o ex-Prefeito Cyro Gevaerd, conforme relatado na coluna do jornal, é importante assinalar que Gevaerd teve um extenso currículo: foi vereador, nomeado pelo jornal o "homem do centenário", eleito Prefeito, responsável pela SANTUR, editor da coluna Brusque em 10 minutos há mais de três décadas, diretor da rádio Araguaia FM, diretor do jornal *O Município*, mais tarde presidente do Zoobotânico. Quem o confundiria com o responsável pela "Malha do Ciro"? Essa confusão parece ser um sintoma do forte fluxo migratório em Brusque, já analisado.

Se considerarmos o fim do mandato de Cyro Gevaerd em 1966 e também que ele assumiu cargos no governo do estado e ficou um tempo afastado da cidade, é possível que metade da população não o conhecesse em 1987 – isso poderia ajudar a explicar a confusão entre o Ciro Brabo e o Cyro Manso⁸⁹. Segundo Ciro Roza (2019), o ex-Prefeito Cyro Gevaerd era conhecido internacionalmente e afirma que foi graças a ele que Brusque conseguiu obter recursos para viabilizar vários projetos no seu governo. Retomando ainda em 1987, matéria

⁸⁹ Cyro Gevaerd narra que na visita do Presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, a Brusque, ele e Roza foram introduzidos da seguinte forma: "Em Brusque, já tivemos um Prefeito Ciro e agora temos outro. Só que o atual é o Ciro Brabo e o antigo era o Ciro Manso." Ver: GEVAERD, Cyro. Brusque em 10 Minutos **O Município**, Brusque. 02 jun. 1989. p. 8.

do jornal *O Município* anuncia Ciro Roza como diretor da Rádio Araguaia AM⁹⁰, como presidente do Brusque Futebol Clube⁹¹ e como empresário bem sucedido – listando seus empreendimentos comerciais⁹².

Gráfico 3: Propaganda das empresas do conglomerado Ciro Roza



Brushopping, Marisol, Atacadão Brusquense de Malhase Malharia do Ciro – empresas do conglomerado. O Município, Brusque, 23 dez. 1987. pp. 22-23.

O anúncio veiculado no fim de 1987 explica que "foi no início desta década que CIRO MARCIAL ROZA iniciou suas atividades industriais no ramo de malhas" e que seu rápido sucesso se deu por conta de sua "experiência de cursos de especialização no SENAI, em fiação de tecelagem, a prática desempenhada em várias indústrias de São Paulo, Santa

⁹⁰ Novo sistema integrado Rádios Araguáia FM e AM com Jornal O Município. **O Município**, Brusque, 25 set. 1987. Capa. Acervo SAB.

⁹¹ Dia 12 de outubro: Dia da criança, de Nossa Senhora Aparecida e o "Dia D" para o futebol brusquense: Brusque F.C. parte para o <tudo ou nada>. **O Município**, Brusque, 9 out. 1987. p. 1. Acervo SAB.

⁹² Brushopping. **O Município**, Brusque, 23 dez. 1987. pp. 22-23. Acervo SAB.

Catarina e Rio Grande do Sul, não foi difícil organizar e desenvolver por conta própria suas empresas". A nota continua indicando as áreas de seus 14 empreendimentos nos "segmentos da industrialização como fios, confecções e malhas, na área de vestuário. Já no setor primário, [...] cereais, adubos, fertilizantes, sementes, projetos agrícolas e pecuária em geral"⁹³. Destes 14 empreendimentos, 8 eram sediados em Santa Catarina, 5 no Mato Grosso e 1 no Mato Grosso do Sul – sendo um total de 8 fazendas.

Ciro Roza admitiu ser candidato em julho de 1988.⁹⁴ Em meados de julho uma nota anuncia seu "afastamento"⁹⁵, algo que é recorrente quando ele vai cuidar de suas fazendas no Centro Oeste e Norte do país. No fim do mês, a capa do jornal estampa show com Chitãozinho e Xororó, Engenheiros do Hawaii e Conjunto Os Serranos, e não é para menos, pois "como parte das comemorações do aniversário de Brusque, grandes espetáculos musicais serão realizados [...] com a chancela publicitária e decisiva colaboração do 'Grupo Marisol e Malhas do Ciro'"⁹⁶ No sábado Engenheiros do Hawaii no estádio do Paysandú, no domingo Os Serranos no Clube Santos Dumont e segunda-feira Chitãozinho e Xororó no estádio do Clube Atlético Carlos Renaux – em dias diferentes e em locais diferentes, a ação de Ciro Roza deve ter causado um impacto em Brusque – justamente na reta final para fechar as coligações⁹⁷.

Fechado o prazo para registro de candidaturas, quatro duplas concorreram no pleito de 15 de novembro de 1988: O vice-prefeito da época Zeno Heinig e o Promotor Público João José Leal pelo PMDB; o professor Valmir Coelho Ludvig com a comerciária Eudez Pavesi como vice pelo PT; os ex-prefeitos César Moritz e Alexandre Merico pela coligação PFL/PDS e; o empresário Ciro Marcial Roza e o político Heraldo João dos Santos na coligação PDT/PSDB. Durante o período eleitoral o Prefeito José Celso Bonatelli abandonou o PMDB⁹⁸ e passou a apoiar a candidatura de Ciro Roza – sendo apoiado por este dois anos depois quando foi eleito deputado estadual⁹⁹. Sobre Zeno Heinig, que concorria pelo PMDB,

⁹³ A malha do Ciro conglomerado em expansão que leva o nome de Brusque a todo o Brasil. **O Município**, Brusque, 23 dez. 1987, p. 23. Acervo SAB.

⁹⁴ Ciro Roza admite candidatura com FRENTE de 3 entre 4 partidos: PDT, PDS, PDC ou PFL. **O Município**, Brusque, 8 jul. 1988. p. 16.

⁹⁵ COSTA, Nilson. Ciro se afasta. **O Município**, Brusque, 22 jul. 1988. p. 4. Acervo SAB.

⁹⁶ Sensacional: Chitãozinho e Xororó, Engenheiros do Hawaii e Conjunto Os Serranos. **O Município**, Brusque, 29 jul. 1988. p. 1. Acervo SAB.

⁹⁷ Domingo, a definição completa da sucessão municipal. **O Município**, Brusque, 5 ago. 1988. p. 1. Acervo SAB.

⁹⁸ Celso Bonatelli sai do PMDB e vai ficar sem partido. **O Município**, Brusque, 23 set. 1988. p. 1. Acervo SAB.

⁹⁹ O próprio Ciro Roza lançou nota agradecendo a eleição de Bonatelli, eleito a deputado pelo PDT. Ver: Ciro Roza agradece. **O Município**, Brusque, 13 out. 1990. p. 3. e Ex-Prefeito parabeniza atual Administração

Bonatelli declarou que seu distanciamento foi motivado por conta da proximidade de Heinig com o deputado José Luiz Cunha, narrando o episódio da seguinte forma: "o Dr. Zeno afastou-se de nossos compromissos e passou a ter companhias pouco recomendáveis, totalmente desprovidas de competência e seriedade. Se eleito ele não governaria, porque a turma que passou a apoiá-lo é inconfiável"¹⁰⁰.

Após se tornar uma figura conhecida no ramo têxtil, de técnico a empresário bem sucedido¹⁰¹, com as obras de caridade e aquisição de cotas na imprensa, chegadas as eleições de 15 de novembro de 1988, Ciro Marcial Roza foi eleito Prefeito de Brusque¹⁰². Além dos vários elogios, é "inegável também, o fascínio que a ascensão meteórica do eleito causou nas camadas menos favorecidas da população que já o identificam como o 'Robin Hood' da década de 80."¹⁰³ No início de dezembro Ciro Roza anuncia que sua primeira obra será a Rodoviária¹⁰⁴ a ser iniciada em janeiro enquanto o Plano de Habitação iniciará em fevereiro. Havia apenas um detalhe: dos 15 vereadores, somente 5 eram da chapa PDT/PSDB. Outros 5 vereadores eram da chapa PSD/PFL e outros 5 do PMDB. Na oportunidade, Ciro Roza desejava "ao final de sua administração, deixar registrado o slogan da campanha 'a implantação de um novo tempo para Brusque', com um governo voltado em primeiro plano para o homem, melhorando sua condição e seu padrão de vida"¹⁰⁵. Foram praticamente três os eixos centrais no primeiro governo Ciro Roza (1989-1992) que modificaram a dinâmica da cidade: o início do uso de asfalto na pavimentação com as Avenidas Beira Rio e utilização delas enquanto canal extravasor com o intuito de amenizar as enchentes; o aparecimento dos prédios em estilo germânico.

Tão logo iniciou o mandato, Ciro Roza encaminhou solicitação de um projeto para resolver a questão do terreno da Rodoviária e um projeto à Câmara de Vereadores, pleiteando

¹⁰⁰ Municipal. **O Município**, Brusque, 17 nov. 1989. p. 1. Acervo SAB.

¹⁰¹ Entrevista de Bonatelli em COSTA, Nilson. Bonatelli se afasta do PMDB. **O Município**, Brusque, 23 set. 1988. p. 4. Acervo SAB.

¹⁰² O arquiteto Jorge Bonamente (2019) compara que o nome de Ciro Roza na década de 1980 tinha o mesmo apelo que o nome do empresário brusquense Luciano Hang, das lojas HAVAN, atualmente, com relação às pessoas comentarem que deveria se candidatar a Prefeito ou outro cargo.

¹⁰³ Ciro Roza (PDT) foi eleito com 10.547 votos, contra 8.096 de Zeno Heinig (PMDB), 4.401 de César Moritz (PDS/PFL) e 3.274 de Valmir Ludvig (PT). Podemos estimar a população de Brusque em 1988 em torno de 54.596 habitantes, sendo o eleitorado composto por 31.137 eleitores, tendo sido apurados 29.911 votos. Ciro Roza fez 36,05% dos votos, contra 27,67% de Zeno Heinig, 15,04% de César Moritz e 11,19% de Valmir Ludvig – sendo 10,04% brancos e 2,24% nulos. Sistema Histórico de Eleições. **Tribunal Regional Eleitoral – Santa Catarina**. Disponível em: <www.tre-sc.gov.br>. Acesso em: 19 jun. 2017.

¹⁰⁴ Ciro Marcial Roza é o novo Prefeito de Brusque. **O Município**, Brusque, 17 nov. 1988. p. 1 Acervo SAB.

¹⁰⁵ Rodoviária começará a ser construída em janeiro. **O Município**, Brusque, 2 dez. 1988. p. 1. Acervo SAB.

¹⁰⁵ Pingos nos ii (s) etraud. **O Município**, Brusque, 9 dez. 1988. p. 6. Acervo SAB.

uma Reforma Administrativa¹⁰⁶. A votação aprovando a reforma administrativa foi rápida ocorrendo já no primeiro dia de fevereiro de 1989¹⁰⁷. A prefeitura passou a operar com nove secretarias, 3 departamentos ligados diretamente à chefia de gabinete e com a CODEB¹⁰⁸. Ainda no início de 1989, a cabeceira da Ponte Mário Olinger estava comprometida com uma nova cheia do rio (a estrutura já havia ficado exposta desde a grande enchente de 1984), levando a Prefeitura a interditar o trânsito¹⁰⁹ pelo período de 60 dias¹¹⁰. Aproveitando o reparo, Ciro Roza determinou o içamento da ponte em 1,8m¹¹¹, tendo sido normalizado o tráfego já em dezembro de 1989¹¹². O içamento fez coro ao projeto do canal extravasor que pretendia amenizar os efeitos das cheias do Itajaí-Mirim.

Por conta da topografia onde se estabeleceu o município e do modelo de ocupação do solo, Brusque sofreu recorrentemente com enchentes desde o estabelecimento da colônia em 1860¹¹³. Embora se ventilasse a possibilidade de “cortes” no rio Itajaí-Mirim desde os primórdios da colônia, com a finalidade de encurtar a distância das viagens até Itajaí¹¹⁴ ou

¹⁰⁶ Reforma Administrativa. **O Município**, Brusque, 20 jan. 1989. p. 1. Acervo SAB.

¹⁰⁷ Aprovada a reforma administrativa. **O Município**, Brusque, 3 fev. 1989. p. 1. Os vereadores Antonio Maluche Neto, Érico Day, Ivo Mário Melato, Marcus A. L. da Silva, Norival Fischer e Osmar Ristow publicaram ponderações do motivo de serem contra a reforma administrativa apresentada por uma série de questões que desrespeitavam a Constituição Federal de 1988 MALUCHE NETO, A., DAY, Érico, et alii. Reforma administrativa: Por que nos posicionamos contra o projeto-lei n. 001/89. **O Município**, Brusque, 10 mar. 1989.

¹⁰⁸ Os departamentos ligados à chefia de gabinete eram o de promoção social, jurídico e de imprensa. À frente da CODEB estava o vice-prefeito Heraldo João dos Santos. Nas 9 secretarias estavam nomeados: 1) Fazenda (Ivo Barni); 2) Urbanismo e obras públicas (arq. Rubens Aviz); 3) Indústria e comércio (industrial Hilário Zen); 4) Educação (professor Celso Westrupp); 5) Agricultura e abastecimento e meio ambiente (Osmar Lopes Sobrinho); 6) Administração (Bento Ademir Vogel); 7) Saúde (médico Antônio Carlos Pucci de Oliveira, sendo substituído pelo médico Osvaldo Quirino de Souza em abril de 1992); 8) Esporte e turismo (César Murilo Roza, irmão do Prefeito) e; 9) Assuntos para a Juventude (Herbert Pastor, que dirigia antes o departamento de Marketing da empresa da família, a Buettner, e dirigiu também o jornal *O Município*). Informações coletadas em várias edições de *O Município* durante 1989. Acervo SAB.

¹⁰⁹ Recuperação de ponte deverá durar 2 meses. **O Município**, Brusque, 3 fev. 1989. p. 1.

¹¹⁰ Ponte volta para o tráfego normal em 30 dias. **O Município**, Brusque, 10 mar. 1989. p. 1.

¹¹¹ Prefeitura vai contratar empresa para içar ponte. **O Município**, Brusque, 8 set. 1989. p. 3. Definido içamento da ponte Arthur Schloesser. **O Município**, Brusque, 29 set. 1989. Empresa iniciou içamento de ponte. **O Município**, Brusque, 17 nov. 1989. p. 13. Acervo SAB.

¹¹² Normalizado o tráfego na ponte Arthur Schloesser. **O Município**, Brusque, 22 dez. 1989. p.1. Acervo SAB.

¹¹³ Para saber mais, consultar as páginas “Enchentes em Brusque”. (NIEBUHR, 2012, pp. 134-139). Cabral (1958, p. 42) reproduz correspondência do administrador da colônia Maximilian von Schnéeburg comentando as cheias já nos primeiros meses, em 24 de outubro de 1860. Vale lembrar que os colonos chegaram em 4 de agosto daquele mesmo ano.

¹¹⁴ Mossimann (2010, pp. 30-31) comenta que “a visão daqueles primeiros diretores da colônia já se voltava para uma solução técnica, senão definitiva, pelo menos amenizadora de seus efeitos, a do desvio dos leitos, a retificação de seus meandros. Em 1862 Schnéeburg providenciou a retificação de pequenos trechos do rio Guabiruba e em 1872 o Dr. Luiz Betim Paes Leme gastava 269\$000 no desvio do rio Itajaí-Mirim próximo à aldeia, sob pressão dos moradores da rua das Carreiras”. Para se ter uma ideia, em 1860 os colonos teriam levado 6 dias para subir o Itajaí-Mirim de Itajaí até o Centro de Brusque (CABRAL, 1958, p. 9). A sinuosidade do Itajaí-Mirim foi comentada por Cabral (1958, p. 109) e Seyferth (1974, p. 47) que comenta o seguinte: “a comunicação era feita pelo rio com a vila de Itajaí, as construções foram edificadas perto do rio

mesmo de amenizar as cheias, os anseios só foram atendidos após a grande enchente de novembro de 1961, ano inicial do mandato do ex-Prefeito Cyro Gevaerd (fev. 1961-jan. 1966)¹¹⁵. No pós-enchente, o jornal *O Município* publicou artigo do deputado Orlando Bertoli (PSD)¹¹⁶ que cobrava ação do poder executivo. Segundo o representante de Rio do Sul na ALESC,

Planos foram estudados em várias ocasiões. Planos foram elaborados, levantamentos técnicos foram efetuados, grupos de trabalho foram organizados, pessoas entendidas e abalizadas foram ouvidas, depoimentos preciosos foram registrados, mas, até o momento, nenhuma medida de ordem prática foi tomada para que o assunto fosse equacionado e resolvido definitivamente em termos razoáveis.

As grandes enchentes do ano de 1957, tiveram o condão de movimentar em termos técnicos as equipes do Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República. O Grupo de Trabalho encarregado de estudar a regularização do Vale do Itajaí, dispõe dos elementos concretos para pôr em marcha o plano de defesa do Vale com as implicações de reaproveitamento das áreas normalmente alcançadas.

Já em 1959, o atual Governador Celso Ramos, então Presidente da Federação das Indústrias de nosso Estado, participara de uma reunião na antiga Capital da República, onde oferecerá seu depoimento ao grupo de técnicos presidido pelo Dr. Camilo de Menezes, grupo esse que estava planejando o problema para providências posteriores.¹¹⁷

Ainda no artigo, Bertoli¹¹⁸ comenta que na reunião dos Governadores do extremo sul, realizada em março daquele ano, Alcides Abreu, coordenador geral da formulação do documento elaborado pelo Governo de Santa Catarina para a reunião, apontou como resultados dos trabalhos técnicos existentes sobre o assunto quatro pontos genéricos dos quais no primeiro constou a sugestão específica da construção de 5 barragens no Vale do Itajaí, dentre elas uma no Vale do Itajaí-Mirim, até hoje inexistente, embora recorrentemente cogitada. A pouca distância temporal e a mobilização dos técnicos pós-enchente de 1957, que

em local próprio para um ancoradouro.” Seyferth (1974, p. 98) comenta que “Qualquer deslocamento, mesmo para um centro comercial mais próximo (no caso, o porto de Itajaí), demorava de uma semana a quinze dias”. Em depoimento fornecido por João Jorge Kormann à revista Notícias de Vicente-Só foi informado que “Brusque dispunha, para escoar suas mercadorias e importar gêneros de que necessitava, de uma frota de lanchas que perfaziam a distância Brusque-Itajaí [...] Pelo Itajaí-Mirim, a distância entre Brusque e Itajaí perfazia uns 100 quilômetros. Sete-oito horas para a ida e 1 dia para a volta. (1977, pp.95-96).

¹¹⁵ Brusque ficou debaixo d’água. **O Município**, Brusque. 11 nov. 1961. Capa.

¹¹⁶ Bacharel em Direito, nascido em Rio do Sul em 1927. Iniciou sua carreira política elegendo-se vereador em Rio do Sul em 1950, sendo empossado em fevereiro de 1951. Foi eleito deputado estadual em 1954, se reelegendo em 1958 e em 1962 passando à Câmara como Deputado Federal, exercendo o mandato entre fevereiro de 1963 e janeiro de 1971, com algumas interrupções. BERTOLI, Orlando. Verbete. **CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. FGV: Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bertoli-orlando>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

¹¹⁷ Será possível evitar as enchentes? **O Município**, Brusque, 18 nov. 1961. Capa.

¹¹⁸ Ibidem.

ainda estavam mobilizados, parece ter favorecido que de fato uma ação fosse iniciada após a enchente de novembro de 1961, tanto é que em 21 de março de 1962 o diretor do DNOS, Carlos Krebs, acompanhado por engenheiros do órgão, esteve em Brusque para tratar de assuntos relacionados às cheias¹¹⁹.

Em meados de maio de 1962 os serviços de retificação do rio Itajaí-Mirim foram iniciados na região central de Brusque entre as pontes Irineu Bornhausen e Mário Olinger¹²⁰. Em 25 de abril de 1965 esteve em Brusque o Engenheiro José Bessa, chefe do DNOS, para tratar das obras de retificação do Itajaí-Mirim, Vala da Primeiro de Maio¹²¹ e Pontilhão da rua Gustavo Schlösser¹²².

Em maio de 1966, na gestão do Prefeito Antônio Heil (fev. 1966-jan.1970), a retificação estava próxima do cortume brusquense no bairro Rio Branco, onde atualmente fica a empresa Irmãos Hort¹²³. Outras obras foram realizadas pelo DNOS, como o muro de arrimo nas margens do Itajaí-Mirim próximo à Ponte Irineu Bornhausen, vala no bairro Azambuja, vala rua São Pedro, dragagem do rio. Este conjunto de obras pareceu dar segurança à população de Brusque. Após 10 anos de início das obras, em 1972, durante a gestão do Prefeito José Germano Schaeffer (fev. 1970-jan. 1973), quando da ocorrência de chuvas torrenciais, o ex-Prefeito Cyro Gevaerd comentou que apesar do “volume de água superior à enchente de 1961 [...] a retificação do Itajaí Mirim impediu nova catástrofe com perdas que seriam incalculáveis”¹²⁴.

No ano seguinte, em novembro de 1973, durante a gestão do Prefeito César Moritz (fev. 1973-jan. 1977), a retomada da correção do Rio Itajaí-Mirim ocorreu nas proximidades da ponte Arthur Schloesser. Em seguida a draga seguiria para as proximidades da rua Benjamin Constant, “único trecho do centro da cidade que ainda não foi retificado” e que “concluídas as obras, a população brusquense poderá respirar aliviada, livre que estará definitivamente das periódicas catastróficas cheias do rio Itajaí-Mirim que tantos transtornos e

¹¹⁹ Notas do Gabinete do Prefeito. **O Município**, Brusque. 24 mar. 1962, p. 8.

¹²⁰ A retificação do Rio ameaçada de paralizar. **O Município**, Brusque. 9 jun. 1962. Capa.

¹²¹ A retificação das valas dos bairros Primeiro de Maio e Azambuja já faziam parte dos pleitos do Prefeito Cyro Gevaerd em uma visita que este fez á capital federal em 1961, juntamente com a ligação com a BR-59 (atual BR-101), convênio com a Fundação SESP para o serviço de abastecimento de água e “defesa da margem do Rio Itajaí-Mirim” nas proximidades da Ponte Irineu Bornhausen. Ver: Prefeito no Rio: Serviço de Água – Avicultura – Saneamento – BR-59 – Defesa da Margem do Itajaí Mirim – Reivindicações. **O Município**, Brusque. 1 jul. 1961. p. 8.

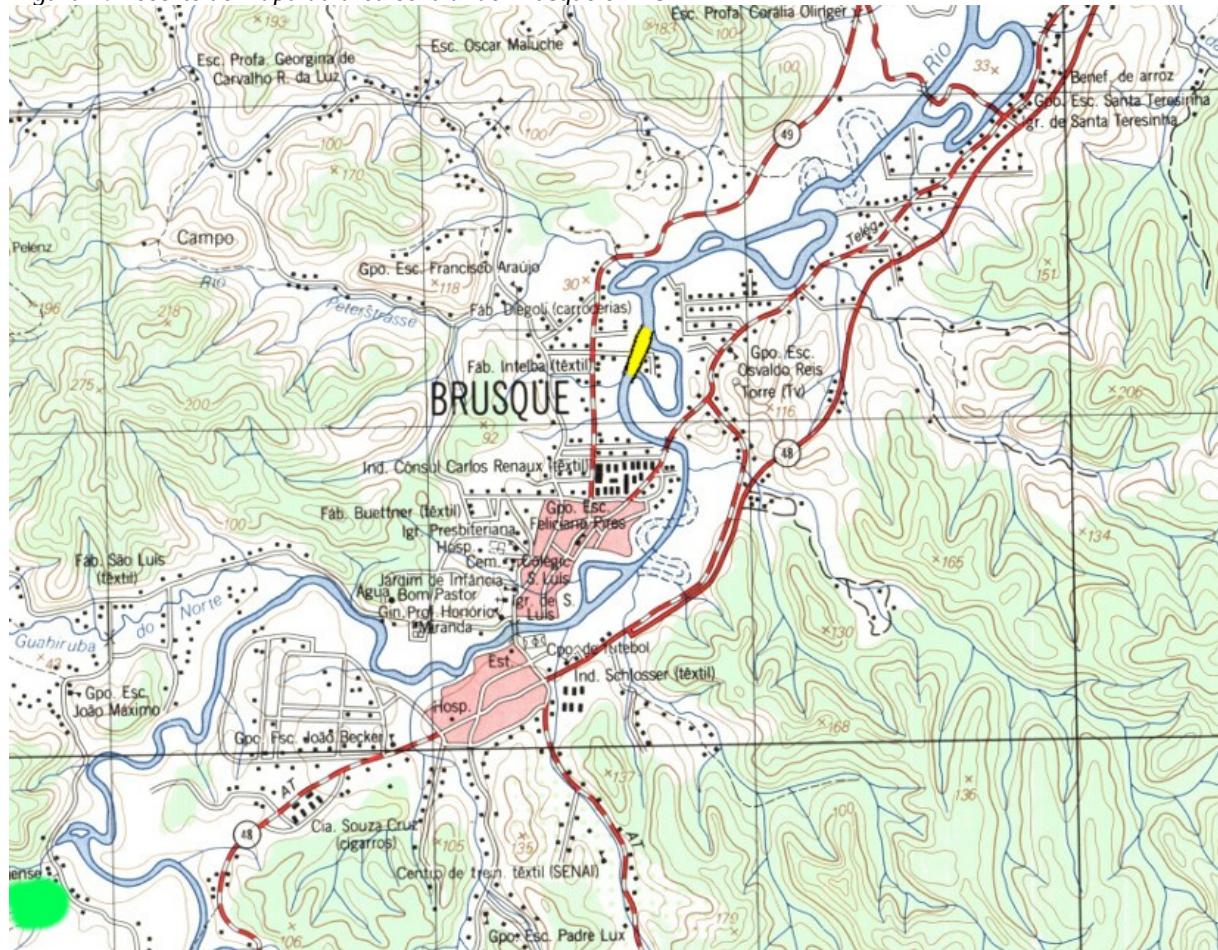
¹²² Engº José Bessa visita as obras do DNOS e Prefeitura de Brusque. **O Município**, Brusque. 30 jan. 1965.

¹²³ Noticiários da Prefeitura de Brusque. **O Município**, Brusque. 13 mai. 1966.

¹²⁴ GEVAERD, Ayres. A Rua das Carreiras. A Dorly G. Schlösser. **O Município**, Brusque. 21 abr. 1972. p. 3.

prejuízos já causaram a nossa cidade”¹²⁵.

Figura 4: Recorte de mapa da área central de Brusque em 1974



Fragmento de carta do IBGE datada de 1974. No lado esquerdo, na parte inferior, uma bola verde assinala a região do Cortume Brusquense, que estava sendo retificada em 1973. No centro do mapa, ao lado direito da palavra “BRUSQUE”, em amarelo, está assinalado o futuro corte do Rio Itajaí-Mirim na rua Benjamin Constant, que finalizaria os trabalhos de retificação na região Central. Fonte: IBGE. Disponível em: <http://enciclopedia.brusque.sc.gov.br/index.php/Arquivo:FOLHA_IBGE_SG-22-Z-D-II-1.jpg>. Acesso em: 14 mar. 2019.

A previsão de início do corte na rua Benjamin Constant foi estipulada para abril de 1974¹²⁶. Porém, um pouco antes, em março de 1974 violentas chuvas atingiram a cidade ocasionando

na Avenida 1º de Maio, com o transbordamento da vala, na rua Azambuja com novos deslizamentos no morro do Sindicato e principalmente nas regiões próximas de morros, onde simples ribeirões transformaram-se em caudalosos cursos de água, como o ribeirão da Ponta Russa, que de um metro de largura em certos trechos

¹²⁵ DNOS reinicia correção do Rio Itajaí-Mirim. **O Município**, Brusque. 23 nov. 1973. p. 8.

¹²⁶ Prossegue a retificação do Rio Itajaí-Mirim. **O Município**, Brusque. 22 fev. 1974. Capa.

alcançou até 12 metros entre uma e outra margem.¹²⁷

A retificação foi notícia na imprensa ainda por mais quatro vezes em 1974¹²⁸. Somente em julho de 1975 a retificação da região da INTELBA (que incluía o corte da rua Benjamin Constant) foi concluída¹²⁹. Em setembro do mesmo ano, foi reiniciada a retificação numa extensão de um pouco mais de 1km a partir da ponte Irineu Bornhausen em direção à nascente¹³⁰, tendo sido a obra concluída posteriormente até a foz do Rio Itajaí-Mirim, em seu encontro com o Itajaí-Açú. Portanto, a retificação na região central de Brusque ocorreu entre 1962 e 1975, atravessando os mandatos dos Prefeitos Cyro Gevaerd, Antônio Heil, José Germano Schaeffer e César Moritz.

Durante o governo de Alexandre Merico (fev. 1977-jan. 1983), a questão das cheias parecia estar resolvida e um projeto de 22 anos atrás foi retomada: Avenida Beira Rio. Em meados de 1965, durante o governo de Cyro Gevaerd, “A famosa Avenida Beira Rio já está[va] com suas obras iniciadas, defronte a Telefônica nas imediações da Ponte Irineu Bornhausen”¹³¹. Para efeitos de comparação, a Beira Rio de Blumenau foi aberta no final da década de 1960 (VEIGA, 2013, p. 138, n.d.r 77). A desapropriação desse primeiro trecho da Beira-Rio de Brusque só ocorreu em meados de 1969 durante o governo do Prefeito Antônio Heil¹³². Após o término de seu mandato no início de 1966, já em outubro de 1971, ao ser questionado sobre se teria “alguma sugestão a oferecer no interesse da administração municipal e no seu melhor aproveitamento”, na seção “Aqui fala o Povo”, o ex-Prefeito Cyro Gevaerd resumiu em três as sugestões que entendia válidas ao Prefeito José Germano Schaeffer:

a) Aproveitar o criterioso e sério trabalho realizado pelo Rotary, no Movimento pró Desenvolvimento de Brusque, acatando as 6 sugestões conclusivas para acionar o processo de recuperação desenvolvimentista de nossa terra. É um diagnóstico excepcional e estabelece um plano absolutavel (sic) viavel para melhorar as condições de vida de nosso povo, seu poder aquisitivo e ampliar o mercado de trabalho. b) Construção de 2 avenidas Beira-Rio, entre as duas pontes e ambas as margens. Bem iluminadas, ajardinadas e arborizadas, com enrocamento do Rio para proporcionar um belo espelho d’água. Com a desapropriação dos terrenos e

¹²⁷ RETIFICAÇÃO do Rio salva Brusque de nova enchente. **O Município**, Brusque, 29 mar. 1974. p.2.

¹²⁸ Retificação do Itajaí-Mirim. **O Município**, Brusque. 11 out. 1974. p. 8. Retificação do Itajaí Mirim. **O Município**, Brusque. 13 dez. 1974. Capa. Prefeitura e DNOS estão realizando importantes obras em Brusque. **O Município**, Brusque. 15 nov. 1974. p. 3.

¹²⁹ Retificação do Rio Itajai-Mirim. **O Município**, Brusque, 4 jul. 1975. p. 8.

¹³⁰ DNOS reinicia retificação do Itajaí-Mirim. **O Município**, Brusque. 5 set. 1975.

¹³¹ Notas do Gabinete do Prefeito: Novas Obras de Embelezamento da Cidade. **O Município**, Brusque. 24 jul. 1965 p.8

¹³² Brusque. Lei nº 390 de 22 de abril de 1969. Declara de utilidade pública. Foram desapropriados 3.531m² destinados “à abertura de uma via pública partindo do largo 4 de Agosto, até o entroncamento com uma rua projetada, beirando as margens do rio Itajaí-Mirim”. Acervo PGM.

utilização, posterior, para cometimentos comerciais ou turísticos, a própria valorização pegaria a importante obra. c) Deflagração de um plano de obras de urbanização com obtenção de recursos do BNH e outras fontes, nas ruas centrais e avenidas, para construção de calçadas, muros e outras benfeitorias, com financiamento a longo prazo para não sobrecarregar a já exaurida bolsa popular. É um plano fácil e de extraordinário efeito.¹³³

A segunda questão versava sobre a possibilidade de instalação de campings para atrair turistas do litoral. Gevaerd responde que “Brusque, logo que tiver uma estrada asfaltada [...] poderá tratar seriamente da vinda de turistas [...] De qualquer forma o Camping é muito boa iniciativa e o local já está a disposição: o Parque da Caixa D’Água, com algumas adaptações apenas”¹³⁴. No ano seguinte, em 1972, Cyro Gevaerd comenta em sua coluna que

Uma das mais importantes obras urbanas, entre as duas pontes sobre o Rio Itajaí Mirim poderá ser iniciada ainda este ano, embora a atual administração não tenha condições de concluir-la.

Trata-se da projetada Avenida Beira-Rio, cujo objetivo principal, além da urbanização daquela importante região, será o desvio do tráfego que escoa pela Rua Hercílio Luz, em demanda a Itajaí e Blumenau.

O projeto deverá prever a construção dos muros de arrimo, na continuidade do trecho iniciado em 1965, graças ao convênio celebrado pela Prefeitura e DNOS.¹³⁵

Cyro Gevaerd foi serventuário da justiça e vereador no município, porém ganhou notoriedade mesmo por ter sido o "homem do Centenário", justamente por ter estado à frente das festividades alusivas ao Centenário de Fundação da Colônia Itajahy-Brusque¹³⁶. Eleito Prefeito em 1960 – ano do Centenário –, cumpriu o mandato até 1966, quando assumiu o comando da SANTUR¹³⁷, retornando a Brusque anos depois. A sugestão de Cyro Gevaerd, em fevereiro de 1972, parece ter ecoado pois em junho do mesmo ano:

A notícia mais alvissareira que nos chegou ao conhecimento é que o Prefeito José Germano Schaefer vai iniciar de imediato a construção da Avenida Beira-Rio, velho sonho da população de Brusque.

¹³³ Aqui fala o povo. **O Município**, Brusque. 22 out. 1971. p. 3

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ GEVAERD, Cyro. BRUSQUE em 10 minutos. **O Município**, Brusque. 11 fev. 1972g. p. 8.

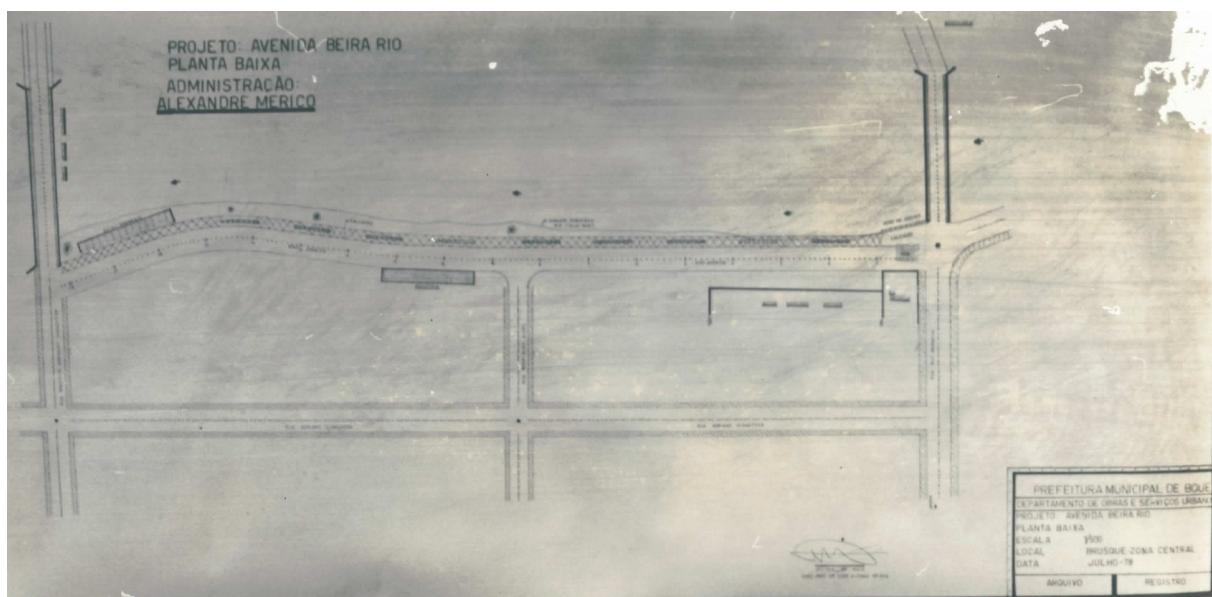
¹³⁶ A entrevista da semana. **O Município**, Brusque, 21 mai. 1960. p. 10.

¹³⁷ Entre suas principais realizações/acontecimentos durante sua gestão podemos listar: criação do SAMAE em fevereiro de 1961; inauguração da Praça Vicente-Só em maio de 1961; renúncia de Jânio Quadros em setembro de 1961; grande enchente de 1 de novembro de 1961; início da retificação do Itajaí-Mirim em abril de 1962; emancipação de Guabiruba e Botuverá em maio de 1962; início do calçamento da Av. 1º de Maio em junho de 1962 – concluído em julho de 1965; início da construção de estrada Brusque-Gaspar em agosto de 1963; captado sinal de televisão em Brusque em setembro de 1963; presidente João Goulart deposto em abril de 1964; aquisição de máquina de fabricar meio-fio pela prefeitura em agosto de 1964; início da construção de novo edifício do Paço Municipal em tipologia modernista em maio de 1965; início da Beira Rio próxima ponte Irineu Bornhausen em julho de 1965; pavimentada Av. Getúlio Vargas em novembro de 1965; pavimentada Av. Otto Renaux em janeiro de 1966; reinaugurada a rede de água em janeiro de 1966. Informações colhidas dos jornais **O Município** entre 1960 e 1966, disponíveis na Casa de Brusque.

Na primeira etapa, será feito o trecho entre as duas pontes para permitir maior desembarço do trânsito de veículos dentro da cidade.¹³⁸

Após um hiato de cinco anos, já no primeiro dia da administração (fev. 1977-jan. 1983) do Prefeito Alexandre Merico, em fevereiro de 1977, uma coletiva de imprensa foi convocada e foi revelado o Plano de Governo. Dentre as várias ações destacadas, na área de urbanização, a ação elencada como número 4 foi a de "abertura e calçamento da Beira-Rio, ligando a ponte Irineu Bornhausen à ponte Mário Olinger"¹³⁹.

Figura 5: Projeto Av. Beira Rio - Planta Baixa Admin. Pref. Alexandre Merico 1978



Planta baixa do primeiro trecho da Av. Beira Rio margem esquerda elaborada em julho de 1978 durante o governo Pref. Alexandre Merico. A obra foi executada somente até a metade, na rua Paes Leme. Para comparação com o Mapa 1, este trecho se refere à parte colorida em vermelho, porém, o norte fica para baixo nesta imagem. Acervo Sala Brusque.

A planta baixa do projeto da Avenida Beira Rio, entre as pontes Arthur Schloesser (esquerda, no mapa) e Irineu Bornhausen (direita, no mapa), elaborada em julho de 1978, dependia de recursos externos uma vez que para a sua execução era necessário aterramento e construção de muro de arrimo com gabiões¹⁴⁰, porém a Câmara de Vereadores recusou um projeto que visava a permuta de imóveis por conta da discrepância de seus tamanhos, sendo um único imóvel a causa do entrave¹⁴¹. Era desejo de Merico executar a Beira-Rio entre as

¹³⁸ Novo programa de obras da Prefeitura. **O Município**, Brusque. 2 jun. 1972. Capa.

¹³⁹ Plano de governo de Alexandre Merico. **O Município**, Brusque. 11 fev. 1977. p. 4.

¹⁴⁰ Merico pede recursos para a Avenida Beira-Rio. **O Município**, Brusque, 21 mar. 1980a. p. 1.

¹⁴¹ Brusque com sérios problemas: Esgoto sanitário e Beira-Rio. **O Município**, Brusque, 13 jun. 1980, p. 3.

três pontes¹⁴². Não obstante as dificuldades, o Prefeito Alexandre Merico desapropriou terrenos no trajeto da Avenida projetada¹⁴³ e iniciou a obra com a montagem de gabiões¹⁴⁴. O trecho entre a ponte Irineu Bornhausen e a rua Paes Leme foi finalizado durante a gestão do Prefeito Alexandre Merico no seu último ano¹⁴⁵, tendo o resto sido continuado durante o governo Ciro Roza¹⁴⁶.

Em janeiro de 1983 assumiu a Prefeitura o médico paulista José Celso Bonatelli (mandato até dezembro de 1988). Logo em junho e julho de 1983 as chuvas castigaram o Vale do Itajaí. O Itajaí-Açú causou uma grande enchente nos municípios de Blumenau, Ilhota e Itajaí. Com relação ao Itajaí-Mirim, não chegou a causar grandes problemas, tanto é que as notícias veiculadas no jornal *O Município* versavam de modo genérico o Vale do Itajaí, com foco em Blumenau e Itajaí¹⁴⁷. A Prefeitura e o Tiro de Guerra chegaram a acudir o município de Ilhota que

durante o período mais crítico da enchente (9 a 15 de julho), quando 90% de nossa cidade estava inundada, completamente isolada do restante do município e das demais cidades do Estado, nossa sobrevivência dependeu quase que exclusivamente da grandiosa ajuda material (roupas, agasalhos, água potável e alimentos) e humana (pessoal médico, de transporte e militar), prestada por nossos irmãos brusquenses.¹⁴⁸

No ano seguinte, em 5 de fevereiro de 1984, as chuvas causaram grandes estragos em

¹⁴² Merico fala de sua administração e aborda grandes problemas políticos. **O Município**, Brusque, 18 jan. 1980, p. 8.

¹⁴³ Brusque. Lei nº 948, de 5 de dezembro de 1980. Autoriza o poder executivo municipal a declarar de utilidade pública para fins de desapropriação e dá outras providências. In: **O Município**, Brusque, 30 jan. 1981. p. 6. Também disponível em: <<http://leismunicipa.is/agnk>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

¹⁴⁴ Av. Beira-Rio terá proteção de gabiões. **O Município**, Brusque, 30 jan. 1981. p. 3.

¹⁴⁵ Merico traz de Brasília substanciosos recursos de apoio à sua administração. **O Município**, Brusque, 29 jan. 1982. p. 1. Acervo SAB.

¹⁴⁶ O servidor aposentado Vilton de Melo, responsável por acompanhar as obras, informou por telefone em 26 jun. 2017 que a obra teria sido finalizada no terceiro ano da gestão do Pref. Alexandre Merico e que só foi retomada na gestão Ciro Roza. Vilton de Melo formou-se agrimensor na Escola Federal em Florianópolis e, logo após, foi convidado a trabalhar no PLAMEG – Plano de Metas do Governo do Estado de Santa Catarina. No PLAMEG ele foi alocado em Brusque para as obras das rodovias ligando Brusque a Itajaí, a Botuverá e a Gaspar. Em 1974 foi convidado pelo Prefeito César Moritz a trabalhar na Prefeitura de Brusque, onde permaneceu até sua aposentadoria, em 2009. (GIANESINI, Luiz. Entrevista Vilton de Melo. Sala Brusque Virtual. Publicado originalmente no jornal Em Foco, Brusque, 13 set. 2011. Disponível em: <http://enciclopedia.brusque.sc.gov.br/index.php/Entrevista_Vilton_de_Melo_-_Luiz_Gianesini>. Acesso em: 27 jun. 2017.) A informação de Melo parece ser conflitante pois iniciado em 31 de janeiro de 1977, a obra deveria ter sido executada entre 1979-1980, porém, encontramos notícia no jornal **O Município** em 5 de dezembro de 1980 uma lei desapropriando terrenos que margeavam o Rio Itajaí-Mirim, o que nos leva a crer se tratar dos trechos que serviriam para a implementação da Beira Rio. Em 5 de junho de 1981 uma notícia sobre o início da colocação dos gabiões e em 29 de janeiro de 1982 uma entrevista na qual o Prefeito Alexandre Merico diz querer terminar o primeiro trecho da Beira Rio até o final do ano.

¹⁴⁷ Por que tem chovido tanto? **O Município**, Brusque. 10 jun. 1983. Capa. A enchente e suas consequências. **O Município**, Brusque. 15 jul. 1983. Capa. Empréstimo compulsório para socorro às enchentes. **O Município**, Brusque. 22 jul. 1983. Capa.

¹⁴⁸ Ilhota, Comunidade de. Ao povo Brusquense. **O Município**, Brusque. 29 jul. 1983. Capa.

Brusque, ocasionando a morte de uma pessoa que foi arrastada pelas águas na Avenida Primeira de Maio¹⁴⁹. O Prefeito Celso Bonatelli conversou por telefone com o diretor do DNOS Aurélio Remor, que disse estar “consciente da necessidade de açoreamento dos ribeirões, assim como a dragagem do Rio Itajaí-Mirim, e [...] que virá pessoalmente a Brusque para verificar ‘in loco’ os problemas e buscar as soluções”¹⁵⁰. Na ocasião diversas regiões da cidade foram inundadas. Segundo o Prefeito Celso Bonatelli, em junho de 1984, “o sistema de esgotos do município sofreu sérios abalos em sua estrutura, além do que estava faltando. [e que] Não devemos pensar só nas cheias que ocorreram no Rio Itajaí-Mirim, mas também naquelas que aconteceram nos muitos ribeirões aqui existentes”¹⁵¹.

A retificação do Itajaí-Mirim revelava outro problema relacionado às inundações em diversas regiões da cidade, tirando do rio o foco do problema. Porém, em 6 de agosto de 1984 a cidade foi tomada por uma enchente de grandes proporções, que lembrou a enchente de novembro 1961. O termo “grandes proporções” é empregado, pois enchentes de menor proporção ocorreram em fevereiro de 1966,¹⁵² agosto de 1972,¹⁵³ agosto de 1973¹⁵⁴ e agosto de 1977¹⁵⁵. Estas enchentes de menor proporção que ocorreram entre 1961 e 1984, reforçavam até então a ideia de que as obras de retificação do Itajaí-Mirim teriam sido suficientes para livrar Brusque de uma nova enchente.

Se a crítica do deputado Orlando Bertoli, em 1962, apelava para a ação, em março de 1985 a iniciativa da reação pós-enchente culminou na criação por parte da Associação Comercial e Industrial de Brusque e o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque e Itajaí de uma comissão para estudo das enchentes¹⁵⁶. Sobre essa comissão não houve mais notícia nas páginas de *O Município*, porém, no pós-enchente foram encomendados dois estudos pelo Prefeito Celso Bonatelli, o primeiro elaborado pela Universidade de Santa Maria e o segundo pela Universidade Federal do Paraná.

Em 1986 o arquiteto e urbanista Jorge Bonamente se graduava na UFSC. Um ano depois ele ingressara no corpo técnico da Prefeitura, no penúltimo ano da gestão do Prefeito

¹⁴⁹ Morte em Brusque. **O Município**, Brusque. 10 fev. 1984. Capa.

¹⁵⁰ Secretário da Reconstrução atende primeiras solicitações de Brusque. **O Município**, Brusque. 10 fev. 1984. Capa; p. 8.

¹⁵¹ Bonatelli satisfeito com o desempenho de sua administração: Entrevista a Julvania Paduano. **O Município**, Brusque. 15 jun. 1984. p. 2.

¹⁵² Chuva e enchente destruíram várias pontes. **O Município**, Brusque, 18 fev. 1966.

¹⁵³ GEVAERD, Cyro. Brusque em 10 minutos. **O Município**, Brusque. 11 ago. 1972. p. 8.

¹⁵⁴ Enchente causa danos em Brusque. **O Município**, Brusque, 31 ago. 1973.

¹⁵⁵ Enchente em Brusque. **O Município**, Brusque, 19 ago. 1977.

¹⁵⁶ Criada comissão para estudos das enchentes. **O Município**, Brusque. 22 mar. 1985. p.8.

Celso Bonatelli. Questionado sobre os planos, Bonamente comentou que “por conta da enchente foi contratada a Universidade de Santa Maria para fazer esse diagnóstico” e que o plano da UFSM visava “um aspecto mais regional, das grandes vocações, de uma certa maneira ambiental [...] foi mais um trabalho de paisagem, de vocação agrícola e de áreas que não deveriam ser mexidas” (BONAMENTE, 2019). Essa diagnóstico ficou pronto em junho de 1986 e foi denominado “Plano Integral de Manejo da Bacia Hidrográfica do Itajaí-Mirim, contratado pela Prefeitura Municipal de Brusque ao Departamento de Engenharia Rural da Universidade Federal de Santa Maria”¹⁵⁷. Segundo um dos responsáveis pela elaboração do plano, o engenheiro florestal Dr. José Sales Mariano da Rocha, “o mau uso do solo é o principal causador das enchentes inundatórias da Bacia do Itajaí-Mirim”¹⁵⁸. Dividindo a bacia do Itajaí-Mirim em 19 microbacias,

Como sugestão para prevenção e controle das cheias o “Plano” apresenta diversas medidas: proibição imediata do corte de árvores em terrenos com declividade superior a 25°, controle do desmatamento, pesca, caça, corte de lenha e queimadas pelo IBDF; orientação aos agricultores no sentido de reflorestar as áreas que foram derrubadas e não estão sendo cultivas; faixas de contenção com igual largura à faixa de plantio, preservação de uma área mínima de 20 metros de largura às margens dos rios, paralisação total e imediata das queimadas, início imediato de orientação de preservação do meio ambiente nas escolas primárias e secundárias; plantio de vegetação arbustivas áreas de cultura do fumo que se localizam as encostas ingremes, deter o processo de erosão laminar nas encostas ingremes quando a terra é trabalhada para se efetuar o reflorestamento através da construção de sebes, obras transversais com a utilização de troncos de árvores, soleira, cinto e barragem de madeira, outras longitudinais como revestimento do leito do rio, defesa das margens por meio de espigões transversais e longitudinais ou estradas para exploração de madeira sem a aprovação do IBDF, e criação de mini-bosques pelos proprietários de estufas.¹⁵⁹

Atendidos os requisitos do plano, a afirmação é de que mais do que 50% da água das chuvas seriam absorvidas pelo solo, evitando as enchentes em um prazo de 10 anos. Se o mau uso do solo foi apontado como um dos grandes causadores das cheias, o que se processou após a enchente de 1984 foi uma intensificação do mau uso do solo, quando as pessoas começaram a construir nas encostas dos morros para fugir da enchente (BONAMENTE, 2019). O diagnóstico elaborado pela UFSM parecia não ser o que Brusque queria, tanto é que outro diagnóstico foi encomendado, dessa vez elaborado pela UFPR. Em 23 de fevereiro de 1988 a Prefeitura recebeu

o resultado dos trabalhos encomendados ao Centro de Hidráulica e Hidrologia PARIGOT DE SOUZA, da Universidade Federal do Paraná, denominado ‘ESTUDOS DAS CHEIAS NA CIDADE DE BRUSQUE’. Os engenheiros Heinz

¹⁵⁷ Pronto o plano para contenção das enchentes. **O Município**, Brusque, 16 mai. 1986, p. 10.

¹⁵⁸ Ibidem.

¹⁵⁹ Ibidem.

Rieter Fill e Ingrid Illich, do referido órgão e da Copel fizeram uma explanação das opções e soluções que, no entender desses técnicos, podem resolver o problema das cheias em nossa região.

As três opções se resumem nas seguintes obras: 1) construção de diques (com custo projetado de 12 milhões de dólares), 2) implantação de uma barragem com 20 mts de altura para armazenar 300 milhões de litros de água com custo previsto de 6 milhões de dólares e, finalmente, 3) que entendem mais viável técnica e financeiramente, a dragagem do Rio e a construção de 5 quilômetros de um canal trapezoidal, com as margens revestidas de placas de cimento, ao custo atual de 3 milhões de dólares”¹⁶⁰

O canal trapezoidal era a solução mais econômica apontada dentre as várias sugestões para a mitigação do problema das cheias. Foi justamente unindo esta última sugestão à sugestão do ex-Prefeito Cyro Gevaerd, de construir a Beira-Rio nas duas margens, que Ciro Roza promoveu a construção das Avenidas Beira Rio – além de desafogar o trânsito, serviria também como canal extravasor – tendo sua obra respaldo de técnicos que apontaram medidas para acabar/diminuir com os efeitos das enchentes.

Quando em 1988, bem antes de ser candidato, eu nem queria, eu já conhecia o projeto. Alguém tem de botar em prática já em 1987. O Bonatelli... ninguém botou. Então você tem um projeto... Enchente é o seguinte: dá a enchente hoje, amanhã todo mundo quer fazer tudo; passa três meses e acabou. E aí tá... peguei o projeto e quando chegou em janeiro de 1989, dia 4 eu já tava fazendo a beira rio, já tava fazendo o projeto. Então tudo... vamos dizer, tinha 11 alternativas. O que é o projeto de Brusque? Ele é fundamentado que permite, no princípio da elevação a montante, é por vazão, e a vazão tá fundamentada em que? Profundidade, largura e velocidade. Tanto é que na Henrique Rosin tem uns locais de 180 graus, nós fizemos isso. Nós começamos a desassorear o rio. Tirar as itaipavas. Ali onde era a antiga Quimisa era uma pedreira que tinha, aí formava uma cachoeira. Meti dinamite ali e a montante era um poço de 7 metros de fundura. Quando eu estourei aquilo a captação da água da indústria Renaux ficou 3,5 metros fora d’água. O rio foi abaixado. Eu to trabalhando de acordo com o que diz o projeto: profundidade, largura e velocidade. Tirando os esbarros, a linha do rio, e comecei a limpar. Botei mergulhador dentro do rio tirando tranqueira. Era fundo! Hoje tu vai com a água na canela. Mas porque tiramos esses obstáculos. [...] Nós estamos na cota 22, eu botei na cota 15 essas avenidas, que quando o rio chega na cota 15 passa a ser rio as avenidas. E ela foi construída pra isso. Só que ela serve mais pro trânsito do que pra... (ROZA, 2019)

Logo no início de seu mandato, em fevereiro¹⁶¹, Ciro Roza solicita a confecção de um projeto para as vias. Sobre esse período, o arquiteto Jorge Bonamente (2019) lembra que Ciro Roza começou

a abrir as Beiras-Rios, porque tinha um canal trapezoidal que também era uma solução que tava naquele projeto do Heinz Fill, entre outras né, mas essa era a mais barata e já servia pra sistema viário, e aquilo começa a, vira um rolo compressor porque eu lembro que, vamos dizer assim, a gente não tinha nem tempo pra respirar. Eu cheguei a ficar uma época, que tinha que, ele tinha que, se socorreu dos ex-prefeitos, principalmente do seu Cyro Gevaerd que tinha alguns contatos em Brasília

¹⁶⁰ GEVAERD, Cyro. Brusque em 10 minutos. **O Município**, Brusque. 26 fev. 1988. p. 16.

¹⁶¹ Transferida licitação para construção da Av. Beira Rio. **O Município**, Brusque, 10 fev. 1989. p. 1.

e aí fazia projeto, a gente fazia projeto, projeto, e projeto, e projeto... e ele saia com os projetos de baixo dos braços pra visitar ministério pra ver onde é que se arrancava dinheiro porque evidentemente com recurso próprio ele não conseguiria fazer muita coisa.

Em março as obras já iniciam¹⁶², mas embora a primeira parte, na margem direita, tenha sido inaugurada juntamente com a Rodoviária¹⁶³, este trecho da Beira Rio rendeu outra turbulência política a Ciro Roza, pois

No melhor estilo de Agatha Christie e Sherlock Holmes, os vereadores Antônio Maluche Neto e Marcus Antônio L. da Silva, acompanhados de técnicos, estiveram dia 9 [de maio de 1989] em Curitiba, no Centro de Estudos Hidrológicos da Universidade Federal do Paraná onde avistaram-se com o Dr. Heinz Fill, responsável pela elaboração dos estudos de contenção de cheias realizados na gestão de Celso Bonatelli.¹⁶⁴

Segundo informa o vereador Antônio Maluche Neto, o Dr. Heinz Fill teria garantido que o projeto não obedeceria às sugestões apresentadas no estudo entregue por ele. Para Maluche Neto "Como a prefeitura mantém convênio com o CEHPAR, é bem provável que, dentro de poucos dias, apareça o prefeito com algum documento dizendo que a obra sob um determinado aspecto não é danosa"¹⁶⁵. A fala do vereador tem certo fundamento: na própria matéria ele informa que o secretário de obras e o vice-Prefeito teriam ido a Curitiba encontrarse com o Dr. Heinz Fill. Além disso, na mesma capa desta edição de *O Município*, no canto inferior, há uma notícia sobre as análises científicas realizadas sobre os projetos da Beira Rio – em outras palavras, relatando que o secretário de obras Rubens Aviz e o vice-prefeito Heraldo João dos Santos de fato estiveram em Curitiba e apresentaram o projeto ao Dr. Heinz Fill e que, mesmo se comprometendo a estudar o projeto e emitir um parecer posterior, o Professor Fill "cumprimentou a administração municipal de Brusque por realizar a primeira obra efetiva, ao contrário do que alguns curiosos estão comentando."¹⁶⁶. Um bom trecho da Avenida Beira Rio foi feito nas duas margens e a sua finalização nas duas margens até a divisa com Itajaí ainda é objetivo a ser alcançado, porém,

O trabalho do Heinz Fill, ele hoje, ele teve a sua importância, mas ele hoje... ele teria que talvez se bastante revisto, por que? Porque ele limitava da régua 1 à régua 5 que mais ou menos dá até na ponte lá da Santa Terezinha, um pouquinho mais pra baixo e até a Ponte do Guarani, mais ou menos por ali. Então ele limitou aquilo ali, caindo uma determinada precipitação, naquele trecho, com aquela seção, que tinha as batimetrias, vai botar tanto de água. Se tiver um canal cortado assim [...] Então o que que é? É a vazão. É a vazão, é uma...o quanto você tem de volume num

¹⁶² Avenida Beira Rio decola. **O Município**, Brusque, 10 mar. 1989. p. 1.

¹⁶³ Rodoviária Beira-Rio: O projeto na íntegra. **O Município**, Brusque, 5 mai. 1989. p. 1; 11. Acervo SAB.

¹⁶⁴ Beira-Rio: Vereadores buscam informações em Curitiba. **O Município**, Brusque, 12 mai. 1989. p. 1.

¹⁶⁵ Ibidem.

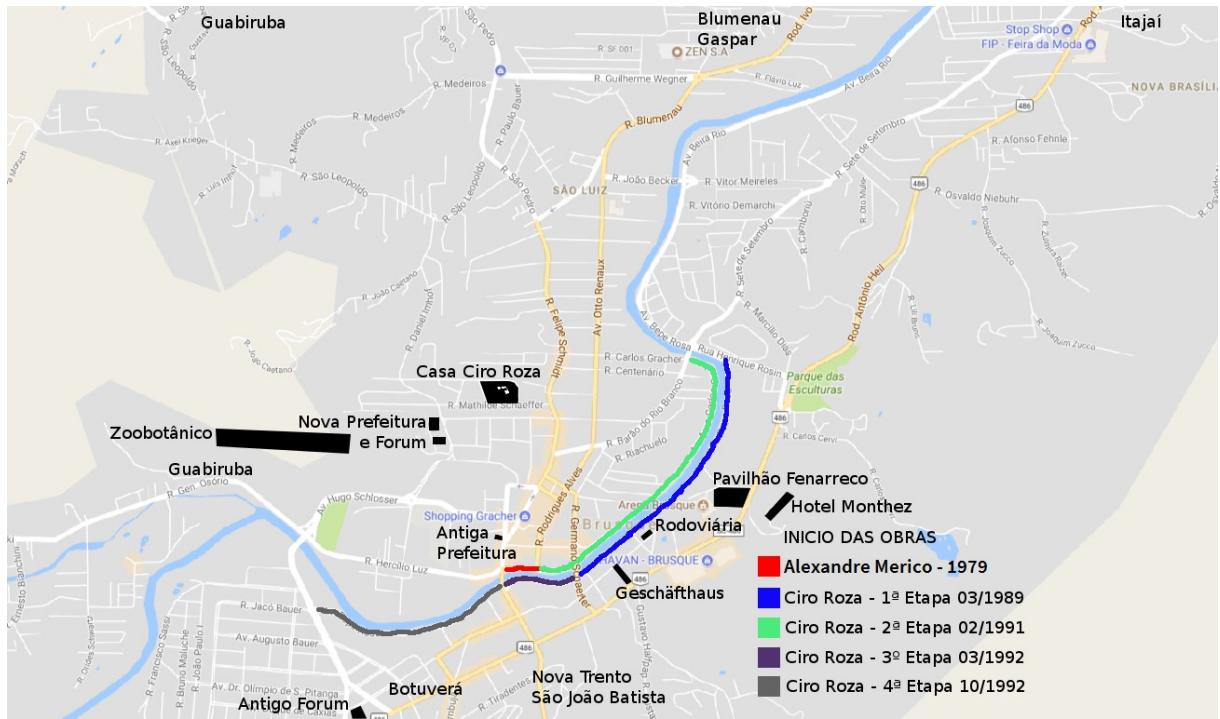
¹⁶⁶ Prefeitura: Análises científicas dos projetos. **O Município**, Brusque, 12 mai. 1989. p. 1.

determinado tempo numa determinada seção. Então tinhas aquelas propostas. O que não contemplava nas propostas era os tributários, os cortes, os aterros, porque isso também influí nesse balanço hídrico. (BONAMENTE, 2019).

Nesse sentido, o projeto da UFPR que parece ter agrado por ter sido colocado em prática, na realidade requer o que foi apontado pelo projeto da UFSM, pois a ocupação do solo vai influir nos tributários que acabam por colocar uma carga maior de água, além daquela que foi simulada pelo projeto de Heinz Fill. De um modo geral, o arquiteto Jorge Bonamente comenta que dois fenômenos alteraram substancialmente Brusque: o primeiro foi a enchente de 1984, que deu início ao processo de verticalização; e o segundo foi o fenômeno dos malheiros juntamente com o mandato de Ciro Roza¹⁶⁷ frente à Prefeitura, sendo que o próprio Ciro, uma década antes, foi o pioneiro do ramo de malharia em Brusque (BONAMENTE, 2019).

¹⁶⁷ As obras realizadas no mandato de Ciro Roza fizeram com que ele utilizasse o termo “tocador de obras” para se referir a si nos jingles de campanha. Refrão do jingle anuncia “Olê olê olê, olê olê olá, o tocador de obra Ciro Roza vai voltar.” DR. JONAS. ARI VEQUI E CIRO ROZA. BERNUNÇA, VOTE 40!! Brusque, 2016. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_2K29lWqu5Q>. Acesso em: 12 mar. 2019. Em outro jingle, nova menção às obras: “Deixa eles falar, eles fala e nós faz obra, eles fala e nós faz obra.”. DR. JONAS, ARI VEQUI VOTE 40!! DEIXA ELES FALAR. Brusque, 2016. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C_BX8Z3RMME>. Acesso em: 12 mar. 2019.

Mapa 1: Região Central de Brusque



Obras durante o primeiro mandato de Ciro Marcial Roza (1989-1992). A ponte Arthur Schloesser fica entre os trechos assinalados em cinza e azul. Ciro Roza é sócio do Centro comercial Geschäftshaus, o ex-Prefeito Hylário Zen, que foi secretário da indústria no Governo Ciro Roza, é sócio do Hotel Monthez. Composição do autor a partir de Google Maps.

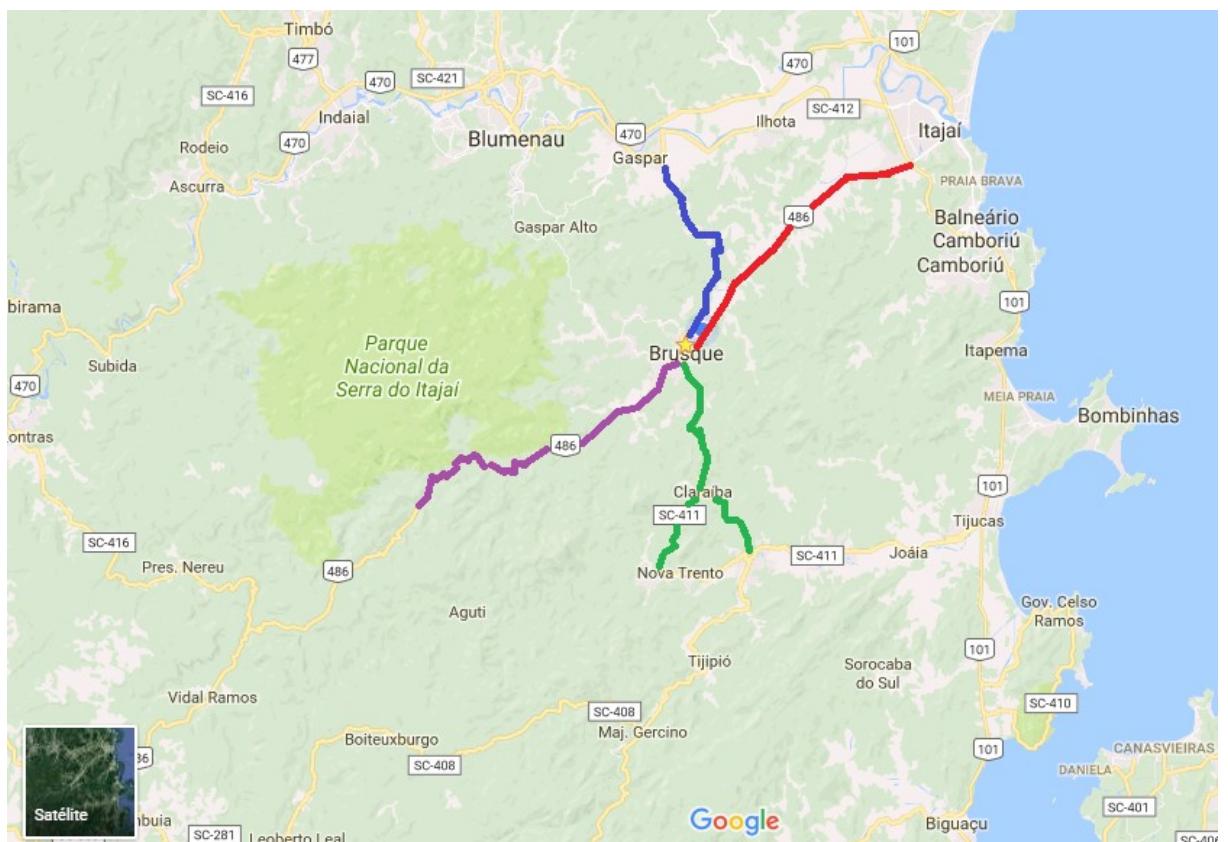
Nesse mapa é possível vermos as principais realizações de Ciro Roza em seu primeiro mandato. Justo ressaltar que a instalação de sua residência ocorreu um pouco antes de seu mandato, mas é impossível não assinalar este acontecimento pois a quadra de sua casa supera em muito a metragem quadrada destinada às suas obras enquanto gestor público – o que evidencia seu sucesso econômico enquanto empresário e sua percepção sobre a valorização das terras. Segundo relato de Ciro Roza (2019),

Eu aqui em Brusque, quando eu tinha os meus negócios, eu tinha muito capital, eu comprei diversas áreas, pessoas que me venderam, que precisavam de dinheiro. Comprei diversas áreas. E comprei da família Hoffmann, o lado de cá, ali onde é o Cako, aquilo era tudo meu. Eu comprei ali da família Hoffmann, comprei do lado de lá da família Hoffmann, ali era tudo brejo, uns buracos, criador de pernilongo. E ninguém via, eu dizia ... “se eu entrar eu vou fazer isso aqui e vou urbanizar.. é o centro da cidade”. E a rodoviária era na frente do campo do Brusque, e teve uma enchente que derrubou. Eles fizeram ali onde era a Millium, era uma tapioca [...] uma fecularia do Renaux, que tava abandonada e improvisaram ali. Não tinha nem banheiro. Tu chegavas em Brusque e era uma vergonha. Me lembro que o Bonatelli tinha feito um projeto que era como se fosse um ponto de ônibus. Tu vê, até o terminal urbano que eu fiz, tu vais lá ver. Urbano, né? Aí eu entrei e disse não, negativo. E como eu queria preparar a cidade para uma cidade turística, nós já vínhamos crescendo [...] antes de eu ser prefeito. Nós temos que criar...

Mas, por que a construção de uma rodoviária foi elencada como a prioridade do primeiro mandato de Ciro Roza? O que ela teria de tão especial que mereceria ser inaugurada com um show da dupla Chitãozinho & Xororó?

Passada a euforia pelas comemorações do Centenário de fundação de Brusque em 1960, a frustração se generalizou após a grande expectativa de conseguir a retificação e asfaltamento da ligação com Itajaí. Matéria veiculada em 1961 no jornal *O Município* indica que "Não se comprehende, por isso mesmo, que na era das grandes máquinas de terraplanagem ainda existam estradas, como as nossas, que guardam lembrança dos tempos mais remotos da colonização de Brusque"¹⁶⁸. Segundo o autor da matéria "Brusque, realmente, tem pago caro a sua condição de cidade fim de linha.".

Mapa 2: Rodovias de ligação a Brusque



Em vermelho (rumo a Itajaí) Rod. Antônio Heil; em azul (rumo a Gaspar/Blumenau) Rod. Ivo Silveira; em verde (rumo Nova Trento/São João Batista) Rod. Gentil Battisti Archer; em roxo (rumo a Botuverá/Vidal Ramos) Rod. Pedro Merisio/Germano Barni. Foram desconsiderados os trechos municipais, partindo-se do Centro da cidade. Elaborado pelo autor, a partir de Google Maps.

O rótulo de cidade fim-de-linha talvez nem pudesse ser aplicada a Brusque em 1961

¹⁶⁸ Em ritmo de Brasília. **O Município**, Brusque, 20 mai. 1961. p. 1. Acervo SAB.

por simplesmente não haver uma linha (asfaltada) que pudesse levar até Brusque – o que era diferente do caso de Blumenau, que teve sua ligação com Itajaí asfaltada e inaugurada em setembro de 1960 e que fazia a ligação entre o litoral e o planalto¹⁶⁹. A questão, devido ao péssimo estado das estradas, o que datava da época colonial, era de isolamento. As estradas ligando Brusque a Itajaí, Blumenau e Tijucas (Moura) eram muito sinuosas, tal qual permanece a estrada para Botuverá atualmente nos trechos mais íngremes. A grande aspiração era a ligação de Brusque com a então BR-59 (atual BR-101) por via pavimentada e retificada. Foi somente em fins de 1974 que a Rodovia Antônio Heil – ligação com Itajaí - foi inaugurada¹⁷⁰, aproveitando em boa parte o trajeto da estrada de ferro que ficou por décadas em construção e que nunca funcionou. A Rodovia Ivo Silveira – ligação com Gaspar/Blumenau – foi inaugurada no início de 1978¹⁷¹. A Rodovia Gentil Battisti Archer – ligação com São João Batista/Nova Trento – foi inaugurada em dezembro de 1990¹⁷². A rodovia Pedro Merisio – ligação com Botuverá – foi inaugurada por volta de 1991¹⁷³, sua continuação até o Ribeirão do Ouro/cavernas de Botuverá, a Rodovia Germano Barni, em 2016¹⁷⁴. A frustração da década de 1960 até 1974 com obras de ligação rodoviária intermunicipal parece acompanhar o decréscimo observado no gráfico do crescimento populacional (Gráfico 2) tal qual a concretização das promessas de ligações intermunicipais durante a década de 1980-1990 parece refletir no acréscimo populacional recorde.

Toda essa modificação ocorrida em praticamente 15 anos (entre 1974-1991) possibilitou que as pessoas chegassem e saíssem de Brusque com mais facilidade e frequência, o que coincidiu (ou implicou) com a taxa de crescimento populacional recorde (Gráfico 2). No início de 1975 foi criada a Brusquetur¹⁷⁵, desmembrada da Expresso Brusquense - até então única companhia que fazia o transporte de passageiros em Brusque (a Brusquetur é uma empresa que faz o transporte de passageiros intramunicipal e também

¹⁶⁹ ESPINOZA, Marcelo. Ruas, praças, escolas, pontes: o nome de Jorge Lacerda eternizado. **Agência AL**. 24 out. 2014. Disponível em: <agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/noticia_single/ruas-pracas-escolas-pontes-o-nome-de-jorge-lacerda-eternizado>. Acesso em: 22 jun. 2017.

¹⁷⁰ Inaugurada a Rodovia Antônio Heil. **O Município**, Brusque, 1 nov. 1974. p. 1. Acervo SAB.

¹⁷¹ Alexandre Merico: "Governador não é homem de meias palavras". **O Município**, Brusque, 31 mar. 1978. p. 8. Acervo SAB.

¹⁷² Casildo Maldaner inaugura estrada Brusque/São João. **O Município**, Brusque, 21 dez. 1990. Última página. Acervo SAB.

¹⁷³ Inferimos o ano por conta da Lei 8.217/1991. ALESC. Lei Ordinária nº 8.217, de 3 de janeiro de 1991. Dá denominação. Autoria: Dep. José Luiz Cunha. <leisestaduais.com.br/sc/lei-ordinaria-n-8217-1991-santa-catarina-da-denominacao?q=pedro%20merisio>. Acesso em: 20 jun. 2017.

¹⁷⁴ Inaugurada pavimentação da rodovia SC-486 em Botuverá. Prefeitura de Botuverá <www.botuvera.sc.gov.br>. 5 mai. 2016. Disponível em: <www.botuvera.sc.gov.br/noticias/inaugurada-pavimentacao-da-rodovia-sc-486-em-botuvera>. Acesso em: 20 jun. 2017.

¹⁷⁵ Surge a Brusquetur. **O Município**, Brusque, 21 mar. 1975. p. 7. Acervo SAB.

intermunicipal, abrangendo de Blumenau a Tijucas/Major Gercino, Guabiruba a Balneário Camboriú).

Se a ligação com Itajaí é finalizada somente no fim de 1974, é somente em 1981 que começa a ser ventilada uma preocupação com os passageiros de transporte coletivo. Em janeiro de 1981 é aprovada uma lei autorizando o executivo municipal a adquirir terras para a construção do Terminal Rodoviário de Passageiros em convênio firmado com a EBTU¹⁷⁶. Em abril é firmado um convênio para a elaboração do projeto do terminal de passageiros urbano e rodoviário, a circulação de trânsito e ciclovias¹⁷⁷. Em maio, o vice-prefeito Antônio Valdemar Moser dá início ao aterro do local, previsto até então para abrigar tanto o terminal urbano quanto a rodoviária¹⁷⁸. Em fevereiro de 1982 encontramos notícia sobre a liberação de recursos para a finalização do terminal rodoviário urbano de passageiros¹⁷⁹, que possivelmente foi finalizado durante a gestão do Prefeito Alexandre Merico¹⁸⁰. A gestão do Prefeito Alexandre Merico – finalizada em janeiro de 1983 – embora tenha sido uma das mais longas (seis anos) – teve de resolver o problema da interdição de duas pontes inauguradas em 1953 na área central de Brusque e que ruíram em seu mandato: a ponte Irineu Bornhausen desabou em 8 de agosto de 1980¹⁸¹ e a ponte Mário Olinger que desabou parcialmente em 3 de fevereiro de 1981¹⁸². A ponte Irineu Bornhausen foi restabelecida em setembro de 1981¹⁸³ e a ponte Mário Olinger em novembro de 1982¹⁸⁴.

No governo de seu sucessor, José Celso Bonatelli, o tema da rodoviária só foi atacado no penúltimo ano de mandato, passando a ser elencado pelo jornal como uma obra inadiável¹⁸⁵ e prioritária¹⁸⁶. Após a enchente de 1984, com a queda do prédio que abrigada a rodoviária,

¹⁷⁶ Lei nº 951/80 "Autoriza a adquirir imóvel e dá outras providências", 23 dez. 1980. In: **O Município**, Brusque, 23 jan. 1981. p. 6. Acervo SAB.

¹⁷⁷ Brusque pioneiro no projeto de ciclovias. **O Município**, Brusque, 20 abr. 1981. p. 3. Acervo SAB.

¹⁷⁸ Moser inicia a construção da rodoviária. **O Município**, Brusque, 8 mai. 1981, p. 7. Acervo SAB.

¹⁷⁹ Merico traz de Brasília substanciosos recursos de apoio à sua administração. **O Município**, Brusque, 29 jan. 1982. p. 1. Acervo SAB.

¹⁸⁰ Não foi encontrada, durante a pesquisa, uma notícia sobre a inauguração do terminal de passageiros, mas apenas informações sobre as dificuldades de sua conclusão. Ver: Com pouco dinheiro prefeito cumpre programa. **O Município**, Brusque, 29 jan. 1982. p. 3. Acervo SAB.

¹⁸¹ O fim da ponte Irineu Bornhausen. **O Município**, Brusque, 22 ago. 1980. Acervo SAB.

¹⁸² Cai mais uma ponte em Brusque. **O Município**, Brusque, 6 fev. 1981. Acervo SAB.

¹⁸³ Inauguradas grandes obras públicas em Brusque. **O Município**, Brusque, 25 set. 1981. p. 1. Acervo SAB.

¹⁸⁴ Bornhausen inaugura amanhã a nova ponte Mário Olinger. **O Município**, Brusque, 5 nov. 1982. p. 1. Acervo SAB.

¹⁸⁵ Obra inadiável: Rodoviária Intermunicipal de Brusque. **O Município**, Brusque, 12 jun. 1987. p. 1. Acervo SAB.

¹⁸⁶ Rodoviária de Brusque necessita de uma providência prioritária da administração pública. Projeto concluído. **O Município**, Brusque, 17 jul. 1987. p. 3. Rodoviária e Parque de Exposições, em estudo **O Município**, Brusque, 2 out. 1987. p.6. Acervo SAB. A rodoviária deve ser objeto de tratamento prioritário pelas administrações municipal, estadual e federal. **O Município**, Brusque, 26 jun. 1987. p.1. Prefeito vai à

ela foi instalada provisoriamente na antiga fecularia do grupo Renaux (no local onde atualmente está a loja Millium). A edificação não tinha infraestrutura adequada para servir de rodoviária, não dispondo nem de banheiros (ROZA, 2019; BONAMENTE, 2019). O município de Brusque chegou a receber a visita de um técnico do DETER para estudar alternativas, mas enquanto o tempo passava, maior era a pressão para que uma nova rodoviária fosse erguida em local adequado e com a estrutura necessária¹⁸⁷. Passada a eleição, e tendo sido eleito Prefeito Ciro Roza, ele informou que “a construção da nova rodoviária e do pavilhão de evento são prioridades e a rodoviária deverá ter o início de sua construção já nos primeiros dias de janeiro de 1989” retomando o plano de habitação em fevereiro¹⁸⁸.

Já no início de 1989 Ciro Roza solicitou a elaboração de um projeto para a construção do terminal rodoviário municipal. Neste projeto já houve uma substancial alteração: “No que tange à localização do terminal houve uma radical modificação tendo em vista que tramita a doação da área de 7.035 metros quadrados pelo prefeito Ciro Roza. Desta forma, a área anterior, aos fundos do terminal urbano, fica reservada para a ampliação do mesmo.”¹⁸⁹. Diante disso, o Prefeito Ciro Roza doou uma área para que fosse construído a Rodoviária. Porém, esse gesto não foi muito bem visto na câmara de vereadores. Em abril o jornal publica as explicações de Ciro Roza¹⁹⁰. A área, onde foi instalada a rodoviária, era de propriedade de Ciro Roza, e nela, estava instalada a antena da rádio Araguaia, também de sua propriedade. Questionado se houve doação à Prefeitura, Ciro Roza respondeu:

Quando assumi já sabia qual era a área ideal e, como ambas são de minha propriedade, fiz a doação de 17 mil metros para construir a Rodoviária. Quem escolheu o local não fui eu, foi o DETER. Doei porque sou um empresário bem sucedido e esses metros de terras não vão me fazer falta. [...] A prefeitura não tem recursos para adquirir uma área. Se gastar na aquisição do imóvel, faltarão recursos para construir a Rodoviária.¹⁹¹

O presidente da Associação dos Brusquenses em Florianópolis, Miguel Sedrez, que intermediava os pleitos brusquenses na capital estadual, “confidenciou que o ‘DETER’ [...] não gostou do terreno que seu técnico veio ver, junto ao Terminal Urbano e a AABB. Parece

¹⁸⁷ Brasília buscar recursos. **O Município**, Brusque, 3 jul. 1987. p. 1.

¹⁸⁸ Diretor do “Deter” virá a Brusque com parecer e orientação para Rodoviária. **O Município**, Brusque. 07 jul. 1987. Capa. DETER envia técnico para estudar construção da futura rodoviária. **O Município**, Brusque, 31 jul. 1987. Capa.

¹⁸⁹ Pingos nos ii (s) etraud. **O Município**, Brusque, 9 dez. 1988. p. 6. Acervo SAB.

¹⁹⁰ Nova rodoviária. **O Município**, Brusque, 20 jan. 1989. Capa. Acervo SAB.

¹⁹¹ Entrevista com o alcaide Ciro Roza: Rodoviária: Prefeito enxerga manobras políticas. **O Município**, Brusque, 21 abr. 1989. p. 1. Acervo SAB.

¹⁹¹ Rodoviária e Parque de Exposições, em estudos. **O Município**, Brusque. 3 out. 1987. p. 6

que exige outra localização, modificações no projeto e outras contrariedades”¹⁹². Da parte dos vereadores “houve uma inversão [por parte do executivo]: primeiro iniciaram-se as obras e depois, muito depois, foi a matéria levada à apreciação dos vereadores”¹⁹³. Além disso,

Ao analisar o projeto que pretendia autorização para recebimento de terras para a construção da Beira-Rio e do terminal rodoviário, verificou-se que, o Município teria que abrir ruas, transferir uma antena de rádio, e também proceder o aterro de áreas remanescentes as que seriam doadas. Por exemplo, teriam que serem (sic) abertas (e consequentemente dotadas de infraestrutura) quatro vias de acesso, todas num terreno de propriedade do Sr. Prefeito Municipal e da Construtora Quartzo. [...] Por outro lado, talvez isto seja mais grave ainda: os vereadores, partido de uma informação prestada pelo Prefeito Municipal e pelo Secretário de Obras [...] solicitaram aqueles projetos e, comparando com o projeto que já está sendo executado, verificou-se que não era assim.¹⁹⁴

“Aqueles projetos” a que se referem os vereadores são os projetos desenvolvidos pela Universidade Federal de Santa Maria¹⁹⁵ e do CEHPAR – Centro de Estudos Hidrológicos da Universidade Federal do Paraná, elaborados após a enchente de 1984¹⁹⁶. Os vereadores resistiram em seu posicionamento¹⁹⁷ e a Prefeitura tentou mobilizar a opinião pública com um manifesto de apoio da base governista na câmara¹⁹⁸ e fazendo publicar o projeto de lei na íntegra¹⁹⁹. Porém, a oposição não arredou pé e Ciro Roza teve de negociar, removendo a antena da rádio Araguaia AM de sua propriedade por conta própria e aceitando que o poder público custeasse a infraestrutura apenas nas vias que margeasse a rodoviária ou os prédios públicos²⁰⁰. Sobre o episódio, Ciro Roza comenta que

E eu falei para os vereadores: “escolha o terreno, me de o terreno”. Aí eles tinham rejeitado. E eu não tinha a maioria na câmara. [...] E aí os vereadores não podiam mais entrar nos botecos, os caras caiam de pau em cima deles. Aí o Mário Visconti me procurou e disse pra eu mandar o projeto. Aí eu “mas como mandar? Eu já mandei o projeto, não posso nesse exercício mais.” Aí eles criaram um mecanismo pra eu modificar uma coisinha lá, pra eu mandar, porque eles não aguentavam mais. Mas eu doeí o terreno.

Finalizado o imbróglio, em agosto de 1989 fora iniciada a construção da rodoviária com a cravação das estacas²⁰¹ seguida pela obra, cuja empresa executora foi a Morari, de

¹⁹² Ibidem.

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ Pronto o plano para contenção das enchentes. **O Município**, Brusque, 16 mai. 1986, p. 10.

¹⁹⁶ UFPR entregará projeto de contenção de cheias. **O Município**, Brusque, 12 fev. 1988. Prefeitura recebeu estudos técnicos para solucionar problema das enchentes. **O Município**, Brusque, 26 fev. 1988.

¹⁹⁷ A questão da Beira-Rio-Rodoviária: Manipulação por parte do executivo. **O Município**, Brusque, 28 abr. 1989. Acervo SAB.

¹⁹⁸ Quem é contra a nova rodoviária? **O Município**, Brusque, 28 abr. 1989. Acervo SAB.

¹⁹⁹ Rodovia Beira-Rio: O projeto na íntegra. **O Município**, Brusque, 5 mai. 1989. p. 1; 11. Acervo SAB.

²⁰⁰ GEVAERD, Cyro. Brusque em 10 minutos. **O Município**, Brusque, 26 mai. 1989. Acervo SAB.

²⁰¹ Iniciada a construção da rodoviária de Brusque. **O Município**, Brusque, 11 ago. 1989. p. 1. Acervo SAB.

Valdir Walendowsky²⁰², que durou um ano. Segundo Rolf Kaestner (2019),

O Ciro, como ele pegou a cidade num boom de turismo, com a feira [industrial], com a Fenarreco, já no terceiro ano, e nós, vamos dizer, o Valdir Walendowsky, que também tava na Prefeitura na época, e ele tinha uma construtora, o Valdir Walendowsky, ele chegou e disse assim pra ele assim “olha lá em” [...] Rio Negrinho, [...] tinha uma Prefeitura em estilo enxaimel, uma prefeitura não, uma rodoviária. “Mas é bonitinha”. E ele viajava na época pra lá, eles tinham obras pra lá. E ele fotografou aquele rodoviária porque o Ciro tava na iminência de construir a rodoviária aqui e aproveitou esse gancho que a gente levou pra ele e fez, o primeiro foi a rodoviária. Ah, aquilo chamou a atenção de todo mundo. Bateram palmas pra ele, e com razão.

Figura 6:Rodoviárias de Rio Negrinho e Brusque



Rodoviária de Rio Negrinho-SC e Brusque. Rodoviária de Rio Negrinho (Disponível em: <<http://www.jornaldopovorn.com.br/2.1564/um-olhar-sobre-rio-negrinho-74-1.1896850>>). Acesso em: 17 mar. 2019.) Rodoviária de Brusque (Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/menor-flagrado-com-carro-roubado-e-suspeito-de-assalto-em-brusque/>>). Acesso em: 17 mar. 2019.)

A rodoviária de Rio Negrinho foi um projeto da gestão do Prefeito Romeu Ferreira De Albuquerque que foi iniciado em agosto de 1983 com a desapropriação dos terrenos (RIO NEGRINHO, 1983a, 1983b). Em maio de 1984 foi constituída e nomeada uma “Comissão Especial para Julgamento do Concurso de Anteprojeto do Terminal Rodoviário para Rio Negrinho” (RIO NEGRINHO, 1984a, 1984b). No mesmo mês fora homologado “o trabalho de autoria do Arquiteto Franklin H. Urresta Orbes, radicado na cidade de São Francisco do Sul-SC, como vencedor do Concurso Público de Anteprojeto de Arquitetura de um Terminal Rodoviário para Rio Negrinho” (RIO NEGRINHO, 1984c). Segundo confidenciou o arquiteto Franklin H. Urresta Orbes foram selecionados 5 projetos dos quais o dele se saiu vencedor. Ainda em agosto de 1984 a Prefeitura efetivou a contratação para a elaboração definitiva do

²⁰² Walendowsky era presidente da Comissão Municipal de Turismo e um dos que incentivaram a adoção do “Enxaimel” como tipologia/estilo a ser adotado pelos prédios públicos. Beira-Rio e Rodoviária. **O Município**, Brusque, 22 set. 1989. Capa. Iniciada a construção da rodoviária de Brusque. **O Município**, Brusque, 6 out. 1989. p. 11.

projeto do terminal (RIO NEGRINHO, 1984d), sendo que a parte do telhado teve de ser modificada pois na época não existia ônibus de 2 andares. Segundo ele, foi rebaixado o chão e feito uma treliça de madeira para sustentar o teto²⁰³. Em julho de 1985 o terminal foi nomeado de “Novo Rumo”(RIO NEGRINHO, 1985), embora sua inauguração ocorrerá somente em 24 de abril de 1987²⁰⁴. Sobre a adoção do estilo germânico na rodoviária e demais obras, Ciro Roza (2019) comenta que

Então o estilo enxaimel, por que que foi criado? Porque em Blumenau tinha algumas construções e a gente via as pessoas tirando foto. No Brasil inteiro tu não vês essa construção. E tu vais na Alemanha, Suíça, Suécia, e tu vês muito essa construção enxaimel, é bonito, as pessoas tiram foto. Eu digo: nós vamos adotar as obras públicas em estilo enxaimel, e tanto é, era muito comum na Prefeitura, era difícil quando vinha turista não tirar foto da Prefeitura.

Ao contrário do que afirma Roza (2019), além do Vale do Itajaí e Norte Catarinense, é possível ver as construções que remetem ao enxaimel no Paraná (Marechal Cândido Rondon); Rio de Janeiro (Petrópolis, Nova Friburgo, Teresópolis); São Paulo (Campos do Jordão e Holambra) e no Rio Grande do Sul (região de São Leopoldo, alto Taquari, Nova Petrópolis e Gramado). Além disso, em diversos países fora da Europa também é possível ver construções que remetam ao enxaimel.

²⁰³ As informações foram prestadas por meio de uma chamada de vídeo no aplicativo WhatsApp em fevereiro de 2019.

²⁰⁴ Conforme data na placa de inauguração afixada na rodoviária.

Figura 7: Rodoviária, Beira-Rio e Hotel Monthez



Flagrante das obras do Hotel Monthez, Rodoviária e Beira Rio. A foto compõe o Relatório de situação e obra do Terminal Rodoviário de Brusque em 16 de março de 1990. Acervo Sala Brusque.

Inspirado ou não na rodoviária de Rio Negrinho, as semelhanças são muitas. Em 4 de agosto de 1990, às 8h30min, foi inaugurada a Avenida Beira Rio margem direita. Um quadro, ao lado da programação de inaugurações, vislumbrava definir o momento: "Este não é apenas mais um aniversário. É uma nova era."²⁰⁵ No dia seguinte, 5 de agosto de 1990, às 19h, foi a vez da inauguração da Rodoviária, seguida pelo show de Chitãozinho e Xororó²⁰⁶. A questão do falso enxaimel, chamado enxaimeloide por alguns e enxaimeloso por outros, sofria muitas críticas por parte do CEAB (KAESTNER, 2019).

Tendo abordado a noção de que Brusque durante a década de 1960 foi considerada como uma “cidade fim de linha”, é importante investigar os anseios com relação ao turismo e como isso se relacionava com o que estava ocorrendo em Blumenau e Joinville. O Parque do Centenário foi projetado pelo arquiteto Artur Licio Pontual com a colaboração de Sérgio Porto, da equipe de Oscar Niemeyer, e previa pavilhões de estrutura leve para abrigar a Exposição Nacional da Indústria²⁰⁷.

As exposições e feiras não eram novidade em Brusque. Em 4 de outubro de 1872, sob

²⁰⁵ Brusque agradece e convida. **O Município**, Brusque, 3 ago. 1990. p.1.

²⁰⁶ Entre flores, espinhos e chuva, as inaugurações. **O Município**, Brusque, 3 ago. 1990. p. 3. Acervo SAB.

²⁰⁷ Ativam-se os preparativos para os festejos do Centenário. **O Município**, Brusque. 27 fev. 1960. Capa. Parque centenário de Brusque. **O Estado**, Florianópolis. 13 jan. 1960. p.7.

a administração de Betim Paes Leme, foi realizada a primeira Exposição Colonial de Brusque (CABRAL, 1958, p. 159-160). A quarta exposição, no último ano da administração de Paes Leme no comando da colônia, foi a última, tendo sido descontinuada. Um diploma da 1ª exposição foi reproduzido entre as páginas 158-159 do livro “Brusque: Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império”, de autoria do historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral e lançado em 1958 pela Sociedade Amigos de Brusque. A reprodução deste diploma pode ter inspirado os membros da comissão organizadora dos festejos do Centenário a realizar uma nova exposição, desta vez, de produtos do “Berço da Fiação Catarinense”, da Brusque industrial.

Figura 8: Parque do Centenário



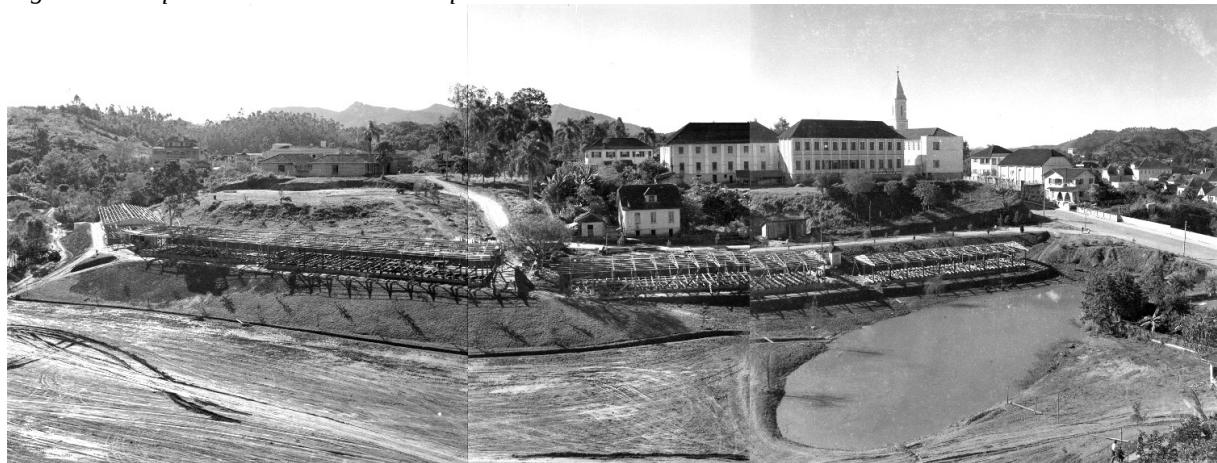
Foto da maquete do Parque Centenário reproduzida no jornal O Município, edição de 27 fev. 1960. Acervo SAB.

Enquanto a Prefeitura ficou responsável pela terraplenagem²⁰⁸, a Exposição Nacional da Indústria ficou a cargo da empresa “Promoções Centenário Ltda que iniciou os trabalhos de organização e contato com os municípios catarinenses e firmas interessadas de todo o Brasil”, obtendo as primeiras confirmações de Joinville e Ilhota²⁰⁹.

²⁰⁸ A lagoa foi aterrada pouco tempo depois, no local atualmente o está o Supermercado Angeloni.

²⁰⁹ Exposição nacional da indústria no primeiro centenário de Brusque. **O Estado**, Florianópolis. 14 jan. 1960. p.3.

Figura 9: Parque do Centenário de Brusque



Montagem com fotos do Parque do Centenário em 1960. Fotos de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron

Em junho de 1960 os cinco dos sete pavilhões estavam em fase de construção. “Simultaneamente, seguem ritmo normal de construção as obras do grande restaurante e churrascaria, bares, torres do Bonde Aéreo, Jardim Zoológico, Pavilhão da Fauna Brasileira e outras atrações que formarão o maravilhoso conjunto do Parque do Centenário de Brusque”²¹⁰. Os pavilhões foram assim distribuídos: 1) Produtos para indústria têxtil; 2) Municípios de Santa Catarina; 3) Pavilhão de Blumenau; 4) Indústrias em geral de Brusque; 5) Pavilhão dos Estados; 6) Indústria Têxtil de Brusque; 7) sendo dois pavilhões conjugados, Pavilhão das Nações – Brasil, Estados Unidos e Alemanha²¹¹. No dia 4 de agosto, dentre a vasta programação, após as missas realizados nos templos Católico e Evangélico “teve lugar a inauguração da Exposição Nacional da Indústria, falando nesse momento o dr. Guilherme Renaux, cujo discurso publicamos na próxima edição”²¹². Na edição seguinte de fato o discurso de Guilherme Renaux, filho do Cônsul Carlos Renaux, foi publicado. No discurso Renaux cita os diversos pioneiros de Brusque, até chegar em seu pai, um dos grandes capitalistas que promoveu a industrialização em Brusque²¹³.

²¹⁰ Parque do centenário de Brusque. **O Município**, Brusque. 11 jun. 1960. p. 8.

²¹¹ Ibidem.

²¹² Brilhantes as festas do centenário. **O Município**, Brusque. 13 ago. 1960. Capa; p. 7.

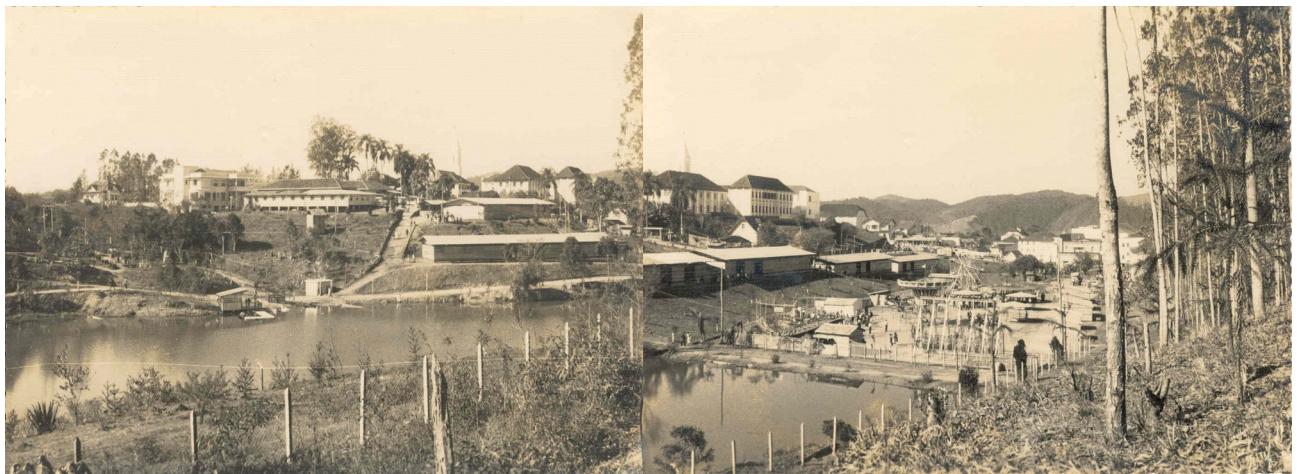
²¹³ Discurso pronunciado pelo Dr. Guilherme Renaux no ato de inauguração da Exposição Industrial. **O Município**, Brusque. 20 ago. 1960. p. 4.

Figura 10: Vista aérea de Brusque em 1960



Ao lado esquerdo podemos ver o templo católico em obras, no centro vemos os telhados de cinco pavilhões ao lado de uma pequena lagoa e mais acima, após a grande lagoa, mais dois pavilhões (local onde está atualmente o Supermercado Angeloni). Acervo SAB

Figura 11: Parque do Centenário



Registro da inauguração da Exposição Nacional da Indústria. Abaixo, Parque do Centenário durante o evento. Acervo SAB.

Pouco tempo depois das festividades do Centenário, a exposição foi abandonada, a ponto de que

Nem mesmo nos dias feriados a Exposição é aberta, ficando entregue às moscas tudo o que se contém nos doze galpões, atulhados de preciosidades e artigos de grande valor.

O Parque, como sabemos, foi construído para funcionar, no mínimo, durante dois

meses, do contrário não se justificaria obra tão grande e de tamanha despesa.²¹⁴

Se em pouco mais de um mês passou até a surgirem críticas, em “4 de outubro foram encerradas definitivamente as exposições comemorativas ao Centenário de Brusque”²¹⁵. Enquanto isso, uma estrada de ferro que nunca chegou a funcionar estava em construção desde 1952 com uma extensão de 26km visando ligar Brusque a Itajaí. Blumenau já contara com via asfaltada até Itajaí em 1960. A partir de 1959 foi iniciada uma campanha para a construção de uma ligação asfáltica de Brusque com a BR-59 (atual BR-101), obra que frustrou a expectativa de ter a via asfaltada no ano do Centenário e que só foi iniciada em 1970 e concluída em 1974. O vislumbre em tornar Brusque uma atração turística por tabela remonta à década de 1960. Neste ano há uma sugestão de que a “Prefeitura elaborasse, desde logo, um plano inteligente de embelezamento da cidade, pois Brusque tem condições ideais de tornar-se um centro de turismo, sobretudo no verão, quando as praias de Camboriú, Itapema e Cabeçudas são frequentadas por milhares de veranistas”²¹⁶. Embora o aproveitamento do Parque do Centenário tenha sido sugerido como um passeio público²¹⁷, pouco tempo depois se cogitou a instalação de um Centro Social para o SESI no terreno²¹⁸. Não demorou para que manifestação contrária surgisse, pois

A maioria dos brusquenses não ignora, por certo, que o referido terreno ainda que nele se tivesse estabelecido a principal sede dos festejos centenários de 1960, não é propriedade municipal.

[...]

E ainda que as Comunidades Evangélica e Católica não tenham, tão cedo, projeto e possibilidades para aproveitar e ‘lapidar’ o dito terreno, certamente não assiste aos seus atuais responsáveis o direito de ‘delapidá-lo’!

Afinal, se as passadas administrações públicas de Brusque tivessem sido animadas do mesmo espírito comunitário, responsável e previdente, disporia a Prefeitura, hoje, de terrenos suficientes, onde realizar as obras públicas que se vão fazendo necessárias.²¹⁹

Foram justamente administrações públicas passadas, mais especificamente o Governo Imperial, no início do período de colonização, que doou as terras para as igrejas. O artigo do Pe. Orlando Murphy colocou um fim às pretensões de reaproveitamento do Parque do

²¹⁴ Abandonada a exposição industrial. **O Município**, Brusque. 10 set. 1960. Capa.

²¹⁵ Encerrada a exposição. **O Município**, Brusque. 22 out. 1960. Capa.

²¹⁶ Novos horizonte. **O Município**, Brusque. 26 nov. 1960. Capa.

²¹⁷ Hildebrand, R. E. Passeio Público. **O Município**, Brusque. 11 nov. 1961, p. 6.

²¹⁸ Brusque vai progredir. **O Município**, Brusque. 23 mar. 1963. Capa.

²¹⁹ MURPHY, Orlando M. Brusque deve progredir. **O Município**, Brusque. 27 abr. 1963. Capa; p.2.

Centenário por parte da administração municipal²²⁰. Sobre a ideia da Exposição Nacional da Indústria, ela não era novidade em Santa Catarina. Em 24 de maio de 1951 teve início em Florianópolis a primeira Feira de Amostras de Florianópolis,²²¹ com 87 stands abrigados na Praça Pereira Oliveira e no Teatro Álvaro de Carvalho. A ideia era mostrar “o que se produz em Florianópolis, admirando, nessa oportunidade, a organização das firmas industriais desta Capital, e teremos, então, desfeita, em parte, o tradicional conceito de que ‘Florianópolis é terra essencialmente de funcionários público’...”²²². Quatro anos depois, em 1955, uma assembleia no Clube do Penhasco, em Florianópolis, deliberou pela realização da 1ª Feira de Amostras do Estado²²³. Três anos mais tarde, em 1958,

A cidade catarinense de Joinville prepara-se para receber, em Novembro do corrente ano, milhares de visitantes, que irão assistir a grandes festividades naquela célebre cidade sulina.

Sob o ponto de vista econômico teremos, em primeiro lugar, a magnífica Exposição Industrial, que funcionará como Feira de Amostras, nos próprios recintos da nova sede da Sociedade Ginástica de Joinville. Será a primeira feira de amostras a realizar-se em Joinville, mostrando exclusivamente produtos da indústria joinvillense. É uma exposição fadada a colher retumbante sucesso, considerando-se ser conhecida Joinville como a Manchester Catarinense, por causa do seu vasto parque industrial.

A Feira de Amostras ficará aberta de 8 a 30 de Novembro de 1958.²²⁴

A ideia é que a feira ocorresse anualmente no mês de novembro²²⁵. Porém, a II Feira de Amostras só ocorreu em novembro de 1960²²⁶. A FAMOSC, enquanto uma parceria²²⁷ entre as associações comerciais e industriais de Joinville e Blumenau,²²⁸ só foi ventilada a

²²⁰ Mais tarde o parque fora aterrado para dar lugar ao “Centro Evangélico Pastor Sandrewsky, que se constituirá de um grande edifício para nele serem abrigados Jardim de Infância, Associação das Damas de Caridade, Juventude Evangélica, Auditório para apresentações teatrais, Secretaria e outros serviços da comunidade”. Ver: Centro Evangélico Pastor Sandrewsky. **O Município**, Brusque. 19 mai. 1967. Capa.

²²¹ Feira de amostras em Florianópolis. **O Estado**, Florianópolis. 14 abr. 1951. p.8.

²²² Inaugura-se, hoje, a Feira de Amostras. **O Estado**, Florianópolis. 2 mai. 1951. p. 8.

²²³ Clube do Penhasco: Uma assembléia e importantes deliberação. 1a. Feira de Amostras do Estado. **O Estado**, Florianópolis. 28 out. 1955. p. 8.

²²⁴ Grandes festividades na cidade catarinense de Joinville. **O Estado**, Florianópolis. 14 set. 1958. Capa.

²²⁵ Na ‘Manchester’ catarinense: Grandiosa exposição industrial na 1ª Feira de Amostras. **O Estado**, Florianópolis. 12 nov. 1958. Capa.

²²⁶ 2ª feira de amostras: Êxito garantido. **O Estado**, Florianópolis. 30 abr. 1960. p. 5.

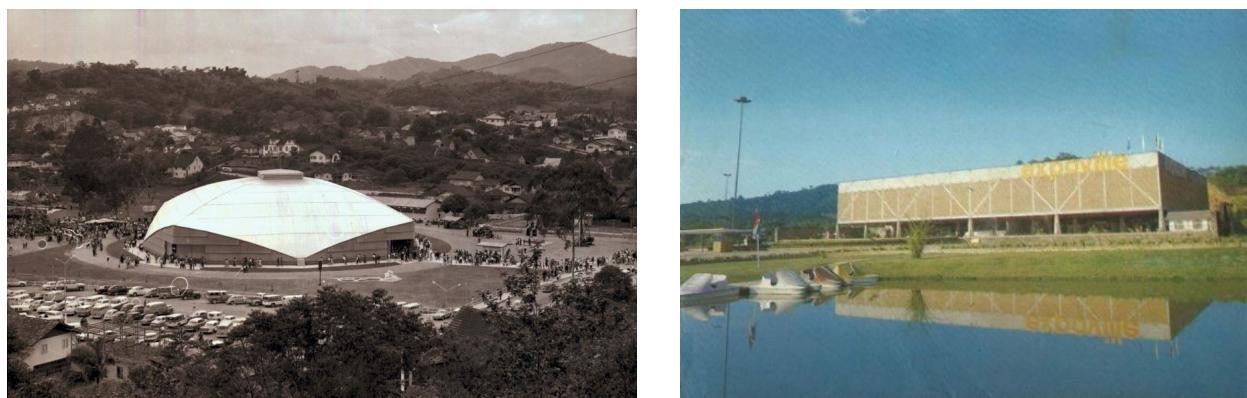
²²⁷ Nos anexos da dissertação de André Souza Martinello encontramos as páginas 40-41 da revista Visão de 5 de novembro de 1965. Na matéria, cujo título é “Santa Catarina mostra o que faz”, consta que no segundo dia “chegaram a Blumenau com visitantes dezesseis ônibus de Joinville, sete de Brusque e mais dez de outras cidades” e que “a disputa entre Blumenau e Joinville pela liderança no Estado é antiga e permanente. Ambas praticamente se equivalem em potencial industrial e, somadas, representam o grosso da produção do Estado. Foi por isso que resolveram associar-se na promoção da FAMOSC”. A feira teria sido oficializada em maio de 1957 e teria sido realizada três vezes em Joinville: 1) 8 a 30 de nov. de 1958 com 67 expositores; 2) 11 a 20 de novembro de 1960 com 83 expositores; 3) 1963 em Joinville.

²²⁸ Santa Catarina prepara a sua V. F. de Amostras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 11 set. 1968.

partir da segunda edição, sendo que as associações das duas cidades planejaram a realização da feira “de dois em dois anos, alternadamente em Blumenau e Joinville. Contudo, Blumenau não pode realizar a III FAMOSC em 1962, e em 1963 a exposição foi promovida por Joinville (MARTINELLO, p. 127). Essa III FAMOSC, realizada em 1963, recebeu três milhões de cruzeiros do governo do Estado de Santa Catarina²²⁹.

Blumenau, que teve a ligação com o litoral via Itajaí asfaltada em 1960, logo em seguida, em 1963, criou um Conselho Municipal de Turismo que passou a prestar assessoria ao também criado Departamento Municipal de Turismo (BLUMENAU, 1963). No final de 1964 foi instituída a Comissão Organizadora de Exposições de Blumenau – COEB (BLUMENAU, 1964b) e desapropriadas várias áreas de terra destinadas à construção do Estádio Municipal de Esportes e do Parque de Exposições de Blumenau (BLUMENAU, 1964a). Depois de três edições em Joinville, a Feira de Amostras aconteceu em Blumenau, recebendo o nome de Feira de Amostras de Santa Catarina - FAMOSC, com a instalação de 150 stands em um pavilhão inaugurado em Blumenau para abrigar a feira²³⁰.

Figura 12: Pavilhões da FAMOSC



Pavilhão da FAMOSC, mais tarde PROEB, inaugurado em Blumenau em 1965. Fundação Cultural de Blumenau / Arquivo Histórico José Ferreira da Silva / Identificação da imagem: Werner Reimer / Revista Blumenau em Cadernos. N.10 - outubro 1997. P.44. Pasta 924, foto 0003. Pavilhão da Expoville em 1972, inaugurado às margens da BR-101 em 1970 como Pavilhão da FAMOSC. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/anmemoria/2016/05/07/an-memoria-de-sabado-e-domingo-expoville-nos-anos-de-1970/?topo=84>>. Acesso em: 18 mar. 2019.

²²⁹ Joinville: Verba de três milhões para feira de amostras. **O Estado**, Florianópolis. 13 set. 1963. p. 8.

²³⁰ Tudo pronto para a instalação da IV FOMOSC (sic). **O Estado**, Florianópolis. 19 out. 1965. Capa.

Figura 13: Pavilhão da Expoville e da FIDEB



Registro de Érico Zendron em 1971 com destaque para o recém inaugurado Pavilhão da FIDEB, no Centro de Brusque. No fundo, ao pé dos morros, o atual traçado da Rodovia Antônio Heil, que liga Brusque ao litoral. Foto de Érico Zendron a partir do teto da Igreja Católica. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron.

A quinta feira deveria ocorrer em Joinville²³¹, porém ocorreu novamente em Blumenau²³². A sexta edição ocorreu em Joinville, com a inauguração do pavilhão da EXPOVILLE²³³ e a sétima em Blumenau²³⁴, oitava em Joinville²³⁵. A parceria entre os municípios previa a realização da feira de forma intercalada a cada dois anos. Blumenau inaugurou o pavilhão da FAMOSC em 1965, mais tarde denominado PROEB, Joinville inaugurou o seu pavilhão da FAMOSC em 1970, dois anos mais tarde chamado EXPOVILLE, com a criação da Fundação Municipal de Promoção da Indústria – PROMOVILLE (JOINVILLE, 1972). Assim como Joinville, em 1970 Brusque inaugurou o seu espaço de amostras, denominado Pavilhão da Feira Industrial de Brusque – FIDEB.

Enquanto Blumenau e Joinville, que já haviam comemorado o seu Centenário em 1950 e 1951, respectivamente, e já dispunham de ligações asfaltadas, promoviam a parceria

²³¹ Famosc sede Joinville. **O Estado**, Florianópolis. 10 nov. 1965. p. 8.

²³² A FAMOSC está um estouro. **Correio do Povo**, Jaraguá do Sul. 9 nov. 1968. Capa.

²³³ VI FAMOSC é êxito total. **Correio do Povo**, Jaraguá do Sul. 1 ago. 1970. Capa.

²³⁴ VII FAMOSC. **Correio do Povo**, Jaraguá do Sul. 5 ago. 1972. Capa.

²³⁵ Fim de semana. **Correio do Povo**, Jaraguá do Sul. 30 mar. 1974. Capa.

entre suas associações comerciais e industriais com o Poder Público de seus municípios para sediar as FAMOSC, Brusque – cidade fim de linha - se concentrou nas suas comemorações do Centenário com a realização da Exposição Nacional da Indústria em 1960, abandonada no primeiro mês de funcionamento (coincidentemente em novembro daquele ano começou a FAMOSC em Joinville). Tanto Joinville quanto Brusque inauguraram seu pavilhão em 1970. Se Joinville fazia a dobradinha com Blumenau durante as décadas de 1950 e 1960, o caminho de Brusque foi mais penoso por conta de ser uma “cidade fim de linha”. Se preparando para o seu centenário entre 1953-1960, durante a década de 1960 começaram os esforços para acompanhar Joinville e Blumenau. O jornalista Jaime Mendes recorrentemente se referia à possibilidade de atração de turistas do litoral, só que para isso dizia que era necessária a obra de asfaltamento da via que ligava Brusque a Itajaí, pois

Além de facilitar o escoamento de sua produção industrial e agrícola, que é feito exclusivamente de caminhão para o Rio e São Paulo, Brusque, no verão, seria invadida por milhares de turistas que vêm se banhar na mais vela e acolhedora praia do Sul do Brasil.

Enquanto não for construída a via de acesso asfaltada de Brusque à BR-59, o comércio, a indústria, os bares e restaurantes de Blumenau vão colhendo, sózinhos, os frutos dessa magnífica dádiva da natureza que é a praia de Camboriú.²³⁶

Se a Exposição Nacional da Indústria fracassara, novas tentativas surgiram e a preocupação com o turismo aflorou em meados de julho de 1964, quando a Prefeitura promoveu um concurso público visando “a elaboração de cartaz de divulgação das atrações turísticas da cidade”. O cartaz deveria ter as dimensões de 45cm x 65cm, colorido, e deveria indicar a “localização geográfica de Brusque com relação aos municípios de Blumenau, Itajaí, Joinville, Florianópolis e Camboriú e fazer referência ao museu, ao Santuário de Azambuja, à indústria têxtil, aos principais clubes, restaurantes e hotéis da cidade” (BRUSQUE, 1964a). Em novembro do mesmo ano foi anunciado o ganhador do concurso, Carlos Alberto de Freitas (BRUSQUE, 1964b). Não localizamos qualquer reprodução do referido cartaz, mas de acordo com o edital, nele já deveriam aparecer alguns elementos que vimos, anos depois, no mural do terminal urbano.

Ficando de fora da FAMOSC e sem ligação com o litoral, a Prefeitura de Brusque e a Associação Comercial e Industrial de Brusque realizaram a Festa do Tecido a partir de 1965. Realizada inicialmente entre 8 de outubro e 7 de novembro em um pavilhão construído de última hora²³⁷. No ano seguinte foi criado pelo Decreto nº 50/1966 o Conselho Municipal de

²³⁶ MENDES, Jaime. Acesso á BR-59. **O Município**, Brusque. 10 nov. 1962. Capa.

²³⁷ 1ª Festa do tecido de Brusque. **O Município**, Brusque. 11 out. 1965. p. 8. Encerrada a 1ª Festa do Tecido. **O**

Desenvolvimento – COMUD,

composto por 7 membros [...] com o objetivo de colaborar com o Planejamento Municipal e racionalização dos serviços, tendo como atribuição principal assessorar o Chefe do Executivo Municipal” [...] A primeira missão do Conselho será o estudo e aprovação do Plano Municipal de Desenvolvimento’, estabelecido para o triênio 1967-1969.²³⁸

Após a posse dos membros, o Prefeito Antônio Heil discorreu sobre a situação da Prefeitura e também sobre os “vários problemas da administração, entre os quais: Construção do Edifício da Municipalidade, Aquisição de uma Carregadeira, aquisição de terreno para Casas Populares, aumento do funcionalismo, professores e operários, cemitério público, pavilhão da feira de tecidos, etc.”²³⁹.

Em 19 de dezembro de 1967, pelo Decreto nº 109, foi criada a Comissão Municipal de Turismo, sendo eleito Victor H. Paes Loureiro o seu primeiro presidente. A ideia é que o órgão assessorasse o Prefeito Municipal e se reunisse duas vezes por mês²⁴⁰. No fim do ano seguinte, em outubro de 1968, é sugerida a construção de um restaurante no Morro da Caixa D’Água que “foi, por assim dizer, a menina dos olhos” de Cyro Gevaerd, antecessor de Antônio Heil. “A idéia, porém, é de a Prefeitura construir o restaurante, com dinheiro da Municipalidade, para depois arrendá-lo a pessoas habilitadas e conhedoras do metier”²⁴¹.

O Morro da Caixa D’Água ganhou esse nome devido à instalação da estação de tratamento de água que fora inaugurada em Brusque em 1960 por ocasião das comemorações do Centenário, porém, o serviço funcionou precariamente, “com a água apresentando condições sanitárias duvidosas, os serviços tiveram que ser reformulados, obrigando a construção de um novo sistema de tratamento do precioso líquido”²⁴². Com a negativa para o aproveitamento e utilização dos terrenos que abrigaram o Parque do Centenário, o Prefeito Cyro Gevaerd acabou por aproveitar uma área no Morro da Caixa D’Água para construir um Parque Municipal.

Município, Brusque. 12 nov. 1965. p. 8.

²³⁸ Notas em Destaque. **O Município**, Brusque. 16 set. 1966. p. 8.

²³⁹ Ibidem. Notas em Destaque. **O Município**, Brusque. 23 set. 1966. p. 8.

²⁴⁰ Eleita a 1ª Diretoria da Comissão Municipal de Turismo. **O Município**, Brusque. 26 jan. 1968. Capa.

²⁴¹ Restaurante no Morro da Caixa d’Água. **O Município**, Brusque. 11 out. 1968.

²⁴² Ministro inaugura rede d’água. **O Município**, Brusque. 28 jan. 1966. Capa.

Figura 14: Parque da Caixa D'Água



Avião do Parque da Caixa D'Água em 1969. Foto de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron.

Em janeiro de 1966, nos últimos dias da gestão do Prefeito Cyro Gevaerd, a rede de tratamento e distribuição de água fora inaugurada novamente. A estação de tratamento, localizada contiguamente à sede do SAMAE desde então, fica ao lado do Parque da Caixa d'Água Leopoldo Moritz²⁴³. Não encontramos notícia sobre a inauguração oficial do Parque da Caixa d'Água, mas tão somente informações indicando que o Prefeito Cyro Gevaerd iria instalar um busto em homenagem ao industrial João Bauer e que tinha pretensões de inaugurar o Parque até o fim de seu mandato²⁴⁴.

A ideia era que o Parque da Caixa d'Água contasse com um bromeliário e um arboreto que seriam instalados sob os cuidados do Padre Afonso Reitz, irmão do Padre Raulino Reitz, uma das maiores autoridades em bromélias no mundo²⁴⁵. Em 1967, “foi ampliada a sua área [em 20.000m²] e construídas várias gaiolas, bem como um grande cercado para 2 Emas e 1

²⁴³ Apesar de ser em um local relativamente afastado da Avenida Cônsul Carlos Renaux e preceder em muito a instalação da Prefeitura, Câmara de Vereadores e Fórum no local atual, ao longo da subida do morro do Parque da Caixa d'Água foram instaladas a primeira sede da UNIFEBE, a sede do Grupo Escoteiro (que permanece no local) e a Secretaria de Obras, desativada no local após a venda de uma parte do terreno na qual ela estava inserida.

²⁴⁴ João Bauer – pioneiro e benfeitor de Brusque. **O Município**, Brusque. 17 dez. 1965. Capa.

²⁴⁵ REITZ, Raulino. Bromeliário e Arboreto de Brusque. **O Município**, Brusque. 24 dez. 1965.

Pavão, que são as novas atrações do pequeno Zoológico ali instalado.

Embora o Prefeito Cyro Gevaerd tenha iniciado em 1965 os “entendimentos com o Ministério da Aeronáutica para a cessão de um avião, que seria exposto no Parque Municipal”, somente em abril de 1969 o pleito fora atendido e o avião trazido a Brusque²⁴⁶. Em outubro de 1969, pouco antes do término do mandato do Prefeito Antônio Heil, o parque já contava com inúmeras atrações: “um pequeno zoo, com aves raras, um bonito lago, um jardim ornamentado artisticamente de pedras coloridas – obra do Pe. Afonso Reitz – parque infantil, chafariz e uma paisagem maravilhosa de Brusque”,²⁴⁷ juntamente com o avião utilizado na Segunda Grande Guerra Mundial, doado pela Força Aérea Brasileira.

A sugestão de edificação de um restaurante no morro da Caixa D’Água, veiculada no jornal em outubro de 1968, é semelhante ao que estava ocorrendo em Blumenau no “Morro do Aipim”, onde foi autorizada a instalação do restaurante Frohsin (BLUMENAU, 1968). Brusque parecia acompanhar Blumenau, tanto é que no final de 1969 ambos os municípios aprovaram lei de incentivos fiscais para a construção de hotéis de turismo, Brusque, em outubro, e Blumenau, em novembro, tendo sido a lei de Blumenau revogada já em 1972 (BLUMENAU, 1972). A redação das leis é semelhante, sendo alterado tão somente o nome das cidades (BRUSQUE, 1969; BLUMENAU, 1969).

Retomando às notícias relativas à Festa dos Tecidos, com exceção da eleição da segunda Rainha dos Tecidos em 1966, nada se falou sobre a festa realizada no Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque entre julho e agosto de 1966²⁴⁸. A terceira edição ocorreu em janeiro de 1969²⁴⁹ novamente no Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque²⁵⁰ e, “tendo em vista o êxito da última ‘Feira de Tecidos’, ficou patente a necessidade [já apontada pelo COMUD em 1967, órgão responsável por assessorar o Prefeito,] de Brusque dispor de um local adequado para nele funcionar a ‘IV Feira de Tecidos’”²⁵¹. O sucesso da feira teria feito com que circulasse um boato de que “o Clube dos Lojistas de Blumenau, ante o sucesso obtido pela III Feira de Tecidos teria feito movimentada reunião para comentar o acontecimento”²⁵². O boato complementa ainda que nesta assembleia os lojistas teriam cogitado tomar medidas “com o fito de esvaziar o comércio de Brusque” e que haveria a “intenção de desmerecer a cidade de

²⁴⁶ Avião no Parque da Caixa D’Água. **O Município**, Brusque. 18 abr. 1969. Capa.

²⁴⁷ Paisagem de Brusque. **O Município**, Brusque. 3 out. 1969. p. 2.

²⁴⁸ Eleição da Rainha do Tecido. **O Município**, Brusque. 29 jul. 1966. p. 3.

²⁴⁹ A terceira Feira de Tecidos de Brusque. **O Município**, Brusque. 24 jan. 1969. Capa.

²⁵⁰ Balanço da IV Feira do Tecido. **O Município**, Brusque. 20 fev. 1970. Capa.

²⁵¹ Prefeito inclinado a construir pavilhão de amostras. **O Município**, Brusque. 7 mar. 1969. Capa.

²⁵² A reação de Blumenau. **O Município**, Brusque. 14 fev. 1969. Capa.

Brusque aos olhos dos turistas”²⁵³. O Clube de Diretores Lojistas de Blumenau, em carta assinada por seu presidente Willy Slevert, respondeu:

em nenhuma das assembleias de nosso Clube tocou-se no assunto da citada Feira e muito menos cogitou-se da adoção de futuras medidas com a finalidade de prejudicar o comércio e a indústria de Brusque ou futuras feiras. Vale aqui ressaltar que o lema do C.D.L. é: ‘Unidos podemos servir melhor’, o qual por si só demonstra a nossa atitude, que é a de trabalharmos unidos e não prejudicar.

O que já foi comentado e muito lamentado em nossas reuniões é o fato de que uma cidade tão importante e possuidora de um comércio à altura como o é Brusque, não possua ainda o seu C.D.L., dos quais já existem doze (12) em diversas cidades do nosso Estado²⁵⁴

Embora assinalasse o tom “amistoso e cavalheiresco” da carta, a nota da redação do jornal *O Município*, abaixo da reprodução da carta, ressaltou que a informação fora repassada “por pessoa de conceito elevado que merece tôda nossa confiança”²⁵⁵. Com o sucesso das feiras era preciso um material de divulgação. Em fevereiro de 1969 foi lançado o “Guia Turístico de Brusque” a “ser distribuído em vários pontos do país com o propósito de atrair correntes turísticas para cá, tirando o Berço da Fiação Catarinense do isolamento em que vive, em parte por falta de boas estradas”²⁵⁶.

Finalmente, em julho de 1969 a Prefeitura foi autorizada a adquirir uma área de 20.000m² destinada “à construção do Pavilhão de Exposições, feiras e outras promoções de caráter oficial” (BRUSQUE, 1969a). Em agosto foi autorizada a “abertura da concorrência pública para a construção do ‘Pavilhão de Brusque’, destinado à Exposições e Promoções” sendo que “a Prefeitura Municipal de Brusque, participará com até 50% (cinquenta por cento), do seu custo, ficando a obra a cargo da ‘Comissão de Exposições e Promoções de Brusque – COMEPROMO’.” (BRUSQUE, 1969b). A COMEPROMO foi instituída pela Portaria nº 100/1969²⁵⁷. Em 23 de setembro de 1969 foi fundada a Feira Industrial de Brusque - FIDEB e declarada de utilidade pública (BRUSQUE, 1969c). Em outubro ocorreu a cessão do terreno à FIDEB para “o fim específico de ali ser edificado o Pavilhão de Exposições” (BRUSQUE, 1969d) a partir de um convênio firmado com o Sesi, que teria “o direito de utilizar o Pavilhão de Brusque e suas dependências para competições esportivas, sociais e recreativas, gratuitamente, por um período de 10 (dez) anos” (BRUSQUE, 1969e; BRUSQUE, 1970). Em 1983 o Pavilhão da FIDEB foi batizado como “Pavilhão Antônio Heil” (BRUSQUE, 1983).

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ SLEVERT, Willy. A reação de Blumenau. **O Município**, Brusque. 18 abr. 1969. p. 6.

²⁵⁵ Ibidem.

²⁵⁶ Guia Turístico de Brusque. **O Município**, Brusque. 7 fev. 1969. Capa.

²⁵⁷ Estatutos da Feira Industrial de Brusque “FIDEB”. **O Município**, Brusque. 10 out. 1969. p. 7.

Figura 15: Pavilhão da FIDEB



Aspecto do Pavilhão da FIDEB quando inaugurado em 1970. Atualmente neste local fica o estacionamento entre o camelô e o prédio da Fundação Cultural de Brusque. Foto de Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron

A Feira Industrial de Brusque - FIDEB, foi uma “sociedade civil de fins não lucrativos” que teve por objetivo “divulgar, através de exposições periódicas, a produção fabril do município de Brusque e, promovendo, sempre que possível, melhoramento técnico dos seus produtos”²⁵⁸. Só poderiam se associar “indústrias sediadas nos municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá, Vidal Ramos, Nova Trento, Canelinha, São João Batista, através de seus representantes legais”²⁵⁹. O primeiro presidente da FIDEB foi o industrial alemão radicado no Brasil Gotthard Oskar Pastor, casado com a Íris Renate, filha do industrial Edgar von Buettner²⁶⁰. Em 23 de janeiro de 1970 foi inaugurado pelo governador Ivo Silveira o Pavilhão de Exposições juntamente com a abertura da IV Feira de Tecidos²⁶¹ e II Feira Industrial²⁶². A expectativa era de que o público fosse muito maior do que o registrado na feira

²⁵⁸ Estatutos da Feira Industrial de Brusque “FIDEB”. **O Município**, Brusque. 10 out. 1969. p. 7.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ KONS, Paulo V. Luto em Brusque. In: **Rádio Araguaia**, Brusque. 4 jan. 2017. Disponível em: <<http://araguaiaibusque.com.br/noticia/geral/luto-em-brusque-36854>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

²⁶¹ Governador vem para inaugurar pavilhão de exposições. **O Município**, Brusque. 23 jan. 1970. Capa.

²⁶² Notícias da COMUTUR. **O Município**, Brusque. 23 jan. 1970. p. 8.

anterior (10.791 pessoas em 1969 e 15.537 pessoas em 1970). No balanço realizado pelo *O Município*,

As principais causas [do público aquém do esperado], a nosso ver, são duas:

- 1) Temos aqui grandes indústrias de tecidos mas quase todas fabricando a mesma coisa, o que oferece pouca margem de opção ao comprador sequioso de novidades;
- 2) a mostra foi realmente modesta, apresentando reduzido número de expositores.

Na exposição de Blumenau (FAMOSC) compareceram 150.000 pessoas, na de Florianópolis (II FAINCO) 120.000 e na de Timbó 50.000 pessoas.²⁶³

Na mesma notícia constam ainda as últimas informações sobre as obras da BR-101 entre Curitiba e Porto Alegre, das quais Brusque e Blumenau seriam beneficiados devido ao incremento turístico após as suas conclusões²⁶⁴. A ligação com o litoral era crucial, não obstante as tentativas de trazer turistas para Brusque,

A Comissão de Turismo de Brusque dispõe de uma verba anual de 30 milhões de cruzeiros (antigos) para custear suas atividades.

De que maneira vem sendo gasto êsse dinheiro?

Achamos que o turismo, em Brusque, só pode existir em função de Balneário Camboriú e da BR-101, como ponte de ligação rodoviária entre Curitiba e Porto Alegre.

A única coisa que tem atraído pessoas que viajam pelo nosso Estado para Brusque são os famosos tecidos de algodão de suas fábricas.

Ninguém virá aqui por outro motivo, assim como nenhum turista irá a Indaial, Jaraguá do Sul, Joinville, etc, se não houver lá nada interessante para comprar.

[...]

Não poderá haver desenvolvimento do turismo em nossa cidade enquanto não tivermos uma boa estrada asfaltada ligando Brusque à BR-101.²⁶⁵

Embora a V Feira do Tecido em 1971 tenha tido êxito “apenas relativo”, na análise de A.H. (1971) “é indiscutível que sua efetivação deixou saldo positivo. Mais de 10.000 pessoas²⁶⁶ visitaram o Pavilhão da FIDEB”, e tendo recebido a visita do Ministro da Indústria e Comércio Marcus Vinicius Pratini de Moraes, que veio a Brusque por conta da feira²⁶⁷. No

²⁶³ Balanço da IV Feira do Tecido. **O Município**, Brusque. 20 fev. 1970. Capa.

²⁶⁴ Ibidem.

²⁶⁵ Turismo em Brusque. **O Município**, Brusque. 30 out. 1970. Capa.

²⁶⁶ Para efeitos comparativos a Exposição Nacional da Indústria realizada no Parque do Centenário em 1960 contabilizou 57.083 visitantes. Encerrada a exposição. **O Município**, Brusque. 22 out. 1960. Capa.

²⁶⁷ H. A. ENCERRADA a V Feira do Tecido. **O Município**, Brusque. 12 fev. 1971. Capa.

ano seguinte, Jaime Mendes insiste na ideia de que “está praticamente comprovado que o turismo, em Brusque, só funciona na base do fazer compras. Na realidade, não temos outra coisa para mostrar senão os belos tecidos de nossas indústrias”²⁶⁸. Com as obras de asfaltamento da rodovia que liga Brusque ao litoral, Mendes comenta ainda que

É mais perto vir a Brusque, para quem transita pela BR-101, do que ir a Blumenau. E só a nossa cidade fabrica tecidos de vestuário de fama nacional que são a principal linha de produção de nossas indústrias têxteis. Mas Blumenau, através de uma propaganda intensiva, criou o mito da única cidade tipicamente germânica, possuidora das grandes fábricas de tecidos do Vale do Itajaí que são distribuídos pela mais bem montada cadeia de lojas de Santa Catarina. [...] Um comércio desenvolvido, para distribuição e venda dos produtos locais, passaria a constituir mais um estímulo à expansão do turismo em nossa cidade. Blumenau é o exemplo.²⁶⁹

Nascido em Blumenau em 1954, Rolf Kaestner veio para Brusque em 1973, aos 19 anos de idade, para trabalhar no jornal *A Nação*²⁷⁰, sucursal brusquense dos Diários Associados. Segundo Kaestner (2019)

Brusque era uma cidade que não apresentava grandes desenvolvimentos depois de 1960. O problema das estradas, as ligações com cidade eram precárias, que na época o asfalto já era um meio de desenvolvimento dos municípios. E ele aqui chegou bem mais tarde. Os governos não olharam mais com carinho pra cidade.

Conforme narrado por Ciro Roza (2019) e observado no gráfico 2, a falta de perspectiva nas décadas de 1960 e 1970 refletiram no crescimento demográfico de Brusque aquém do nível nacional. O Governo de César Moritz (1973-1977) trouxe algumas indústrias para Brusque. Kaestner cita o movimento iniciado pelos municípios de Joinville e Blumenau com relação à FAMOSC e, por conta disso, a instituição das feiras industriais de Brusque e a construção do Pavilhão da FIDEB.

Mas elas tiveram que ser interrompidas por causa da dificuldade de se chegar na cidade, eram estradas com muita poeira. Então queriam se fazer essas amostras aproveitando a época de verão [...] mas trazer essas pessoas para cá era difícil, assim as três grandes empresas de Brusque começaram a dizer ‘eu não faço mais’ e [...] a cidade não realizou mais. E Brusque ficou restrita às três grandes empresas: a Buettner, a Schloesser e a Renaux. E ali ela ficou durante muito tempo nesse crescimento mais devagar em relação ao Vale do Itajaí, que crescia muito. [...] A Prefeitura ainda não tinha despertado para o turismo porque a tentativa feita com a Feira Industrial de Brusque, que tinha sido deixado, quer dizer, foi abandonado, o galpão estava jogado às traças, era a FIDEB, no governo do César [Moritz] é que foi feita a urbanização da Praça, porque ele tava no meio ali e não existia nada ali ao redor dele, então [o Pavilhão] tava jogado praticamente no meio do mato, e foi feita a urbanização e ele foi disponibilizado para o esporte. Não havia outra coisa pra fazer. Na década de 1980 nós começamos a querer ressurgir de novo esse movimento de turismo que havia no litoral e trazer pra cá (KAESTNER, 2019)

²⁶⁸ MENDES, Jaime. Turismo em Brusque. **O Município**, Brusque. 29 jan. 1972. Capa.

²⁶⁹ Ibidem.

²⁷⁰ Sediado em Blumenau, o jornal *A Nação* circulou entre 1966 e 1977 com edição de Brusque.

Figura 16: Praça da FIDEB



Praça da FIDEB, que abrigou também o prédio onde funcionou a Câmara de Vereadores e Biblioteca Pública Ary Cabral. Foto Érico Zendron. Acervo FCB/Fundo Érico Zendron.

No início da década de 1970 tanto a ligação com litoral como a rua Prefeito Germano Schaeffer, que dava acesso à FIDEB, eram de chão. Foi somente com a proximidade dos términos do asfaltamento da Rodovia Antônio Heil em 1974 que foi iniciado a urbanização do entorno do pavilhão com “ajardinamento do terreno com gramados, árvores e flores, construção de passeios, com bancos para descanso, implantação de play-ground e de um palco coreto”²⁷¹.

Após um hiato de quatro anos, em 1978, a Feira do Tecido ocorre entre 21 de janeiro e 05 de fevereiro. Embora “a primeira mostra desta natureza, em estilo oficial, foi promovida em outubro de 1965. De lá pra cá outras foram realizadas sem contudo atingir seu grande objetivo”²⁷².

Nesta feira (ou exposição, com stands de venda), os visitantes poderão ver que Brusque não é somente a “Cidade dos Tecidos”, mas tem um parque fabril bem diversificado, embora carecendo de novas fábricas metalúrgicas, indústrias de móveis, cerâmicas, trabalhos artesanais, etc.

Os que forem à Feira terão oportunidade de adquirir, inclusive os últimos lançamentos da indústria têxtil a preço de fábrica conforme ficou determinado entre as firmas expositoras.

Se a ideia ‘vingar’, o Chefe do Executivo terá motivos de sobejo para promovê-la

²⁷¹ Urbanização do Parque da FIDEB. **O Município**, Brusque. 15 mar. 1974. p. 3.

²⁷² Feira do tecido abre amanhã. **O Município**, Brusque. 20 jan. 1978. Capa.

com mais amplitude nos próximos anos, abrindo novas perspectivas para a indústria local, notadamente as que precisam ser conhecidas de perto.²⁷³

Quem escreveu a notícia, ao mesmo tempo em que afirma não ser Brusque apenas a “Cidade dos Tecidos” também afirma que é necessário uma diversificação do parque fabril. Chama a atenção a ideia de se adquirir, por meio da feira, os produtos diretamente das indústrias.

No ano seguinte apenas 20 firmas teriam confirmado a participação na VII Feira dos Tecidos que ocorreu entre 19 de janeiro e 4 de fevereiro de 1979²⁷⁴. Porém,

A VII experiência feita com a Feira de Tecidos não deu, como se esperava, resultados promocionais satisfatórios.

Quase todas as pessoas que vieram até cá para vê-la saíram com impressão desfavorável, resmungando contra a pobreza dos stands, a exiguidade dos produtos expostos e a modéstia do ambiente.

Outras coisa que desapontou muita gente, principalmente turistas que frequentam as nossas praias: as compras só podiam ser feitas nas lojas nas fábricas, distantes da Feira, algumas desprovidas de um sistema moderno de vendas e exposição, parecendo até que não houvesse interesse na rua comercialização.²⁷⁵

Correndo por fora desde 1965, enquanto Blumenau e Joinville faziam dobradinha, resultou em um fracasso na VII Feira de Tecidos em 1979. Se em 1965 o problema central era a ligação com o litoral, conquistada em 1974 com o asfaltamento da Rodovia Antônio Heil, em 1979 foi preciso que Brusque se reorganizasse. A descontinuidade das sete feiras ocorridas em 1965, 1966, 1969, 1970, 1971, 1978 e 1979, o asfaltamento da Rodovia Antônio Heil em 1974, além da frustração por ela ser de amostras e não de venda, resultaram na necessidade de uma remodelação.

Em 1981 foi realizado o “Feirão das Coisas Brusquenses”, organizada pelo Departamento de Expansão Industrial da Prefeitura e que visava “proporcionar novas oportunidades de vendas” e que “decidida a menos de quinze dias, essa iniciativa vem substituir a até então tradicional Feira dos Tecidos, que deixou de atender os objetivos propostos, transformando-se tão somente numa amostra da produção industrial brusquense”²⁷⁶. Este feirão excluiu as grandes empresas que haviam sido criticadas por não oferecerem produtos na feira, mas tão somente promoverem amostras, desvirtuando o intuito

²⁷³ Ibidem.

²⁷⁴ Merico inaugura hoje a Feira do Tecido. **O Município**, Brusque. 19 jan. 1979. Capa. Feira do tecido começa dia 19. **O Município**, Brusque. 12 jan. 1979. p. 6.

²⁷⁵ Feira de tecidos. **O Município**, Brusque. 2 mar. 1979. p. Capa.

²⁷⁶ Feirão já é sucesso em Brusque. **O Município**, Brusque. 23 jan. 1981. p. 3.

da promoção, e focou nas pequenas e médias empresas, sendo que o feirão tinha por objetivo principal efetuar vendas. Em 1982 o Feirão aconteceu novamente em janeiro e fevereiro com as pequenas a microempresas participando, embora tenha sido nomeado Feira de Tecidos de Brusque²⁷⁷. A partir de 1983 o evento foi chamado de Feira da Indústria²⁷⁸. Kaestner (2019) comenta que “foi um sucesso extraordinário, tanto é que no terceiro ano a gente teve de fazer duas etapas da feira [...] E aí começou a questão do turismo evoluir. Desta feira surgiu a rua Azambuja”. Questionado sobre a ligação desta remodelação da Festa de Tecidos em Feirão das Coisas Brusquenses, Kaestner (2019) comenta que

A partir do momento que nós fizemos a feira, que reuniu aquele grupo de empresários e vendiam muito. Porque veja, a feira não era só uma venda diretamente em janeiro e fevereiro. Porque quem vinha fazer compras era o pessoal abonado que estava no litoral. Quem é esse pessoal? São comerciantes, são empresários. O produto era bom, o sujeito comprava em janeiro, ou em fevereiro, mas em março ou abril ele telefonava e repetia o pedido dele, começou, assim começamos a fazer clientes, eles começaram a fazer clientes a partir dessas feiras. E aí surgiu a rua Azambuja. Porque começaram a vender muito, as pessoas vinham pra cá: “opa é hora da gente começar a expandir os nossos negócios” e foi um eldorado a rua Azambuja na época. Sem planejamento nenhum, por isso que acabou depois também não dando certo, porque não houve esse planejamento, se tivesse ouvido... Surgiu a FIP – Feira Industrial Permanente. Porque a nossa era a Feira Industrial de Brusque, janeiro e fevereiro. Eles montaram o pavilhão lá Feira Industrial Permanente, é a FIP. E assim começou a questão do turismo em nossa cidade. Dali e depois em diante veio a Fenarreco e aí...

Em março de 1983 “o Departamento de Obras e Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Brusque comunica que, após ter verificado ‘in loco’ a construção do Pavilhão da FIDEB e constatado diversas irregularidades resolveu interditá-lo”²⁷⁹. Em 1986 o Prefeito César Moritz desapropria uma área de terras para a construção do Pavilhão de Exposições e Feiras e a construção da sede do Corpo de Bombeiros e Polícia Militar (BRUSQUE, 1986). Porém, o local serviu para abrigar um conjunto de prédios enxaimeloides, como a Prefeitura, Câmara de Vereadores e Fórum. Voltarei a discutir o seu impacto das feiras mais adiante pois elas irão desencadear em um fenômeno de Shopping ao ar livre na rua Azambuja, concentrado mais tarde nos shoppings. Sobre a Feira Industrial Permanente - FIP, em encarte publicado em 1991 no jornal *O Município*, o empresário Osmar Crespi (Marú) comentou que foi a partir da Feira Industrial de Brusque e do sucesso do comércio na rua Azambuja que ele percebeu

que o local onde era realizada a Feira Industrial de Brusque, o Pavilhão da Fideb, ‘tinha pouco espaço, e que a cada ano tornava-se menor, devido ao grande número

²⁷⁷ Inaugurada Feira de Tecidos de Brusque. **O Município**, Brusque. 22 jan. 1982. p. 8.

²⁷⁸ Feira da indústria. **O Município**, Brusque. 15 jul. 1983. Capa.

²⁷⁹ Noticiário da Prefeitura. **O Município**, Brusque. 23 mar. 1983. p. 2.

de empresas do ramo de confecções que vinham a lume, anualmente. E não oferecia muitas opções aos visitantes, principalmente com relação a estacionamento'. Analisou ainda um outro aspecto importante: os turistas que visitam Brusque fora destes meses de veraneio, não tinham muitas alternativas quanto a compras, notadamente adquirindo mercadorias direto de fábrica, a preços significativamente inferiores aos praticados nas revendas distribuídas por diversos pontos da cidade.²⁸⁰

Na estrada asfaltada que liga Brusque ao litoral (Rod. Antônio Heil) se instalaram a FIP, BRUEM (atualmente Centro Administrativo da empresa Havan) e STOP SHOP, e posteriormente na estrada asfaltada que liga Brusque a Blumenau (Rod. Ivo Silveira) foram instalados os shoppings atacadistas ALL, Master e Catarina. Portanto, a Festa dos Tecidos de 1965, que foi realizada por sete vezes sem sucesso até 1979 e que deu origem ao Feirão das Coisas Brusquenses – FECOB em 1981 e foi rebatizada de “Feira Industrial de Brusque”, permitiu que a atividade das micro e pequenas empresas proliferasse ao longo da rua Azambuja e mais tarde se concentrassem nos centros comerciais (shoppings de varejo ou atacado). Segundo Kaestner (2019) o setor de turismo teve seu foco inicial na Feira Industrial. O outro evento que atraia muitos visitantes e que já ocorria desde o início do século foi a Festa de Nossa Senhora de Azambuja no Santuário de Azambuja no mês de agosto. A Secretaria de Turismo passou a prestar a atenção nesta festa por conta do incremento comercial na referida rua.

²⁸⁰ Desenvolvimento do setor de confecções inspirou a obra do empresário Osmar Crespy. FIP – Feira Industrial Permanente. Brusque-SC, set. 1991. p. 4. Encartado entre as páginas 8-9 no jornal **O Município**, Brusque. 13 set. 1991.

Figura 17: Folder 1ª Fenarreco



Capa do folder da 1ª Fenarreco em 1986. Acervo Sala Brusque.

Após a enchente de 1984, com o sucesso da Oktoberfest em Blumenau, a COMUTUR sugeriu a criação da Festa Nacional do Marreco – Fenarreco em Brusque a ser realizada em 1985, porém as condições do Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque, que abrigaria a festa e que fora atingido pela enchente de 1984, eram precárias. No panfleto distribuído junto ao folder estava escrito

Outubro é mês de festa e alegria na região do Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Nesta época, realiza-se em Blumenau a Oktoberfest, a maior de todas as manifestações culturais da colônia alemã no Brasil. São 9 dias de música, dança, trajes típicos, folclore e muito chopp.

Este ano, a festa está melhor ainda. Na cidade de Brusque, a apenas 25 quilômetros de Blumenau, será realizada a 1ª Festa Nacional do Marreco. Serão mais de 20 mil aves fornecidas pela Sadia e preparadas com todos os requintes da mais pura culinária alemã.

Não dá pra perder. Venha a Santa Catarina, divirta-se a vontade na Oktoberfest e dê uma bicadinha na 1ª Fenarreco. Seria um pecado vir à festa dos alemães e não provar o seu prato típico. Mais ou menos como ir a Roma e não pedir a bênção ao Papa.

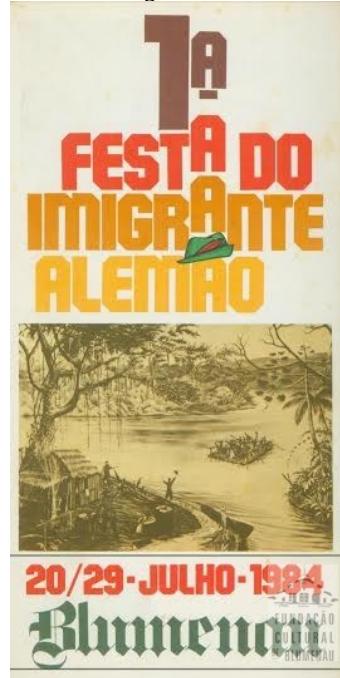
Questionado se a ideia de se basear na festa de Blumenau não seria se menosprezar, ou mesmo criar algo que estaria fadado a ficar nas sombras, Kaestner (2019) comentou que havia

uma parceria com Blumenau. Se em anos anteriores a dobradinha de Blumenau com Joinville fez com que Brusque se virasse por conta própria, a partir da década de 1980 o setor de turismo de Brusque estabeleceu uma parceria com o setor de turismo de Blumenau. O fato de Rolf Kaestner ser blumenauense talvez possa estar relacionado com essa parceria. Kaestner (2019) comenta que

em 1985, antes de nós fazermos a Fenarreco aqui, o secretário de turismo de Blumenau Antônio Pedro Nunes, com quem eu tinha uma grande amizade, com quem viajei diversas vezes até pra fazer as divulgações, ele me ajudou, ele disse “faz o seguinte já que vocês não vão fazer a festa esse ano.... Que pena... monta uma estrutura de vocês aqui em Blumenau pra tu já divulgares pro ano que vem” e nós montamos uma casinha dessas pré... nem pré-fabricada, é... digamos assim, um box em estilo alemão, fora da PROEB, da Vila Germânica hoje, e nós tínhamos uma pessoa lá dentro pra poder divulgar que nós íamos fazer a Fenarreco, então tínhamos dentro do pátio da Oktober...

Embora o secretário Antônio Pedro Pereira Nunes seja sempre referenciado como o criador da Oktoberfest em 1984, o pesquisador Aloisius Carlos Lauth confidenciou que pouco se fala de Hilário Torresani, um brusquense que teria uma representação da cervejaria Antártica em Brusque e que havia criado uma filial em Blumenau. Segundo Lauth, a filial de Blumenau deu tão certo que Torresani teria se mudado para lá. Após a enchente de 1983, em 1984 Blumenau realizou a 1^a Festa do Imigrante em julho. Segundo Lauth, o empresário brusquense Hilário Torresani teria doado a bebida para a Prefeitura de Blumenau para a realização da festa.

*Figura 18: Propaganda 1^a
Festa do Imigrante*



Folder da 1^a Festa do Imigrante, de Blumenau.

Kaestner (2019) comenta que a ideia era que Brusque serviria a refeição (almoço e janta) e depois as pessoas se dirigiriam a Blumenau, na festa da cerveja. Ele comenta que

no primeiro dia da festa, quando chegou a meia-noite e a banda começou a tocar “adeus amor eu vou embora...” as pessoas ficaram olhando e nós corremos na banda e dissemos “pelo amor de Deus nós pagamos mais, mas pelo menos vocês tocam mais uma hora” e eles tocaram mais uma hora. Assim o pavilhão de gente. E mesmo assim a 1 hora da manhã deu pena de ver o povo ir embora porque ninguém queria ir. Então quer dizer, a gente teve de rever a dinâmica da festa no primeiro dia. Nós fomos iludidos, fomos enganados pela população no primeiro dia da festa. A gente queria fazer uma coisa e o povo fez outra, aquilo que a gente jamais ia imaginar. E assim, dali pra frente... E isso teve uma repercussão no Estado, fora do Estado no Brasil, olha, a gente participou de feiras, de amostras de turismo pelo Brasil, e aonde a gente chegava a gente era entusiasticamente recebidos, nós de Brusque, de uma pequena cidadezinha do interior lá, nós éramos entusiasticamente recebidos pela festa que nós fizemos. E isso o Ciro pegou, já no terceiro ano, pegou. E ele olhou para aquilo e claro, é por aqui o caminho.

O próprio Ciro Roza reconhece que Brusque estava num ritmo de crescimento, influenciado por ele próprio com a questão da introdução da malharia (2019). Mas, de onde teria surgido essa questão do enxaimeloide em Brusque? Ciro Roza (2019) comenta que foi a partir de Blumenau, por conta de perceber que os turistas tiravam foto. Mas, como isso começou em Blumenau? Como veio parar em Brusque?

Em 1972, Blumenau foi o primeiro município catarinense a editar legislação

incentivando a adoção do estilo germânico no ambiente urbano por meio de renúncia fiscal. Sob o comando do Prefeito Evelásio Vieira, foi promulgada uma lei em que ficava autorizado o executivo municipal “a dispensar do pagamento de emolumentos de obras todos os que, dentro do perímetro urbano de Blumenau, vierem a edificar casas típicas Blumenauenses, para residências” (BLUMENAU, 1972). O benefício somente poderia ser concedido com “parecer prévio da Comissão Municipal de Turismo que examinará os projetos a fim de averiguar se os mesmos possuem as condições e normas em que a referida Comissão baseia a definição do que considera ‘Casas típicas – Blumenauenses’.” (BLUMENAU, 1972). Esta lei era muito imprecisa e não estipulava o que seria considerado uma “casa típica blumenauense”, delegando a uma comissão que, conforme a possibilidade de alteração de sua composição, também poderia alterar o entendimento sobre a definição. Evelásio Vieira governou Blumenau entre 1970 e 1973, ano em que Rolf Kaestner, aos 19 anos, veio para Brusque para assumir a editoria do jornal *A Nação*. Assumindo o cargo efetivo na Prefeitura de Brusque logo em 1975 e assessorando o Prefeito Municipal, sobre o Prefeito de Blumenau na época, Rolf Kaestner (2019) lembra que

Esse homem, que não tinha laços nenhum com a cultura alemã, porque o sobrenome dele já mostra, apesar de morar em Blumenau há muito tempo, mas ele não tinha esses laços, ele nem alemão não sabia falar, que era uma coisa que em Blumenau, naquela época de 1960... 1970 era quase que uma obrigatoriedade das pessoas mais influentes, das pessoas mais respeitadas, saberem o alemão. E o Lazinho, como ele era chamado, nem isso não sabia falar. Mas isso não tirou dele a grande virtude de olhar para a cidade. Ele começou a modificar Blumenau. Ele começou a implantar na cidade os estilos, ou manter os estilos que os antepassados trouxeram para a cidade. É preciso dizer também que existe uma diferença de cultura entre Blumenau e Brusque, porque Blumenau foi uma cidade cultivada essencialmente por alemães de um cidadão que veio para o Brasil e ele requereu junto ao império um local para instalar uma colônia alemã, diferente de Brusque que foi imposta por decreto e para cá foram trazidos os imigrantes que inscreviam-se da Alemanha, na Itália, na Polônia, na Inglaterra, enfim na Europa naquela época com grandes conflitos, não de guerra, mas conflitos de familiares, porque as pessoas não dispunham mais de terras para serem divididas, o primogênito levava tudo. Então, esses vieram para cá. Então Blumenau preservou predominantemente o alemão. Depois também foram os italianos pra lá. Mas nós tivemos uma miscigenação de cara. Alemão que não sabia falar italiano, italiano que não sabia falar polonês e polonês que não sabia falar alemão, se misturaram aqui. Então essa foi uma diferença entre Blumenau e Brusque. Então Blumenau sempre foi muito mais alemã do que Brusque, sempre foi nesse aspecto. Já existiam mais construções típicas na cidade. Mas esse Prefeito, o Lazinho, ele começou a incentivar isso e a cidade começou a ter uma repercussão no Brasil. Uma cidade alemã, uma cidade alemã. A cidade mais alemã no Brasil era em Blumenau. [...] Esse Prefeito começou a incentivar que as construções fossem imitações de enxaimel. Isso foi uma discussão na época muito grande. Isso não pode, isso é um falso enxaimel e tudo mais. Enfim, a cidade começou a ter uma repercussão, começou a ter movimento. Aí nós estávamos em Brusque, e a cidade, a antiga Brusque, a Cônsul Carlos Renaux, os antigos prédios, estavam necessitando de algumas reformas. E aí vinham, chegavam na Prefeitura os pedidos de licenças e a gente começou a dizer assim “poxa, por que que a gente não se copia o que

Blumenau tá fazendo”... (KAESTNER, 2019).

Na realidade houve uma preocupação do governo imperial de assentar colonos brasileiros desde os primórdios da colonização em Brusque, tanto é que em 1873 dos 2.505 colonos instalados nas colônias Itajahy e Príncipe D. Pedro, havia aproximadamente “200 brasileiros e alguns portuguezes, francezes, inglezes e suíços” (PAES LEME, 1875). Porém, elementos de outras etnias só vieram a quebrar a hegemonia alemã anos mais tarde, notadamente os italianos após 1875 – que também foram para Blumenau, 15 anos após a fundação da colônia Brusque e 25 após a fundação da colônia Blumenau, mesmo assim, no caso de Brusque, foram assentados em locais distantes da região central (rua das Carreiras e Av. Cônsul Carlos Renaux) como em locais onde hoje estão situados os municípios de Nova Trento e Botuverá.

Com relação à diferença cultural, é importante ressaltar que enquanto a igreja luterana de Blumenau estava filiada ao Conselho Superior da Igreja Prussiana, que vinculava o luteranismo com o germanismo, a igreja luterana de Joinville estava associada à Igreja da Baviera, mais liberal (FALCÃO, 2000, p. 108). Embora a Igreja Luterana de Brusque também fosse filiada ao Conselho Superior da Igreja Prussiana a partir de junho de 1905²⁸¹, foi por Brusque que se começou o abrasileiramento dos cultos luteranos após a Segunda Guerra Mundial, enquanto em “muitas comunidades, a situação logo o pós-guerra retornou ao quadro existente antes do período de nacionalização” (BEHS, 2001, p. 106). Sobre a rivalidade entre Brusque administrada por Schnéeburg e Blumenau administrada por Hermann Blumenau,

Queremos crer que Schnéeburg, com o seu natural orgulho, sentisse em seu espírito o espinho da emulação, frente ao que o dr. Hermann Blumenau realizava na Colônia vizinha. O velho militar queria mostrar que não lhe era inferior, que teria capacidade para fazer da sua colônia o mesmo que o vizinho havia conseguido realizar na sua. E não queria jamais parecer que lhe fosse subsidiário. Nos seus ofícios raramente a êle, Blumenau, e seu núcleo. Queria Brusque independente. (CABRAL, 1958, p. 109)

Se nos primeiros anos após a fundação da colônia em agosto de 1860 os luteranos brusquenses deslocavam-se até Blumenau para visitar o Pastor Oswaldo Hasse, a partir de abril de 1863 o pastor começou a visitar Brusque trimestralmente, onde tinha fundado a Comunidade Evangélica de Brusque. As visitas prosseguiram até fevereiro de 1865, quando o pastor Johann Anton Sandreczki chegou a Brusque, onde permaneceu residindo até 1880,

²⁸¹ **PORTAL LUTERANOS (Santa Catarina).** Sínodo Vale do Itajaí. História da Comunidade Evangélica em Brusque/SC. S/D. Disponível em: <http://luteranos.com.br/conteudo_organizacao;brusque-bom-pastor/historia-da-comunidade-evangelica-em-brusque-sc

quando se mudou para Blumenau, tendo visitado Brusque até 1889, quando transferiu-se para os Estados Unidos. A Comunidade de Itajaí foi fundada em 1870 e servida por Brusque por 100 anos, até 1970²⁸². Além de servir Itajaí, talvez a preferência na ligação ao litoral via Itajaí para escoamento da produção e a sua equidistância em relação a Blumenau - o que a tornaria subordinada a esse núcleo além de dobrar a distância para o escoamento ao Porto de Itajaí -, pode ter resultado em uma maior abertura com a relação à cultura brasileira.

Retomando a questão do enxaimel, em 1975 o município de Joinville editou lei concedendo benefícios fiscais às casas de enxaimel (JOINVILLE, 1975). Blumenau revogou a lei de 1972 e edita nova lei em 1977, autorizando “a conceder favores fiscais às edificações que [...] apresentarem os estilos arquitetônicos típicos conhecidos como ‘Enxaimel’ e ‘Casa dos Alpes’” (BLUMENAU, 1977) – delimitando o que não havia ficado claro na legislação anterior. Outro município que editou legislação prevendo “imunidades e isenções” tributárias foi São Bento do Sul em 1989 (SÃO BENTO DO SUL, 1989). Citado como “estilo alpino”, em 1994 houve a edição de uma lei estabelecendo “critérios construtivos que conferem as construções as características de estilo ALPINO” (SÃO BENTO DO SUL, 1994). Ao contrário do que ocorreu nos municípios catarinenses de Blumenau, Joinville e São Bento do Sul, em Brusque não foi editada lei de incentivo fiscal para edificações em estilo germânico. Então, o que teria ocorrido para que tais edificações fossem construídas/adaptadas e estejam presentes na paisagem do município atualmente?

Tendo chegado a Brusque para assumir a editoria da sucursal brusquense do jornal *A Nação* em 1973, logo em seguida, em 1975, Kaestner fora lotado no gabinete do Prefeito após aprovação em concurso público, sendo responsável pela parte de comunicação da Prefeitura, uma espécie de “assessor de imprensa na época” (KAESTNER, 2019). Segundo ele, “como nós estávamos próximos no gabinete, a gente começou a receber mais informações do que estava acontecendo na Prefeitura, das reformas que precisavam ser feitas [...] e na época muito mais era quase que uma decisão exclusiva do Prefeito do que fazer e do que não fazer” (KAESTNER, 2019).

Aí nós estávamos em Brusque, e a cidade, a antiga Brusque, a Cônsul Carlos Renaux, os antigos prédios, estavam necessitando de algumas reformas. E aí vinham, chegavam na Prefeitura os pedidos de licenças e a gente começou a dizer assim “poxa, por que que a gente não se copia o que Blumenau tá fazendo”... [...] Mas os arquitetos da época eram resistentes aqui em Brusque. “Não, tu não pode fazer. Isso é falso, isso é tudo falso, isso não é arquitetura, isso aí não se pode admitir uma coisa dessas”. “Mas ninguém vai construir o autêntico, isso não existe mais. Ninguém mais vai fazer uma construção num estilo autêntico enxaimel. Isso é

²⁸² Ibidem.

um estilo de 100 ou 300 anos atrás, hoje é uma coisa nova. Mas se a gente não fizer nada...” “ah não, nós não concordamos, nós não concordamos, um sujeito...”

A contrariedade do Clube de Engenharia e Arquitetura de Brusque, segundo Kaestner (2019), foi unânime, o que representou uma grande barreira. Apesar disso, os entusiastas do enxaimeloso venceram uma batalha:

onde é a Lojas Colombo²⁸³, hoje, foi o primeiro e eu acho que o único prédio do centro da cidade que eles fizeram em estilo enxaimel. Ah, aquilo foi um horror para os arquitetos e para nós foi um baita de um sucesso. Eles diziam “olha aí”, mas como a arquitetura começava a aparecer para as pessoas também, porque antes disso ninguém contratava um arquiteto aqui para projetar uma casa, uma decoração, isso era um luxo muito grande para determinadas faixas da cidade, o resto cada um desenhava a sua própria casa, contratava o seu construtor e fazia a sua casa. Então o arquiteto era visto como um cidadão de elite e a opinião dele, claro, era respeitada, porque era uma classe nova que estava surgindo na construção, e com isso Brusque deixou, perdeu a vazada de também, pelos menos preservar o que tinha. Nunca a prefeitura deu incentivos para esse tipo de construção nem incentivou ninguém a fazer. (KAESTNER, 2019)

Em 1979, além de Brusque, as Casas Pernambucanas também inauguraram um prédio enxaimeloso em Joinville, que poderia na opinião de Veiga (2013, p. 143) ser equiparado ao “Castelinho de Joinville”, em referência ao Castelinho da Moelmann. Com a mudança de Prefeito em 1983, os planos de enxaimelização poderiam ser rediscutidos, porém, a enchente de 1984 interditou qualquer iniciativa nesse sentido. Sobre a preservação patrimonial das edificações, após o esforço empreendido pela comissão organizadora do Centenário de Brusque na formação do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim (de Azambuja) e da formação da Sociedade Amigos de Brusque (Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim), em abril de 1968 apareceu estampado na capa do jornal *O Município* a fotografia de uma casa,

Brusque, como dissemos anteriormente, é a cidade das belas residências.

Dia a dia, novas construções, algumas de estilo bizarro, como essa que aparece na foto, são acrescida ao panorama arquitetônico da cidade.

À sua frente, o seu proprietário construiu um bonito jardim, que deu maior ênfase ao estilo da casa, que parece suspensa no ar, apenas sustentada por leves e graciosas colunas.

Brusque pode orgulhar-se de possuir as mais belas residências do Estado.

Se o leitor que não a conhecer duvidar, que venha ver que, com bom gôsto, lh'as mostraremos.²⁸⁴

Se hoje o termo “bizarro” daria uma conotação negativa, neste contexto deve ter

²⁸³ Em 1979 foi anunciada a pretensão das Casas Pernambucana construir prédio típico em enxaimel. Ver: Casas Pernambucanas querem construir prédio de estilo germânico em Brusque. **O Município**, Brusque. 9 nov. 1979. p. 8.

²⁸⁴ As mais belas residências de Brusque. **O Município**, Brusque. 19 abr. 1968. Capa.

significado como sendo algo ousado ou inédito. Na edição seguinte do jornal, nova edificação estampou a capa, a Villa Quisisana, residência de Oskar Gothard Pastor (genro de Edgar von Buettner).

Figura 19: Villa Quisisana



Residência da família Pastor, da Indústria Buettner, em Brusque. Acervo FCB/Fundo Walmir Diegoli. Sem data.

Sobre esta edificação, o jornal emitiu a seguinte opinião:

A pessoa que vir esta foto ha de pensar que está admirando um castelo medieval da Europa.

Na Alemanha, às margens do Reno, existem várias construções desse tipo, só em maiores proporções, que exercem grande atração turística.

A desta foto, porém, é uma bela residência de Brusque que o turista, para ve-la e admira-la, não precisa fazer muito esforço nem despender grandes somas em dinheiro.

O movimento turístico nacional, segundo se depreende da notícia dos órgãos especializados, está aumentando constantemente, com forte tendência a intensificarse no Vale do Itajaí, que é uma das mais belas regiões do Sul do Brasil.

Brusque pelas suas características de cidade moderna e bem dotada de aspectos turísticos, possuindo as mais belas residências de Santa Catarina, não pode ficar à margem desse movimento.²⁸⁵

Segundo Jaime Mendes, antes de conhecer Brusque por volta de 1950, fora alertado pela imprensa de Florianópolis “sobre a beleza e originalidade” da arquitetura de Brusque.

²⁸⁵ As mais belas residências de Brusque. **O Município**, Brusque. 26 abr. 1968. Capa.

Por este motivo é que ele decidiu mostrar aos leitores “as mais belas residências de Brusque”²⁸⁶ o que na realidade aconteceu em apenas duas oportunidades. Coincidemente, poucos meses depois, em setembro de 1968, Blumenau ganhou destaque na revista Seleções Reader's Digest.

Figura 20: Encarte “Adivinhe que país é este”



Encarte publicado na Revista Seleções, edição nº 320 - Tomo LIV se setembro de 1968. Acervo Arquivo José Ferreira da Silva.

²⁸⁶ Antes de conhecermos... (legenda de foto no centro da página). **O Município**, Brusque. 29 mar. 1968. p. 8.

Embora em um primeiro plano aparecesse uma construção em enxaimel, as demais construções também se diferenciam da arquitetura vernacular brasileira comumente encontrada nas demais regiões do país. Um mapa destacado indica as rodovias pavimentadas em asfalto e as que ainda eram de terra. O apelo é nítido: Blumenau é “um outro país”. A ideia de constituição da FIDEB e posterior construção do Pavilhão da FIDEB foi análogo ao ocorrido em Blumenau com a constituição da COEB e criação do Pavilhão da FAMOSC, mais tarde a COEB deu lugar à Fundação Promotora de Exposições de Blumenau – PROEB (BLUMENAU, 1969), que também emprestou o nome ao Pavilhão “da PROEB”, até ser rebatizado de Parque Vila Germânica em 2005²⁸⁷.

Em Brusque, no ano de 1972, o memorialista Ayres Gevaerd escreveu um artigo sobre as suas recordações acerca da “Rua das Carreiras”. Segundo ele,

a rua mais tradicional, a que mais lembra a vida brusquense sob o aspecto social e recreativo, desde os primeiros dias da nossa Comunidade, é a rua das Carreiras. Naquela rua foram construídos os primeiros ranchos de recepção e hospedagem dos colonos que iniciaram a colonização do Vale do Itajaí-Mirim em 1960. [...] A origem do nome, é evidente: servia de pista de corridas de cavalos, crioulos, matungos e outros ditos. [...] As pessoas de minha geração devem lembrar-se desse edifício, um casarão, construção de enxaimel, com uma varanda que circundava todo prédio no 1º andar. Primitivamente se chamava ‘Cada da imigração’ depois foi transformada em cadeia pública, residência do carcereiro e do destacamento policial. Um pouco além daquele prédio existia uma ala de coqueiros em terreno do Schützen Verein, hoje Clube de Caça e Tiro Araujo Brusque. [...] O aspecto da rua das Carreiras hoje e o de 50 anos atrás pouco mudou, exceção feita à própria rua.

Após um hiato de oito anos, em 1980, foi aprovada uma lei que dispõe sobre a proteção do patrimônio natural, histórico e artístico cultural do município de Brusque, disciplinando o tombamento e os seus efeitos²⁸⁸. O pesquisador Aloisius Carlos Lauth, em artigo publicado no periódico Notícias de Vicente-Só, editado pela Sociedade Amigos de Brusque, ao comentar a

política municipal de conservação dos valores históricos” conclui que “Brusque subjuga sua tradição: por temer a concorrência de outras cidades ou por má aquilatação de suas potencialidades sócio-culturais, cidade que foi colonizada por duas levas de imigrantes estrangeiros – alemães e italianos.

[...]

Não é saudosismo, então, perguntarmos: que restam das Exposições Agrícolas dos tempos coloniais, quando fomos até Paris? Qual o fruto de tantos esforços

²⁸⁷ “Em outubro de 2005, os pavilhões antigos foram demolidos, e em dezembro do mesmo ano, iniciou-se a construção de um novo centro de eventos, com três pavilhões concentrados, modernos e climatizados. Assim, em 05 de maio de 2006, foi inaugurado o Centro de Exposições Parque Vila Germânica.”. Ver: **PARQUE VILA GERMÂNICA.** O Parque. S/D. Disponível em: <<http://www.parquevilagermanica.com.br/o-parque/>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

²⁸⁸ Brusque com sérios problemas: Esgoto sanitário e Beira-Rio. **O Município**, Brusque, 13 jun. 1980, p. 3.

particulares na alfabetização? Que ganhamos a mais por iniciarmos a saúde pública na área da psiquiatria? Que são feitos dos Jogos Abertos, de seu berço? Qual é a tradição de nosso futebol profissional? A Festa de Reis do Tiro da Sociedade Caça e Tiro, pioneira no Brasil? Que significam nossos teares na vida de nossa gente? Que são feitas, enfim, das nossas Casas de Enxaimel, símbolo da colonização alemã? (LAUTH, 1980)

Lauth questiona o resultado do pioneirismo de Brusque e, dentre vários aspectos, destaca o enxaimel como sendo o símbolo da colonização alemã. Mas por que o enxaimel, encontrado em outros municípios, como símbolo da colonização alemã? Por que não o caça e tiro, o primeiro do Brasil? Segundo o historiador brusquense Aloisius Carlos Lauth, “a raridade destas casas, é mais um traço que faz de Brusque uma cidade atípica, onde a urbanização desmistifica a estética e a tradição da terra” (LAUTH, 1980, p. 60). A atipicidade de Brusque, em sua opinião, seria constituída pela presença de casas típicas de colonização alemã. Em outro artigo escrito em 1980, porém publicado em 1982 na Revista Notícias de Vicente-Só, Lauth (1982) comenta que

queiramos ou não, é questão de dias a consolidação de BLUMENAU transformar-se num burgo alemão para centralizar o comércio, influenciando assim as cidades vizinhas com características que, por semelhantes que sejam, não são próprias do nosso município: pontos de ônibus, fachadas de lojas, placas de sinalizações, acabamentos residenciais, sociedades esportivas...

Lauth comenta ter realizado uma pesquisa durante dois meses e localizou 46 casas em enxaimel e que de modo geral as suas características seriam:

1. o enxaimel foi construído por alemães badenses; 2. cujos tijolos cozidos tinham facetas laterais lisas; 3. eram fugados, ou pintados de cal; 4. a armação era de madeira de lei, banhada a óleo cru; 5. assoalho tosco de tábuas largas e espessas; 6. janelas de madeira, estreitas e altas; 7. forro alto, sobre barrotes grossos e também toscos; 8. telhado quase vertical, com telhas lisas; 9. pilares de pedra granito, as mais novas tinham tijolos rebocados; 10. varandas com frontais trabalhados; 11. as paredes da sala-de-visitas e quarto-de-casal eram decorados em cores frias, com motivos de flores miúdas, em linhas geométricas; 12. as instalações sanitárias estavam desligadas da casa; 13. as repartições dos cômodos ficava a gosto do proprietário; 14. o morador contratava os trabalhos do carpinteiro e pedreiro e sua família o auxiliava e; 15. o estilo enxaimel está em completo abandono. (LAUTH, 1982)

Destas quarenta e seis casas na década de 1980, restaram apenas duas em Brusque. Lauth aponta como causa do abandono da técnica construtiva três fatores: o alto custo da mão-de-obra, a dificuldade de conseguir madeira já entalhada e a facilidade de aquisição de tábuas e pregos para uma construção mais rápida. Segundo o testemunho que ele coletou em seu trabalho de campo, as casas em enxaimel teriam sido construídas entre 1880 e 1940 (LAUTH, 1982). Em 30 de setembro de 1982 foi apresentado um projeto de preservação da

Rua das Carreiras, elaborado pelas arquitetas Denise Adélia Back Comandolli e Siomara Cherem Schwarz. O trabalho foi fruto de uma pesquisa de graduação das arquitetas na UFSC e teria sido inspirado a partir do artigo escrito por Ayres Gevaerd dez anos antes²⁸⁹. Em 16 de novembro de 1982 foi promulgada pelo Prefeito Alexandre Merico uma lei concedendo isenção fiscal de taxas e IPTU de “todas as residências construídas até a presente data, nas ruas Hercílio Luz [das Carreiras], Manoel Tavares, Marechal Deodoro e Humaitá” e seria “a título de incentivo à implantação do Projeto de Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano” (BRUSQUE, 1982).

No ano seguinte, em abril de 1983, três advogados impetraram ação popular “contra a PREFEITURA MUNICIPAL e CAMARA DE VEREADORES DESTA CIDADE, bem como contra todos os titulares das 185 propriedades” situadas na lei 1.074/82²⁹⁰. Segundo argumentaram os advogados, a medida constituiria “ato atentatório ao patrimônio (sic) do Município, onerando-o com pesado encargo, equivalente a 2,2% da Receita do I.P.T.U.”²⁹¹ e que “longe de atender os interesses da comunidade, porque utópico o Projeto de Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano, visa tão somente aos interesses particulares das 185 residências atingidas pela benesse”, sendo que um dos subscritos teria residência na rua Hercílio Luz²⁹².

Ainda em abril, nas dependências do Clube de Caça e Tiro Araújo Brusque, foi fundada a “Sociedade dos Amigos das Ruas das Carreiras - SACAR” com o objetivo de efetivar o projeto apresentado no ano anterior²⁹³. A mobilização não surtiu o efeito desejado, pois em 18 de maio de 1983 o Prefeito José Celso Bonatelli revogou a lei que concedeu isenção fiscal às casas do entorno da Rua das Carreiras (BRUSQUE, 1983).

Em 1987 novo apelo foi feito para que a Prefeitura conservasse a Rua das Carreiras:

Em nome do progresso casas que representavam verdadeiros monumentos foram dizimadas em nosso município não havendo preocupação alguma para sua conservação. Ainda nos resta a Rua das Carreiras: até quando não se sabe, porém, é preciso lembrar, que foi ali o primeiro caminho da Colônia, partindo do ancoradouro e subindo em direção às nascentes do rio, onde se instalaram a Casa da Imigração e a Sociedade dos Atiradores”²⁹⁴

²⁸⁹ LAUTH, Aloisius Carlos. Projeto de preservação da Rua das Carreiras. **O Município**, Brusque. 26 out. 1982. p. 6.

²⁹⁰ KRIEGER, Nilo Sérgio; COLOMBI, João Alexandre; DADAM, Elio Luiz. Ação popular contra a Prefeitura e a Câmara Municipal. **O Município**, Brusque. 15 abr. 1983. p.2

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ Fundada a Sociedade dos Amigos da Rua das Carreiras. **O Município**, Brusque. 6 mai. 1983. p. 5.

²⁹⁴ Rua das Carreiras: um projeto ignorado. **O Município**, Brusque. 23 ago. 1987. p. 10.

O texto de 1987 repete boa parte do já explorado por Ayres Gevaerd em 1972 e relata que entre 1982 e 1983 foram colhidos novos depoimentos de moradores. No ano seguinte, em 1988, Aloisius Carlos Lauth explica novamente as propostas do projeto apresentado pelas arquitetas em 1982, apelando para que a Câmara de Vereadores reconsidere o projeto. Contudo, o assunto da Rua das Carreiras não voltou a ser debatido.

Iniciado o governo de Ciro Roza, em 1º de agosto de 1990 é publicado o Decreto de Tombamento “como Patrimônio Histórico e Artístico do Município, o prédio situado à Praça Barão de Schneeburg, nº 10”, o Casarão Schaefer (BRUSQUE, 1990).

Figura 21: Casarão Schaefer



Casarão Schaefer, edifício da Câmara de Vereadores (posteriormente Prefeitura) e acima a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga. Acervo SAB.

Questionado acerca do processo de tombamento da referida edificação, Ciro Roza, Prefeito na época, comentou:

se tu analisares, aqui em Brusque, a única coisa que devia se preservar, mas a Prefeitura devia comprar e transformar aquilo num espaço público, numa biblioteca, em alguma coisa, que é a [Villa Quisisana,] casa do Herbert Pastor, porque ela é diferenciada naquela época, mas não dar prejuízo à família. O Paulo Eccel criou uma lei e foi tombando. Qualquer casa que tem 50 anos tombou. Tem pessoas que eu conheço aqui na [rua] Felipe Schmidt que eles só não passam fome porque tem gente que ajuda, e tem uma casa que se eles venderam da pra comprar um apartamento pros filhos, pra ela e sobra um dinheiro. Isso é a coisa mais injusta do mundo. Que espécie de sociedade, que nós estamos vivendo, que de repente entra um louco e diz que tua casa é patrimônio, te tira um bem. Isso não existe. [...] Sim, a

casa [dos Schaefer] que era a mais antiga da cidade de Brusque e era uma construção diferente. E hoje o que eu vejo, só tinha aquela construção, e aquilo a Prefeitura ia pagar. Transformar numa biblioteca. Era bem no centro da cidade. Porque sabia que eles queriam desmanchar pra fazer um prédio. Então pra não dar prejuízo você ia comprar. Foi feito pela lei do tombamento pra poder fazer o acerto e poder pagar. Era aquela casa e essa [Villa Quisisana] do Herbert Pastor. Existe alguma outra que vale a pena ser tombado? Que obra da rua das Carreiras que tu achas de arquitetura? Brusque tem 100 e poucos anos. Tem alguma arquitetura que chama a atenção ali? Uma coisa simples ali. Só porque é velha? Não faz sentido. (ROZA, 2019)

Na fala de Ciro Roza três questões chamam a atenção: 1) a ideia de associação entre o tombamento de uma edificação ou o fato de ela ser antiga com a instalação de uma biblioteca; 2) a oportunidade de atacar o seu rival Paulo Eccel por conta da criação, em seu governo, do Departamento e Conselho de Patrimônio Histórico e da elaboração, por parte destes, do Catálogo e do Inventário do Patrimônio Histórico (DIRETORIA, 2009; 2011) – que, apesar de não serem fruto da compilação de edificações tombadas, acabam implicando no impedimento ou dificuldade na demolição das edificações que neles estão inseridas. A segunda edificação que foi tombada no município, e primeira a ser inscrita no livro Tombo, foi o Tiro de Guerra, em 12 de dezembro de 2012 (BRUSQUE, 2012); 3) a ideia de que o município teria de desapropriar a edificação tombada, o que se choca com a ideia de tombamento - instituto jurídico criado justamente para evitar que o Poder Público tivesse que desembolsar recursos com a aquisição de propriedades alvo de salvaguarda patrimonial.

Em 6 de setembro de 1990 o tombamento foi destaque na capa de *O Município*²⁹⁵. Os vereadores Arno Michel (PFL) e Ivo Mário Melato (PMDB) apresentaram o projeto de lei 20/90 “o qual revoga a Lei 900/80, retroagindo seus efeitos à data da promulgação da Lei Orgânica de Brusque, ou seja, 3 de abril de 1990”²⁹⁶. O jornal *O Município* informa ainda que o Prefeito Ciro Roza vetaria a nova lei e que “Coincidência ou não, o casarão objeto do tombamento estava em vias de ser comprado pelo Vereador Antônio Maluche Neto/PDS, que revela sua intenção de construir um prédio no local.”, reproduzindo a fala do vereador que afirmou que ainda não teria concretizado o negócio.

Após a negativa do Prefeito, na sessão de 11 de outubro de 1990, a Câmara de vereadores rejeitou o seu veto por oito votos e sete em votação secreta. O líder da bancada do PDT, vereador Serafim Venzon, pleiteou a anulação da rejeição do veto do Prefeito:

baseada nos artigos 20, 90 e 146 do Regimento interno da Câmara, ‘pois de acordo com estes artigos, o Vereador Antônio Maluche Neto não poderia ter votado esta

²⁹⁵ Casarão dos Schaeffer é tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal. **O Município**, Brusque. 6 set. 1990. Capa.

²⁹⁶ Tombamento: Câmara aprova lei e prefeito veta. **O Município**, Brusque. 6 set. 1990. p. 3.

matéria, por ser parente afim de 1º grau dos descendentes de Arnoldo Bauer Schaeffer', completa Venzon. Ele lembra que Maluche é casado com uma neta de Arnoldo.²⁹⁷

Na manhã do feriado de 2 de novembro iniciaram os trabalhos de demolição do referido casarão, fato que foi destaque de capa de *O Município* em 9 de novembro de 1990²⁹⁸. O tumultuado processo de tombamento e disputa teria envolvido até a política pois

Na sexta-feira, Dia de Finados, mais dois órgãos [além da Câmara e Prefeitura] entraram em ação: o Fórum e a Política Militar. Esta segunda fase começou na manhã chuvosa do feriado, por volta das 7 horas, quando um trator demoliu a fachada e os fundos do antigo prédio, construído no início do século. No dia seguinte a Prefeitura entrou na Justiça com uma 'Ação Cautelar para Suspensão de Ato Legislativo', uma vez que a demolição teria como embasamento a Lei nº 1.606/90, que revoga a de nº 900/80 – a qual 'protegia' o patrimônio natural, histórico e artístico-cultural de Brusque. Pois bem, a partir da Ação Cautelar, o Juiz da 2ª Vara, Carlos Prudêncio, deferiu uma liminar 'com base nos relevantes argumentos expendidos' no documento da Prefeitura. A Polícia Militar foi acionada para garantir o cumprimento da liminar, ou seja, a demolição foi suspensa no dia seguinte à primeira investida do trator. [...] Para a Prefeitura, este foi 'um ato de vandalismo', e vai entrar com uma representação criminal contra os responsáveis.²⁹⁹

Em setembro de 1991 o prédio continuava ainda em escombros, causando a preocupação de pais que temiam que os seus filhos, que brincavam entre os escombros, fossem feridos. O prédio foi adquirido pelo vereador Antônio Maluche Neto para a "Construtora Maluche, [e] foi vendido para a Imobiliária AGV, de Agustinho Vieira"³⁰⁰. Após um ano, "o Tribunal de Justiça em Florianópolis julgou o pedido de constitucionalidade impetrado pela Prefeitura [...] foi indeferido por 15 votos a zero"³⁰¹.

Destes dois episódios envolvendo a tentativa de preservação patrimonial de edificações que teriam ajudado a formar um visual urbanístico que rendeu destaque para Brusque na década de 1950, conforme citado por Jaime Mendes com referência a uma matéria veiculada em Florianópolis sobre as casas de Brusque, e reforçado por ele em duas ocasiões em 1968, apreende-se um conflito entre o interesse dos proprietários por uma vantagem pessoal e a tentativa de técnicos ou políticos de implementar uma ação coordenada visando um ganho coletivo. Esse destaque do ambiente urbano também foi explorado por Blumenau, ganhando destaque por meio da revista *Seleções*, de circulação nacional. Perdendo a ambiência singular por um processo de renovação urbana que descartava a preservação de

²⁹⁷ Lei do tombamento: Câmara rejeita veto do Prefeito. **O Município**, Brusque. 19 out. 1990. p. 3.

²⁹⁸ Patrimônio Histórico: Começa a demolição do Casarão dos Schaeffer. **O Município**, Brusque. 9 nov. 1990. Capa.

²⁹⁹ Iniciada a demolição do "Casarão dos Schaeffer". **O Município**, Brusque. 9 nov. 1990. p. 3.

³⁰⁰ Casarão dos Schaeffer: crianças correm perigo de vida. **O Município**, Brusque. 27 set. 1991. p. 3.

³⁰¹ CAMPOS, Vânia. Casarão dos Schaeffer será demolido. **O Município**, Brusque. 20 dez. 1991. Capa; contracapa.

edificações que foram construídas espontaneamente de acordo com um processo histórico baseado na imigração, iniciou em Blumenau um processo deliberado de adaptação de edificações para se criar uma ambiência daquilo que se estava descartando, as construções em “estilo germânico”.

Sobre o falso enxaimel em Blumenau, Francisco de Assis Zimmermann comentou que “Quando Burle Marx andou aí por Blumenau, andou dizendo umas coisas sobre a arquitetura alemã do passado que a Prefeitura Municipal daquela cidade e, talvez uma boa parte da ‘intelligentzia’ de lá, não gostaram. [...] Morreu, caput!, como dizia minha avó”³⁰². Segundo Aloisius Carlos Lauth, em conversa realizada em 21 de março de 2019, entre 1986/1987 a Casa Caça e Pesca, na rua XV de Novembro, em Blumenau, pegou fogo. O proprietário teria tentado reconstruir a edificação em enxaimel, porém não encontrou quem pudesse reconstruí-la. Essa dificuldade evidenciou a falta de mão-de-obra que pudesse construir em enxaimel, demanda que só foi suprimida depois de alguns anos por uma empresa em Pomerode que se especializou na técnica construtiva após anos de estudo. Na Casa Caça e Pesca foi feita um enxaimeloso de metal.

Em 1987 foi noticiado que o arquiteto alemão Udo Baumam, consultor técnico do Ministério da Cultura para Preservação da Arquitetura de Imigração Alemã e Italiana no Brasil, poderia visitar Brusque no ano seguinte e que ele teria passado 10 meses em Santa Catarina. Baumam havia estado há pouco em Blumenau, onde palestrou sobre o Plano Diretor do Município, tendo sido convidado a vir a Brusque pelo presidente do COMUTUR, Valdir Rubens Walendowsky. Segundo o engenheiro Alexandre Gevaerd³⁰³, a palestra foi proveitosa “pela orientação que [Baumann] forneceu à municipalidade blumenauense, considerando que sua palestra, focalizou, entre outros assuntos, ‘a possibilidade de conciliar a preservação de edificações históricas com a necessidade de crescimento que a cidade tem’³⁰⁴. Baumam teria declarado que teria levado “na bagagem” idéias para um trabalho futuro sobre a origem da arquitetura no sul do Brasil.

Alguns anos antes, Baumam já havia estado em Santa Catarina por meio de um intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha no qual ele foi responsável por “informar e orientar na preservação do patrimônio histórico nacional [...] orientando as comunidades na

³⁰² ZIMMERMANN, Francisco de Assis. Enxaimel no seculo XX. **O Município**, Brusque. 11 dez. 1981. p. 8.

³⁰³ Alexandre Gevaerd é filho do ex-Prefeito Cyro Gevaerd. Ele atuou e foi responsável pela área de Planejamento Urbano e de Trânsito nos últimos 20 anos em municípios como Blumenau, Itajaí, Brusque e Gaspar.

³⁰⁴ Consagrado arquiteto alemão vem a Brusque, em 1988. **O Município**, Brusque. 2 out. 1987. p. 10.

execução de suas obrigações, concernentes a preservação no Estado de Santa Catarina (BAUMAM, 1982). Em novembro de 1981 ocorreu o Seminário sobre Desenvolvimento Urbano e Preservação do Patrimônio Histórico, em Florianópolis, no qual participaram Prefeitos de diversos municípios teria, segundo Baumam, despertado “nos participantes uma maior consciência para os problemas da conservação de monumentos e prédios históricos” (BAUMAM, 1983). Segundo ele, sua tarefa consistia em desenvolver a aprofundar os resultados do seminário, em particular

- Assessoramento a cidades e municípios da região abrangida pela tarefa, na conservação e recuperação do Patrimônio Histórico;
- Assessoramento ao SPAHN em Brasília na inventariação do Patrimônio Histórico;
- Desenvolvimento de metodologia para a inventariação de prédios históricos;
- Aprofundar o trabalho junto à opinião pública anteriormente iniciado. (BAUMAM, 1983)

Baumam foi designado a atuar em três municípios catarinenses (BAUMAM, 1982; 1983): Blumenau, Joinville e São Bento do Sul – coincidentemente os três municípios onde foi criada legislação de incentivo ao enxaimeloso, respectivamente em 1972/1977, 1975 e 1989. Após duas semanas em Joinville apresentou suas primeiras impressões em 6 de agosto de 1982:

1. Existe em Joinville um grande número de construções arquitetônicas de grande valor, da época de sua fundação até o período da 2ª Guerra Mundial.
2. Arquitetura histórica em Joinville não significa somente Arquitetura – Enxaimel, mas também a arquitetura da época de sua fundação, que é de suma importância para o desenvolvimento e muito típico.
4. Uma concentração do setor terciário, digo comércio, bancos e departamentos administrativos, que se localizam na Rua do Príncipe. Isto irá levar a um deserto da referida rua. Surgirão novos edifícios que por sua vez irão destruir os prédios de grande valor e dar uma aparência pueril a cidade.

Infelizmente isto tudo não irá ficar só na tese: como eu ouvi no lugar do Palácio Niemeyer será edificado um prédio de 14 andares assim sendo, o Banco do Brasil irá no futuro decidir a aparência da cidade.

[...]

Aqui eu não argumento contra a edificação do novo prédio do Banco do Brasil em Joinville, mas contra a construção neste marcante lugar histórico.

[...]

5. A cidade tem como suas construções uma interessante e valiosa substância

arquitetônica em parte, que por sua vez valeria a pena ser conservada e incentivada.

Uma arquitetura deturpada e falsa, sendo vendido por uma arquitetura original e de valor histórico.

É UMA MENTIRA, não que não deve ser levada em consideração e tão pouco receber concessões. Esta imitação contribui infelizmente/para o não surgimento da nova e moderna arquitetura.

6.A arquitetura histórica original deveria ser conservada e incentivada e ser ao mesmo tempo integrada na concepção turística da cidade. O moinho como um espetáculo da disneilândia é para mim suportável no lugar onde se encontra. (BAUMAM, 1982)

Também em São Bento do Sul, Blumenau e Brusque haviam construções de grande valor anteriores à Segunda Guerra Mundial. Se a concentração do setor terciário preocupava Baumam em Joinville em 1982 por conta de desertificação fora do horário comercial, quatro anos antes, em 1978, Blumenau editou legislação visando coibir “a instalação de estabelecimentos de crédito (Bancos) e em presas de investimento ou similares, isolada ou conjuntamente, em toda a extensão da Rua XV de Novembro e Avenida Castelo Branco” (BLUMENAU, 1978). Em 1984 um parágrafo flexibilizou a vedação permitindo que fossem instalados “estabelecimentos [...] a partir do segundo andar (terceiro pavimento a partir do térreo) dos prédios localizados em toda a extensão da Rua 15 de Novembro e Avenida Castelo Branco” (BLUMENAU, 1978)”. Em 1991 nova lei revogou a lei de 1978 e ampliou a restrição da instalação desse tipo de estabelecimento para diversas outras ruas do Centro da cidade (BLUMENAU, 1991). Contudo, é o setor de comércio que aderiu ao enxaimeloso, sendo que em Brusque – cidade que não teve legislação de incentivo fiscal como ocorreu em Blumenau, Joinville e São Bento do Sul - uma única edificação na Av. Cônsul Carlos Renaux (na época Casas Pernambucanas, atual Lojas Colombo) aderiu à proposta da COMUTUR de Brusque.

No relatório de março de 1983 (BAUMAM, 1983), Baumam incrementa o relatório de Joinville (BAUMAM, 1982) com fotografias e descrições pormenorizadas das edificações que visitara. Após Joinville, Baumam seguiu para São Bento do Sul, onde o que mais o “impressionou foi a existência de estruturas rurais originais do tempo da colonização” e o fato de que “felizmente, não ocorre[u até então] em São Bento do Sul o problema da imitação da arquitetura enxaimel” (BAUMAM, 1983, pp. 28;30). Com relação ao município de Blumenau, o terceiro visitado, Baumam comenta que o Centro Histórico “já teve a sua paisagem urbana grandemente alterada” por conta de duas questões: “1) Da desorganizada

construção em sentido vertical; 2) De novas imitações de fachadas em enxaimel” (BAUMAM, 1983, p. 41). Inclusive, em 1982 o novo edifício da Prefeitura de Blumenau havia sido inaugurado em enxaimeloso. Na opinião de Baumam,

A atual política de construção urbana [de Blumenau] aparentemente atribuiu grande valor à preservação do padrão de 3 ou 4 andares no centro da cidade. Em princípio esta é uma decisão correta. Todavia, eu aconselharia a elaboração de uma análise urbanística do centro da cidade para, a partir de uma maquete, desenvolver uma concepção técnica para o ulterior desenvolvimento de obras no centro da cidade. A atual concepção apresenta uma orientação sobretudo nostálgica; no entanto, além da arquitetura de imitação, dever-se-ia tornar possível o desenvolvimento de uma arquitetura moderna, por exemplo, até mesmo uma arquitetura de enxaimel que, no entanto, não se utilizasse de uma linguagem formal ‘historicizante’! (BAUMAM, 1983)

Essa “arquitetura moderna não-historicizante” talvez tenha inspirado a construção do prédio da Prefeitura de Joinville, inaugurado em 1996, com grades metálicas azuis enxaimelizantes. O problema é que, como assinalou Aloisius Carlos Lauth com relação ao episódio do incêndio da Casa Caça e Pesca, não se tinha mais disponível mão de obra qualificada para a construção em enxaimel. Com relação à legislação de incentivo fiscal (BLUMENAU, 1978), Baumam comenta que “seria recomendável uma clara definição do que é ‘típico’, de modo a não se promover mais uma arquitetura folclórica arcaica” (BAUMAM, 1983). Para ele “as vantagens fiscais deveriam ser destinadas sobretudo aos casos de renovação e restauração de prédios históricos segundo padrões adequados” (BAUMAM, 1983).

Retornando a Brusque, em outubro de 1987 houve a liberação da verba do Ministério da Educação (MEC) destinada a “reformar e [realizar] melhoramentos da sede social da sociedade [amigos de Brusque] e início da construção de uma casa de enxaimel”³⁰⁵. Um ano depois, em outubro de 1988, o pesquisador Aloisius Carlos Lauth lançou questionamento sobre a realização da “Vila de Enxaimel”. Para ele, dependeria de quem ganhasse as eleições e que a questão seria importante pois “O estilo das construções de Ouro Preto atrai muita gente: até a nós brusquenses. Lá, é o barroco; aqui, o enxaimel.”³⁰⁶. Ele narra que participara da reunião de apresentação do projeto das Rua das Carreiras em 1982 e que naquela oportunidade

citou-se também os esquecidos enxaiméis. A repreensão, pasmem, veio do ex-prefeito [Alexandre Merico]. Usando argumento de ser um ‘aborto da natureza’, o próprio desfez quaisquer planos. Por outro lado, seu bom gosto manifestou-se na

³⁰⁵ S.A.B. reelege Gevaerd e enaltece apoio do MEC: Conselho discutiu importantes temas. **O Município**, Brusque. 16 out. 1987. p. 3.

³⁰⁶ LAUTH, Aloisius Carlos. A vila enxaimel sai? **O Município**, Brusque. 7 out. 1988. p. 9.

capela do Parque da Saudade. É pequena, feia, de altura desproporcional, quente no verão, de mau gosto no interior e prescinde de uma capela mortuária.

O paisagista Burle Max, infelizmente andou por aqui na época e fez a cabeça de muita gente contra o enxaimel. É claro que há horrores por aí, mas negar uma raiz como esta só louco. O homem não viveu aqui e nem teve tempo para ler nossa história. E depois, foi Burle quem montou o plano, tão criticado, dos coqueiros no aterro de Florianópolis. E não admira que tenha inspirado os jardineiros de Brusque a plantar na Av. Getúlio Vargas os coqueiros nordestinos.³⁰⁷

A falta de mão de obra qualificada ficou evidente na oportunidade em que a casa enxaimel da Sociedade Amigos de Brusque foi instalada. Esta edificação é um falso enxaimel por conta da ausência de elementos que seriam indispensáveis à sua caracterização (encaixa em madeira) e que, por conta de sua ausência, requerem a utilização de outros elementos para a sua sustentação (utilização de pregos e cabos de aço para a sustentação). Diante da inviabilidade técnica e da condição extemporânea de se construir edificações enxaimel, após a onda de fachadismo verificada em Blumenau a partir de 1972, começaram a surgir novas edificações em estilo germânico na paisagem do município de Brusque a partir de 1987. Além disso, o escrito de Lauth sobre a recusa do ex-Prefeito Alexandre Merico pode ser verificado no depoimento, já reproduzido, de Rolf Kaestner (2019) quando ele afirmou que os arquitetos eram ouvidos pelos prefeitos Alexandre Merico e Celso Bonatelli. Merico havia solicitado no começo de 1981 “um projeto para construção de um pórtico, a exemplo dos existentes nas cidades de Joinville e Gramado, sem entretanto imitar a forma dos dois”³⁰⁸. O pórtico de Gramado (entrada via Petrópolis) foi inaugurado em 6 de janeiro de 1973³⁰⁹ enquanto o de Joinville teria sido inaugurado em 14 de novembro de 1979³¹⁰, sendo que o moinho às margens da BR-101 foi construído somente em 1982 – portanto, após Merico ter sugerido a construção de um pórtico em Brusque, tendo sido reproduzido naqueles moldes pelo município vizinho de Guabiruba. No caso de Brusque, outro projeto foi iniciado no fim do terceiro mandato de Ciro Roza, tendo sido alterado durante a gestão do Prefeito Paulo Eccel.

Lauth (1988) argumenta que “o enxaimel tem duas correntes atuais: os saudosistas (aqueles que pensam que tudo tem que ser feito como antigamente) e os modernistas (os que

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ Brusque quer maior turismo. **O Município**, Brusque. 16 jan. 1981. p. 8.

³⁰⁹ **PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAMADO.** Pórticos. S/D. Disponível em: <http://www.gramado.rs.gov.br/turismo_opcoes/24/porticos>. Acesso em: 25 mar. 2019.

³¹⁰ **Pórtico de Joinville.** 2013. Disponível em: <<https://www.guiadasemana.com.br/joinville/turismo/estabelecimento/portico-de-joinville>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

imitam a estrutura somente nas fachadas)" e apela para um meio termo, citando o caso das Casas Pernambucanas (atual Lojas Colombo) e o prédio falso-enxaimel da SAB. Seu apelo seria uma carona e que a luta pelo enxaimel seria de Valdir Walendowsky e Rolf Kaestner³¹¹.

Após Ciro Roza ganhar as eleições e inaugurar a Beira Rio e a Rodoviária em estilo germânico, surgiram novos projetos, desta vez em enxaimeloso. Sobre os projetos, o jornalista Wilson Silva escreveu:

Brusque terá uma nova prefeitura, um novo fórum, um novíssimo teatro e uma nova câmara dos vereadores. Vi os projetos feitos por Rubens Aviz. São lindos realmente e Brusque merece tudo isso. Só não acho legal que todas essas constatações sejam em estilo enxaimel (sic). Não há necessidade disso, mesmo. Mas, pensando no lado dos turistas, que adoram essas bobagens exóticas...

Brusque não consegue se desgrudar da cola de Blumenau, há repararam? Estamos sempre copiando alguma coisa de lá. E quem chega sempre no topo é a loira Blu...

Pensando bem, pra quê um teatro, se temos o anfiteatro da Febe e nunca se apresentou uma peça que valesse a pena nele ainda? É de se pensar, não é mesmo? Será que algum dia vou ver uma Marília Pêra, uma Túnia, uma Renata Sorrah por aqui? Sonhos...³¹²

Silva demonstrou-se incrédulo de que Brusque receberia eventos que justificariam a grandiosidade do projeto do teatro. Além disso, a cópia das "bobagens exóticas" de Blumenau o incomodara, principalmente o fato de Brusque sempre estar atrás de Blumenau. Em março de 1989 ocorreu um encontro entre representantes da Prefeitura de Brusque e o Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque – CEAB. Ciro Roza "fez uma explanação geral de todos os projetos previstos [...] Na sequência, o Secretário arq. Rubens Avis apresentou as propostas arquitetônicas do Pavilhão de Eventos e Promoções, Centro Administrativo, Prefeitura, Fórum, Câmara de Vereadores e Teatro Municipal (Casa da Cultura)"³¹³. Com relação ao "estilo germânico", Aviz justificou que "o modelo germânico definido tem sua razão por ser um estilo típico da colonização de nossa região (haveria também a alternativa italiana) e por ser indubitavelmente muito bonito e atraente turisticamente e, por não implicar em custos muito maiores do que construções rudimentares" e que, sendo uma proposta preliminar, estaria aberto ao diálogo³¹⁴. A mudança da matriz econômica que tinha como protagonista o colono-operário das fábricas ao ser substituída pelo

³¹¹ LAUTH, Aloisius Carlos. Rua das Carreiras: Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano. **O Município**, Brusque. 22 abr. 1988. p. 6.

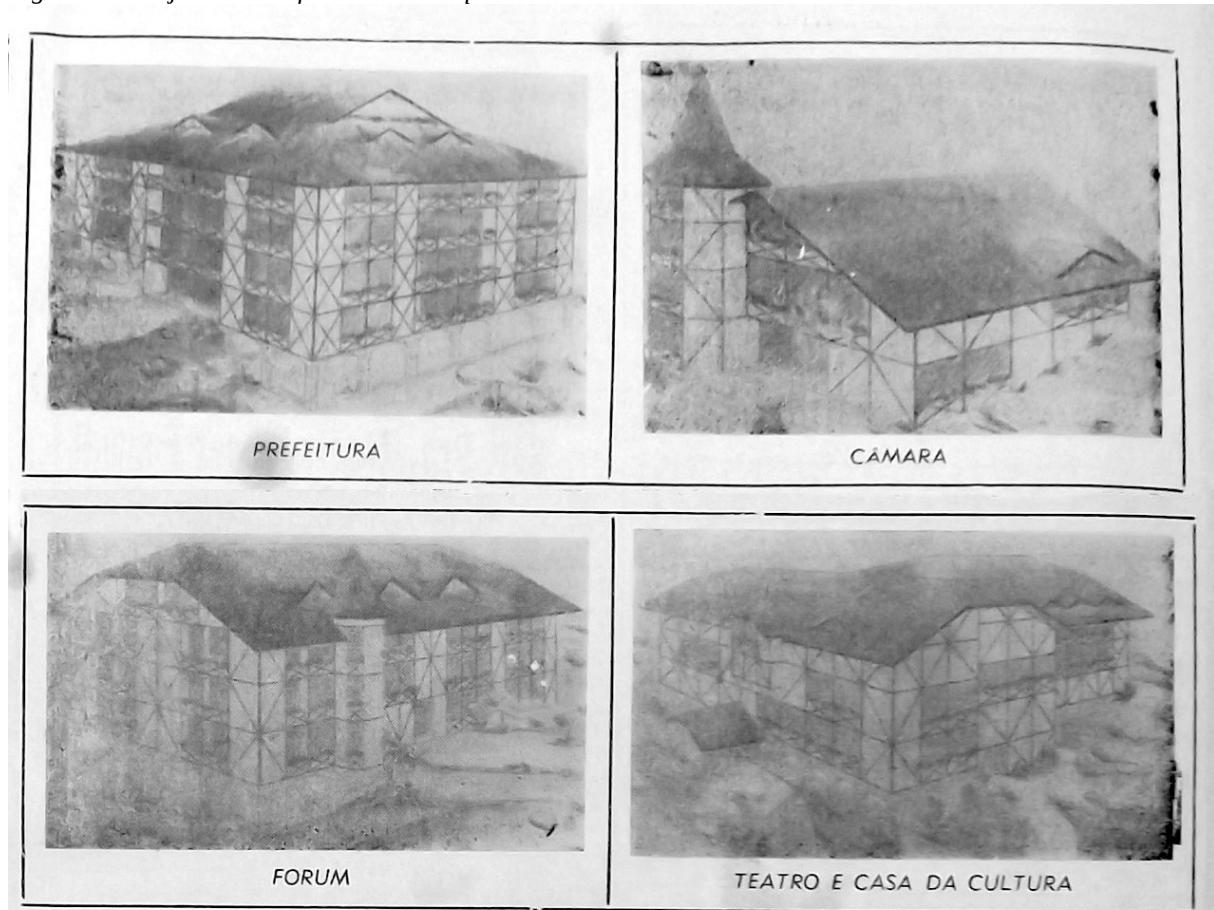
³¹² SILVA, Wilson. Batalha semanal. **O Município**, Brusque. 31 mar. 1989. p.13.

³¹³ Encontro do Prefeito com o CEAB: Engenheiros desejam contribuir com a administração municipal de Brusque. **O Município**, Brusque. 31 mar. 1989. p. 18.

³¹⁴ Encontro do Prefeito com o CEAB: Engenheiros desejam contribuir com a administração municipal de Brusque. **O Município**, Brusque. 31 mar. 1989. p. 18.

empreendedor-precarizado da terceirização implementada por Ciro Roza é também acompanhada por uma espécie de estética *kitsch*, inicialmente implementada nos projetos arquitetônicos e, depois, com o modelo Havan. Coincidemente, o mesmo arquiteto que implementou o estilo germânico em Brusque, Rubens Aviz, é o arquiteto que projeta as lojas Havan.

Figura 22: Projetos da Prefeitura de Brusque em 1989

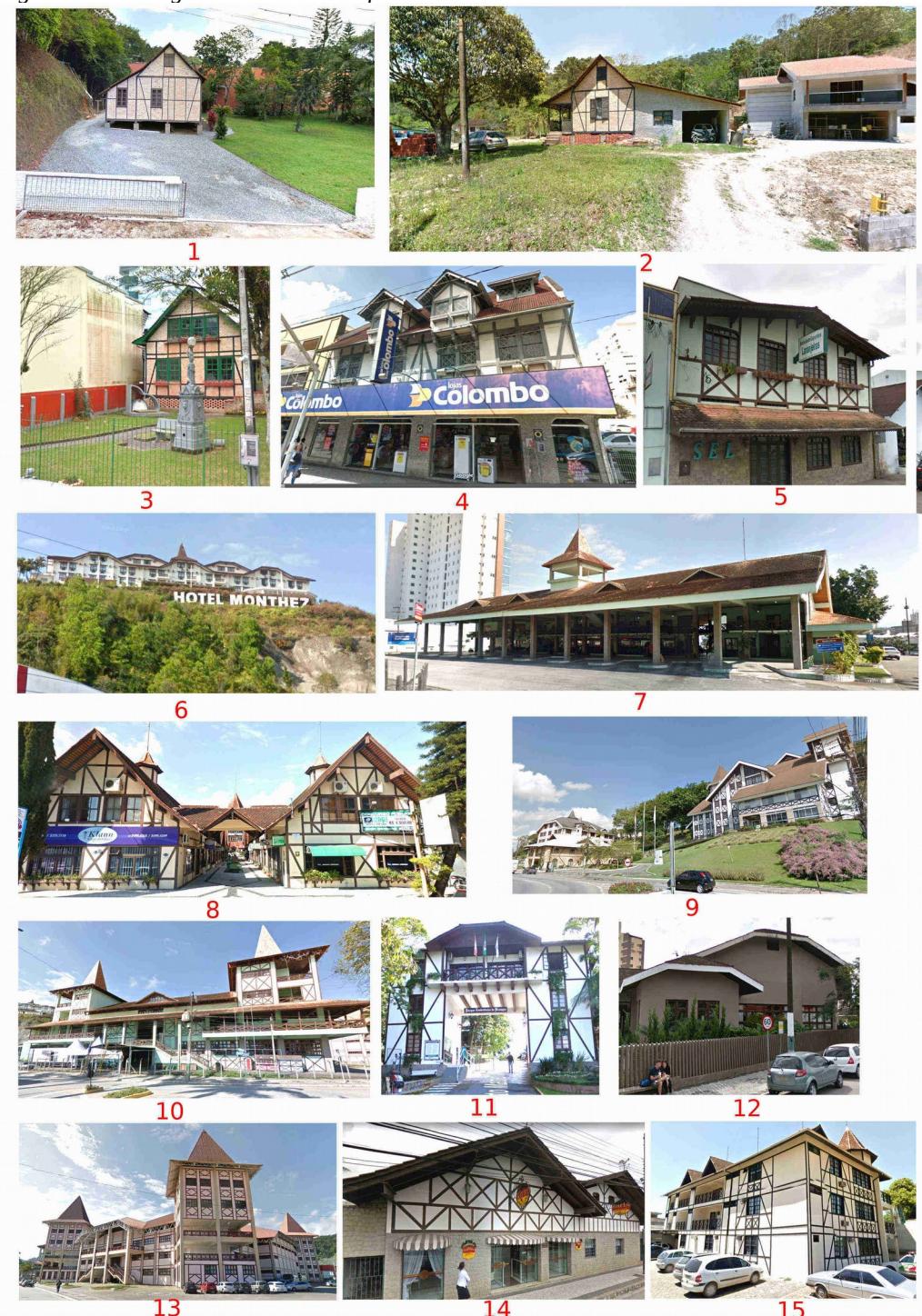


Projetos da Prefeitura de Brusque em 1989. Prefeitura, câmara de vereadores, fórum, teatro e casa da cultura. Fonte: Jornal O Município, edição de 26 de maio de 1989, p. 14. Acervo SAB.

O projeto elaborado pelo arquiteto Rubens Aviz foi concebido como Centro Administrativo Municipal “que, além de concentrar os prédios da Prefeitura, Fórum e Câmara de Vereadores, será complementado pelo Teatro, Casa da Cultura e Parque Zoobotânico. [...] mostrando a preocupação do prefeito em tornar o município um exemplo a nível de Brasil”³¹⁵. Com exceção do teatro, todos os projetos foram executados.

³¹⁵ Projetos visam atender aspirações comunitárias. **O Município**, Brusque. 26 mai. 1989. p. 14.

Figura 23: Estilo germânico em Brusque



Imagens retiradas do Google Street View (www.google.com.br). 1) Residência na rua SP-006; 2) Residência em transversal da rua Teodoro Albrescht; 3) Casa de Brusque, na rua Otto Renaux; 4) Lojas Colombo (Pernambucanas), na Av. Cônsul Carlos Renaux; 5) Clube Laranjeiras, rua rua do Centenário; 6) Hotel Monthez, Av. Antônio Heil; 7) Rodoviária; 8) Centro Comercial Geschäftshaus; 9) Fórum, Câmara dos vereadores e Prefeitura; 10) Pavilhão Fenarreco; 11) Pórtico Parque Zoobotânico; 12) Restaurante na AABB; 13) Arena Multiuso; 14) confeitaria Bartz; 15) Delegacia de Polícia Civil.

Figura 24: Estilo germânico em Brusque



16) edifício Erico Habitzreuter, rua Adriano Schaeffer; 17) hotel Eudóxio, na Rodovia Antônio Heil; 18) Igreja Calvário, Av. Hugo Schlösser; 19) Panificadora, rua Sete de Setembro; 20) Pórtico do Parque da Caixa D'Água; 21) Passarela (Brusque Palace Hotel após a rodoviária); 22) Secretaria de Trânsito e Defesa Civil, rua Manoel Tavares; 23) Terminal Urbano, esq. Pref. Germano Schaeffer com Av. Arnos Carlos Gracher (Beira Rio). Imagens retiradas do GoogleMaps.

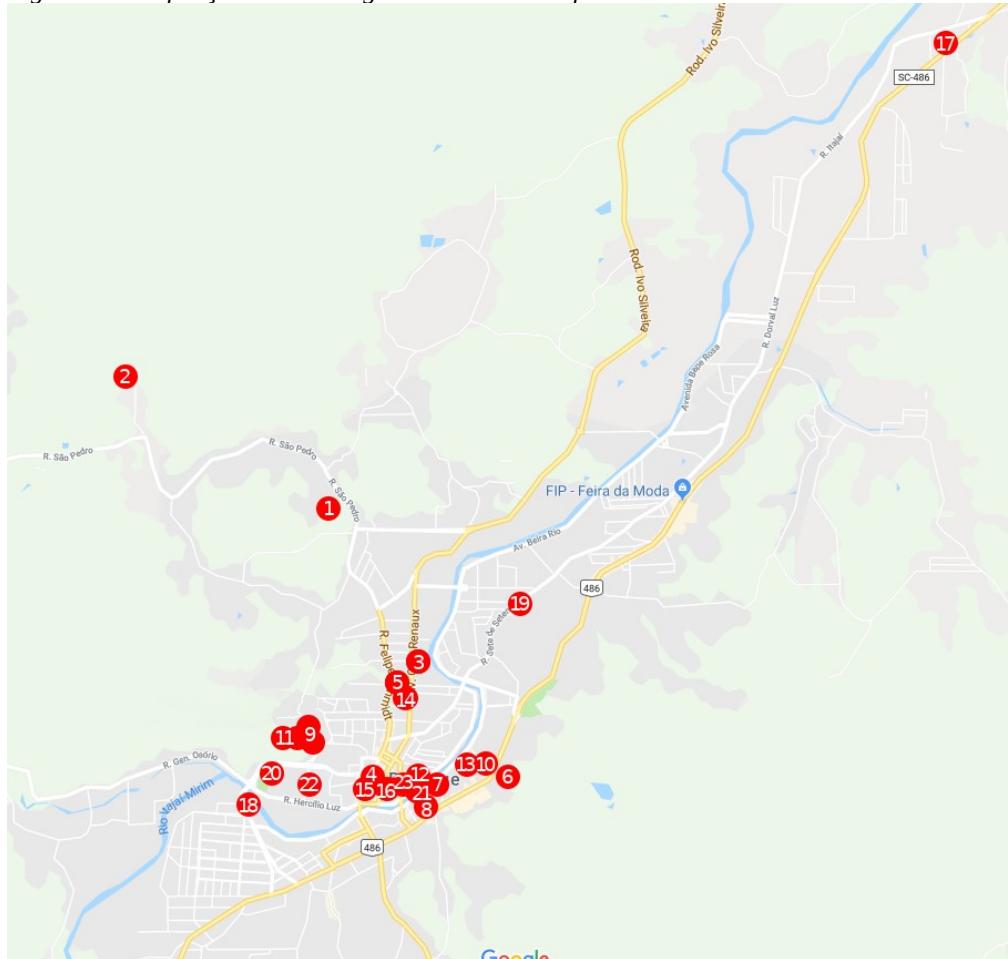
Destas edificações, o arquiteto Rubens Aviz projetou o Hotel Monthez (já em execução desde 1988, antes de Ciro Roza assumir a Prefeitura), a Rodoviária, o Fórum, a Prefeitura e o Pavilhão da Fenarreco. Já o arquiteto Jorge Bonamente projetou o Pórtico do

Zoobotânico, o edifício da Delegacia de Polícia e as construções da Praça Barão de Schneeburg, uma banca que foi demolida e um ponto de táxi que não foi incluída a foto pois a praça está sendo “revitalizada” em 2019.

Destas 25 edificações (há três prédios na imagem 9) em estilo germânico, 12 edificações são do poder público, sendo 10 do poder público municipal (7-rodoviária; 9-câmara de vereadores e prefeitura; 10-pavilhão fenarreco; 11-Zoobotânico; 13-Arena multiuso; 20-Parque da Caixa D’Água; 21-passarela; 22-antiga câmara de vereadores e atual prédio da defesa civil e Secretaria de Trânsito; 23-Terminal Urbano) e 2 do poder público estadual (9-fórum e 15-delegacia de polícia). Das outras 13 edificações, 3 são comércio/centros comerciais e de serviços (4, 8 e 16); 2 são residências (1 e 2); 2 integram associações (5-cancha e bar; 12-restaurante); 2 são hotéis (6 e 17); 2 são padaria (14 e 19); 1 é igreja (18); 1 é museu (3). Desta descrição se colhe que os agentes públicos foram responsáveis pela metade das edificações em estilo germânico em Brusque (ainda mais se considerarmos que Ciro Roza tem participação no Geschäftshaus (8) e o seu secretário da indústria no primeiro mandato, o industrial e ex-prefeito Hylario Zen, construiu o Hotel Monthez (6).

Depois que quase 60 anos da campanha de nacionalização instituída pelo Presidente Getúlio Vargas e após duas guerras mundiais, período em que os descendentes de alemães foram hostilizados como “o perigo alemão”, e de tentativas frustradas de preservação das edificações que foram fruto do processo imigratório e que estavam concentradas na Rua das Carreiras, a germanidade foi objetificada no estilo germânico para fins turísticos, não obstante a historicidade do processo imigratório na região, resultando na materialização de uma espécie de transcrição nostálgica, pois se criou algo emulando um passado que nunca chegou a ser concretizado em sua totalidade e densidade conforme o desejo contemporâneo instrumentalizado tão somente para fins econômicos com foco no turismo.

Figura 25: Edificações em estilo germânico de Brusque



Elaborado pelo autor a partir do Google Maps.

As obras promovidas pelos agentes públicos em estilo germânico estão concentradas entre o Parque da Caixa D'Água (20) e Centro Cívico/Zoobotânico (9 e 11) e o Hotel Monthez (6). Fora desse eixo próximo ao centro podemos ver a Igreja Calvário (18), as residências na rua São Pedro (1 e 2), uma panificadora no bairro Santa Terezinha (19), a Casa de Brusque (3) e Confeitaria Bartz (14) na Av. Otto Renaux e a Sociedade Laranjeiras na rua do Centenário (5) e o hotel Eudóxio (17) na divisa com Itajaí. Esse processo de enxaimelização (exetuando as duas residências da rua São Pedro), foi cogitado em 1981 durante o governo de Alexandre Merico, que se referiu à ideia como “aborto da natureza”, na reunião que discutiu o projeto da rua das Carreiras (Hercílio Luz, próximo ao número 22), porém só ressurgiu em 1987 com a ideia de transplantar uma casa enxaimel na frente do Museu e Arquivo Histórico do Vale do Itajaí-Mirim (Casa de Brusque) e com o Hotel Monthez sendo construído entre 1987-1992. Após o início do governo o início do governo

Ciro Roza temos a construção do Centro Comercial Geschäftshaus em 1990, da qual ele era sócio, e a Rodoviária – semelhante a de Rio Negrinho. Ainda no seu primeiro mandato temos a inauguração da Prefeitura e Fórum, do Parque Zoobotânico com teleférico ligando-o ao Parque da Caixa D’Água (havia no Parque do Centenário em 1960 um teleférico) e do Pavilhão da Fenarreco.

Muitos dos prédios públicos de Brusque foram projetados em “enxaimeloso”. A referência ao enxaimeloide enquanto um “neoenxaimel” ou mesmo um estilo arquitetônico (VEIGA, 2013, p. 62) não parecesse adequada; afinal as construções “enxaimel” já na Europa comportavam uma variedade de técnicas e em Santa Catarina teriam sofrido “algumas inovações que são comuns a todas elas e que romperam, em larga escala, com a cultura centro-europeia” no que se refere ao arranjo e à disposição dos espaços (WEIMER, 1994, p. 65). As inovações em Santa Catarina como se referem a rearranjos dos espaços, e já na Europa havia uma variedade de técnicas, denominar algo de “neoenxaimel” é forçoso nesse caso uma vez que o artifício do enxaimeloide comporta, ao menos, duas situações: 1) utilização de moldura de madeira/ferro no exterior de edificações preexistentes (que denomino **enxaimelizado**); 2) utilização de moldura de madeira/ferro no exterior de edificações elaboradas e pensadas para receber essa moldura (que denomino **enxaimeloso**). Porém, não foi empregado o fachadismo de madeira em todas as edificações de estilo germânico. Portanto, para além do enxaimelizado e enxaimeloso, o “estilo germânico” abarca elementos que remetem a aspectos peculiares da arquitetura de imigração alemã: utilização da madeira aparente como elemento de destaque na fachada, seja como adorno, estrutural ou falseando o estrutural do edifício; beiral alongado, presença de águas furtadas (mansardas) com ou sem utilidade, quase sempre a torre escalonada em formato de torreão com a cobertura com flecha de perfil escalonado. Enxaimel, falso enxaimel, enxaimeloide (enxaimelizado e enxaimeloso), estilo alpino, enfim: estilo germânico. Para além das questões que diferem especificidades, indaga-se como se procedeu a definição do estilo germânico nos municípios catarinenses por meio de sua legislação? De certa forma o estilo germânico constitui um artifício que objetifica e instaura a presença soberana do germanismo na paisagem das cidades.

Quando me refiro a artifício é importante pensá-lo como uma espécie de “pós-arquitetura” (termo que empresto da noção de pós-verdade). Se a pós-verdade seria uma espécie de verdade disseminada por “fake news” (notícia enganosa) pelo desejo de que ela

seja verdade para satisfazer uma emoção, não sendo analisada criteriosamente sob o critério de autenticidade, logo, poderíamos dizer que neste caso a pós-arquitetura seria também uma espécie arquitetura disseminada por fachadismo pelo desejo de que ela seja verdade para satisfazer um apelo turístico, não sendo analisada criteriosamente sob o critério de autenticidade. Isso explica porque, mesmo sendo falso, a sua disseminação pouco importante sob os critérios de autenticidade/verdade, mas tão somente atender a um apelo, uma vez que não obstante “falsear” uma aparência resultante de uma técnica construtiva e de possivelmente não mais se dispor de mão de obra qualificada para a construção de uma edificação enxaimel, ou até mesmo não ter mais sentido construir por ser anacronicamente/extemporaneamente edificar uma edificação enxaimel com técnicas construtivas mais avançadas disponíveis, a replicação de uma aparência semelhante à resultante de construções enxaimel em novas edificações, de forma adaptada ou nova, é realizado como um desejo que é atendido por quem pretende usufruir desse falseamento que atende a sua satisfação. O apelo de “estilo germânico” desconsidera a presença desta técnica construtiva em outros países europeus e acaba por reforçar a presença física de uma narrativa identitária com fins turísticos.

Diferentemente de Blumenau, Joinville e São Bento do Sul, onde ocorreram ondas enxaimelizadoras incentivadas por conta de legislação de incentivo fiscal, a onda enxaimelizadora de Brusque teve como principal promotor os agentes públicos, não atingindo o curso da Avenida Cônsul Carlos Renaux, artéria principal do comércio mas ruas adjacentes. No caso de Blumenau a rua XV de Novembro foi repaginada na onda enxaimelizadora (PEREIRA, 2009, pp. 184-190), em Joinville a Rua do Príncipe recebeu poucos exemplares (VEIGA, 2013, p. 143). Enquanto em Blumenau o investimento na enxaimelização atravessou diversos governos, em Joinville o processo de enxaimelização foi descontinuado, tendo sido interrompido em 1998 com a inauguração do Fórum (VEIGA, 2013, 142). No caso de Brusque a onda começa em 1987/1988 com o Hotel Monthez e Casa de Brusque, ganha força em 1989 com o Geschäftshaus e Rodoviária, e segue com a inauguração dos prédios públicos até o segundo e terceiro mandato do Prefeito Ciro Roza entre 2001-2008.

Segundo o arquiteto Jorge Bonamente, no segundo mandato de Ciro Roza a expectativa era de que Brusque desse um salto transformador, assim como teria sido no primeiro mandato, mas por conta dele ter repetido o modelo, antes inédito, deu a sensação de ser continuidade do primeiro mandato e perdeu o ineditismo (BONAMENTE, 2019). Novos

projetos surgiram: Arena Multiuso (concluída), Câmara de Vereadores próximo à Prefeitura e Fórum (Concluída), Ponte Estaiada, Passarela ligando Rodoviária a proximidades do Terminal Urbano, Terminal Urbano, Teleférico entre Zoobotânico e Parque da Caixa d'Água, Observatório Astronômico (não concluído até hoje), Rua 24 horas no local da antiga praça da FIDEB (terminou o mandato sem concluir e o Prefeito Paulo Eccel readequou para Praça da Cidadania, com diversos órgãos de atendimento), Parque das Esculturas (modificado por Paulo Eccel), Pórtico de Entrada (descaracterizado por Paulo Eccel) e Teatro Municipal (adquirido o terreno, porém no local foi construída uma praça por Paulo Eccel). Com relação ao terceiro mandato, que foi finalizado com várias obras inacabadas, segundo Ciro Roza (2019), devido às chuvas, e que foram readequadas pelo seu sucessor Paulo Eccel, Bonamente (2019) diz não ter parado para refletir sobre o que aconteceu. Nas páginas do jornal *O Município* foram cada vez mais frequentes reivindicações de moradores com relação à manutenção das ruas de acesso às suas residências.

Em Blumenau a construção da germanidade enquanto produto turístico teria sido realizada com “três componentes fundamentais, o estímulo à construção ‘em estilo enxaimel’, a preservação das construções consideradas típicas, e a Oktoberfest” (ANGELI, 2002); contudo, em Brusque, não ocorreu estímulo à construção, não obstante o desejo da COMUTUR, e não resultou em lei de incentivo fiscal (talvez por conta da tentativa frustrada do projeto da rua das Carreiras em 1982). Além disso, a ideia de preservação patrimonial, não obstante se ter consciência da singularidade do conjunto de edificações, foi frustrada, além do projeto da rua das Carreiras, também pela querela suscitada pelo tombamento do Casarão Schaeffer, tanto que atualmente somente o prédio do Tiro de Guerra foi tombado em 12 de dezembro de 2012. Quanto à festa, “pegamos carona na festa de outubro, desde o início, porém, no segundo e terceiro mandato de Ciro Roza a festa fracassou devido à remodelação da festa com a contratação de shows nacionais” (KAESTNER, 2019). Foi tentado, sem sucesso, uma festa italiana denominada “Brusquitália” durante a gestão do Prefeito Hylario Zen, e depois durante a gestão do Prefeito Paulo Eccel se realizou uma festa denominada “Felicità – A festa das etnias”, que chegou a colocar a bandeira da África do Sul para representar, dentro da concepção de multiculturalismo, a etnia afrodescendente.

Tendo visto como surgiu a onda enxaimeloide que se relaciona ao que ocorreu em Blumenau, Rio Negrinho, Joinville e São Bento do Sul, a adaptação do projeto da Beira-Rio como canal extravasor; as várias obras e ações que remontam a problemas das décadas de

1960-70-80, retomando a questão demográfica, é importante frisar que no Centenário de Brusque, em 1960, havia pouco mais do que 20 mil habitantes, tendo dobrado para 40 mil em 1980, quando a cidade já conta com ligação asfaltada com o litoral e é introduzida a malharia e as Feiras Industriais começam a surtir efeito. Depois, a cada década, Brusque conta com novos 20 mil habitantes. Não obstante a iniciativa das Casas Pernambucanas em 1979, foi somente após o Hotel Monthez construir seu prédio entre 1987-1992 que o estilo germânico será incentivado, com o Centro Comercial Geschäftshaus, a Rodoviária, Zoobotânico, Prefeitura e Fórum, quando Brusque atinge 60 mil habitantes. Passada uma década, em 2000 Brusque conta com 80 mil habitantes e novamente Ciro Roza administra a cidade entre 2001-2008 por dois mandatos consecutivos. A Câmara de Vereadores é construída entre o Fórum e a Prefeitura, a Arena Multiuso é construída ao lado do Pavilhão da Fenarreco, a passarela, o terminal urbano, o prédio da delegacia. Porém, novos projetos foram implementados alheios ao visual enxaimel: a Ponte Estaiada e os projetos não concluídos, que foram modificados, por diversos motivos, pelo Prefeito Paulo Eccel: Retirada do relógio da ponte estaiada com a propaganda do Centro Comercial BRUEM (o leão com o nome BRUEM foi guardado, o relógio encontra-se no prédio da Fundação Cultural e serve de moldura para uma lona com o logo da Fundação); Rua 24 horas (Praça da Cidadania, abriga órgãos públicos), Observatório Astronômico (inconcluso até hoje), Pórtico de Entrada (modificado), Parque das Esculturas (modificado com metade das esculturas espalhadas pela cidade), Teatro Municipal (não realizado e modificado, foi construída a Praça Sesquicentenário no espaço). Ao final desta década a frente da Prefeitura, o município conta com uma população de 120.000 habitantes. Desde o primeiro mandato de Ciro Roza até o término do seu segundo mandato, a população da cidade dobrou de tamanho, de 60 para 120 mil habitantes. Se considerarmos que o sucesso econômico causado pelas Feiras Industriais, Malharia introduzida por Ciro Roza em 1979, e o setor de pronta-entrega na rua Azambuja³¹⁶, podemos dizer que, entre 1980, quando ele inicia suas atividades industriais, até o final do seu terceiro mandato, a população de Brusque triplica de 40 para 120 mil habitantes. Inegavelmente há uma Brusque antes e outra depois de Ciro Roza. A sua participação neste processo foi investigada até agora.

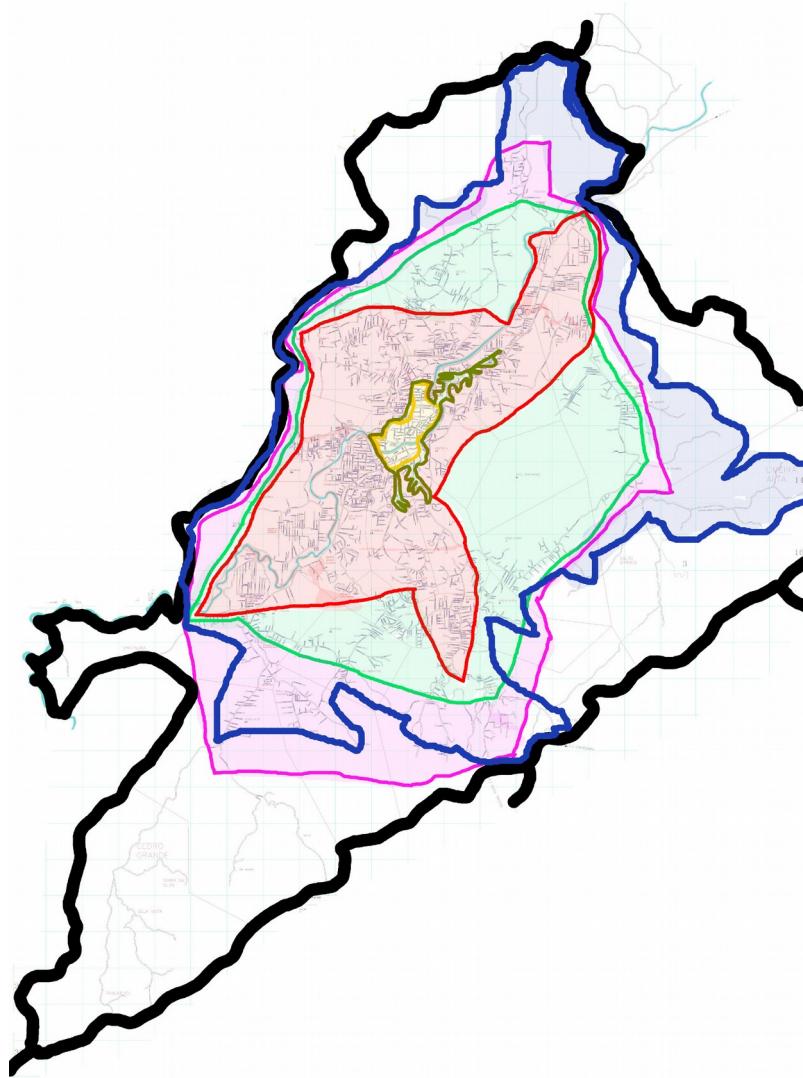
A questão é que esse crescimento que triplicou a população da cidade em apenas 30 anos e modificou a cidade. Por ocasião do I Seminário sobre o Plano Diretor de Brusque promovido pelo Clube de Engenharia, arquitetura e agronomia de Brusque (CEAB) realizado

³¹⁶ Para saber mais sobre o assunto ler a dissertação de mestrado de Marcela Krüger Corrêa disponível online na biblioteca universitária da UFSC (www.bu.ufsc.br).

entre os dias 29 e 20 de maio de 1987 no auditório da Febe, o diagnóstico apontava que “Brusque está se desenvolvendo de forma acelerada nestes últimos anos, sem que existam diretrizes reguladoras deste crescimento, adequadas a nossa realidade” (1º SEMINÁRIO, 1987). A rua Azambuja é um grande exemplo das transformações que ocorreram após este diagnóstico: de centro comercial próspero entre as décadas de 1980-1990 a bairro residencial decadente entre as décadas de 2000-2010. O coração econômico de Brusque entre as décadas de 1980-1990 teve o comércio de pronta-entrega deslocado a partir de 1991 para os centros comerciais FIP e em 1994 STOP SHOP na Rodovia Antônio Heil. A rua Azambuja acabou virando um bairro eminentemente residencial com base em adaptações das lojas em residências, atraindo população carente por conta dos aluguéis mais baixos, justamente devido às adaptações das edificações. Outro exemplo foi a ocupação das encostas de morros, além da ocupação de faixa de terra próximo ao antigo leito do Rio Itajaí-Mirim. Vimos que após a enchente de 1954 estavam discutindo a passos lentos o problema das cheias no Vale do Itajaí. Após a enchente de 1961 foi feita a retificação do Itajaí-Mirim até Itajaí, onde ele deságua no Itajaí-Açú. Porém, nova enchente assolou Brusque em 1984. Após a elaboração de dois projetos, foi feito o canal extravasor/Avenida Beira Rio. Porém, no último ano do terceiro mandato do Prefeito Ciro Roza, em 2008, uma nova enchente atingiu Brusque, seguido por outra pior em 2011. Embora não tenha resolvido o problema da enchente por conta do projeto ter sido elaborado prevendo uma determinada condição, ainda se insiste nas avenidas Beira Rio, que servem atualmente muito mais ao apelo de uma solução paliativa em mobilidade urbana do que como canal extravasor. Se a proposta da UFPR não solucionou o problema das enchentes, passo a analisar o crescimento da cidade na perspectiva do projeto da UFSM que indicava como principal problema o mau uso do solo. A dúvida é: como foi disciplinado o uso do solo em Brusque?

Foram localizadas seis leis (SANTA CATARINA, 1931; BRUSQUE, 1948c; 1964; 1979; 1990; 2015) que estabelecem o perímetro urbano de Brusque. A definição do perímetro urbano é crucial pois em conjunto com outras leis, como o código de posturas (até a década de 1980) e posteriormente o Plano Diretor, é que se restringe ou libera determinadas práticas sendo definido o que pode e o que não pode ocorrer em determinadas áreas da cidade.

Figura 26: Evolução do perímetro urbano de Brusque



Em amarelo, no centro, o perímetro urbano de 1948; em verde-musgo o perímetro urbano segundo mapa presente no Álbum do Centenário de Brusque; em vermelho o perímetro urbano de 1964; em verde o perímetro urbano de 1979; em roxo o perímetro urbano de 1990; em azul o perímetro urbano de 2015. Em preto os limites do município. Composição do autor com base no mapa do sistema viário de 2012 disponível no acervo da Sala Brusque Virtual (encyclopedia.brusque.sc.gov.br).

Em notícia publicada no jornal *O Progresso*, em 24 de abril de 1931, é afirmado:

desde 1925 se vem observando que a cidade cresce em todos os seus raios, de uma maneira vertiginosa.

Atendendo a este surto de progresso o Conselho Municipal de então, baixou resolução ampliando o perímetro urbano na medida das necessidades locais. (SANTA CATARINA, 1931)

Na matéria consta ainda a informação de que a lei orgânica municipal baixada após o primeiro Congresso das Municipalidades determinou que as Prefeituras levantassem sua planta cadastral para aprovação do seu perímetro urbano por parte da Assembleia Legislativa, o que foi feito e por conta disso o Decreto n. 105 foi editado e assinado pelo General Ptolomeu de Assis Brasil, interventor federal no estado de Santa Catarina. O perímetro urbano ficou assim estabelecido:

a) pela estrada Brusque-Itajahy até o Ribeirão que divisa as terras dos herdeiros de Emílio Niebuhr e Heil; b) pela estrada Brusque-Blumenau até o boeiro do ribeirão Peterstrasse; c) pela estrada de Peterstrasse até a subida do morro nas terras de Imhof; d) pela estrada da Guabiruba-Baixa até a linha de entroncamento da estrada de Grosser-Fluss; e) pela estrada do Cedro até a subida do morro, nas terras de Fürbringer; f) pela estrada de Azambuja até a lateral do lote de Jacob Knihs; g) pela estrada Brusque-Nova Trento até a represa da Fabrica de Tecidos Renaux S.A. (SANTA CATARINA, 1931)

O perímetro urbano seria obtido pelo polígono resultante da ligação dos pontos “a” até “g”. Do mapa acima podemos perceber que em 1948 o perímetro urbano se resumia ao Centro da cidade e a uma pequena porção do bairro São Luiz. Em 1962 os municípios de Botuverá e Guabiruba foram desmembrados de Brusque (SANTA CATARINA, 1962). Logo em seguida, em 1964 o perímetro urbano atingiu os limites com os municípios de Guabiruba e próximo da divisa com Botuverá de um lado e Itajaí de outro (BRUSQUE, 1964). Em 1990 o perímetro urbano chegou à fronteira com Nova Trento e em 2015, atingiu os limites também com os municípios de Gaspar e Camboriú. Juntamente com a expansão do perímetro urbano, é necessário analisar a legislação complementar que disciplina o uso do solo. Foram encontrados códigos de posturas promulgados em 1948, 1964 e 1975, 1986, 1992, 2000, em 2008 ele passou a se chamar código de posturas sustentáveis. A partir de 1992 esse código passou a integrar o Plano Diretor do Município, editado em 1992, 2000, 2008. Em 1992 o Plano Diretor de Brusque foi composto do Código de Posturas, Código de Edificações e Obras e do Código de Parcelamento do Solo Urbano. Em 2000 o Plano Diretor foi composto pelos códigos de Posturas, de Obras, de Parcelamento do Solo, de Zoneamento e uso do Solo e de Diretrizes Urbanísticas. Em 2008 o código de posturas foi nomeado de código de posturas sustentáveis e os códigos de obras, de parcelamento do solo e de zoneamento e uso do solo foram reeditados, sendo o de diretrizes urbanísticas suprimido, tendo sido editado em seu lugar o código de sanções urbanísticas.

O primeiro Código de Posturas encontrado foi promulgado em 31 de maio de 1948 pelo Prefeito Paulo Lourenço Bianchini e foi constituído por dezoito capítulos. (BRUSQUE,

1948a). Ainda em 1948 tivemos a promulgação da lei que estabeleceu perímetros urbano e suburbano e divisão em 5 zonas (BRUSQUE, 1948c) e também uma lei que estabeleceu nomenclaturas de vias urbanas (BRUSQUE, 1948b). O Código de Posturas regulava diversos aspectos, desde o que profilaxia das moléstias contagiosas, águas estagnadas, chiqueiros, animais doentes e mortos, cemitérios, segurança pública, pecuária e criação, horário de funcionamento das barbearias e do comércio, caça e pesca, proteção às florestas, construções e obras urbanas, etc (BRUSQUE, 1948a).

O segundo Código de Posturas foi promulgado em 10 de dezembro de 1964 pelo Prefeito Cyro Gevaerd. Essa legislação foca estritamente mais nos aspectos construtivos e urbanísticos do que a legislação de 1948. A preocupação recai sobre o disciplinamento das posturas dos cidadãos nas vias públicas, alinhamentos e nivelamentos para construções, licenças para construir e edificar, projeto para as edificações, aprovação, alvará e destino dos projetos, modificações dos projetos aprovados, as demolições, vistorias, etc. Após a enchente de 1984, com o intuito de frear a verticalização pós-enchente, o prefeito

Bonatelli teve a grande sacada e a grande visão de pegar e fazer, em 1986, algumas pequenas alterações sobre essa lei, disciplinando a questão de altura de pavimentos... mas foram quatro páginas de lei, mais pra dar uma freada porque aquilo começou a surgir um prédio aqui, um pedido de prédio ali, então tinha que se disciplinar pelo menos uma altura. (BONAMENTE, 2019)

O terceiro e último Código de Posturas foi promulgado em 4 de fevereiro de 1975 pelo Prefeito Cesar Moritz e foi constituído por 339 artigos minuciosos e que foram distribuídos por sete títulos que versam sobre infrações e penalidades; execução das penalidades; higiene pública; da polícia de costumes, segurança e ordem pública; do funcionamento do comércio e da indústria e dos estabelecimentos agrícolas, industriais e comerciais localizados na zona rural (BRUSQUE, 1975). As matérias disciplinadas voltam a abranger, além dos aspectos urbanísticos e construtivos, os costumes. Essa lei revogou apenas alguns artigos do Código de Posturas de 1964, por conta disso é que em 1986 a lei do Código de Posturas de 1964, ainda vigente, pode ser modificada e ainda ter eficácia.

As questões relativas ao meio ambiente começaram a engatinhar somente em 1979³¹⁷ por iniciativa do poder público ao criar um conselho municipal de defesa do meio ambiente. Aos poucos o tema foi ganhando destaque por parte da sociedade civil. De uma maneira sutil, alguns questionamentos foram sendo feitos já em 1987 por meio de artigos de Paulo Roberto

³¹⁷ Somente em meados de 1979 foi promulgada a Lei 848/79 que criou o Conselho Municipal de Defesa do Meio-Ambiente – CODEMA. *O Município*, Brusque, 22 jun. 1979.

Floriani³¹⁸. Porém, parece ter sido decisiva a iniciativa do Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque³¹⁹ para que a questão do meio ambiente fosse focalizada com propriedade. Em maio de 1987 foi realizado o primeiro Seminário sobre o Plano Diretor da cidade de Brusque, com a confirmação de presença do engenheiro civil canadense Peter Jaunzens, uma das maiores autoridades do mundo em trânsito e transporte, entre outros engenheiros e arquitetos de renome em planejamento urbano³²⁰. Embora o ex-Prefeito da época, César Moritz, tenha encaminhado uma proposta de Plano Diretor, ele não foi aprovado na Câmara. O Prefeito Celso Bonatelli até teria se animado com os técnicos³²¹, mas o Plano Diretor só fora aprovado no fim do mandato de Ciro Roza no último dia do seu primeiro mandato, em dezembro de 1992³²².

Ao buscar compreender a natureza e o verdadeiro papel do planejamento urbano no Brasil, sua sobrevivência e transformações, o urbanista brasileiro Flávio Villaça comenta que provavelmente "não tenha havido ação estatal que tenha afetado mais o espaço urbano de nossas cidades grandes e médias, nos anos 70 e 80, do que a ação do governo federal nos campos do saneamento, transportes e habitação" (VILLAÇA, 1999, pp. 169-243). Villaça distingue plano de projeto a partir de seu núcleo de significação, sem limites rígidos. Portanto, para ele, quanto mais presente os seguintes elementos (VILLAÇA, 1999, p. 174), mais ele estará próximo do significado de plano: 1) abrangência de todo o espaço urbano e seus vários elementos constitutivos no tocante aos objetivos, mas não necessariamente no tocante ao diagnóstico feito para fundamentar a intervenção; 2) continuidade de execução e necessidade de revisões e atualizações; 3) interferência da ação sobre a maioria ou grandes contingentes da população; 4) papel e importância das decisões políticas, especialmente dos organismos políticos formais, com maior participação dos organismos municipais e menor dos federais e estaduais. Analisando alguns tipos constitutivos do planejamento urbano lato sensu no Brasil, Villaça identificou cinco correntes: 1) Planejamento urbano stricto sensu, ou seja, a corrente que teve como eixo as atividades e discursos que vieram a desembocar nos atuais planos

³¹⁸ FLORIANI, Paulo Roberto. Quem são os donos dos Rios?... **O Município**, Brusque, 20 fev. 1987a, o. 2. FLORIANI, Paulo Roberto. Os cavaleiros da destruição. **O Município**, Brusque, 20 mar. 1987b. p. 2. FLORIANI, Paulo Roberto. Camboriú devastando o verde. **O Município**, Brusque, 29 mai. 1987c. p. 3.

³¹⁹ Para mais informações acerca da atuação da entidade, ver NIEBUHR, Marlus. **Memória Urbana**: Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque – CEAB – História e Atuação. 1. ed. Itajaí: Univali, 2015.

³²⁰ Iniciativa do CEAA: Seminário sobre Plano Diretor de Brusque, Meio Ambiente e Trânsito. **O Município**, Brusque, 22 mai. 1987. p. 8.

³²¹ Já vem um pouco tarde: Plano Diretor de Brusque mais próximo. **O Município**, Brusque, 5 jul. 1987. p. 1.

³²² Brusque. Lei complementar nº 15 de 29 de dezembro de 1992. Institui o Plano Diretor Físico-Territorial Urbano.

diretores; 2) o zoneamento; 3) o planejamento de cidades novas; 4) o chamado "urbanismo sanitário" e; 5) planos de infraestruturas, considerados por ele como projetos. No caso de Brusque é possível percebermos a presença de ao menos 3 destas correntes de planejamento urbano: 1) Planejamento urbano stricto sensu com os Planos Diretores de 1992³²³, 2000³²⁴ e a sua revisão em 2008³²⁵ – vigente atualmente; 2) o "urbanismo sanitário", com a modificação da localização do cemitério católico³²⁶ e também com as obras de abertura e canalização das valas da 1º de Maio³²⁷, rua Azambuja, rua São Pedro³²⁸ e Bulcão Viana³²⁹ e de infraestrutura urbana com as melhorias de diversas vias municipais e, por último; 3) planos de infraestrutura como os planos rodoviários³³⁰, de ciclovias³³¹, de habitação³³², de eletrificação rural³³³ e de desenvolvimento – PLAMUD (BRUSQUE, 1966).

Segundo Jorge Bonamente, até a enchente de 1984 o único prédio que existia em Brusque era o Edifício Centenário, um edifício de 6 andares (Foto 8). Porém, “as coisas aconteciam sempre com o órgão público correndo atrás e não... dando o norte, o rumo para as pessoas” (2019). Conforme já apontado, dois fenômenos deram um “chacoalhão” em Brusque, segundo Bonamente (2019): a enchente de 1984 que contribuiu para a verticalização e para ocupação das encostas de morros e a coincidência do advento dos malheiros após a malharia de Ciro em 1979, que fez com que as pessoas ocupassem o espaço antes reservado

³²³ Embora disponível no site www.leismunicipais.com.br (Acesso em 8 jul. 2017), não há todo o corpo da lei, muito menos o anexo disponível. Consultando as leis e decretos arquivados na Procuradoria Geral do Município de Brusque, não encontrei a referida lei na encadernação referente a 1992 e nem em 1993 (a lei foi sancionada em 29 de dezembro de 1992). Tampouco havia cópia desta lei no Ibplan (Instituto Brusquense de Planejamento Urbano).

³²⁴ Brusque. Lei complementar nº 74 de 8 de março de 2000. Institui o código de diretrizes urbanísticas, fixa os objetivos, as diretrizes e as estratégias do Plano Diretor Físico-Territorial de Brusque e dá outras providências. Disponível em: <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em: 8 jul. 2017.

³²⁵ Brusque. Lei complementar nº 135 de 23 de dezembro de 2008. Dispõe sobre a avaliação, revisão e atualização do Plano Diretor de Organização Físico-Territorial de Brusque (SC) e sua adequação ao Estatuto da Cidade e dá outras providências. (Integram estas as Leis Complementares nºs 136/2008, 137/2008, 138/2008, 139/2008 e 140/2008). Disponível em: <www.leismunicipais.com.br>. Acesso em: 8 jul. 2017.

³²⁶ Cemitério Público. **O Município**, Brusque, 24 jul. 1070. p. 1.

³²⁷ Sobre a regularização das valas da 1º de Maio e Azambuja, ver: Notas do gabinete do Prefeito. **O Município**, Brusque, 24 mar. 1962. p. 8. Sobre as obras de canalização, ver: Dr. José Bessa em visita a Brusque promete novas obras do DNOS em nossa cidade. **O Município**, Brusque, 19 abr. 1973. p. 1.

³²⁸ DNOS executa importantes obras em Brusque. **O Município**, Brusque, 24 nov. 1967. p. 10.

³²⁹ Merico traz de Brasília substanciosos recursos de apoio à sua administração. **O Município**, Brusque, 29 jan. 1982. p. 1. Acervo SAB.

³³⁰ Brusque. Lei nº 96 de 9 de novembro de 1962. Estabelece o Plano Rodoviário do Município de Brusque. In: **O Município**, Brusque, 17 nov. 1962. p. 3.

³³¹ PREFEITURA quer saber quantas bicicletas circulam em Brusque. **O Município**, Brusque, 7 nov. 1980. p. 8.

³³² Notas do Gabinete do Prefeito: Problema Habitacional e Desemprego em Brusque. **O Município**, Brusque, 8 mai. 1965. p. 7. e Nas esferas federais: O Plano Habitacional para Brusque foi bem recebido. **O Município**, Brusque, 11 jun. 1965. p. 8.

³³³ A semana do Prefeito. **O Município**, Brusque, 8 abr. 1966. p. 7.

para o jardim na frente de casa para uma ampliação em forma de loja, e o seu governo entre 1989-1992 que potencializou o incipiente movimento de enxaimelização, ou de germanização visual dos prédios. Segundo Bonamente (2019) já havia em 1974 um documento chamado “Plano Diretor” mas que

não era o plano diretor, era um documento que precisava para obtenção de verbas, principalmente de pavimentação e de construção do antigo terminal urbano, tinha que ter um documento de plano diretor [...] feito por um consórcio de municípios, se eu não me engano era Timbó, Indaial, Brusque e Gaspar. Trocava a capa e dizia ‘oh, quero pavimentar rua tal, rua tal, rua tal’, então vamos cumprir tabela com isso aqui. [...] Era um plano de ação, mas na capa tava ‘plano diretor’. Só pra tu teres uma ideia [...] a região de Nova Brasília [...] eles colocaram lá como se fosse o centro da cidade [...] porque o cara não veio do Rio de Janeiro para cá, só trocou a capa e fez porque precisava ter um documento para apresentar no ministério com esse plano viário

Nesse contexto com a iminência da promulgação da Constituição Federal e a determinação de que municípios com mais de 20 mil habitantes deveriam ter seu Plano Diretor, o CEAB promoveu o 1º Seminário sobre o Plano Diretor de Brusque em maio de 1987 com o “objetivo de alertar as autoridades e a comunidade sobre a necessidade urgente da elaboração e implantação de um Plano Diretor” (DIEGOLI, 1987). Segundo o Prefeito Celso Bonatelli

desde 1983, a administração tem procurado tentar elaborar um Plano Diretor. Para isso, nos efetuamos contatos e até trouxemos a Brusque empresas particulares, entramos em contato com fundações especializadas, com o GAPLAN, com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Entretanto, todos vocês sabem que para a execução de um Plano Diretor o fundamental, além das ideias técnicas e da capacidade, é necessário muitos recursos financeiros. As cheias do Rio Itajaí-Mirim em 1983 e 1984, além da caótica situação Municipal de Brusque em 1983, inviabilizaram de início a nossa intenção. [...] Que no seu planejamento, deixe de lado estigmas do povo brasileiro, que são os interesses particulares, os interesses comerciais onde pessoas ou grupos tenham ou sejam os maiores proprietários de terras no município. Um Plano Diretor acima de tudo apolítico (BONATELLI, 1987)

Seguiu-se às falas de abertura, as palestras e questionamentos sobre a implantação de um Plano Diretor, pelo arquiteto Stenio Calsado Vieira; a qualidade de vida nas cidades e sua relação ao transporte e discussão de problemas específicos de trânsito e transporte, pelo engenheiro civil Peter J. Jainzems, o desenvolvimento de planos físicos-territoriais urbanos a partir da experiência catarinense, pelo arquiteto Paulo Roberto Rocha; e a relação entre desenvolvimento urbano e meio ambiente, pelo engenheiro civil e sanitarista Mario Delavigne Filho (CEAB, 1987).

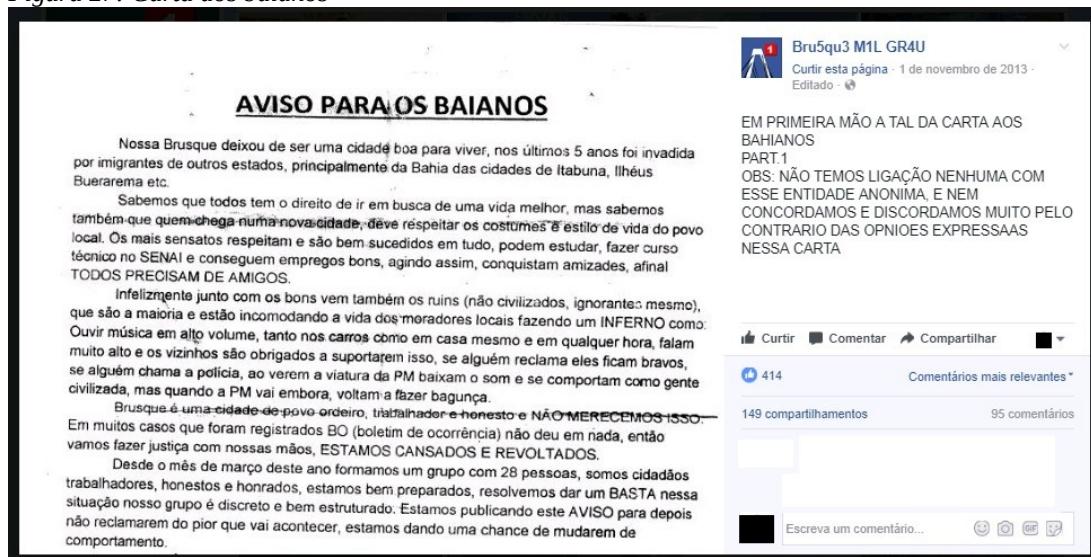
Segundo Bonamente, com relação ao ritmo acelerado de Ciro Roza, “ao mesmo tempo em que ele trocava o pneu com o carro andando, ele queria deixar um legado de dizer o

seguinte ‘oh, nós temos que disciplinar a cidade pra cá’, organizar isso aí. Essa preocupação ele tinha” (BONAMENTE, 2019). Segundo Bonamente (2019) foi feita uma formação com os técnicos da Prefeitura e a equipe da Secretaria de Estado do Desenvolvimento urbano e Meio Ambiente (SEDUMA) com os técnicos do Instituto de Assistência aos Municípios do Estado do Paraná (FAMEPAR). Embora tenha sido aprovado no final de 1992, e tendo sido nomeado Secretário de Planejamento Urbano no governo de Danilo Moritz a partir de 1993, Jorge Bonamente lamenta que não havia infraestrutura e mão de obra (fiscais) o suficiente. Ele analisa que, se até a década de 1990 Brusque vivia um regime industrial, após esse período a pronta-entrega passou a ser o paradigma dominante, tendo a sua projeção atraído imigrantes de todo o Brasil e isso ocasionou uma transformação da paisagem na medida em que alguns habitantes proprietário de terrenos viram nessa migração a oportunidade de lucrar com a venda de lotes de qualquer forma e os imigrantes se estabelecer do jeito que podiam. Com relação ao plano diretor de 2000, foi realizada uma adequação em 2001 pois, segundo Jorge Bonamente (2019) ele seria inexequível, por exemplo, por “colocar zona de urbanização em área com mais de 45 graus, erros grosseiros básicos”. Tanto é que, em sua avaliação, hoje o maior problema de Brusque não seriam as enchentes, mas os deslizamentos ocasionados pela ocupação dos morros, questão que permanece ignorada (BONAMENTE, 2019). Após dirigir a Fundação Municipal do Meio Ambiente, que em sua avaliação foi um órgão mais de licenciamento do que de preservação, comenta que “hoje o planejamento se faz nas áreas que não devem ser ocupadas, o planejamento da não-ocupação” (BONAMENTE, 2019). A questão é, como os imigrantes atraídos após a década de 1980 vivem nessa cidade? Que dilemas e desejos marcam a vivência dessa Brusque contemporânea? Ao passar de um regime industrial com o colono-operário para um regime terceirizado com o empreendedor-precarizado, qual a perspectiva de vida dos (i)migrantes em Brusque? Como eles se percebem nessa cidade em franca desindustrialização e precarização das relações trabalhistas?

CAPÍTULO 2 – VALE DOS SUICIDAS

No início de novembro de 2013 uma publicação em uma página na rede social Facebook (www.facebook.com) ganhou notoriedade ao reproduzir uma carta³³⁴ endereçada aos migrantes de procedência baiana residentes em Brusque. Quem fez a postagem assinalou que, além de não ter ligação com a referida “entidade anônima”, não concordava e nem discordava das opiniões expressas na carta. Em apenas uma semana a carta tinha sido manchete dos principais veículos de comunicação no Brasil³³⁵. A publicação teve mais de 414 curtidas, 95 comentários e 149 compartilhamentos, o que tornou a repercussão mais acentuada pois isto gerou uma série de novas curtidas, comentários e compartilhamentos.

Figura 27: Carta aos baianos



Carta aos baianos reproduzida na página de humor "Bru5qu3 M1L GR4U" – página brusquense ao estilo da página pioneira na rede social Facebook "M0nt4g3ns M1L GR4U". 1 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Bru5qu3M1lGr4u/photos/a.322746337865281.1073741826.152171724922744/322745427865372/?type=3&theater>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³³⁴ A carta foi reproduzida na íntegra no Anexo 1 dessa tese.

³³⁵ **JORNAL DE SANTA CATARINA** (Santa Catarina) (Ed.). Jornal baiano repercute carta com ameaças que circula em Brusque. 2013. Disponível em: <<http://jornaldesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/noticia/2013/11/jornal-baiano-repercute-carta-com-ameacas-que-circula-em-brusque-4327498.html>>. Acesso em: 5 abr. 2019. G1 SC (Santa Catarina). **Globo**. Polícia Civil investiga carta que ameaça baianos no Vale do Itajaí. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html>>. Acesso em: 5 abr. 2019. **A Tarde** (Salvador) (Ed.). Carta ameaça migrantes baianos em cidade de Santa Catarina. 2013. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1546974/carta-ameaca-migrantes-baianos-em-cidade-de-santa-catarina>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

Em Brusque, a polêmica gerada pela carta também ganhou as páginas do jornal *O Município*³³⁶. Uma matéria que tratou do assunto expôs a sugestão do vereador Valmir Coelho Ludvig (PT) de que a carta fosse enviada ao Ministério Público; apontou que havia uma investigação em andamento por parte da polícia civil; e, abordou o ponto de vista dos baianos e também de um paraense. Em uma carta direcionada especificamente aos baianos, é intrigante que apareça um paraense sendo entrevistado³³⁷. Por que um paraense foi entrevistado?

Com relação ao conteúdo da carta, algumas questões surgem com a sua leitura: como seria essa Brusque "boa de se viver" antes da chegada dos baianos a partir de 2005? A Brusque "boa de se viver" do "aviso aos baianos" se refere àquela cuja harmonia da tríade composta por alemães, italianos e poloneses havia sido quebrada por Ciro Roza com a introdução da malharia e atração de turistas/novos moradores? Quais seriam os costumes e estilo de vida local do brusquense que os (i)migrantes deveriam respeitar? De que forma os costumes e estilo de vida dos (i)migrantes estariam desrespeitando os costumes e estilos de vida dos brusquenses? A carta parece sintetizar o que seria o "costume de fora" que se chocaria com os "costumes brusquenses": ouvir música alta independente da hora (no carro ou em casa) e falar alto. Ao que parece, uma simples questão de diferença de costumes ganha contornos xenofóbicos quando associa uma questão de origem/etnia às transgressões legais/consuetudinárias³³⁸, como a norma que dispõe sobre perturbação do sossego público (prevista na Constituição Federal³³⁹ ou mesmo em legislação municipal³⁴⁰). Seriam os baianos

³³⁶ FARIA, Miriany. Destinatário: aos baianos. *O Município*, Brusque, 7 nov. 2013. p. 19.

³³⁷ Essa questão me chamou a atenção, especificamente, pois nasci no interior do Pará (Itaituba) e lá vivi meus 4/5 primeiros anos, tendo me mudado para Itajaí-SC, cidade natal de meu pai e meus avós paternos das famílias Mafra e Castro.

³³⁸ Empreguei o termo, que se refere a algo que se pratica recorrentemente como costume, no intuito de esboçar algo que legalmente ainda não se caracterize com ilegal mas que estaria em vias de se tornar ilegal na iminência da criação de uma lei que certamente surgiria devido aos costumes locais – dito isso com base na criação de lei em 2015 que versa sobre essa temática, sendo que a carta aos baianos data de 2013. Como o meu foco não é jurídico, me contive a este breve esboço, ainda que sentisse a necessidade de pontuar o porquê do emprego desse termo.

³³⁹ No Art. 5º inciso X está disposto que "são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação". Para além disso, no capítulo que versa sobre o meio ambiente, o Art. 225 dispõe que "Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jul. 2017.

³⁴⁰ Ver: BRUSQUE. Lei Complementar nº 107 de 26 mar. 2004. Dispõe sobre ruídos urbanos e proteção do bem estar e do sossego público. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-complementar/2004/11/107/lei-complementar-n-107-2004-dispoe-sobre-ruidos-urbanos-e-protacao-do-bem-estar-e-do-sossego-publico?q=sossego>>. Acesso em: 10 jul. 2017. e também BRUSQUE. Lei nº 3.908, de 01 set. 2015.

os que transformaram Brusque em uma cidade morta? Ou eles teriam tentado subverter a cidade morta vivendo nela? Haveria alternativa entre um Vale dos Mortos e um Vale dos Suicidas? Se uma cidade morta é aquela onde o capital permeia todos os aspectos da vida, o Vale dos Mortos seria aquele em que o capital predomina, ao passo que o Vale dos Suicidas seria aquele em que a vida se torna insuportavelmente sem fuga. É curioso que para os migrantes, o Vale dos Mortos seja suportavelmente bom em relação aos seus locais de origem – de modo que participar como figurante da Cidade Morta seja suportável - enquanto que para alguns não há mais fuga possível, restando apenas o fim da vida. Seja no vale dos mortos ou dos suicidas a vida não tem alternativa à hegemonia do capital: ou se submete ou acaba.

A carta exprime ainda que Brusque seria a terra de um povo "ordeiro, trabalhador e honesto" e que "quem chega numa nova cidade, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local". Comenta ainda que "os mais sensatos respeitam e são bem sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades". Se quem chega deve respeitar os costumes e estilos de vida do povo local, por que então os imigrantes europeus modificaram todo o território e ainda contrataram bugreiros para exterminar os xokleng? Se o problema seria esse costume de ouvir música com volume alto e falar alto, em que isso afetaria a honestidade e predisposição ao trabalho no (i)migrante? Ouvir música alta (como algo negativo) implicaria na exclusão ou incompatibilidade em portar outras características positivas? E quanto à ordem, o que seria a ordem – um pressuposto historicamente datado que, por exemplo, há alguns anos permitia atrocidades como a matança dos xokleng? A ordem significa ser submisso ao modelo fabril de forma submissa de modo que a conduta em todos os aspectos da vida sejam observados para que nada reflita no trabalho? A carta parece demonstrar um certo descontentamento com a ineficiência das leis uma vez que alude a boletins de ocorrência registrados e que não resolveram o impasse. Além disso, menciona que uma vez que as viaturas da Polícia Militar se aproximam, "baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora voltam a fazer bagunça". Ademais a carta explicita tratar-se de um grupo de 28 (vinte e oito) pessoas que são "cidadãos trabalhadores, honestos e honrados" e que estariam bem

Autoriza a insituição do "Programa Sossego Público", mediante convênio com o Estado de Santa Catarina e determina providências conexas. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria-2015/391/3908/lei-ordinaria-n-3908-2015-autoriza-a-instituicao-do-programa-sossego-publico-mediante-convenio-com-o-estado-de-santa-catarina-e-determina-providencias-conexas?q=sossego>>. Acesso em: 10 jul. 2017. Esta última lei especifica tratar-se "particularmente no que tange à fiscalização do controle da sonoridade emitida em toda a extensão territorial do Município" imputando a "fiscalização do cumprimento desta Lei será exercida pela Polícia Militar".

preparados para darem um basta nessa situação de desconforto. Em 8 (oito) meses teria sido realizado um “levantamento” onde teriam conseguido mapear os “incivilizados” e que seriam 34 carros e 22 motos os que perturbam o sossego público – seja com som alto por música ou com cano de escape barulhento e que, inclusive, teriam também “fotos desses desordeiros”. A carta ainda faz menção a um diálogo com dois policiais como forma de ressaltar, inclusive com uma estimativa de ocorrências, a problemática dos migrantes baianos. Por fim, a carta encerra com um apelo para que os baianos mudem seu comportamento com urgência, caso contrário se iniciaria uma matança!

Embora tenham sido específicos quanto ao número de carros, motos e que teriam fotos dos “desordeiros”, a carta parece ter repercutido não só entre os migrantes baianos (BODEZAM, 2019), mas também entre outros migrantes, como no caso de Jefferson Moura Ferreira, naquela oportunidade com 23 anos e que havia migrado do Paraná para Brusque havia apenas seis meses. Jefferson procurou uma rádio local preocupado com as ameaças e declarou que veio “para trabalhar e não para se envolver na criminalidade. Não sabemos se as ameaças vão se concretizar e nem a que horas, por isso andamos alerta”³⁴¹.

O Tenente-coronel PM e Comandante do 18º Batalhão de Polícia Militar de Brusque, Heriberto Rocha Peres, emitiu uma nota sobre o acontecimento em 6 de novembro de 2013. Na nota, Peres alertou para os limites da liberdade de expressão que poderia “decair quando colidir com outros direitos fundamentais” e, reproduziu um trecho do voto do Min. Maurício Corrêa onde consta:

o racismo é antes de tudo uma realidade social e política, sem nenhuma referência à raça enquanto caracterização física ou biológica, refletindo, na verdade, reprovável comportamento que decorre da convicção de que há hierarquia entre os grupos humanos, suficiente para justificar atos de segregação, inferiorização e até de eliminação de pessoa.³⁴²

Peres comenta ainda que o texto “Aviso para os Baianos” poderia gerar uma série de interpretações e que manifestaria “indícios de crimes relacionados ao preconceito de raça e de cor”³⁴³. A questão seria, de fato, a cor? Foi a questão do fenótipo que teria motivado a repórter a entrevistar um paraense para falar de uma ameaça aos baianos? O que se evidenciaria entrevistar um paraense para falar de uma ameaça aos baianos quando Belém, no Pará, fica a

³⁴¹ SANTOS, Rodrigo. Carta anônima ameaça forasteiros. **Rádio Cidade**, Brusque, 2013. Disponível em: <https://rc.am.br/homes/page_noticia/id_27543/>. Acesso em: 5 abr. 2019.

³⁴² REZINI, Alain; RICARDO, Giovani. PM emite nota sobre carta anônima. **Rádio Cidade**, Brusque, 2013. Disponível em: <https://rc.am.br/homes/page_noticia/id_27590/titulo_pm-emite-nota-sobre-carta-anonima/>. Acesso em: 5 abr. 2019.

³⁴³ Ibidem.

mais de 2 mil quilômetros de Itabuna, na Bahia? Para efeitos de comparação, a distância entre Itabuna na Bahia para Belém no Pará e Brusque em Santa Catarina varia apenas 2 (dois) km: são 2.292km de Itabuna para Belém e 2.294km de Itabuna para Brusque. Nesse sentido, por que, então, um brusquense não foi entrevistado nessa matéria que discorre sobre o preconceito contra um baiano? A cor da pele parece deformar o mapa e aproximar Bahia ao Pará e distanciar Santa Catarina. Desconsiderando a generalização que esse exemplo possa acarretar, a distância para além da questão física acarretaria também uma distância (diferença) cultural entre os migrantes do Pará e da Bahia, e destes com os moradores de Brusque.

Em notícia publicada no jornal *O Município*, o comerciante João Telles Santana, que residia em Brusque há mais de três décadas, comentou que por volta de 2006 o alvo foram os paranaenses, depois os gaúchos e por fim os baianos³⁴⁴. A fala de Santana é reveladora: os baianos não foram os primeiros nem os últimos a serem vistos como causadores de problemas em Brusque. Quem mais já foi hostilizado, além dos baianos, paranaenses e gaúchos? A recuperação desse histórico pode nos ajudar a compreender a hostilização ocorrida com os baianos.

Os primeiros conflitos enfrentados pelos colonos *alemães*³⁴⁵ ocorreram com os nativos xokleng já em 1862/1863 (CABRAL, 1958, p. 89) e perduraram até a “pacificação” em 1914. Como os conflitos eram esporádicos e tomavam os colonos de surpresa, considerando que os xokleng não estavam estabelecidos em um ponto fixo, os colonos chegaram a contratar matadores de aluguel que adentravam mata adentro, os chamados “bugreiros”³⁴⁶, visando o extermínio dos nativos silvícolas.

Com relação aos europeus o conflito dos colonos alemães ganhou diversos contornos. Fundada em 4 de agosto de 1860 a Colônia Itajahy-Brusque, muito embora com a presença de algumas dezenas de elementos lusos, era relativamente homogênea e isolada. Esse isolamento foi quebrado em 15 de fevereiro de 1867, quando do estabelecimento de colonos *irlandeses*³⁴⁷ na Colônia Príncipe Dom Pedro³⁴⁸, distante 4km rio acima, na confluência do Ribeirão Águas

³⁴⁴ SANTANA, João Telles. In: FARIAS, Miriany. *ibidem*.

³⁴⁵ Utilizarei o termo “alemães” para me referir às populações de diversas localidades da Europa Central que falavam o idioma “plattdeutsch” ou “baixo alemão” e que em um processo de diferenciação acelerado pelo Panjermanismo (movimento de propaganda do germanismo em âmbito transnacional), mais tarde, foram identificados como sendo “alemães”.

³⁴⁶ Para saber mais sobre o assunto, consultar GALLASSINI, 2012, pp. 24-59).

³⁴⁷ Irlandeses e Ingleses que migraram para os Estados Unidos e depois da Guerra de Secesão transmigraram para Brusque, depois transmigrando para a Argentina e Estados Unidos. Também vieram colonos de outras nacionalidades.

³⁴⁸ O historiador brusquense Carlos Eduardo Michel expõe que até 1874 a população da Colônia Itajahy-Brusque era de 2.891 colonos, sendo 417 considerados brasileiros e o restante de origem alemã (MICHEL,

Claras³⁴⁹.

O grupo predominantemente de irlandeses emigrados dos EUA (além dos franceses, suecos e dinamarqueses e outras nacionalidades) também foi invisibilizado no caldeirão étnico que elenca, nesta ordem, os alemães, os italianos e os poloneses³⁵⁰ enquanto tríade fundadora de Brusque – uma tríade que não é tão pacífica e harmoniosa como pode soar quando se emprega o termo “tríade”. Os conflitos surgiram desde o seu estabelecimento, tendo o Barão de Schneeburg comunicado ao Presidente da Província que

a maior parte dos colonos irlandeses é gente de pessima conducta, affeitos a embriagar-se, é roubar em casas e roças e á todo excesso sem limites, ameaçando com facas e pistolas, com o facto prova, que se deo no dia 24 de Fevereiro na sede da Colonia, sendo pelos irlandeses atacados os colonos allemães e os brazileiros presentes, dando soccos e burdoadas, e só á muita custa se pude reter os agredidos para evitar que corresse sangue. [...] o Snr. Director Cottle, pessoa muito boa, sisuda e circumspecta, já enviou de suo moto própria 18 dos peiores de seus colonos dáqui remettidos á Exma. Presidencia da Província, como já constará á V.E., todavia a vizinhança contigua desta gente com os allemões sempre dara occasião á continuar em tumultos de mui graves consequencias. (SCHNEEBURG, 1867)

Mal passou uma semana até que o primeiro conflito tenha acontecido entre os irlandeses e os alemães/brasileiros. No ano seguinte um relatório avaliou a situação da Colônia:

Pelo seu atraso devemos responsabilizar o procedimento pouco criterioso na seleção dos imigrantes nos Estados Unidos da América do Norte, fato que nos trouxe grande número de elementos que não se adaptam ao meio e trabalho na lavoura. A população era, no fim do ano passado, de 467 habitantes, um número relativamente baixo e que poderia ser muito maior, se muitos colonos, na maioria solteiros, vagabundos e de toda sorte de defeitos morais, não tivessem deixado o núcleo, cuja organização se tornara tão auspíciosa nos meios do Governo da Província. Mas o fato da desistência dos maus elementos só pode trazer vantagens para a Colônia, pois nada de útil se podia esperar desses elementos vadios e constantemente revoltados contra as autoridades. Pode-se dizer, porém, que já foram vencidas as dificuldades iniciais. Apesar dos repetidos distúrbios provocados pelos sujeitos imprestáveis já surgiram algumas plantações que prometem uma boa colheita e, em vista dos constantes esforços dispensados pelo Diretor da Colônia, com o intuito de elevar a moral dos colonos e com a contribuição dos elementos trabalhadores podemos olhar confiantes no futuro. (RELATÓRIO, 1868).

Ainda em novembro de 1868 uma grande enchente, que superou as demais dos oito primeiros anos em um palmo, assolou Brusque (KLITZING, 1868). Uma outra enchente igual

³⁴⁹ 2012, p. 107).

³⁵⁰ Tanto em 1860, ano de fundação da Colônia Itajahy-Brusque, quanto em 1867, ano de fundação da Colônia Príncipe Dom Pedro, não existia a Alemanha enquanto Estado-Nação (tendo sido unificada somente em 1871). Vale lembrar que o termo "germânico" impõe uma generalização de um grupo linguístico e cultural que abrange a região norte da Alemanha, Países Baixos etc, enquanto a parte sul da Alemanha, Áustria e Suíça se refere a grupos linguísticos e culturais alamânicos, tendo mesmo assim os termos germânicos e alamânicos que serem problematizados devido ao deslocamento de contingente populacional devido a eventos como guerras e crises de produção de alimento, ou mudança de estrutura fundiária.

³⁵⁰ Brusque é considerado o berço da migração polonesa no Brasil.

a anterior, em janeiro de 1869, devastou Brusque e deve ter contribuído para o desânimo dos colonos que em sua quase totalidade a abandonaram (KLITZING, 1869). Nesse ínterim os planos dos poloneses Antônio Zielinski, que exercia as funções de vigário da paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar, da freguesia de Itajahy, e Sebastião Edmund wos Saporski, estavam sendo traçados com a discussão em 1869 acerca do estabelecimento de uma colônia polonesa na região, coincidindo com o insucesso e abandono da colônia irlandesa. A geógrafa brusquense e pesquisadora da imigração polonesa Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart (1988, pp. 10-11) comenta que embora se almejasse o estabelecimento de tal núcleo na Colônia Blumenau

nem o dr. Blumenau, nem o Governo Imperial se predispunham a aceitá-los; dr. Blumenau, por ter em vista outro ideal de colonização, com os imigrantes trazidos da Alemanha, e com eles estabelecendo um núcleo voltado a um espírito cívico do qual todos compartilhassem – e evitando aborrecimentos, uma vez que existia rivalidade entre a Alemanha e a Polônia. O Governo Imperial, por desejar encaminhar os imigrantes poloneses para colônias que já necessitavam de repovoamento, como era o caso da Príncipe D. Pedro, após a saída dos irlandeses. (1988, pp. 10-11).

Portanto, esvaziada pelos irlandeses, a Colônia Príncipe Dom Pedro recebeu a primeira leva de imigrantes poloneses no Brasil em meados de agosto de 1869. Segundo Goulart

No caso da imigração polonesa em Brusque, a situação periférica quanto à localização do espaço geográfico no qual os poloneses foram assentados foi sempre constante; desentendimentos com os alemães – imigrantes ali já instalados –, e alguns desmandos relacionados com a administração oficial da Colônia fizeram com que a atuação de dois líderes, Edmundo wos Saporski e Padre Antônio Zielinski, conseguissem alcançar a fronteira do Paraná, chegando a Curitiba, onde alguns desses imigrantes deram início à imigração polonesa no vizinho Estado, nele deslanchando, anos mais tarde, o chamado processo imigratório polonês. (GOULART, 1989, p. 5).

Os poloneses que haviam chegado em agosto de 1869 à Colônia Príncipe Dom Pedro, no mesmo ano anexada à Colônia Itajahy-Brusque (SANTOS, 1981, p. 14), promoveram a transmigração da colônia para Curitiba, no Paraná, em setembro de 1871, restando alguns colonos das primeiras levas em Brusque. Apesar do grande êxodo, Brusque recebeu pequeno contingente imigratório polonês na década de 1880 (GOULART, 1988, p. 3). Quanto aos que transmigraram para Curitiba, os problemas teriam surgido por conta da

influencia perniciosa dos jesuítas na colonia americana – Príncipe D. Pedro – não cessarão de aparecer, como aparecem, as richas, as queixas e os disturbios entre aquelles immigrantes e a direção da colonia, que por mais justa, honesta e recta que possa ser, terá sempre de lutar hombro a hombro com a supersticiosa influencia do seu pastor ligado intimamente aos jesuitas desta capital (ANTIBLAC-LOAL, 1869).

Além dos conflitos pelo modo de ocupação do território com os Xokleng, dos conflitos por conta do temperamento dos irlandeses, agora os desentendimentos haviam ocorrido com os poloneses que teriam sido inflados por padres jesuítas.

Quatro anos se passaram e a entrada de imigrantes italianos praticamente duplicou o número de colonos, porém, a hegemonia alemã foi mantida por conta da concentração deste grupo no núcleo colonial, restando aos italianos as terras periféricas, seja ocupando os lotes que sobraram dos posseiros no território da antiga Colônia Príncipe Dom Pedro ou mesmo os lotes de topografia acidentada em regiões afastadas. Para compreender o impacto dessa imigração é importante ressaltar que a colonização no Vale do Itajaí-Mirim iniciada em 1860 tinha uma população de 4.568 pessoas em 1874, distribuídas em 724 lotes. Grandes levas de imigrantes começaram a chegar em 1875, em janeiro chegaram colonos franceses e a partir de 10 de fevereiro os colonos lombardos (SANTOS, 1981, p. 43), já em 1876 a população foi aumentada em mais de 4.000 pessoas e foram preparados 1.123 lotes (SANTOS, 1981, p. 17). A historiadora brusquense Roselys dos Santos calculou em aproximadamente 5.616 os imigrantes italianos entre 1875-1877 somente na Colônia Itajahy-Brusque e explica que

A Preferência dada à Colônia Brusque devia-se, sem dúvida, às formas como eram feitas as distribuições das ajudas de custo para a compra de sementes e ferramentas. Não havia uma norma comum a todas as Colônias. Na de Blumenau, o colono só recebia as ajudas que lhe eram devidas, quando já de propriedade do lote onde haveria de fixar-se, mas na de Brusque e Príncipe Dom Pedro, as quantias já lhes eram entregues quando ainda esperavam nos barracões a demarcação de seus lotes. (SANTOS, 1981, p. 40)

Portanto, em apenas 3 anos o elemento italiano tornou-se predominante em sua totalidade, embora estivesse ocupando a periferia da colônia. Santos (1981, p. 51) reproduz a fala de Alfredo D'Escagnolle Taunay, Presidente da Província de Santa Catarina em 1876, que reputou o “poder de atração da Colonia Itajahy-Dom Pedro” a dois fatores: 1) porque o elemento germânico, segundo ele, seria “em geral exclusivista, repelle a fusão com outras raças e em Blumenau ele existe vivo com todos os defeitos e virtudes” e; 2) pelas informações prestadas por quem já está na colônia Itajahy-Dom Pedro indicando as regalias existentes “que representão o sistema mais irregular e anti-econômico que se possa imaginar” e que “esse sistema é filho das péssimas tradições existentes na administração de Itajahy-Dom Pedro...”.

Por conta dessa situação com relação aos alemães, restaram aos italianos os lotes mais afastados do centro da colônia. Houve, de modo geral, uma dupla frustração: os italianos não eram agricultores e receberam terras montanhosas e distantes dos núcleos coloniais

(SANTOS, 1981, p. 54). Se por parte do governo isso fica claro em trecho de correspondência enviada pelo Presidente da Província ao Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 17 de setembro de 1875, a colonização italiana e francesa é referida como desvantajosa “pois raríssimos são os que seguem para as colônias e n’ellas se estabelecem definitivamente” (apud SANTOS, 1981, p. 53), por parte dos colonos os motins deixam claro o descontentamento e frustração com a situação colonial.

Um dos casos mais sérios de tumulto causado por imigrantes italianos teria ocorrido em 1878 quando o Presidente da Província de Santa Catarina, Joaquim da Silva Ramalho, em correspondência ao Ministério da Agricultura, relatou que 400 colonos armados arrombaram a casa da direção na localidade Alferes (atual município de Nova Trento³⁵¹, na época localidade da Colônia Itajahy-Brusque), e dispararam tiros e atentaram contra a vida do diretor João de Carvalho Borges Júnior, que teria escapado dos colonos. Na análise da historiadora Roselys dos Santos o ocorrido “aumentaria, mais ainda, a descrença no imigrante italiano, principalmente na Colônia Brusque, onde sempre seria comparado ao de descendência alemã, que muito menos problemas tinha dado e mais resultados práticos estava alcançando dentro da política imigratória” (1981, p. 55).

Com os franceses os problemas aparentemente se concentraram na administração da colônia. Em outubro de 1875, escrevendo sobre o fato de um destes não poder mais viver na colônia, o administrador da colônia Luis Betim Paes Leme opina que todos os franceses “são os piores elementos colonizadores que o Governo possa lançar mão para povoar as Colônias do Estado. A maior parte são *comunistas*³⁵² e condenados que o Governo francês tem sido obrigado a expelir do seu país” (LEME apud CABRAL, 1958, pp. 167-168). Ainda no fim de 1875 o colono francês Louis Michel encaminhou extensa correspondência ao Presidente da Província de Santa Catarina relatando seu ponto de vista e argumentando sofrer discriminação frente aos demais colonos de outras procedências, principalmente os alemães.

O desdobramento da manifestação de descontentamento do colono Louis Michel contém elementos interessantes de análise. Em 4 de janeiro de 1876 o novo administrador da colônia Maximiliano von Borowski deu satisfações ao Presidente da Província. Embora reconhecesse que a ajuda de custo devida aos colonos solteiros, como no caso de Michel, fosse aquém da necessária, comenta que os recém-chegados poderiam contar com os serviços

³⁵¹ Nova Trento foi emancipada do então município de Brusque em 8 de agosto de 1892.

³⁵² A Comuna de Paris teria ocorrido cinco anos antes entre 18 de março e 28 de maio de 1871 como desdobramento de vários fatores, entre os quais a Guerra Franco-Prussiana.

de abertura de estrada e que “é natural que não se dá o mesmo com o ex-oficial Michel, que conhece outras necessidades e que quer na Colônia, à custa do Estado, passar boa vida sem trabalhar” e que “o grande número de solteiros, tanto franceses, como alemães, italianos, etc., em geral a escória das grandes cidades da Europa e que nunca manejaram um instrumento agrícola, que [...] tem sido mandados como colonos nos últimos anos, todos se tem retirado” (BOROWSKI apud CABRAL, 1958, p. 169). Além dos xokleng, irlandeses, poloneses, franceses, italianos...os alemães solteiros também representavam um problema?

Ocorreram conflitos enfrentados ou quem sabe causados pelos primeiros administradores Maximilian von Schneeburg (austriaco), Frederich von Klitzing, Barzilai Cottle (irlandês) e João Detsi (grego). Schneeburg se indispôs com funcionários, com o Padre Gattone e com alguns colonos que ameaçavam um motim (CABRAL, 1958, pp. 73-88). Klitzing foi acusado de furtar o dinheiro que transportava afim de custear as despesas coloniais, ele fora condenado e seu relatório contábil, recusado inicialmente, foi aprovado mais tarde (CABRAL, 1958, p. 135-137), Detsi também sofreu acusações de ingerência por parte dos colonos (CABRAL, 1958, p. 146).

Os anos de 1862 e 1863 foram os mais turbulentos. Em 1862 houve um problema com um colono que tomou a liberdade de realizar batizados; evasão de colonos; demissão de um auxiliar do diretor da colônia e até colonos presos. O primeiro caso se refere ao colono Eugenio Rieger que tomara para si a liberdade de exercer a função religiosa sem estar autorizado para tanto. Schneeburg comenta que este colono parece “prejudicial” à ordem da colônia e que ele é “um verdadeiro cabeça de motim, que desperta ideias subversivas aos colonos a ponto de leva-los a fazer toda especie de exigencias, e induzindo-os até a prestarem suas assinaturas para taes fims” e que ele não faz isso somente em estado de embriaguês mas também sóbrio (COGOY JUNIOR, 1862a). O segundo caso se refere à mudança dos colonos Frederico Rossbach e Christiano Hort com suas esposas para a Colonia Theresopolis, quando Schneeburg comenta que Rossbach “alem de vadio, vive quasi sempre embriagado, não tendo razão alguma plausivel para abandonar a sua colonia, bem como o colono Hort” (COGOY JUNIOR, 1862b). O terceiro caso surgiu da desavença entre Schneeburg e Guido Seckendorf a quem Schneeburg sugeriu a demissão por ter deixado de merecer a sua confiança e por ter promovido “clandestinamente descontentamentos dos colonos e exigencias d'estes para com a directoria” (SCHNEEBURG, 1862a). O quarto e último caso de 1862 ocorreu por conta da prisão dos colonos Valentin Schaefer e Antonio Straub, que seriam “dous colonos de

conhecida maa conducta” e que teriam inflados os ânimos dos colonos após as inundações de outubro de 1862. Ambos foram encaminhados à Polícia acusados de inflar um motim e assalto à direção da colônia. Sobre Straub, que havia confessado tudo enquanto Schaefer negara, o diretor comenta que

Este sujeito proclama agora aqui de seguir o modelo de Frederico Hecke, notavel cabeça da revolução Badense em 1848. Outro sim, Schaefer já attirou com polvora e chumbo por 2 vezes por sua perversidade, de máo genio e embriaguez contra as Cazas abertas de Colono Kling e de Lang, sem felizmente ferir ninguém, voando o chumbo ao lado da mulher de Kling. [...] Quanto à Antonio Straub é elle um completo vadio, absorveo subídios, semente, etcetera, sem nunca habitar nem trabalhar no seu lotte em um anno e meio, e expulso da casa do seu sogro Amor Goetzinger vadiando na casa do vizinho” (SCHNEEBURG, 1862b).

Em 1863 também foram registrados espancamento sofrido pelo colono Germano Boiting (DINKELBORG, 1863) e as desordens provocadas pelos irmãos Jacob e Guilherme Krieger (SCHNEEBURG, 1863). Depois novos problemas só foram relatados em 1866 com relação ao médico Alexandre Rufener, que depois de ser demitido de médico da colônia mudou-se para a Argentina, de onde aliciava os colonos de Brusque para que deixassem a colônia (SCHNEEBURG, 1867).

É preciso assinalar que quando da imigração em 1860 não existia um estado nacional alemão mas tão somente vários reinos e também como o próprio sobrenome e procedência da família de dois grandes industriais comprova, as fronteiras não eram tão rígidas. Assim, Carlos Renaux, descendente de franceses, era alemão; Gustavo Schlösser, proveniente de Lodz na Polônia, era um Ausiedler (descendente de alemão). Toda essa fragilidade e autonomia de vínculos foi endurecida e reforçada com a unificação do Estado Nacional Alemão a partir de 1871 e a propaganda Pan-Germanista (SEYFERTH, 1981).

Se nos primórdios da colonização houve problemas entre colonos de diversas procedências do que mais tarde veio a ser o Estado Nacional Alemão, a partir do estabelecimento da Colônia Príncipe Dom Pedro, mais tarde anexada à Colônia Itajahy, a diferença com os colonos irlandeses emigrados dos EUA, com os colonos poloneses, franceses, italianos e de diversas outras nacionalidades explicitam que a ficção narrativa de germanidade e da tríade composta por alemães, poloneses e italianos é uma artificialidade que se pretende vender tal qual o modelo seguido por diversas outras cidades em Santa Catarina. Nessa taxonomia étnica os alemães, italianos e poloneses compõem a ficção da harmonia da tríade fundadora brusquense e se houve um ou outro tumulto e problema é devido a uma questão pessoal de uma minoria; porém, para aqueles que estejam fora da tríade, o fato de

ajustar-se a ela é coisa de minoria pois a maioria é de desajustados. O que pretendemos demonstrar é que as generalizações que servem a estigmas “positivos”³⁵³ ou negativos são obras ficcionais produzidas por conta de um determinado contexto sujeito a inúmeros acontecimentos, desejos e tensões circunstanciais.

Essa ficção de harmonia em forma de tríade, com os alemães no topo, parece ter seguido o modelo de Blumenau onde a “[re]invenção da germanidade em suas três formas, foi uma decisão de gabinete, inventada pela classe política à revelia das próprias classes dirigentes e sem consultar a população” (ANGELI, 2002, p. 45) e a festa típica e a aparência do “estilo germânico” em arquitetura são mais mercadorias do que valorização identitária. Esse foi o caso também de Brusque, conforme abordado no Capítulo 1, entre 1987-1992 quando empresários e agentes públicos implementam o “estilo germânico” em Brusque e, desta forma, além desse fenômeno ocorrer à revelia das classes dirigentes, ele parece demarcar a ascensão de uma nova classe dirigente sem vínculos com a tríade industrial dos Renaux, Buettner e Schloesser.

Muito embora tenham sido relatados os problemas com os colonos provenientes de outras procedências que não a de elementos de dialetos alemães e que isso tenha tomado a forma de generalizações enquanto no caso dos alemães a questão tenha sido tratada como algo de caráter de temperamento pessoal, a generalização com relação aos alemães e seus descendentes foi acirrada por conta do envolvimento da Alemanha em trincheiras opostas ao Brasil na Primeira e na Segunda Guerra Mundial. No jornal “Gazeta Brusquense” de 19 e 26 de dezembro de 1914 foi publicado um texto intitulado “O perigo allemão e outras reflexões”, sem assinatura. Segundo o seu autor o assunto já era antigo e retornava aos noticiários de vez em quando. Na realidade a unificação alemã só tenha ocorrido em 1871, ou seja, há apenas 43 anos de quando o texto foi publicado. Prossegue o seu autor argumentando que ao contrário de outras nações poderosas “a Alemanha não apoderou-se nem de um palmo de terreno com a força brutal” e lista as conquistas da Rússia, Japão, Inglaterra, França, Espanha, Áustria e até os EUA que implementavam o Canal do Panamá, chegando a recorrer aos tempos de pirataria francesa em costas brasileiras³⁵⁴. Na continuação do dia 26 de dezembro de 1914 o autor comenta que “é incontestável que, como o indivíduo em particular, qualquer Nação ou raça em geral tem suas bóas e também suas más qualidades” e que devido

³⁵³ Tomo por estigma a noção de que se refira a uma opinião ou sentimento concebido sem exame crítico e sem experiência que o defina.

³⁵⁴ O perigo allemão e outras reflexões. **Gazeta Brusquense**, Brusque. 19 dez. 1914. Capa.

a difusão de boatos pela imprensa “chega-se à convicção, que muitos Luzo Brazileiros pensam, para ser bons patriotas, assumem o dever de odiar o alemão, seus descendentes e tudo quanto que diverge de seus pensamentos” e finaliza o autor afirmando que “a culpa não existe somente no lado dos Luzo Brazileiros e na sua Imprensa. O elemento teuto também possui uma boa porção de presunção e arrogância do que a sua imprensa se torna trombeta, contribuindo assim do seu lado para a discordância e má fé”³⁵⁵.

Essa questão do perigo alemão voltou aos noticiários na época da Segunda Grande Guerra Mundial, porém, a Campanha de Nacionalização empreendida pelo Governo Vargas a partir da década de 1930 amenizou o nacionalismo alemão. Segundo o ex-Prefeito Ciro Marcial Roza, depois da Guerra houve uma desarmonia, pois a harmonia

é o seguinte, por exemplo: era poloneses, alemães e italianos. E aí, com o surgimento de empregos começou a vir, especialmente as pessoas do litoral, com uma filosofia e cultura diferente. [os imigrantes] Vieram da Europa com um grau de conhecimento e tudo. Teve um certo momento que a Vila Operária, onde é a Santa Rita, era a Vila Operária. O Renaux chegou a fazer fábrica por ali e vinha as pessoas de fora. Mas eu lembro, quando eu era criança, os mais velhos que eu, se arrumassem uma namorada, e que fosse da ponte pra baixo, quando chegava na ponte... dali ele não ia. Havia uma certa rivalidade. Vieram pra cá pessoas... como acontece em qualquer cidade. (ROZA, 2019)

Tanto o ex-Prefeito Ciro Roza (2019) quanto o arquiteto Jorge Bonamente (2019) comentam que na década de 1960 os brusquenses buscavam emprego em Blumenau ou São Paulo. Nas palavras de Ciro Roza, São Paulo “era o pulmão, ou coração do Brasil” (2019). Depois dessa migração das décadas de 1940 e 1950 observou-se migração da paranaenses e gaúchos, a mesma a que o comerciante João Telles Santana comentou quando se referiu que os baianos não teriam sido os primeiros a serem hostilizados. Ocorre que hoje Brusque, como boa parte das cidades brasileiras, tem atraído haitianos, venezuelanos, cearenses, paraenses, alagoanos e dos mais diversos rincões que buscam qualidade de vida e emprego, assim como era São Paulo na década de 1960, o “pulmão” ou “coração” do Brasil, na fala de Ciro Roza.

Brusque, portanto, foi o berço de imigração inglesa/americana/irlandesa e também da imigração polonesa no Brasil – título não reivindicado como tantos outros, relegando a Curitiba o pioneirismo ainda que se trate de uma reemigração dos poloneses ou mesmo de esquecimento no caso dos elementos *ingleses* e *franceses*³⁵⁶. Análogo é o caso das famílias de imigrantes suíços em Joinville tomados genericamente por alemães. Em Brusque, uma das três indústrias têxteis tradicionais, que leva o sobrenome da família Schlösser – ao lado da

³⁵⁵ O perigo alemão e outras reflexões (Continuação). **Gazeta Brusquense**, Brusque. 26 dez. 1914. Capa.

³⁵⁶ Em referências ao idioma.

Renaux e Buettner -, é de família de origem polonesa e não de origem alemã³⁵⁷ - ao lado dos Renaux³⁵⁸ e Buettner. Ainda assim, no "Berço da Fiação Catarinense"³⁵⁹, o pioneirismo do imigrante Carlos Renaux remete o desenvolvimento industrial ao elemento étnico alemão – ainda que seja enfatizado que os tecelões que puderam de fato fazer o empreendimento dar certo fossem oriundos de Lodz – imigrados 30 anos depois da primeira leva, da Polônia³⁶⁰.

Os problemas de convivência com os ingleses, franceses, italianos e poloneses ocorreram entre estes e os imigrantes/descendentes de alemães. Porém, inspirado na obra sociológica de Norbert Elias e John L. Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), não gostaria de restringir/associar esta discussão a um caráter meramente étnico – argumento frágil e insuficiente para tratarmos de elementos heterogêneos advindos de várias regiões da Europa – coincidindo a proveniência de alguns, mais tarde, com o Estado-Nação denominado Alemanha – o que possibilitou explorar os conflitos entre os próprios colonos alemães. Por outro lado, essa questão étnica, mesmo que a partir de um exercício de imaginação dessas criações artificiais e que tem efeitos práticos, está pautada no imaginário social, inclusive com símbolos que implicam a comunicação de uma determinada ordem, como é o caso da estética enxaimeloide dos prédios públicos e privados.

Retomando o Gráfico 1, podemos observar que a despeito da taxa de crescimento populacional oscilante (Gráfico 2), a população brusquense mais que triplicou de tamanho nas últimas três décadas³⁶¹ – para nos situarmos dentro do período no qual o empresário João Telles Santana reside na cidade e foi entrevistado. De um pouco menos de 40 mil habitantes em 1980, atualmente Brusque supera os 120 mil habitantes. A taxa de crescimento

³⁵⁷ No livro de assentamento de imigrantes os Schlosser aparecem como russos (CABRAL). A minha confusão em considerar os Schlosser como sendo alemães é "justificável/enganável" pois grupos de famílias alemãs migraram para o leste europeu e as fronteiras sofreram várias alterações. Inclusive, hoje, cidadãos russos ou poloneses conseguem cidadania alemã por serem "Aussiedler", ou seja, de origem alemã. Enquanto aos estrangeiros é reservado o termo "Ausländer".

³⁵⁸ Segundo o pesquisador Geraldo Gercino Stotz "Ainda vagamente, tem-se como primitiva sede da família [Renaux] a cidade de Daviller, na França e seu mais remoto ancestral um trisavô do biografado [Cônsul Carlos Renaux], de nome François [...] Loius [o bisavô], filho de François e Agathe, teria sido oficial da guarda real de Luiz XVI, o qual, nos distúrbios verificados por ocasião da Revolução Francesa, após receber ferimentos, deixou a França para estabelecer-se na Renânia, onde logrou ser admitido como couteiro-mór no Castelo Bedburgdyk, do então Príncipe Salm-Dyk. [...] Seu filho, chamado [o avô] Martin [...] consorciou-se, em 1826, com d° Anna Christiane Odenbrett, natural de Urfeld. Dêsse matrimônio, além de outros filhos, nasceu o pai de Carlos Renaux, que na pia batismal de Alfter, nas proximidades de Bonn, tomou o nome de Johann Ludwig, a 7 de julho de 1829. (1954, p. 302).

³⁵⁹ Slogan do 1º Centenário de Brusque de autoria do Revmo. Padre Raulino Reitz. In: SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE. **Álbum do Centenário de Brusque**. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1956. p. 7.

³⁶⁰ Ver GOULART, 1989, p. 22. e GOULART, 1984, p. 7.

³⁶¹ Considerando, arbitrariamente, que a entrevista foi realizada em 2013, portanto, mais próximo de 2010 do que de 2020 – momento da escrita da tese.

populacional por década decaiu de 35 para 15%, o que evidenciou o acréscimo migratório – já evidenciado pela carta – mais notadamente a partir de 2007/2008. Porém, só os números não nos ajudam a compreender o fenômeno recente em Brusque pois por mais que a migração de estados como Rio Grande do Sul e Paraná ocasionassem um incremento populacional em Brusque, o elemento étnico alemão, italiano ou polonês permanecia. Foi somente após meados da década de 2000 que elementos afrodescendentes (mais especificamente baianos e haitianos) ingressaram em maior número em Brusque.

A partir de notícias veiculadas no jornal local, é possível vislumbrar o surgimento da questão da migração como uma problemática a ser enfrentada pelo poder público, a partir do surgimento do Centro de Direitos Humanos de Brusque ainda na década de 1980, entidade que abordará o tema pela primeira vez na imprensa. Além do CDH, a temática da migração também foi alvo da abordagem do Clube dos Engenheiros e Arquitetos de Brusque - CEAB, uma vez que envolvia uma discussão de planejamento urbano e ambiental no final da década de 1980.

Essa presença negra em maior contingente populacional poderia sugerir que a causa dos problemas com os baianos teria caráter étnico, de preconceito racial. Mas, o que explicaria o estigma construído de que os baianos são tidos como “malandros” ou “desordeiros” enquanto os haitianos seriam vistos como “trabalhadores” e “ordeiros”? Os haitianos tem o tom da pele mais escuro do que os baianos, o que nos leva a desconfiar que a questão não seja racial. Então por que os baianos seriam discriminados e os haitianos não?

Para responder a essa questão e para, além dela, buscar compreender as motivações, percursos e as dinâmicas envolvidas no estabelecimento de migrantes em Brusque, realizei sete entrevistas orais com (i)migrantes provenientes do Haiti, Venezuela, Alagoas, Pará, Ceará, Bahia e Pernambuco – grupos que tem aparecido na imprensa como migrantes que tiveram visibilidade mais recente. Digo que tiveram visibilidade mais recente pois foram entrevistados migrantes que já residem na cidade há 23 anos, como o cearense ou o paraense que estava na cidade havia um mês, embora a visibilidade da migração paraense já seja de alguns anos.

Considerando o número reduzido de sete entrevistados e a clareza de que não seriam feitas generalizações a partir de histórias que guardam suas especificidades, embora tanto a sua escolha se deva a uma arbitrariedade com relação à procedência do (i)migrante quanto à tentativa de compreender estas trajetórias de pessoas vindas de diferentes locais para Brusque,

é que foram delimitados, encontrados e selecionados os entrevistados. O contato do haitiano foi repassado por Priscila Miglioli (brusquense que teria auxiliado na criação de uma associação de haitianos e que dentre várias iniciativas ofertou curso de idioma português para os migrantes, ela forneceu o contato de dois haitianos e a entrevista foi realizada com aquele que eu consegui entrevistar primeiro). No caso da venezuelana, ela foi contatada via Facebook após ter seu nome divulgado em uma matéria no jornal *O Município* onde foi divulgada a contratação de venezuelanos por duas empresas locais. O alagoano foi encontrado quando, após ir ao bairro Águas Claras procurar um paraense que pudesse dar seu depoimento (após a negativa de um outro paraense no bairro), um alagoano em breve conversa afirmou que sua tia estava estabelecida no bairro há dez anos e que ela teria sido uma das primeiras alagoanas a vir e, após não conseguir entrevistá-la, eu entrevistei o seu marido, que veio pouco antes dela. Na mesma oportunidade, entrevistei um paraense que estava hospedado na casa desse casal de alagoanos e que não tinha qualquer vínculo com eles. No caso do cearense eu fui até a localidade do Beco Pavesi, no bairro Santa Luzia, onde me foi informado que haveria uma grande concentração de cearenses. Após três cearenses aceitarem e depois declinarem da entrevista consegui entrevistar um que é o que está estabelecido na cidade há mais tempo. A baiana entrevistada eu já havia conhecido anteriormente por conta das festas que ela organiza e considerando que ela já estava na cidade por ocasião da Carta aos Baianos ela foi escolhida e aceitou ser entrevistada. Por último a pernambucana foi procurada por conta das questões que poderiam advir da sua religiosidade e do imaginário que isso poderia suscitar nos demais moradores da cidade sendo que é a partir de sua entrevista que escolhi o título desse capítulo, conforme abordarei adiante.

Mesmo a partir de uma seleção em parte arbitrária e em parte aleatória dos entrevistados, é importante frisar, como aponta a crítica literária Beatriz Sarlo, que “não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (SARLO, 2007, pp. 24-25). Estas narrativas orais, segundo a historiadora Celia Rocha Calvo, são produzidas de maneira deliberada por meio de perguntas, roteiros, problemáticas carregadas por pressupostos teóricos, políticos e éticos que orientam a prática e o trabalho de pesquisa, enquanto produz a fonte histórica no intercâmbio entre entrevistador e entrevistado (CALVO, 2010, p. 28). Portanto, assumir a arbitrariedade na escolha dos entrevistados, ciente das questões envolvidas na produção destas fontes históricas, não desmerece ou deslegitima as fontes mas tão somente ressalta o cuidado metodológico na produção e tratamento dessas,

uma vez que

ao selecionar os “roteiros” da entrevista, ao contatar o entrevistado, ao marcar uma entrevista, ao expor os porquês da sua pesquisa, nós pesquisadores nos colocamos em movimento reflexivo, juntamente com os nossos entrevistados. Com este trabalho de reflexão com fontes orais, fazemos uma opção não por uma “nova fonte”, mas pelo diálogo com agentes sociais, cujas histórias foram ocultadas nos processos e circuitos da produção das memórias hegemônicas. (CALVO, 2010, p. 29).

Este diálogo com os agentes sociais teria diversos resultados conforme as diversas possibilidades de interlocutores que pudessem ser entrevistados, resultando numa aporia infrutífera e agonística mascarada por uma pressuposta objetividade. Essa objetividade aporística resultaria, portanto, na “ilusão do *testemunho* como uma tomada de consciência imediata, de primeira mão, autêntica, fiel à experiência histórica; e, de outro, a divisão do trabalho entre o materialismo das fontes e a intelectualidade do historiador” (PORTELLI, 1996, p. 59) – algo que pretendi evitar desde o começo, uma vez que não tomo os depoimentos orais como representativos de uma generalidade que desse conta de representar uma origem em comum, além de considerá-los como resultados de atravessamentos, desejos de projeção e atravessados pelo próprio regime de cidade com sua matriz laboral, ou seja, há sempre a preocupação de posicionar seu relato oral com relação ao trabalho e emprego. Em outras palavras, a narração em si já é uma interpretação, uma vez que resulta de um processo que envolve recordar e contar (PORTELLI, 1996, p. 60), portanto, não disporíamos da certeza do fato mas tão somente da certeza do texto, uma vez que “o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro” (PORTELLI, 1996, p. 62), resultando que qualquer mecanismo elaborado de objetividade na seleção dos entrevistados resultaria num mascaramento desta aporia. Deste modo,

o reconhecimento da existência de múltiplas narrativas nos protege da crença farisaica de que a 'ciência' nos transforma em depositários de verdades únicas e incontestáveis. Por outro, a utópica busca da verdade protege-nos da premissa irresponsável de que todas as histórias são equivalentes e intercambiáveis e, em última análise, irrelevantes. O fato de possíveis verdades serem ilimitadas não significa que todas são verdadeiras no mesmo sentido, nem que inexistem manipulações, inexatidões e erros. (PORTELLI, 1997, p. 15)

Nas últimas décadas “deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações **singulares**.” uma vez que se reconheceu “que o passado é construído segundo as necessidades do presente e chamando a atenção para os usos políticos do passado.” (FERREIRA, 2000, p. 7). A reafirmação de uma concepção da história enquanto disciplina constituída por um método *sui*

generis de estudo de textos e decifração de documentos, implicou na concepção da objetividade como sendo o pressuposto para o distanciamento temporal com relação ao objeto de estudo, afastando os problemas presentes no contexto no qual o historiador escrevia. Dentro desta perspectiva, somente o recuo temporal poderia garantir uma visão crítica, definindo-se tal distanciamento por “visão retrospectiva” (FERREIRA, 2000, p. 2). Alegava-se também que os testemunhos individuais não poderiam ser generalizados e, portanto, não representariam a totalidade de um grupo. A visão retrospectiva seria “a possibilidade de trabalhar com processos históricos cujo desfecho já se conhece, a história criava limitações para o trabalho com a proximidade temporal” (FERREIRA, 2000, p. 6), panorama que foi alterado com a ascensão da História do Tempo Presente, permitindo-se estabelecer a compreensão de que a História Oral trata da “subjetividade, memória, discurso e diálogo” (PORTELLI, 1997, p. 26), e que mesmo que as histórias individuais não se prestem a generalizações, elas comportam uma complexidade de fatores que merecem, em si, ser explorado.

Feitas as observações pertinentes acerca das fontes e dos cuidados metodológicos que balizam o diálogo com os entrevistados, estruturei a narrativa em três momentos. No primeiro, é abordada a origem e a situação que motivou a emigração e escolha de Brusque. No segundo, o interesse recai na trajetória entre o local de origem e o estabelecimento em Brusque. No terceiro a atenção se concentrará na investigação acerca da vivência destes migrantes em Brusque. Embora eu me refira aos (i)migrantes por sua origem, é importante ressaltar que este artifício é arbitrário e não comporta generalizações, uma vez que cada experiência é única e que, no desenrolar da pesquisa são elucidadas questões que permitem, por conta deste artifício próprio de generalização, a constituição de estigmas, “positivos” ou negativos e mais do que isso, perceber os regimes de cidade que cada (i)migrante constrói a partir de sua singularidade e necessidades. De início apresentarei os entrevistados e abordarei aspectos relativos à sua vivência no local de origem e como resolveram migrar para Brusque.

Maria Aparecida Ramos nasceu em Terezinha, Pernambuco, no ano de 1955. Nascida em uma família católica no meio do sertão, a pernambucana comenta que a situação era precária e que “não tinha essas facilidades do mundo de hoje”.

Não tinha infraestrutura pra nada. Não tinha água encanada, era água de açudes, que até hoje, a realidade lá, continua do mesmo jeito. Não mudou. Não tinha luz, não tinha.. Não tinha médico. O médico era o benzedor, quem fazia o parto era a parteira. Comprava-se fora sal, açúcar, algumas vezes pão. O resto a gente produzia... todos os nossos alimentos. Comprava tecido, a minha mãe era costureira, então meu pai vendia boiadas e tratava das roças de café. Cultura de café,

de algodão, palma pro gado, muito milho, o próprio feijão. Era assim que a gente vivia. Uma família bem unida, mas bem pobre. (RAMOS, 2019)

Vislumbrando melhoria em sua condição de vida, deixou o sertão aos 13 anos vindo a residir com a sua irmã mais velha em Santos-SP onde estudou para o magistério e também fez curso de inglês, porém foi na área de marketing e vendas que atuou boa parte de sua vida. Questionada sobre o início de seu envolvimento com a questão espiritual, se teria ocorrido em Pernambuco ou em Santos, a pernambucana comentou que foi muito estranho se descobrir médium pois tinha apenas 19 anos quando começou a ter:

uma série de questões físicas, fenômenos. Porque minha mandíbula deslocava e caia. E médico nenhum entendia aquilo. Queriam engessar a minha cabeça, me internar em sanatório. Eles não entendiam. Eu vivia a base de medicação. Até que um dia um médico falou assim: seu problema não é uma coisa física, é espiritual. E um Frei, nem sei se ele ainda existe, um dos meus professores, que era o Padre Nivaldo Vicente dos Santos, professor de filosofia e psicologia no magistério, [...] um franciscano [...] dizia que a coisa da espiritualidade em mim era muito forte porque eu entendia os problemas dos meus colegas de escola. [...] A mesa branca me mandou para a umbanda pois a minha mediunidade era diferente. E aí eu fiquei 10 anos numa umbanda candomblé de caboclo, onde eu fiz todas as minhas iniciações, e aí fui aprender a trabalhar pelo povo mais necessitado, e desde então arregaço as mangas todos os dias pra fazer isso aonde eu for. (RAMOS, 2019)

Questionada sobre como surgiu Brusque em sua vida, pois sempre trabalhou em Santos e Praia Grande, ela afirmou que “do nada encontrei essa alma gêmea, ele se aposentou e perguntou: ‘Nordeste ou o Sul?’ Eu falei ‘o Nordeste eu já conheço, vamos para o Sul’ e ele falou ‘Mas lá é frio’ e [...] eu falei assim pra ele: [...] aonde ele for eu vou” (RAMOS, 2013). Chegando na cidade na condição de “amiga” de seu marido, conseguiu se estabelecer e passou a trabalhar com vendas na área de saúde, quando começou a perceber:

casos que não eram de saúde. Você visitava pessoas, famílias e aí tu via que... e falando, aí um veio e não... um veio e já veio trazendo os outros, já veio... quando eu vi, eu voltei a Praia Grande e uma madrinha minha da Umbanda, uma cabocla jurema, também uma criatura que começou na espiritualidade aos 14 anos, falou assim: ‘está aqui o seu primeiro atabaque e a sua casa está aberta’. Sempre me disseram que eu tinha uma casa aberta. Eu falei: ‘Eu não quero nada disso... Eu quero trabalhar, eu quero ser feliz, só isso’. Mas o meu trabalho é espiritual, não tem como eu desvincular a minha vida, o meu conhecimento, a missão que me deram, da espiritualidade. Uma coisa está atrelada à outra. Tive muitas parcerias com muitos médicos, psicólogos, porque a minha visão espiritual não isenta a ciência, não isenta a medicina. Muito pelo contrário, cuida do espírito e alguém vai cuidar da matéria. [...] As ervas curam. Se você não pode comprar um remédio existe um chá. Por ter sido criada por uma mãe quando não tinha médico, não tinha nada e a gente foi criado com raízes, com remédios, com emplastro, com rezas, eu sei que cura. Faz a tua parte e Deus faz a dele. Então essa fé de eu ser uma sobrevivente nordestina é o que me faz viva. Aí fui estudando o Gantois, o candomblé, que tem uma religiosidade, quem leva a sério é realmente um sacerdócio maravilhoso. Não deixo de estudar Kardec. Amo o papa... João Paulo II foi um dos caras mais fantásticos. O outro... misericórdia né... [...] Mas veio o Papa Francisco agora, que é um cara acolhedor, sem um preconceito. Porque uma das coisas mais chatas nessa cidade é

você ver todo mundo tem.. essa questão do gênero, ai porque é gay mas aí a família encobre e esconde. A igreja ninguém quer ter um gay na família. E a espiritualidade aceita de braços abertos porque nós sabemos que é a transição de um espírito na terra. Então vai estudar! Tem um livro que “Fala Dr Inácio” leitura para nos esclarecer... espíritos que vieram na terra em transtornos, em pagamentos espirituais. Aí você ajuda essas pessoas a se conhecer porque quem mais sofre é a pessoa que está em transição. E ninguém perguntou se o gay gosta de ser gay. Se ele sofre. Se ele acha legal a família ter vergonha dele. [...] Então a maioria, não digo que é todos, mas a maioria dos homossexuais que se sentem oprimidos batem a minha porta sim. E quem sou eu pra dizer não? Venha e é cuidado. Desvio de caráter? Não. Não é opção, a pessoa não opta “sabe, hoje eu acordei e vou ser gay”. É condição do espírito encarnado. E ajudar essas pessoas em sofrimento, ajudar essas pessoas que tem as suas doenças terminais. [...] A questão do Vale dos Suicidas. Então, eu vim pra um lugar... (RAMOS, 2019)

A região de Brusque, segundo o astral, seria o “vale dos suicidas”. Parece que de certa forma boa parte da população é descontente com algum aspecto de sua vida, porém, de forma cínica ou hipócrita, finge estar tudo bem. Na era do empreendedorismo-precarizado a ausência de esperança e expectativas parece ser o horizonte entre o Vale dos Mortos anestesiados e o Vale dos Suicidas que não suportam mais a vida. A maior parte desse sofrimento ocorre por conta de pressões sociais que coíbem o gozo daquilo que desejam resultando em dois caminhos a serem seguidos: quem se dobra e suporta o peso desse regime de cidade figura no Vale dos Mortos de Glass enquanto aqueles que não suportam o regime e sucumbem a ele figuram no Vale dos Suicidas. Essa questão é curiosa pois a pernambucana, dos sete entrevistados, foi a única que afirmou ter migrado por motivo diverso de falta de perspectiva com relação a emprego e qualidade de vida. Em Praia Grande ela era empresária e seu marido estava aposentado. Situação muito diversa da dos demais entrevistados que estavam em situação que os sujeitou à migração justamente para o **Vale dos Sucidas**. Seria o Vale dos Suicidas melhor do que o lugar que eles deixaram?

Talvanes Hipólito dos Santos nasceu em Maceió, Alagoas, no ano de 1965. Segundo ele informou a vida em Maceió é muito difícil, principalmente com relação ao nível de desemprego. Trabalhando na construção civil, ele veio para Brusque após insistência de uma sobrinha que tinha se estabelecido dois anos antes de sua migração. Segundo Santos (2019) a sobrinha insistia que o tio teria emprego garantido na construção civil. Apesar disso ele afirma que não queria sair de Maceió

Porque na verdade, na verdade, a situação teria que estar bem difícil, como sempre foi. E nesse época ela tentou me chamar. Ela tentou falar pra mim ‘oh, tio, vem pra cá, porque aqui é bom de emprego’ e como eu trabalho de pedreiro ela disse ‘aqui dá bem pro senhor porque o senhor é pedreiro e tal...tá ótimo’. E eu disse ‘não, mas eu não quero ir’. E ela insistiu, insistiu, insistiu, insistiu, insistiu. Aí terminou... a mulher também tava doida pra sair já, aí também tava em cima ‘vamos, tu vai primeiro, se arruma e depois tu manda buscar a gente’, ela e o filho né. Eu digo ‘é, já

que vocês tão querendo que eu vá, então eu vou'. Mas como eu era pedreiro eu sempre tinha os meus bicos pra fazer lá, não era uma coisa fixa mas tinha uns bicos, tinha uns serviços pra gente ir fazendo. Então foi tudo isso aí. Então isso foi o grande problema da gente vir: desemprego, como até hoje, ainda ontem eu consisti assistir o jornal, se não me engano da Record, ele tava falando que Maranhão está no primeiro lugar no desemprego e Alagoas no segundo lugar no desemprego, se eu não me engano mais ou menos uns 60...70% da população, então olha só, há 10 anos atrás eu já vim por conta do desemprego, quer dizer, porque não melhorou nada, porque a nossa política lá é diferente das dos outros cantos, eles conseguem manipular o povo. O povo lá em Alagoas é manipulado. (SANTOS, 2019).

Questionado sobre o que seria esta manipulação, o alagoano se referiu ao programa de transferência de renda do governo federal “Bolsa Família” e que a realidade seria diferente daquela vivida no Sul do país. Questionado sobre qual seria a diferença entre a realidade do Nordeste e do Sul, ele opinou:

Agora chega uma parte boa, uma parte que eu gosto, eu gosto até de falar. Olha bem. A diferença é essa: muita gente fala sobre o Nordeste ‘ah, porque o pessoal vem do Nordeste’, eu vejo isso aí, a gente vê muito, graças a Deus comigo não foi assim porque eu sei viver em todo lugar aonde chego, mas a saída, que diz assim, ‘porque o pessoal sai do Nordeste, vem pra cá, porque não tem a cidade deles lá, por que não fica no local deles?’ a realidade do nordeste é diferente nesses termos: desemprego. (SANTOS, 2019).

Embora o alagoano relate questionamentos acerca da migração nordestina e que vê “isso aí, a gente vê muito” faz questão de logo em seguida deixar claro que com ele “não foi assim” e que sabe “viver em todo lugar” onde chega.

Antônio Macedo nasceu em Iguatu, Ceará, no ano de 1970. Trabalhando na roça, afirmou que a vida estava muito difícil e que não tinha perspectiva de melhora pois “trabalhava e ganhava quase nada. Aí naquele momento eu, digo... eu vou procurar um lugar melhor pra viver.”. Embora seus primos o convidassem para viver em São Paulo, afirma que a violência da capital paulistana não o motivara a migrar

Porque o pessoal falava que São Paulo... ele mesmo me falava ‘rapaz, os caras me cercaram numa rua’, pra assaltar né, e naquela rua tinha dois cachorro que guardava a rua nas correntes, e ele chegou, entrou naquela rua, fugindo dos caras, e os caras vinham né, e ele saiu correndo, e naquilo ele disse que tirou a camisa, e o chinelo, e o sapato e jogou para um lado e para outro, os cachorros partiram em cima, e ele passou correndo e se livrou-se do assalto dos caras. Aí desse tempo que ele contou isso também pra mim eu disse ‘mas rapaz tu é doido’. Mas aí o meu irmão já morava aqui em Santa Catarina (MACEDO, 2019)

Segundo Macedo, a mudança para Santa Catarina foi rápida: “isso foi de repente: é como se fosse uma segunda-feira aí eu vim andando, tipo na rua, aí um colega meu chegou e disse ‘é... o José precisa de dois rapazes lá em Santa Catarina para trabalhar’ aí naquele momento já disse ‘tem que viajar na sexta-feira’ aí eu disse ‘eu vou’.” Antônio comenta

que fora imediatamente para a rodoviária comprar uma passagem, porém o ônibus estava lotado. Uma semana depois ele embarcou e depois de três dias de viagem chegou a Itajaí onde um amigo foi buscá-lo. O cearense lembra que naquele dia tinha “chuva, chuva e frio... e lá [no Ceará] não tinha isso, tanta chuva e nem frio.” Além da chuva e do frio, o cearense comenta que “nos primeiros dias o cara fica meio perdido né, porque num lugar que tu não conheces ninguém [...] aí tu saia na rua e não conhecia ninguém. Porque lá acostumado na rua tu conhece todo mundo, conversa com todo mundo e tu vê a diferença é grande.” (MACEDO, 2019). Os seus irmãos haviam migrado dois anos antes para São Bento do Sul. Além disso, Macedo também não dispunha de recursos financeiros e comenta que no início era “patrocinado” em quase tudo, devolvendo o dinheiro depois. Embora tivesse um pouco de dificuldade com relação ao isolamento no começo, comenta que aos poucos foi fazendo amizades pois “sempre me dei bem com todo mundo. Graças a Deus o pessoal tudo gosta de mim, muita gente aí que é daqui mesmo.” (MACEDO, 2019).

Tamar Pereira Bondezam nasceu em Guarulhos, São Paulo, no ano de 1983. Sua mãe estava de passagem pela cidade e tão logo ela nasceu retornou para Buerarema, na Bahia. Bondezam viveu até os seus 16 anos em Buerarema. Ao ser questionada sobre a cidade, a baiana comenta que “é tudo de bom, lá é bom, cidade pequena com poucos habitantes mas... lá é legal”.

Um ano após o falecimento de sua mãe ela foi para São Paulo-SP trabalhar, onde permaneceu por um ano, até retornar para Buerarema por mais dois anos até decidiu vir para Brusque “devido ao mercado de trabalho. Começou a vir muitos migrantes da minha cidade para cá e começaram a falar que era bom, tinha emprego e como nessa época eu já tinha a minha filha eu quis procurar outros horizontes aí peguei e vim de lá”. A ideia repassada por alguns amigos dela de que Brusque era uma terra de oportunidades e de que tão logo chegasse já havia colocação no mercado de trabalho foi fundamental para a migração. Sobre as primeiras impressões ela afirma que de início “já deu aquela saudade de casa” mas que com três dias já estava trabalhando.

Arwens Jean-Baptiste nasceu em Cabo Haitiano, no Haiti, no ano de 1987. Questionado sobre sua infância, Jean-Baptiste comenta que a família era muito unida e que

Lá a gente brincava junto. Porque a minha família ficava sempre em grupo no final de semana porque meu pai tem 6 filhos. Na escola, nós não estávamos na mesma escola. Tem por exemplo um que morava em Itajaí, outro morava em Brusque. No final de semana nós sempre nos reuníamos para fazer uma festa, jogar futebol, depois a gente se divertia bem.

Questionado sobre a presença de tropas brasileiras na missão da ONU, Jean-Baptiste diz que não via pois sua cidade era no interior e as tropas ficavam mais na capital. Com relação ao Brasil a única coisa que tinha por referência era “Assistir futebol só. Eu assisto seleção brasileira desde 1994. E torcia para o Brasil desde criança. E depois na minha cabeça: eu quero conhecer o Brasil.”

Formado como técnico em agricultura, Jean-Baptiste chegou a trabalhar plantando árvores de manga, laranja, cacau e dentre outras porém o trabalho era sazonal. Seu irmão estava a caminho do funeral de seu tio da capital Porto Príncipe para Cabo Haitiano quando o terremoto de 12 de janeiro de 2010 atingiu Porto Príncipe. O terremoto foi decisivo para que o irmão saísse do país, indo trabalhar na área de construção civil na República Dominicana.

Questionado sobre o que foi decisivo para deixar o Haiti, Jean-Baptiste respondeu que o terremoto não o atingira e o que foi decisivo foi “o emprego. Porque se tu vais ter um filho lá tu não tens como ajudar ele, ele precisa de coisas que tu não vais conseguir dar pra ele.” Com relação ao destino foi decisivo o fato de o Brasil conceder visto. Diante dessa perspectiva,

Na verdade o meu irmão saiu primeiro. Porque ele trabalhava lá na construção, ele ganhava bem. Porque ele foi no Haiti, ele consegue serviço mais rápido porque ele... no começo, ele tem pessoa que ajudou ele a fazer um curso. Ele ajuda a começar a trabalhar e depois ele ganhou um curso. Ele conseguiu dinheiro e entrou na República Dominicana. Depois ele arranjou amigo lá que disse como ir para o Equador. Ele falou pra ele ‘oh, tu tem que comprar passagem entrar no Equador, só tu vai entrar no Equador, tu não vai morar no Equador, tu vai pro Brasil. Só tu não vai falar que tu vai pro Brasil. Porque se você chegar lá se tu dizer que tu vais pro Brasil ele vai te mandar de volta. Tem que falar que tu vais visitar no Equador porque tu tens que comprar passagem, tu tens hotel cinco dias para passar lá e depois pra voltar. Tu vai lá e tu não vai entrar no hotel, tu vai lá arrumar uma casa para aluguel para ficar 3 meses para conseguir visto, depois consegue visto lá para entrar no Brasil’. (JEAN-BAPTISTE, 2019).

Jean-Baptiste contou com a ajuda dos pais e principalmente do irmão que já estava em Brusque para custear sua viagem e hospedagem entre o Haiti e Brusque. Depois de se estabelecer em Brusque e conseguir emprego na firma onde trabalha desde que chegou há cinco anos, ele levou um ano para trazer a esposa via Equador e depois mais um ano para trazer o filho diretamente do Haiti para o Brasil. Tal qual os primeiros colonos que iniciavam sua vida em Brusque com uma soma significativa de dívidas com a administração colonial por conta do financiamento do lote e com os vendeiros por conta dos itens de subsistência que consumia antes de produzir em seu próprio lote, de outra forma, o haitiano Jean-Baptiste também inicia sua vida no Brasil endividado tendo de saldar dívidas que possibilitaram sua

imigração além de possibilitar trazer os seus familiares, na aparente repetição há diferenças. Quando saiu do Haiti seu filho estava com 3 anos de idade e quando chegou ao Brasil já tinha 5 anos de idade. Sobre a sua chegada em Brusque, Jean-Baptiste comenta que

É... pra mim... primeiro chegar aqui... acho eu vou voltar logo. Porque eu tava saindo na rua, começava a falar com as pessoas e ninguém vai entender, vai ser complicado, porque o meu irmão não consegue porque ele tava trabalhando, não conseguia ajudar para nós sairmos procurar serviço. Ele pediu para eu sair um dia, eu fui sozinho, fui na [firma], fui lá, ele falou pra mim 'oh, vai lá pedir serviço, é só chegar lá diz 'não tem serviço'', o cara falou pra mim 'não, não tem'. Ah, eu entendi que não. Ah, eu voltei até em casa. Depois ele saiu do serviço e chegou em casa 'não tem nada Etoo', 'não, não achei nada'. Passou duas semanas, eu tenho um amigo dele, que tava no serviço e que tava precisando da gente. Ele chegou em casa e falou pra mim 'tu queres trabalhar?' eu disse 'sim, eu vim aqui pra trabalhar mesmo'. Ah, fui lá, eu conversei com o patrão, ele fala espanhol, ele... nós... eu tive oportunidade para falar espanhol, agora eu esqueci tudo. Eu passei pelo Equador e pela República Dominicana e é só espanhol, né? Começou a falar e disse 'quer trabalhar?' eu disse 'sim, eu vim pra trabalhar'. Ele fez um teste comigo e agora tem cinco anos com ele. Ele ajuda, na realidade, ele ajuda bastante. (JEAN-BAPTISTE, 2019)

A ajuda a que ele se refere foi no sentido de viabilizar com que ele conseguisse trazer a esposa e o filho mais rapidamente. Sobre as dificuldades, ele relata que foi somente no começo porque “A pessoa vinha falar o que você não vai entender e ficava ruim. Agora eu to me sentindo bem porque todo mundo me conhece. Eu tenho o apelido Etoo, todo mundo passa na rua e chama ‘Etoo, Etoo, Etoo’. Eu to me sentindo bem” (JEAN-BAPTISTE, 2019). Porém, além da barreira do idioma ele cita o episódio ocorrido no primeiro local onde residia quando

tinha uma brasileira que, a gente morava num apartamento, ela não queria que a gente entrasse de bicicleta lá dentro. Os brasileiros sim, eles podiam andar de bicicleta no apartamento adentro e ela não falava nada, nós não, chegava no portão e tinha que descer da bicicleta, pegar na mão e botar no estacionamento. (JEAN-BAPTISTE, 2019).

Essa situação é emblemática uma vez que até a década de 1980 era comum que os operários das fábricas se deslocassem para o trabalho de bicicleta. Atualmente, o meio de transporte é visto mais sob a perspectiva do lazer e esporte por parte das autoridades públicas municipais, restando aos haitianos e outros migrantes que ainda estão se estabelecendo saldando dívidas ou pretendem trazer mais algum familiar, a utilização da bicicleta como meio de transporte e é justamente estes que dependem é que são discriminados. Essa perspectiva de privilegiar o carro em detrimento da bicicleta ficou evidente quando o vice-Prefeito Ari Vequi argumentou “que se o interesse nas ciclofaixas é para lazer e competições há outros pontos” em 2019 por conta das obras de urbanização nos bairros Santa Rita e Santa

Terezinha³⁶². Contradicoriatamente, ainda em 2019, na contramão do governo, foram inauguradas as estações de compartilhamento de bicicletas financiadas pelo governo alemão³⁶³ e também foi elaborado o Plano de Mobilidade³⁶⁴.

Maria Gabriela Schiffino nasceu em Upata, Venezuela, no ano de 2000. Questionada sobre como era viver lá, Schiffino relatou que “Era muito bom, muito tranquilo, eu gostava de morar lá” e que sua situação começou a ser agravada a partir de 2014 quando o custo de vida se tornou insustentável. Sua irmã recebia aproximadamente R\$ 4,00 de pagamento semanal, o mesmo que custava 1kg de arroz no mercado. Para sobreviver, sua irmã comia uma vez ao dia no trabalho e ela comia na escola. De quinta a domingo elas comiam macarrão, sendo que compravam dois pacotes de macarrão, que custavam R\$ 2,00 cada.

Questionada se nem um pedaço de pão havia, Schiffino respondeu negativamente e sobre o porquê da população não se rebelar, Schiffino esclareceu que as pessoas que tinham o “carnê da pátria” recebiam uma cesta básica do CLAP³⁶⁵ – sistema de alimentação e que a família dela não tinha esse carnê da pátria “porque é chavista e nós não éramos chavistas. A minha mãe já tinha tudo fechado o trabalho, tudo isso, porque todo mundo sabia que ela era do outro partido.” (SCHIFFINO, 2019). Antes de emigrar rumo a Boa Vista-RR ela, a mãe e as irmãs ficaram cinco dias sem comer para economizar dinheiro para a passagem. Embora tenha citado valores, é complicado fazer uma estimativa por conta do recente embargo estadunidense e alta do barril de petróleo do qual a economia Venezuela é refém.

Embora tivessem cogitado a República Dominicana ou o Equador como destinos, acabaram optando pelo Brasil pela proximidade. Em setembro de 2016 chegaram a Boa Vista-RR, permanecendo por um mês na rodoviária onde “Os brasileiros sabiam que nós dormíamos ali e iam pra lá e atiravam vidro, coisas assim, pedra, para nos molestar, para nos incomodar. Não era todo tempo, para acontecia muito isso.” (SCHIFFINO, 2019).

Após a irmã conseguir emprego, alugaram uma casa e os outros membros da família também conseguiram emprego por um curto período de tempo, até que no fim somente ela

³⁶² Prefeitura de Brusque descarta qualquer possibilidade de reimplantar ciclofaixa na Santa Rita e Santa Terezinha. Página 3. **O Município**, Brusque, 23 abr. 2019. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/prefeitura-de-brusque-descarta-qualquer-possibilidade-de-reimplantar-ciclofaixa-na-santa-rita-e-santa-terezinha>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

³⁶³ SALES, Bárbara. **Sistema de compartilhamento de bicicletas é inaugurado em Brusque**. 2019. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/sistema-de-compartilhamento-de-bicicletas-e-inaugurado-em-brusque/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³⁶⁴ SALES, Bárbara. **Proposta de Plano de mobilidade sugere implantação de VLT e transporte hidroviário em Brusque**. 2019. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/proposta-de-plano-de-mobilidade-sugere-implantacao-de-vlt-e-transporte-hidroviario-em-brusque/>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

³⁶⁵ CLAP significa “Comité Local de Abastecimiento y Producción”.

acabou ficando empregada. Ao saber de um abrigo da ONU que encaminharia pessoas para outras regiões do Brasil para trabalhar, ela e sua mãe se inscreveram e acabaram logo em seguida sendo enviadas para Balneário Camboriú. “A igreja onde nós chegamos deu abrigo pra nós. Na casa onde eu fiquei com a minha mãe tinha 4 famílias mais, quase 2 semanas eu fiquei sem trabalho, mas eles já tinham conseguido trabalho pra nós aqui na empresa. Aí nós ficamos ali 2 meses, em dezembro nós viemos morar pra cá.” (SCHIFFINO, 2019). Por que uma igreja se incumbiu de fazer a intermediação destas ofertas de emprego? Por que os órgãos governamentais não desempenharam esta tarefa?

De lá os venezuelanos seguiram para Brusque onde foram contratados por duas empresas. Embora em um primeiro momento sua contratação tivesse sido descartada por ter apenas 17 anos no período de seleção, no dia de contratação dos venezuelanos ela completou 18 anos e como se fosse um presente de aniversário pode ser contratada. Schiffino comenta que foi muito bem tratada e que está feliz em Brusque embora ainda não tenha conhecido a cidade e que se limita a cumprir o trajeto entre sua casa e o trabalho e deste novamente para casa saindo apenas aos finais de semana quando vai visitar a mãe que ficou em Balneário Camboriú, onde a mãe sobrevive com ajuda da igreja e do projeto Bolsa Família.

Mauro Ribeiro nasceu em Belém, no ano de 1977. Seu pai era comerciante e faleceu quando ele tinha apenas 12 anos de idade. Sua mãe criou ele e seus quatro irmãos sozinha. Aos doze anos foi que ele diz ter percebido que era rejeitado por ser negro e da favela. A partir dos quinze anos sua mãe foi trabalhar em uma casa de família e ficou aos cuidados da irmã mais velha. Ribeiro comenta que sentiu muita falta do afeto da mãe e que só foi conhecer o afeto da mãe após ela ser acometida por um derrame quando ele já era adulto. Após atingir a idade adulta Ribeiro relata ter feito algumas “amizades tortas”, apesar de nunca ter se envolvido com qualquer tipo de atividade ilícita. Separado, Ribeiro tem uma filha de 21 anos e um neto de 4 anos, que pretende trazer para Brusque quando se estabilizar.

Sobre a situação em Belém, ele comenta que as recorrentes brigas em sua família, a separação com sua ex-esposa e a criminalidade foram decisivas para deixar a cidade. Sobre a criminalidade, Ribeiro analisa que há 3 anos com a forte crise de desemprego em Belém começaram a crescer as festas denominadas “aparelhagem” e que por conta disso a criminalidade disparou pois as facções rivais disputavam a ostentação das aparelhagens consumindo bebida alcoólica e o custeio da ostentação era financiado pela criminalidade. Em Belém Ribeiro começou a trabalhar no ramo de vendas, onde conheceu um boliviano que

pouco tempo depois teria vindo para Brusque e que daqui teria dito que estava morando em Brusque e “se tu quiseres, se tu quer vir pra cá cara... aqui tem, eu to numa casa, um lugar tranquilo, bom de se viver, o povo é muito respeitador, pacato, aqui tu podes andar livremente a hora que tu quiseres com o teu celular, não vai ter risco de sobreviver e ser assaltado por alguma coisa”. Esse contato foi decisivo para que ele migrasse para Brusque

aí no dia do aeroporto, lá em Belém, eu mando um print pra ele falando que eu tava saindo já, pelo whats app. Ele falou ‘não, tudo bem, vou te aguardar no aeroporto de Navegantes. Quando chegar em Navegantes eu vou te buscar pra tu vires aqui pra casa e enquanto tu não conseguires um trabalho, alguma coisa, tu vais ajudando’. Eu falei ‘tudo bem então’. Assim mesmo que eu quero viver, não vou ficar todo tempo na tua casa, até mesmo porque eu to com a intenção de trazer a minha família. Aí ele falou assim ‘tá beleza’. Quando eu chego, quando eu desembarquei no aeroporto de Navegantes já fui ligar meu celular e não tava mais. Não encontrei mais o perfil dele no Facebook. Ele tava bloqueado. E o whats app também. Não entendi o porquê. Até hoje eu pergunto pra Deus o que foi que aconteceu que esse cara não quis que eu viesse. Eu falei ‘já que tu tem um propósito Deus me leva. [...] Aí chamei um uber [...] vim direto pra Prefeitura [...] aí fui lá conversar com um rapaz e ele disse ‘olha Mauro, nós temos aqui apenas um albergue que é para moradores de rua, é só pra chegar, dormir a noite e sair pela manhã. Quanto às tuas malas, tô vendo que são malas grandes, que vieste para morar, não vamos nos responsabilizar pelas tuas malas. [...] Saí de lá da Prefeitura, não me deram nenhuma esperança, fui lá pro terminal [rodoviário], onde comecei a ficar triste, a chorar, já era quase 5 da tarde (RIBEIRO, 2019)

Neste momento ele afirma que procurou na internet alguém que o pudesse abrigar. Após ser abrigado por uma pessoa, abrigou-se na residência de uma família alagoana, quando o entrevistei ele estava há 1 mês em Brusque e ainda procurava emprego. Segundo Ribeiro ele não sofreu qualquer tipo de discriminação tendo ficado, inclusive, feliz quando após responder sobre sua procedência, escutar que “o povo do Pará é trabalhador”. Por ter sido discriminado de maneira positiva ele não tenha percebido a discriminação que sofrera em forma de preconceito pois na concepção da pessoa que o interpelou “o povo do Pará é trabalhador”.

Apesar da tranquilidade como relação à segurança pública, Ribeiro comenta que fala para os seus contatos no Pará que “aqui não é as mil maravilhas” com relação ao emprego. Esse relato lembra o relato de outro migrante que se tornou um dos três maiores industriais de Brusque.

Gustavo Schlösser chegou em Brusque no dia 15 de fevereiro de 1896 e após dois meses estabelecido escreveu um relato de sua saga até chegar em Brusque. Logo no começo afirma ter constatado “pessoalmente que as coisas no Brasil não são tão maravilhosas como se tem publicado” (1896, p. 651). Saindo de Lodz, na Polônia, em um domingo, 8 de dezembro de 1895, ele foi de barcaça através da fronteira de Kalisch para Ostrow, seguindo de trem com

destino a Hamburgo, porém se atrasou para pegar o navio por conta de uma baldeação em Posen, Kreuz, Berlim e Spandau. Quando chegou em Hamburgo na sexta-feira a noite, dia 13 de dezembro de 1896 , relata que

cada um tinha de apresentar sua passagem de navio ou endereço para onde se destinava; então colocados num carro como sardinhas e levados para o salão de emigração. Lá é que começaram com perguntas e escritas, e eu nada tinha além da carta de Kreibich, o que não bastou e me disseram que eu nem poderia ir para o Brasil se eu não tivesse passagem de navio. Eu me apoiei na carta, mas quando no dia seguinte eu apresentei a carta ao expedidor de Freitas & Comp., este sacudiu a cabeça e disse que não sabiam de nada e que no dia 18 de dezembro sairia outro navio. O que é que eu faria agora? [...] Eu tinha muito pouco dinheiro e voltar eu não queria e não podia mais. Vocês devem imaginar como a gente se sente numa situação dessas. [...] fui levado no dia 18 para o vapor Paraguassú, para as 4 horas da manhã do dia 19 partirmos e pararmos só em Lisboa. Lá era primavera, 6 dias afastado de Hamburgo. Após 2 dias de parada, seguimos para Madeira e lá paramos 1 e meio dia. De lá para S. Vicente e de S. Vicente para Bahia. De Bahia para S. Vitória e de S. Vitória para o Rio de Janeiro. De Rio de Janeiro para Desterro e de Desterro para Itajahy e de Itajahy para Brusque. Brusque é uma pequena cidadezinha de aproximadamente 400 habitantes (SCHLÖSSER, 1896).

Schlösser comenta ainda o caráter exploratório dos vendeiros que detinham o monopólio e por conta disso além de lucrarem em cem por cento nas mercadorias, quando recebiam a produção agrícola dos colonos pagavam com outras mercadorias que estavam superfaturadas. Pouco tempo depois Schlösser, um dos tecelões de Lodz, ensinou outros tecelões da fábrica de tecidos de Carlos Renaux e montou sua própria fábrica de tecidos anos mais tarde, empresa que levou o seu nome Schlösser, e que ao lado da Buettner e da Renaux constituíram a tríade industrial com predominância econômica em Brusque até a década de 1960. Resguardados os contextos e condições, a aflição dos dois migrantes se soma ao de inúmeros outros que partem em busca de uma qualidade de vida melhor. No caso dos nordestinos entrevistados, nenhum deu tanta ênfase ao trajeto e chegada quanto o paraense, a venezuelana e o haitiano.

O haitiano Jean-Baptiste comenta que ouve frequentemente de seu patrão que ele prefere trabalhar com haitianos a brasileiros, porém não comprehende a razão pela qual as mulheres haitianas não conseguem uma colocação no mercado de trabalho. Segundo Jean-Baptiste houve uma grande transmigração de haitianos para o Chile por conta de não estarem satisfeitos com o emprego em Brusque e que lá no Chile, agora, eles estão contentes.

Jean-Baptiste comenta que tem um colega de trabalho que comenta que não há divisão entre ele por ser haitiano e o amigo por ser brasileiro, mas que ambos são negros. Ele se diverte ao relatar que, inclusive, quando sai junto desse seu colega de trabalho que ele acaba se passando por haitiano por conta do tom da pele. Teria o colega se beneficiado ao ser

confundido com haitiano, na medida em que eles são tomados por trabalhadores disciplinados na era do trabalho precarizado? De certa forma a despeito do nacionalismo, outros laços estão presentes como o racial. Com relação ao trajeto que faz para ir trabalhar, os 45min de bicicleta enfrentados por Jean-Baptiste lembram o trajeto realizado por muitos brusquenses até as décadas de 1970, 1980, quando se dirigiam para as fábricas. Tirando o fato de que em dias em que há poça d'água na rua e motoristas passam pelas poças d'água com ou sem intenção e o molham, Jean-Baptiste não registra problemas. Segundo ele informou os haitianos tem até um time de futebol. Além disso, as atividades sociais se concentram em duas igrejas batistas, uma localizada no bairro Steffen e outra no bairro Santa Terezinha (que estava de mudança para o bairro Nova Brasília). A localização perto do trabalho e da igreja foi decisiva para que ele alugasse a casa onde reside.

Ao ser questionada sobre o preconceito com relação aos baianos estar associado à ideia do preconceito racial, uma vez que parece ser uma resposta que simplifica a questão pois desconsidera que o estigma com os haitianos é “positivo” por conta de serem considerados mão de obra disciplinada, a baiana Bodezam (2019) nos ajuda a compreender que o contexto de migração baiana a partir de 2006 possibilitou que os migrantes baianos abusassem dos benefícios que a legislação trabalhista concedia aos empregados. Essa proteção do trabalhador junto com a ampla oferta de empregos em Brusque nos anos 2000 e a escassa mão de obra permitiu que as pessoas após seis meses empregados com carteira assinada, ao serem demitidos, pudessem acessar o seguro-desemprego, recebendo sem trabalhar. Com base nessa perspectiva, muitos faziam de tudo para ser demitido: chegavam atrasado, faltavam frequentemente e causando problemas dos mais diversos. Após o período do seguro-desemprego, devido ao contexto de abundância de ofertas de emprego e escassez de mão de obra, era relativamente tranquila a sua reinserção no mercado de trabalho, onde repetiam o procedimento. Esse ciclo vicioso no qual alguns trabalhadores baianos se beneficiaram, fez com que os trabalhadores baianos fossem estigmatizados e por conseguinte prejudicados. Isso pode ajudar a explicar porque o colega de Jean-Baptiste considera bom ser confundido com um haitiano.

No atual contexto, onde há uma inversão da situação com uma grande oferta de mão de obra e escassez de ofertas de emprego, além de alterações na legislação trabalhista, não é mais possível incorrer nesta prática. Além disso, no caso dos haitianos, a condição de ser estrangeiro e também a necessidade de saldar dívidas contraídas para pagar as passagens e

documentos que viabilizaram a sua imigração – processo até dez vezes mais caro do que no caso da migração baiana - e, além disso, a necessidade de economizar para trazer outros parentes, possivelmente indica a estigmatização deste grupo como sendo trabalhador uma vez que sua condição é muito mais difícil do que a dos baianos de outrora.

Para efeitos de comparação, uma passagem de ônibus de Belém, no Pará, custa em torno de R\$ 400,00; enquanto de Itabuna/Buerarema, na Bahia, seria de R\$ 600,00; os custos com visto, hospedagem e transporte do Haiti até Brusque superam o valor de R\$ 7.000,00. Para quem, como Jean-Baptiste, teve de cruzar várias fronteiras, estar na condição de estrangeiro, saldar dívidas, juntar dinheiro para conseguir trazer a esposa após um ano e depois de dois anos sem ver o filho de 3 anos que já estava com 5 anos, parece haver um contexto que não permite usufruir das benesses de lei trabalhista, que já estão mais restritas. Essa peculiaridade da migração em um contexto e condição diferente parece ter contribuído para a construção de uma imagem dos haitianos como sendo trabalhadores exemplares e disciplinados.

Se o emprego foi fator predominante na migração, com exceção da pernambucana que veio por conta da aposentadoria do marido; a forma como as pessoas lidam com o emprego de acordo com um contexto parece ter contribuído para a estigmatização positiva ou negativa a determinados grupos. Se o paraense e o haitiano são tomados por trabalhador, talvez seja porque o período em que a migração deles tenha ocorrido em um período onde a menor oferta de trabalho e a abundância de mão de obra não permitiria que eles vacilassem no trabalho pois a recolocação no mercado de trabalho se tornou difícil. A questão da ideia de ter emprego é curiosa. Na década de 1940/1950 Brusque carecia de mão de obra. Depois na década de 1980 e 2000 também. Ao que parece foi fomentada uma ilusão de promessa de vida boa, o que sugere ser um chamariz para mão de obra barata. De todo modo, seja os primeiros migrantes que embarcavam na promessa de um novo mundo e se deparavam com a morosidade na demarcação dos lotes, ou com lotes distribuídos em regiões periféricas das que eram já tomadas pelos vendeiros estabelecidos, ou destes novos migrantes como o paraense, ambos escreveram que as coisas não são bem como imaginavam uma vez que o fato de Brusque ter a segunda melhor qualidade de vida não significa que todos podem usufruir dela e no máximo sugere que é menos pior do que onde estes (i)migrantes vieram. Mas, para além do trabalho, é natural que tanto o migrante não seja mais o mesmo de quando ele deixou a sua terra quanto Brusque também não é mais a mesma depois que estes migrantes vieram pois a inteireza que

pode ser reproduzida em um discurso na realidade é apenas um fragmento de um desenrolar inconcluso que se choca com a repetição insistente de marcos que insistem em reafirmar uma germanidade que já não é mais ou que talvez nunca tenha sido de fato, mas surtido efeito como se de fato fosse. Como vivem esses migrantes-brusquenses?

Se o frio lhe caiu bem, a maior dificuldade do cearense Antônio Macedo foi ficar longe da família. A saudade parece ter sido compensada com a famosa equipe de futebol dos cearenses que se reuniam no bairro Águas Claras para disputar campeonatos. Segundo Macedo o time era tão bom que até um empresário brusquense queria jogar junto, também apostando e patrocinando o time. Nos dias de jogos os cerenses se reuniam das oito da manhã até as oito da noite em uma grande confraternização. Além das reuniões por conta do time dos cearenses, também havia um bar no Beco Pavesi que reunia os cearenses. Tanto as partidas de futebol quanto o bar – que antes funcionavam como espaço de sociabilidade e troca de informações sobre oportunidades de emprego - ficaram na lembrança. Segundo Macedo os jovens não se interessam mais em se reunir e os encontros entre cearenses ficam restritos aos círculos de amizade. Colhe-se desse depoimento que a forma como os cearenses se conduziam na cidade foi modificada pois se antes eles construíram um espaço na cidade por meio da formação de um time de futebol ou reunião em um determinado bar, agora essa necessidade de reunião parece dar lugar à manutenção de laços de amizade alheios a estes espaços de convivência que talvez não sejam mais necessários. Vendedor ambulante desde que chegou a Brusque, Macedo comenta que atualmente a concorrência de lojas de departamentos, como a Havan, representam um desafio a mais no seu dia a dia.

Se o frio foi algo que agradou o cearense Antônio Macedo, ele foi decisivo para que o alagoano Talvanes Santos abandonasse a profissão. Tendo migrado para Brusque por conta da abundância de oferta de trabalho na área da construção civil, Santos comenta que

não aguentei trabalhar de pedreiro, o frio aqui era intenso, eu botei 4 camisas, peguei serviço aí pra ir trabalhar, 4 camisas e não tava aguentando... eu digo não, isso não existe, trabalhar pesado e tudo e não sentir o frio acabando comigo, eu disse não, isso não dá pra mim, eu tenho que procurar uma coisa que eu fico trancado, fiz o curso aqui na Treinaval, de vigilante, e até hoje eu to de vigilante (SANTOS, 2019).

Questionado sobre o porquê de se estabelecer no bairro em que reside, Santos informou que sua sobrinha morava nas redondezas e que após alugar casas na região acabou adquirindo um terreno onde reside hoje, por conta do custo ser mais baixo do que em outras regiões. De um modo geral ele se diz realizado em Brusque e que se dá bem com todo mundo, inclusive tendo alcançado seus objetivos: emprego, casa e carro. Sobre o Nordeste ele alerta

que a realidade do povo não é a mesma que o turista do Sul encontra e que a vida lá é sofrida.

Tão logo chegou em Brusque a baiana Tamar Bondezam percebeu a necessidade que os migrantes tinham de encontrar os produtos típicos da região norte. Além disso havia também a demanda pelas festas tal qual realizadas na Bahia. Empreendedora, a baiana montou uma loja chamada “Casa do Norte” onde comercializava artigos da região norte, bar e também atua há mais de 10 anos na promoção de eventos voltados para o público baiano. A criação de uma loja específica para a comercialização de produtos típicos do norte sugere que os migrantes não encontram estes produtos no comércio dos estabelecidos muito embora sucos em polpa sejam encontrados e o açaí seja vendido, inclusive, em lojas especializadas e de franquias – mas que surgiram em Brusque mais por conta de uma disseminação de moda a exemplo do sushi ou da tapioca, etc. Ou seja, estes produtos que são ofertados no mercado dos estabelecidos e que são das regiões dos migrantes vieram por outros fluxos que não guardam relação com o processo migratório, mas com modas divulgadas por estilos de vida globais “fitness”.

Com relação à carta aos baianos, Bondezam comenta que algumas pessoas faziam disputa de som e que isso acabou incomodando os vizinhos, principalmente porque há músicas com muitos palavrões. Além do medo que se espalhou até entre os outros migrantes de origem diversa, os bares que reuniam o público baiano também perderam a clientela por um mês, até que a situação se normalizou. Logo após o episódio foi editada uma legislação visando coibindo a prática de ouvir música em volume alto, permitindo que a Polícia Militar agisse de maneira eficaz. Se a música para lazer foi coibida, a música do comércio de Brusque ou mesmo com carros de som continuam a reassoar livremente. O som pra lazer foi proibido, mas para o comércio é permitido.

Pereira relata que já sofreu e presenciou diversos casos de discriminação inclusive tendo sido barrada em um determinado bar onde só pode entrar após mostrar sua carteira de identidade onde consta o local de nascimento como sendo Guarulhos-SP. Ela reclama que não acha justo pagar pelo erro dos outros e que a discriminação aos baianos é reforçada pela imprensa pois quando qualquer outra pessoa comete um delito o nome dela é estampado ou até mesmo ocultado como no caso dos empresários envolvidos em roubo de carga, mas quando a procedência é da Bahia, o nome é substituído por “baiano” no título das matérias.

Apesar da má fama dos baianos por conta tanto do som alto como do contexto em que abusaram das benesses da legislação trabalhista, Pereira acredita que o preconceito tem

diminuído, principalmente por conta da presença haitiana. Ela revela que hoje vem muito mais gente do que anos atrás e que por mês chegam a Brusque de 2 a 3 vans e mais 1 ônibus – contingente semelhante ao de paraenses. Porém, analisa que muitos não conseguem emprego e acabam retornando para a Bahia. Na avaliação de Pereira, a cidade ainda insiste em privilegiar somente os alemães como no caso da promoção da Festa Nacional do Marreco enquanto ignora o carnaval, festividade que seria a mais celebrada entre o público baiano. Além dos baianos, que recriaram a comida típica com seus elementos e as festas, Jean-Baptiste revela que os haitianos tem um gosto muito peculiar para a comida e que tem sérias restrições nos restaurantes, sendo considerados “enjoados”.

De um modo geral aqueles que escolheram o Vale dos Suicidas parece que não se adaptaram, o que sugerem que o vivam enquanto Vale dos Mortos, embora em boa parte sua vivência e circulação seja restrita às suas redes de origem transmigradas e o espaço laboral. O choque dos baianos ocorreu pelo costume de ouvir som alto, algo que foi coibido por legislação que possibilitou à Polícia Militar agir e também por conta de um contexto trabalhista que permitiu alguns abusos. No mais, a mão de obra quando útil e disciplinada, como no caso dos haitianos, produz estigmas “positivos” que reforçam o discurso do trabalho como *Beruf*, ainda que seja um trabalho na condição de venda de força de trabalho de forma precarizada como *tripalium*.

Embora alguns estejam realizados, como o cearense Antônio Macedo e o alagoano Talvanes Santos, com exceção da pernambucana, existia uma crise onde estavam e dentre as possibilidades de migração criaram uma expectativa sobre Brusque projetada por informações que no caso do paraense Mauro Ribeiro não se confirmaram devido à dificuldade de colocação no mercado de trabalho. A questão do conflito com relação aos baianos enquanto mão de obra indisciplinada parece sugerir que não há disputa no mercado de trabalho com a mão de obra dos habitantes estabelecidos o que poderia surtir novos embates.

Com relação aos estigmas positivo (haitiano trabalhador disciplinado) negativo (baiano malandro) há sempre uma tensão entre generalização e exceção além de um local de julgamento – o do patrão. De um modo geral a representação formada ao estigma “positivo” é restrita à condição de mão de obra disciplinada, quando atendem às expectativas de suprir a mão de obra que os estabelecidos não querem ocupar. Com relação ao estigma negativo, além da religiosidade, ele é fruto de um desgaste provocado por um contexto de subversão no qual alguns trabalhadores habilmente usaram das leis trabalhistas em proveito próprio.

De um modo geral a (i)migração ainda permanece inconclusa pois o haitiano, paraense e a venezuelana ainda almejam trazer para junto de si seus familiares o que ressalta o caráter movediço, datado e provisório deste trabalho. Por fim, ao discorrer sobre um livro de Chico Xavier no qual um anjo teria a incumbência de fundar uma colônia que serviria de hospital espiritual – o Brasil – a pernambucana comenta que Brusque representaria o resgate do Vale dos Suicidas, onde os alemães e italianos, que são “cabeça quente” por questões financeiras e emocionais, seriam resgatados. Haveria alguma manifestação “germânica” no Vale dos Suicidas na contemporaneidade?

CAPÍTULO 3 – TRADIÇÃO COMO PRODUTO TURÍSTICO: GUABIRUBA, A TERRA DO PELZNICKEL

Inspirado pela postura investigativa do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2003) de retornar aos seus objetos de estudo de tempos em tempos é que fiz o que denominei de uma “interrupção necessária” ao finalizar meu trabalho de dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – Univille (CASTRO, 2015). Após a finalização de um trabalho, novas possibilidades vão se apresentando de acordo com novas leituras que são realizadas, surgindo a possibilidade de realização de novos diálogos. Falar sobre o Pelznickel no Vale do Itajaí também remete a um ritual que está em constante processo de mudança, seja nele mesmo (seus modos de fazer e sentidos atribuídos por quem o pratica) ou pela sociedade no qual está inserido (com o forte fluxo migratório e as dinâmicas inerentes a esse processo). Apesar disso, escrever novamente sobre o Pelznickel foi um pouco difícil para mim, devido a uma resistência infundada em continuar com o mesmo tema. Mas, para além de aprofundar o que foi desenvolvido, a postura de fazer da própria tentativa de repetição algo novo é que permitiu fazer surgir as diferenças que valessem um novo estudo sobre o mesmo objeto representado – mas que já é outro, com outra complexidade em 2019. Afim de fazer surgir algo novo, repito, de maneira diferente, o começo de um estudo anterior³⁶⁶.

³⁶⁶ Na dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE) iniciei o texto indagando sobre a programação de Natal de Guabiruba no ano de 2012.

Figura 28: Propaganda da programação de natal de Guabiruba



Propaganda do desfile de Natal do município de Guabiruba veiculada no rodapé do jornal *O Município* em 12 de novembro de 2019 na página 8.

A propaganda do desfile de Natal do município de Guabiruba-SC para 2019 traz um visual diferente daquela normalmente associado ao natal (neve, Papai Noel vermelho, pinheiro com pisca-pisca, caixas de presentes, etc). Além das folhas de palmeiras e alguns enfeites, o destaque do “Natal Mágico Guabiruba” é todo da figura do Pelznickel.

Pelznickel é um personagem natalino que teria surgido na região alemã entre Baden e Palatinado, dentre diversas variantes europeias (HOFFMANN-KRAYER e BÄCHTOLD-STÄUBLI, 1935. p. 1092; SIEFKER, 1997. pp. 155-164), a partir de uma hibridização entre São Nicolau e formas demoníacas de resquícios pagãos na Europa no processo de Contrarreforma com a retomada do caráter aristotélico-tomista de um Deus severo e punitivo com ênfase no velho testamento – o que faz com que o próprio Pelznickel, em si, já se constitua como uma diferença do ritual que envolvia São Nicolau. Essa retomada do caráter aristotélico-tomista na Contrarreforma visava atender a uma ofensiva da Igreja Católica frente aos cultos protestantes que retiraram o caráter julgador e de “acerto de contas” da celebração de natal. Na concepção protestante difundida após a Reforma não haveria a necessidade de estar presente a figura do justo juiz nem a existência de um “dia do julgamento” para o acerto de contas pois o homem é necessariamente pecador e por isso Jesus já havia pagado os nossos pecados, não havendo mais a necessidade e muito menos a tensão do julgamento e a consequente possibilidade de condenação/absolvição (WESTPHAL, 2013, p. 84). No contexto da reforma protestante, sem julgamento e com os pecados absolvidos, São Nicolau enquanto justo juiz foi substituído pela figura luterana denominada “Christkindl” (menino jesus) que é encenada por uma jovem vestida de branco (BOWLER, 2007, p. 30)³⁶⁷. A

³⁶⁷ O vestido branco de noiva foi popularizado a partir de 1840 com o casamento da Rainha Vitória. Sobre a aparência de Christkindl (Menino Jesus) se assemelhar a uma noiva com véu branco, não avançamos na

aparência desses personagens foi alterada muitas vezes. Na imagem a seguir podemos ver dois momentos.

Figura 29: Pelznickel e Christkindl no Palatinado em 1858 e os atuais da Guabiruba



Pelznickel em 1858 (BECKER, August. *Die Pfalz und die Pfälzer*. Leipzig: J. J. Weber, 1858. p. 469. Disponível em: <<https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/goToPage/bsb10371063.html?pageNo=489>> . Acesso em: 18 nov. 2019.) e Pelznickel em 2018 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2018. Venha visitar a Pelznickelplatz esta um sucesso. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2018/12/venha-visitar-esta-um-sucesso.html>> . Acesso em: 18 nov. 2019.)

Curiosamente, na imagem à esquerda, datada de 1858, o Pelznickel tem uma aparência diferente do atual em Guabiruba, na imagem à direita. Embora a acompanhante Christkindl tenha a mesma aparência (um Menino Jesus vestido de noiva e São Nicolau tenha uma aparência inspirada no Santo), o Pelznickel do Palatinado vestia um chapéu grande, um pesado e grosso casaco de peles e portava uma enorme vara com correntes. Um misterioso personagem que remete à silhueta de um burro parece ter sido substituído por São Nicolau em Guabiruba. Além disso a modificação na aparência do Pelznickel é gritante. Em Guabiruba o Pelznickel não usa mais chapéus por conta dos chifres que ostenta, não utiliza mais casaco de peles por ser ele próprio uma espécie de besta com “pelos” de retalhos de tecidos, barba de velho³⁶⁸ ou folhas de gamiova³⁶⁹. No mesmo contexto em que houve a emigração de badenses

pesquisa com o intuito de saber como seria sua representação antes de 1860 e se a popularização do vestido de noiva teve ou não relação com a caracterização da personagem ou alguma modificação.

³⁶⁸ A *Tillandsia usneoides* L. é um tipo de Bromélia que vive em árvores ou em outros substratos inertes, absorvendo água e nutrientes diretamente do ambiente, sem apresentar raízes. Ela é popularmente conhecida por “barba-de-velho”, “cravo-do-mato”, “barba-de-pau” ou “camambaia”. É nativa do Brasil e sua dispersão ocorre com o vento e os pássaros, que transmitem-na de uma árvore para outra. Apresenta propriedades medicinais, sendo utilizada com a função de aliviar sintomas de Diabetes mellitus, antibiótica, antirreumática, adstringente e anti-hemorroidal. Os índios Guarani utilizavam-na principalmente para evitar a gravidez. Outros usos são feitos em artesanato, enchimento de colchões, travesseiros e também como bioindicadora de qualidade de ar (FLORASBS, 2013; NOGUEIRA, 2006).

³⁶⁹ A *Geonoma gamiova* Barb. Rodr. (ou *Geonoma meridionalis* Lorenzi), popularmente conhecida por palheira

para o Vale do Itajaí também ocorreu a emigração para região da Pensilvânia nos EUA, onde os Pelznickel causaram distúrbios (NISSENBAUM, 1997, pp. 99-107) – onde mais tarde suponho que o aspecto estético do Pelznickel foi hibridizado com o caráter ético de Christkindl e étnico de São Nicolau. Inclusive dentre as várias contribuições e modificações que culminaram na transmutação de São Nicolau em “Santa Claus” (Papai Noel) a contribuição de Thomas Nast foi decisiva, sendo ele um emigrado da mesma região de onde emigraram no mesmo período aqueles que povoaram Guabiruba e Brusque e aqueles que, como ele, se dirigiram aos Estados Unidos da América (CASTRO, 2015).

Essa modificação do Pelznickel sofrida em Guabiruba parece guardar relação com o meio em que ele aparece. Se em um ambiente urbano e com frio intenso no Palatinado havia a necessidade de usar um pesado casaco de peles, em Guabiruba com uma floresta abundante, a utilização de trapos da indústria têxtil ou barba de velho/gamiova produziu a narrativa de que eles viveriam no mato, o que se confunde com a infância dos envolvidos com a Sociedade do Pelznickel, associação sem fins lucrativos criada em 2013 para acessar recursos públicos e permitir realizar ações que envolvam a figura do Pelznickel³⁷⁰.

Essa associação promove desde 2005, quando ainda não estava formalizada com CNPJ e estatuto, desfiles pelas principais ruas da cidade com o intuito de “resgatar” as tradições³⁷¹. Além destes desfiles em Guabiruba, a associação também desfilou em outros municípios como Brusque, Blumenau e Pomerode. O fato de realizarem um desfile do Pelznickel parece ser contraditório com o intuito de resgatar a tradição do Pelznickel³⁷², fazendo com que esta associação acabe por aparentemente inventar uma nova tradição com os desfiles. Estes desfiles, inclusive, sendo uma inovação de uma tradição, aos poucos passam a ser referidos como sendo tradicionais, rótulo que ameniza as diferenças operadas nas inovações inseridas na celebração do ritual que ainda é referido como sendo tradicional. Além disso, a espetacularização do ritual parece evidenciar a secularização do personagem, virando mera mercadoria destituída de qualquer religiosidade uma vez que o caráter punitivo do

ou gamiova, foi muito utilizada para a cobertura de choupanas pelos colonos no Vale do Itajaí. As folhas que chegam a 1,10m de comprimento são retiradas de uma palmeira de 1,8 a 4,4 metros de altura, com 0,9 a 3,4 cm de diâmetro (LORENZI, 2010, pp. 240-242.; RODRIGUES, 1974; CECCON-VALENTE, 2009).

³⁷⁰ Conforme Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral emitido pelo site da Receita Federal (<https://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Comprovante.asp>) para o CNPJ 18.768.936/0001-22 a data de abertura é de 26 de agosto de 2013. Sua natureza é de “associação privada”. Acesso em: 18 nov. 2019.

³⁷¹ MACHADO, Carina. Cultura de Natal – Pelznickel: tradição que emociona e assusta. **O Município**, Brusque, pp. 8B-9B, 2 dez. 2010.

³⁷² CERBARO, Suelen. Cultura Alemã: Tradição que ultrapassa gerações. **O Município**, Brusque, pp. 4-5, 9 dez. 2009.

personagem é esvaziado se limitando a um susto nas crianças, como em qualquer trem fantasma ou espetáculo da “monga” (a mulher gorila). Estes desfiles, bem como outras ações resultantes desse impulso espetacularizador, fizeram com que uma estrutura tivesse que ser criada e mantida com uma grande soma de recursos financeiros. Nesse sentido a formalização da pessoa jurídica da sociedade permitiu canalizar recursos públicos para a manutenção das atividades desenvolvidas pela Sociedade do Pelznickel.

| Ano | Recurso da Prefeitura de Guabiruba destinado ao Pelznickel |
|------|--|
| 2009 | R\$ 2.000,00 |
| 2010 | R\$ 2.500,00 |
| 2011 | R\$ 5.000,00 |
| 2012 | R\$ 3.000,00 |
| 2013 | R\$ 13.000,00 |
| 2014 | R\$ 22.800,00 |
| 2015 | R\$ 13.812,00 |
| 2016 | R\$ 10.000,00 |
| 2017 | R\$ 30.000,00 |
| 2018 | R\$ 25.000,00 |
| 2019 | R\$ 30.000,00 |

Fonte: Entre 2009 e 2013 (CASTRO, 2015), 2014 (Empenhos 157 e 285/2014); 2015 (Empenhos 148 273/2015); 2016 (repasse conforme portal da transparência); 2017 (Lei 1.572/2017 de Guabiruba); 2018 (Lei 1.659/2018 de Guabiruba); 2019 (Lei 1.671/2019 de Guabiruba).

Embora fosse destinado recurso desde 2009, a formalização da Sociedade do Pelznickel em 2013 – segundo ano do evento Pelznickelplatz - representou um acréscimo no aporte de recursos da Prefeitura de Guabiruba para a associação. Coincidemente, desde 2013 – ano de aporte financeiro maior - a Prefeitura de Guabiruba é comandada pelo Prefeito Matias Kohler (reeleito, com previsão de término do segundo mandato em 2020). O Pelznickelplatz, o local onde as pessoas poderiam visitar o Pelznickel, adentrar a mata onde ele vive, etc; representa uma experiência diversa daquela do desfile promovido desde 2005 pois no desfile as pessoas passivamente aguardam na frente de suas casas, ponto de ônibus ou mesmo em pé na rua onde após minutos ou até mesmo horas de espera os Pelznickel passam em uma fração de segundos. No Pelznickelplatz, no primeiro ano, foi recebida doação de madeira por parte de empresas locais e o trabalho voluntário dos envolvidos na sociedade fez

com que, juntamente com o inesperado sucesso de público visitante, o evento fosse repetido e acabasse por se tornar fixo no calendário da cidade de Guabiruba. Já no primeiro ano foi disponibilizada uma caixa para contribuições espontâneas, quantia que não é publicizada na página da associação na internet. Ou seja, além do valor recebido por meio de recursos públicos a associação ainda conta com os recursos dos visitantes por meio de contribuição espontânea.

Vale ressaltar que após o aporte financeiro do poder público municipal, em 2013, o caráter voluntário da confecção da casa foi aos poucos ganhando outros contornos, ficando boa parte do trabalho destinado a profissionais contratados, conforme os empenhos disponíveis no site Portal da Transparência da Prefeitura de Guabiruba. De um trabalho unicamente voluntário, a associação passou a, além do trabalho voluntário, a contar com prestadores de serviço para quem a quantia discriminada foi destinada – conforme as notas fiscais disponíveis no Portal da Transparência na página da Prefeitura de Guabiruba na Internet (www.guabiruba.sc.gov.br). De um modo geral, enquanto alguns realizam trabalho voluntário, outros vendem seus produtos e serviços. Ao que parece a secularização atingiu o Pelznickel muitos anos após ter atingido São Nicolau nos EUA. Se a secularização deu origem ao Papai Noel vermelho (CASTRO, 2015), personagem hegemônico nas celebrações de natal no mundo, a espetacularização, museificação e turistificação do ritual do Pelznickel parece apresentar como desdobramento a secularização, onde a motivação religiosa é substituída pela motivação puramente comercial: o Pelznickel virou um negócio lucrativo e, mais do que isso, passou a ser refém não só da Sociedade do Pelznickel mas de Guabiruba enquanto *locus* privilegiado pois não é possível transportar o Pelznickelplatz para outras cidades embora tenham ocorrido tentativas de replicação em Brusque e Blumenau.

Se até 2013 o Pelznickel foi divulgado como sendo uma tradição³⁷³, agora em 2018 foi editada uma lei municipal considerando o Pelznickel como “patrimônio cultural, histórico imaterial da cidade de Guabiruba” (GUABIRUBA, 2018b). Não apenas foi instituído por lei enquanto patrimônio imaterial, mas também disciplinado sua característica pois

Para os efeitos desta lei, fica estabelecido que a preparação para ser um “PELZNICKEL”, deve observar os seguintes itens: As vestes precisam ser feitas com trapos, barba-de-velho, folhas, e chifres de animais, além disso, devem se utilizar de instrumentos como sacos de pano, chocalhos, correntes e chicotes.” (GUABIRUBA, 2018b).

³⁷³ MOTTA, Guédria Baron. Grupos mantêm viva tradição de São Nicolau. **O Município**, Brusque, p. 6, 5 dez. 2007.

Esta lei é interessante para pensarmos o ritual, uma vez que não apenas “considera” o que seja o Pelznickel mas também restringe sua caracterização aos elementos que devem compor as suas vestes, desconsiderando o que pressupõe a metafísica como teia de significados³⁷⁴ inerente ao modo de fazer ritual do Pelznickel. Para além da razão instrumental dada em vestimentas, personagens, explicações de origens, funções, modos de agir e reagir, o fundamental do Pelznickel é a lógica que dá origem e sentido a estes desdobramentos observáveis e descritíveis. Esse lógica não pode e nem teria sentido em ser patrimonializada uma vez que o que propriamente daria forma e manifestação ao ritual seria a própria manifestação cultural de uma determinada sociedade em um determinado período e contexto – o que não se pode captar por ser sempre legível apenas a partir de representações.

Quando da conclusão da dissertação no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Univille, essa questão se apresentou em um primeiro momento na forma de uma indagação sobre a autenticidade de uma expressão ritual que em sua recorrência necessariamente deixaria de ser encenada tal qual anteriormente, ou, caso houvesse uma repetição ela própria implicaria uma mudança, uma vez que a sociedade como um todo passa por constante mudança³⁷⁵. Com a mudança, o ritual deixaria de ser tradição? A questão é, o Pelznickel, mesmo com todas as modificações, ainda é algo tradicional? O Pelznickel ainda é o Pelznickel, considerando que já é outra coisa distingível totalmente daquele da região do Palatinado? O ritual ainda seria tradicional quando o termo tradição é acionado para se referir a ele?

Na pesquisa anterior tentei refinar a noção de "tradição" em diálogo com as ideias de diversos autores (mais especificamente o teólogo brasileiro Euler Westphal, o historiador radicado inglês Eric Hobsbawm, o sociólogo inglês Anthony Giddens, o antropólogo alemão Christoph Wulf e o sociólogo francês Gilles Lipovetsky). Embora tenha conseguido compreender apenas a complexidade na qual estava mergulhada a noção de *tradição* - ainda

³⁷⁴ Para o antropólogo estadunidense Clifford Geertz a noção cultura pressupõe a “definição do homem que enfatiza [...] mecanismos através de cujo agenciamento a amplitude e a indeterminação de suas capacidades inerentes são reduzidas à estreiteza e especificidade de suas reais realizações” (GEERTZ, 2008, p. 33), onde se depreende que se não fosse dirigido por padrões culturais o comportamento do homem seria um “caos de atos sem sentido” (GEERTZ, 2008, p. 33).

³⁷⁵ Como exemplo cito a prática da Farra do Boi que não sofreu, aparentemente, mudanças tão grandes (o que poderia inviabilizar a própria prática). Nesse sentido, a legislação referente aos maus tratos dos animais avançou e a própria sensibilização da população fez com que a prática fosse denunciada para a polícia militar. Ou seja, em não sendo alterada e se alterando a concepção da sociedade com relação à prática ritual, o ritual acaba enfrentando problemas para a sua perpetuação. No caso do Pelznickel, em específico, os praticantes até a década de 1990 surravam as crianças, algo que deixou de ser feito, desencorajado principalmente após a instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990.

mas quando verifiquei que ela foi fundamental para a constituição de um campo patrimonial no Brasil, não cheguei a qualquer conclusão satisfatória sobre o assunto – uma frustração que, naquele momento, resolvi da seguinte forma: um caso insolúvel, solucionado estava (mais pelo seu abandono do que pela resolução). Contudo, volto à discussão da noção de tradição, e sobre o Pelznickel em si por conta da noção de repetição, pois ela permitirá não só solucionar este enigma da tradição como também permitirá flagrarmos, por meio de sua diferenciação, os regimes de cidade envolvidos no ritual do Pelznickel.

Publicada originalmente em 1968 como a tese de doutoramento do filósofo francês Gilles Deleuze, a obra *Diferença e Repetição* (1988) nos permite avançar na análise das aparentes contradições entre tradição e a diferença que percebemos ainda sob o rótulo da tradição, mas que já não é mais aquela formulada antes, tal qual formulamos em trabalho anterior. Para Deleuze a repetição não é generalidade, ou seja, ela não comporta semelhanças ou equivalências, não podendo servir de intercâmbio de termos. Desta forma, “a repetição concerne a uma singularidade não trocável, insubstituível” (DELEUZE, 1988, p. 22).

A repetição é o que permitiria a transgressão a despeito de qualquer lei que pressupõe semelhança/ equivalência entre dois termos heterogêneos sob a égide da representação (a relação entre o conceito e seu objeto). Ou seja, se há sempre um conceito para cada coisa particular é possível percebermos que a compreensão do conceito é finita tanto pela limitação de termos quanto pelo fato de que, tornando-se necessariamente outra coisa, o predicado é como o objeto de um outro predicado no conceito (DELEUZE, 1988, p. 37). De acordo com essa noção, o predicado Pelznickel que define o termo tradição, é ele próprio o termo Pelznickel enquanto objeto daquilo que outros predicados o definem (um ajudante de Papai Noel; um ajudante de São Nicolau; um monstro, etc). A própria tentativa infrutífera de representar o Pelznickel a partir de uma composição com um predicado já evidencia a impossibilidade de sua repetição pois há sempre diferenciação.

Além disso, para Deleuze, a repetição é aquilo que desponta num instante, “na passagem de uma ordem de generalidade a outra” (1988, p. 25) e “aparece, pois, como a diferença sem conceito, a diferença que se subtrai à diferença conceitual indefinidamente continuada” (1988, p. 40). Neste sentido, tradição constitui a generadade uma vez que é propriamente a afirmação de uma diferença ignorada, logo, a afirmação daquilo que em essência nunca pode se repetir, do que não é repetido mas é tomado como se repetido fosse. Se não nomeamos a diferença por outro nome, mas insistimos na generalidade de afirmar o

diferente como sendo o mesmo, não surpreende que o Pelznickel seja nomeado enquanto tradição, por mais que ele nunca seja o mesmo a ponto de estar irreconhecível ao se comparar com o Pelznickel do Palatinado de 1858. Flagrar os resultados da diferença da tradição enquanto do Pelznickel é o que nos permitirá, portanto, compreender os regimes de cidade circunspectos ao ritual do Pelznickel em Guabiruba, ou seja, como as pessoas conduzem e são conduzidas nos fluxos, atravessamentos, desejos e projeções de cidade a partir do momento em que diferenças surgem no ritual. Flagrar os regimes de cidade só será possível ao discutir as diferenças observadas no ritual do Pelznickel, situação que chamarei de “passagem”. Como apoio destas passagens, utilizarei as imagens onde aparecem os Pelznickel lado a lado, demarcando a passagem de um regime de cidade a outro.

Figura 30: Primeira passagem



Pelznickel do Palatinado em 1858 (BECKER, August. **Die Pfalz und die Pfälzer**. Leipzig: J. J. Weber, 1858. p. 469. Disponível em: <<https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/goToPage/bsb10371063.html?pageNo=489>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e **Pelznickel em Guabiruba em 1954** (PREFEITURA DE GUABIRUBA. 2019. Histórico. Disponível em: <<https://www.guabiruba.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/15252>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

A primeira passagem perceptível, através das fontes, ocorre entre o Pelznickel do Palatinado na ilustração de 1858 e o registro fotográfico de Pelznickel de Guabiruba em 1954, quase cem anos depois. A região de ocorrência do Pelznickel, dentre diversas outras variantes de personagens natalinos na Europa, situava-se por volta de 1860 entre o Palatinado e Baden-Württemberg, mais especificamente entre as cidades de Landau, Karlsruhe e Bruchsal, região às margens do Reno. Essa região, hoje, é fronteiriça com a França e, durante alguns séculos foi alvo de disputas políticas e religiosas (católicos, protestantes e calvinistas). Uma forte crise econômica afetou a região após as revoltas de 1848 provocando forte emigração (SEYFERTH, 1974) com destino a Santa Catarina (mais especificamente Brusque e Guabiruba) e também para a Pensilvânia nos EUA (para onde emigrou Thomas Nast, um dos

artistas que mais contribuiu para definir a feição física do Papai Noel vermelho). O ambiente em que o Pelznickel é retratado no Palatinado é muito urbanizado com paredes que chegam a exprimir a cena em uma espécie de corredor monótono que nos leva rumo a um centro que exibe o que parece ser três chaminés, com o chão coberto de neve e com duas árvores sem folha. O inverno europeu, caracterizado nesta cena tanto pela neve quanto pelas duas árvores, ganha apelo na vestimenta das crianças e principalmente no Pelznickel: um grande e pesado casaco de peles escuro, com um chapéu de abas largas e luvas. Além do personagem com silhueta de burro que desconhecemos, a outra personagem se assemelha muito à Christkindl. As querelas religiosas entre católicos, luteranos e calvinistas sugere uma composição, já na Alemanha, entre personagens natalinos de seitas antagônicas pois o Pelznickel encarnaria um justo juiz que julgaria a conduta da criança enquanto a Christkindl apenas seria boa pois os pecados da criança, que necessariamente é pecadora, já a expiação dos pecados já teria ocorrido pela crucificação de Jesus Cristo (CASTRO, 2015).

Após séculos de rearranjos políticos e religiosos e também de uma grave crise econômica, uma onda emigratória partiu desta região em direção aos EUA (Pensilvânia) e Brasil (região de Brusque) onde nos primeiros anos perfazia mais da metade da população na Colônia Itajahy-Brusque. Em Brusque³⁷⁶ o Pelznickel foi encenado até a década de 1960³⁷⁷, quando começaram a surgir lojas de departamento como a Casa do Rádio e Hermes Macedo, que utilizavam o Papai Noel vermelho e, após a década de 1970, a televisão passou a exibi-lo aos brusquenses. Os primeiros vestígios do Papai Noel vermelho na imprensa brusquense ocorreram na década de 1930³⁷⁸, intensificando a utilização de sua imagem após 1960 quando a hegemonia cultural estadunidense se consolidou no pós-Segunda Guerra Mundial (LÉVI-STRAUSS, 2008). É justamente na década de 1960, quando o Papai Noel passa a roubar a cena em Brusque que o padre Brasílio Pereira lança uma série de questionamentos e convoca a população a rejeitar o secularizado³⁷⁹.

³⁷⁶ Embora esteja tratando do ritual do Pelznickel enquanto um indicativo dos regimes de cidade de Guabiruba é impossível não falar de Brusque uma vez que as cidades são conurbadas e tem uma forte ligação, além de Guabiruba ser uma região de Brusque neste período, sendo sido emancipada de Brusque em 1962.

³⁷⁷ Luiz Heil, hoje residente em Balneário Piçarras, encenou o Pelznickel no bairro Santa Terezinha, em Brusque, até a década de 1960. Ver: Luiz Heil constrói presépio há 26 anos. **O Município**, Brusque, Caderno Especial – p. 11, 8 dez. 2000.

³⁷⁸ A primeira menção a Papai Noel encontrada foi em um anúncio da Farinha de Trigo no jornal. Ver: **O Progresso**, Brusque, 24 dez. 1931.

³⁷⁹ PEREIRA, Brasílio. E a noite ficou como dia. **O Município**, Brusque, p. 1, 23 dez. 1961. _____. Os enfeites de Natal. **O Município**, Brusque, s.n., 24 dez. 1964. _____. Por um Natal Cristão. **O Município**, Brusque, p. 1, 10 dez. 1965a. _____. O mistério do Natal. **O Município**, Brusque, p. 1, 24 dez. 1965b. _____. Natal 1968. **O Município**, Brusque, p. 1, 24 dez. 1968. _____. Natal 1969. **O Município**, Brusque, p. 1, 23 dez. 1969.

Guabiruba, até então uma localidade um pouco afastada da região central de Brusque, sofreu menos influência da modernidade que se apresentava à população urbana de Brusque. Ainda uma localidade de Brusque em 1954, Guabiruba ainda mantinha as feições de um ambiente rural – o que sugere que o material que serviu de insumo à produção de sua vestimenta, além de caracterizar uma certa origem local nas matas, também colocava a mata como algo a ser temido pelas crianças em uma espécie de pedagogia psíquica do medo em que a selva estaria ligada ao perigo, a selva, o mato, que por sinal cercava as residências seja a mata nativa ou mesmo plantações. Na imagem aparecem quatro Pelznickel e uma Christkindl. A quantidade de Pelznickel é a primeira mudança significa que podemos observar. Embora a aparência de Chriskindl se mantivesse, não se pode dizer o mesmo do Pelznickel. Vestido com trapos e barba de velho, eles tinham os braços, mãos e rostos pintados de preto. A utilização de barba de velho na confecção das vestes sugere que houve uma adaptação uma vez que o Natal no Brasil ocorre no verão com temperatura muito diferente do inverno europeu. Um dos Pelznickel porta um acordeon, o que sugere que o ritual tenha sido lento e que não se tenha ido muito longe devido ao peso da gaita, ainda mais com forte calor que faz na região em dezembro. Apesar da diferença flagrante, o caráter de cobrança do ritual ainda parece ter se mantido uma vez que os Pelznickel portavam vara nas mãos. Para além da vara, castigo sentido na pele, a sua feição física, ao incorporar elementos botânicos da região, sugere que o controle psicológico ocorria durante o ano uma vez que, cercados por mato, as crianças podiam ter a impressão de que estavam na iminência de serem carregadas ao mato pelos Pelznickel (CASTRO, 2015).

Figura 31: Segunda passagem



Pelznickel da rua São Pedro em 1954 (PREFEITURA DE GUABIRUBA. 2019.

Histórico. Disponível em:

<<https://www.guabiruba.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/15252>> . Acesso em: 18 nov. 2019.) e Pelznickel da rua Guabiruba Sul em 1988 (SOCIEDADE

DO PELZNICKEL (Guabiruba). Lembrança de Ademir Klann quando tinha

aproximadamente 5 anos. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/1989/>> . Acesso em: 18 nov. 2019.)

A segunda passagem revela a diminuição de Pelznickel com apenas um Pelznickel sem a companhia de Christkindl. Para além de uma questão religiosa, talvez a indisponibilidade de alguma moça tenha deixado o Pelznickel sozinho ou, devido à vulgarização e popularização do Papai Noel vermelho, talvez a Christkindl como encarnação da pureza fosse dispensável. É possível, além desta ausência, notar outras diferenças. O Pelznickel, ao contrário do palatino e dos demais da foto anterior, possivelmente da rua São Pedro, confeccionou sua vestimenta com folhas de gamiova, vestindo um capuz preto com saliências que parecem chifre ou orelhas pontudas. A confecção de trajes diferentes sugere que não havia conexão entre estes Pelznickel da rua Guabiruba Sul e os demais da rua São Pedro. Além disso, ao contrário dos Pelznickel da rua São Pedro que aparecem em um ambiente externo, possivelmente em uma cancha ou bar, o Pelznickel da rua Guabiruba Sul aparece em um ambiente doméstico, de uma forma mais intimista, associado à modificação do ambiente doméstico na preparação para o Natal, o que sugere a árvore de Natal que aparece aos fundos. Enquanto na primeira imagem Guabiruba ainda fazia parte de Brusque, possivelmente com um contingente populacional de pouco menos do que cinco mil habitantes; em 1988 – data do registro – a população de aproximava de nove mil habitantes³⁸⁰, quase o dobro. Neste momento trabalhar em uma fábrica brusquense como a Renaux, Buettner e Schloesser ainda era o sonho de uma carreira e estabilidade (CASTRO, 2015, p. 122).

³⁸⁰ Criado em 1962, o município de Guabiruba passou por censo da população em 1980, cujo resultado foi de 7.150 habitantes; em 1991 foi de 9.905 habitantes; em 2000 foi de 12.976 habitantes (SEBRAE); 18.430 habitantes em 2010 e 23.832 habitantes em 2019 (IBGE CIDADES).

Figura 32: Terceira passagem



Pelznickel da rua Guabiruba Sul em 1988 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Lembrança de Ademir Klann quando tinha aproximadamente 5 anos. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/1989/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) **e Pelznickel da rua São Pedro em 1994 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL** (Guabiruba). Pelznickel no ano de 1994. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/1994/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.).

Em 1994, data da quarta imagem, Guabiruba já contava com uma população de mais de dez mil habitantes. Além disso, retornando à rua São Pedro, o Pelznickel ainda aparece fotografado no espaço público, em plena rua. Com uma vestimenta que remete à foto de 1954, os materiais que a compõem são ainda a barba de velho e os retalhos de roupas – que coincidentemente ou não remetem ao vermelho e branco do Papai Noel. Além disso são acrescentados chifres às cabeças dos personagens - uma alusão à representação do mal/diabo? Ressalto também que eles aparecem sem a Christkindl. Importante ressaltar que pouco tempo antes, em 1991 foi fundada a Associação Artístico e Cultural São Pedro, formalizada para que, por meio dela, se pudessem acessar recursos para a peça Paixão e Morte de um Homem Livre, encenada a cada dois anos no município³⁸¹. Esta associação, além da peça de teatro também foi o embrião da Sociedade do Pelznickel, de grupos folclóricos e do Maibaum (espécie de árvore que ostenta placas com os logotipos de empresas e nome de personalidades do município)³⁸². Em 1954, quando Guabiruba ainda pertencia a Brusque, a avenida Cônslul Carlos Renaux estava sendo a primeira a ser pavimentada com paralelepípedos. Quarenta anos depois, trinta e dois anos após a sua emancipação enquanto município, Guabiruba já havia pavimentado a rua São Pedro, conferindo, portanto, um ar de urbano ao bairro (asfaltada somente em meados de 2017). Diferente das figuras de antes, as cores vermelhas e a máscara

³⁸¹ Conforme Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral emitido pelo site da Receita Federal (https://www.receita.fazenda.gov.br/PessoaJuridica/CNPJ/cnpjreva/Cnpjreva_Comprovante.asp) para o CNPJ 95.785.382/0001-12 a data de abertura é de 28 de maio de 1993. Sua natureza é de “associação privada”. Acesso em: 18 nov. 2019. A formalização do CNPJ ocorre após a formalização do estatuto.

³⁸² **Rádio Araguaia.** AACSP. Rádio Araguaia, Brusque, 31 ago. 2016. Disponível em: <<http://araguaiaibusque.com.br/noticia/eventos/aacsp-34276>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

quadrada saltam aos olhos. A dinâmica econômica local relacionada à indústria têxtil pode explicar a sua nova vestimenta rica em cores, já não dependente de Brusque, Guabiruba já desponta com indústrias sediadas em seu território. A pavimentação e consequente urbanização das vias apontam para um ritmo mais intensificado da dinâmica urbana no município de Guabiruba, o que se ganha em velocidade no trânsito nas gaiolas de ferro se perde na vivência que o andar possibilita.

Figura 33: Quarta passagem



Pelznickel da rua São Pedro em 1994 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Pelznickel no ano de 1994. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/1994/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e Pelznickel da rua São Pedro em 2001 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2001/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.).

Na quarta passagem, entre as fotos de 1994 e 2001, ainda no bairro São Pedro, vemos um Pelznickel acompanhado por um Papai Noel em um desfile motorizado. Entre estas imagens, mais do que um aperfeiçoamento na vestimenta do Pelznickel, é possível verificar que a pavimentação da rua São Pedro imprimiu um ritmo mais frenético e acelerado à vida no bairro. Enquanto o Pelznickel a pé de 1994 cobria um certo trajeto no bairro, o Pelznickel em cima de uma gaiola de ferro poderia ir mais longe em menos tempo, o que sugere que o ritual foi ampliado para além da rua São Pedro e que, muito embora a rua passasse por um processo de urbanização, ainda haveria uma boa distância a percorrer entre as casas. Para além da possibilidade de percorrer um maior trajeto sem tanto desgaste físico, na Guabiruba Sul um fato marcante pode ter impactado para que o ritual do Pelznickel fosse repensado: um menino, ao ser chamado pelo pai para falar com o Pelznickel, acabou sendo atropelado enquanto atravessava a rua Guabiruba Sul, perdendo a perna (CASTRO, 2013, pp. 137-138). Este trágico incidente fez com que, ao menos por parte dos Pelznickel da Guabiruba Sul, o ritual

fosse repensado e que a rua fosse evitada como um perigo. Se a rua, com a alta velocidade dos carros, representava o novo perigo, foi a partir dela que os Pelznickel passaram a desfilar. A rua, inconscientemente, passou a ser o local perigoso a ser evitado pelas crianças uma vez que era justamente por ela que os Pelznickel chegariam de maneira rápida e rasteira. Com carros mais rápidos, infraestrutura que possibilite uma passagem mais rápida, o Pelznickel sob rodas, montado em uma gaiola de ferro, é resultado de uma pedagogia que sinaliza às crianças que o perigo vem pela rua.

Figura 34: Quinta passagem



Pelznickel da rua São Pedro em 2001 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL
(Guabiruba). Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2001/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e **Pelznickel da rua São Pedro em 2006 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL** (Guabiruba). Dia 24 de dezembro. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2006/>>. Acesso em: 18 nov. 2019).

Em vinte anos - entre 1990 e 2010 - a população de Guabiruba praticamente dobrou. O incremento populacional nestas proporções foi fruto de uma forte onda migratória que acompanhou os fluxos migratórios em Brusque. Dentro deste contexto, não obstante a persistência em dar continuidade ao ritual, ele estava sucumbindo, assim como ocorreu em Brusque quando da chegada de ferramentas globalizantes que sintonizam a população local com o estilo de vida americano. Em dezembro de 2005 dois amigos se reuniram para criar a Sociedade do Pelznickel, cujo objetivo inicial seria o de não deixar com que o ritual do Pelznickel acabasse³⁸³. No ano seguinte, em 2006, vários Pelznickels subiram em uma camioneta para realizar os desfiles que desde então não cessaram de ocorrer nos dias 6, 23 e 24 de dezembro. Para além de um reordenamento do ritual para assegurar a integridade física das crianças; não ficar para trás dos papais-noéis que promoviam carreata e distribuíam doces; o Pelznickel sobre gaiolas de ferros parece ter uma missão: ter um território a cobrir, um

³⁸³ MACHADO, Carina. Cultura de Natal – Pelznickel: tradição que emociona e assusta. **O Município**, Brusque, pp. 8B-9B, 2 dez. 2010.

determinado número de ruas a passar com sua carruagem. Se a multiplicação e autonomia não ocorria, a imposição em forma de desfile fazia da rua, do espaço público, a sua arena.

Figura 35: Sexta passagem



Pelznickel da rua São Pedro em 2006 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL
 (Guabiruba). Dia 24 de dezembro. Disponível em:
 <<http://pelznickel.blogspot.com/2006/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e
Pelznickel da Sociedade do Pelznickel em 2010 (SOCIEDADE DO
PELZNICKEL (Guabiruba). Disponível em:
 <<http://pelznickel.blogspot.com/2010/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

Entre 2006 e 2010 o Pelznickel fez suas primeiras apresentações como algo exótico e, de certa forma, este período foi um ensaio para o apelo turístico do ritual. O caráter étnico do ritual aos poucos ganhou um apelo étnico-turístico. Após o convite para que os Pelznickel do bairro Guabiruba Sul ingressassem na Sociedade do Pelznickel, o ritual foi encenado em Blumenau em 2007 e novamente no ano seguinte, juntamente com Brusque³⁸⁴. A divulgação foi ampliada com reportagens na RBS Blumenau (atual NSC). Este impulso em divulgar o Pelznickel para fora de Guabiruba, em um apelo étnico-turístico era acompanhado do desejo expressado de que o ritual voltasse a ser encenado em toda a cidade de Guabiruba. Adaptações e aperfeiçoamentos foram realizados no desfile que percorria todo o município de Guabiruba em mais de 50km, possibilitando que, de cima de uma carretinha a poucos centímetros do chão, os Pelznickel pudessem saltar e correr atrás de crianças que esperavam por eles nas calçadas. Horas de espera eram investidas pelas crianças que, além dos doces, aguardavam pelos segundos de adrenalina, que renderiam minutos incontáveis de histórias entre os amigos.

³⁸⁴ MOTTA, Guédria Baron. Grupos mantêm viva tradição de São Nicolau. **O Município**, Brusque, p. 6, 5 dez. 2007.

Figura 36: Sétima passagem



Pelznickel da Sociedade do Pelznickel em 2010 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2010/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e **Pelznickelplatz em 2012 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).** Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2012/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

A sétima passagem evidencia não só um regime de cidade, mas um tratamento e enfrentamento subjetivo por minha parte. Na foto estou no canto inferior direito. Entre 2011, antes de ingressar no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE) e 2014 eu participei da Sociedade do Pelznickel. Se em 2010 houve um desfile fora de época durante as comemorações dos 150 anos de imigração badense³⁸⁵, foi em 2011 após ingressar via concurso público no cargo de Historiador da Fundação Cultural de Brusque que acabei me interessando pelo ritual. Além de relacioná-lo a uma situação que envolvia um empregado de meu pai passando-se por lobo-mau para me pregar uma peça quando eu tinha 4 anos, também vi o Krampus e outras variantes enquanto morei na Alemanha entre 2004-2005. Ao retornar ao Brasil, ao vir morar em Brusque e atuar como Historiador, o meu envolvimento com o ritual foi tal que operei uma tradução dele (Bhabha, 2013), me apropriando totalmente do personagem e ignorando que ele fosse uma “tradição” deste grupo, embora tenha participado das atividades junto com os praticantes do ritual. Meu primeiro desfile foi em 24 de dezembro de 2011, ingressando na Sociedade do Pelznickel. Em 2012, após um questionamento meu sobre o porquê de, ao invés de levar o Pelznickel a Blumenau, eles não traziam as pessoas para Guabiruba, o Pelznickelplatz, nome também sugerido por mim, foi criado (Castro, 2015, p. 141). A partir disso as coisas aconteceram em uma velocidade espantosa, como se tudo já estivesse na mente dos membros da Sociedade do Pelznickel. Embora a expectativa

³⁸⁵ **SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).** 2011. Desfile cultural comemorativo aos 150 da imigração Badense. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2011/01/desfile-cultural-comemorativo-aos-150.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

fosse de pouco visitação, os membros da Sociedade do Pelznickel se surpreenderam com o público que visitou a atração. Projetado em regime de mutirão com doação de madeira e serviço voluntário, o Pelznickelplatz foi um verdadeiro sucesso.

Figura 37: Oitava passagem



Pelznickelplatz em 2012 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).
Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2012/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e **Pelznickelplatz em 2013 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).** Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2013/12/pelznickelplatz-foi-um-sucesso-com-mais.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019).

O ano de 2012 foi o último ano de governo do prefeito Orides Kormann em Guabiruba. Quando o Pelznickelplatz ocorreu, as eleições para Prefeito de Guabiruba já tinham definido Matias Kohler como o próximo Prefeito de Guabiruba. Kohler é diretor financeiro da empresa Kohler e Cia³⁸⁶, na qual dois membros da diretoria da Sociedade do Pelznickel na época trabalhavam. Os laços, além de comunitários, eram também religiosos (católicos), de parentesco, e também políticos.

Tal qual ocorreu com a Associação Artístico e Cultural São Pedro na década de 1990, a Sociedade do Pelznickel foi constituída enquanto pessoa jurídica para que pudesse acessar recursos públicos. Considerando o sucesso turístico que foi o evento, acertadamente, por diversos meios (lei de incentivo à cultura ou incentivo direto), a Prefeitura colaborou para a realização do evento natalino e o Pelznickelplatz hoje atrai aproximadamente 20 mil pessoas, o equivalente à população do município. O Pelznickelplatz hoje é um evento obrigatório no calendário de Guabiruba. Além do Pelznickelplatz, ainda em 2013 a Sociedade do Pelznickel

³⁸⁶ Kohler e CIA. Kohler & Cia comemora 70 anos de fundação: Com sede em Guabiruba, a empresa constrói uma bela história marcada por valores como respeito ao meio ambiente, responsabilidade social e valorização de pessoas. **G1.** 18/09/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/kohler-e-cia/noticia/2019/09/18/kohler-and-cia-comemora-70-anos-de-fundacao.ghtml>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

fez uma apresentação em Pomerode³⁸⁷.

Contudo uma questão chama a atenção: a barba de velho, planta necessária para a confecção das vestes de alguns Pelznickel, foi colhida em Rio dos Cedros³⁸⁸. O fato de os membros coletarem a barba de velho em Rio dos Cedros indica, por si, a degradação ambiental e urbanização pela qual o município estava passando uma vez que a barba de velho é um bioindicador de qualidade de ar. Para além da questão ambiental, buscar o insumo para a produção das vestes em outro município distante denota uma certa artificialidade, uma falta de conexão com a realidade local uma vez que, aquilo que inicialmente era expressão do medo – a flora local – agora tem de ser importada. Estaria o Pelznickel, com essa importação, deixando seu caráter de punição psíquico-ambiental de lado? Com a urbanização as casas já não eram mais cercadas por lavouras ou mata-nativa, deixando de ser o ambiente florestal o circundante das residências, perdendo certa conexão com a realidade local. Se a função de remeter o medo à floresta não tem mais sentido por conta da urbanização, logo a colheita do material para a confecção da vestimenta em outra cidade apenas reforça uma desconexão do personagem com aquilo que possa representar o medo na dinâmica própria da cidade. Desta forma, no regime de cidade, aquilo que provoca medo e insegurança (a floresta ou a rua) já não consegue mais ser incorporada ao ritual do personagem que passa a simular algo que já não tem mais sentido uma vez que tem de importar o insumo de suas vestes. Paradoxalmente, embora com roupa de plantas, o Pelznickel é artificial com relação ao local onde ele está inserido, ele perdeu a conexão com o regime de cidade, a forma de ordenar, de conduzir e projetar as dinâmicas, os fluxos, os medos, as intensidades que atravessam a cidade. Se não existe mais mato a ser temido, por que constituir seu corpo de mato?

³⁸⁷ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2013. Apresentação em Pomerode. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2013/11/apresentacao-em-pomerode.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

³⁸⁸ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2013. Barba de velho. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2013/11/neste-dia-10-de-novembro-sociedade-do.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Figura 38: Nona passagem



Pelznickelplatz em 2013 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).

Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2013/12/pelznickelplatz-foi-um-sucesso-com-mais.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019)

e Guia Turístico de Guabiruba (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).

Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2014/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

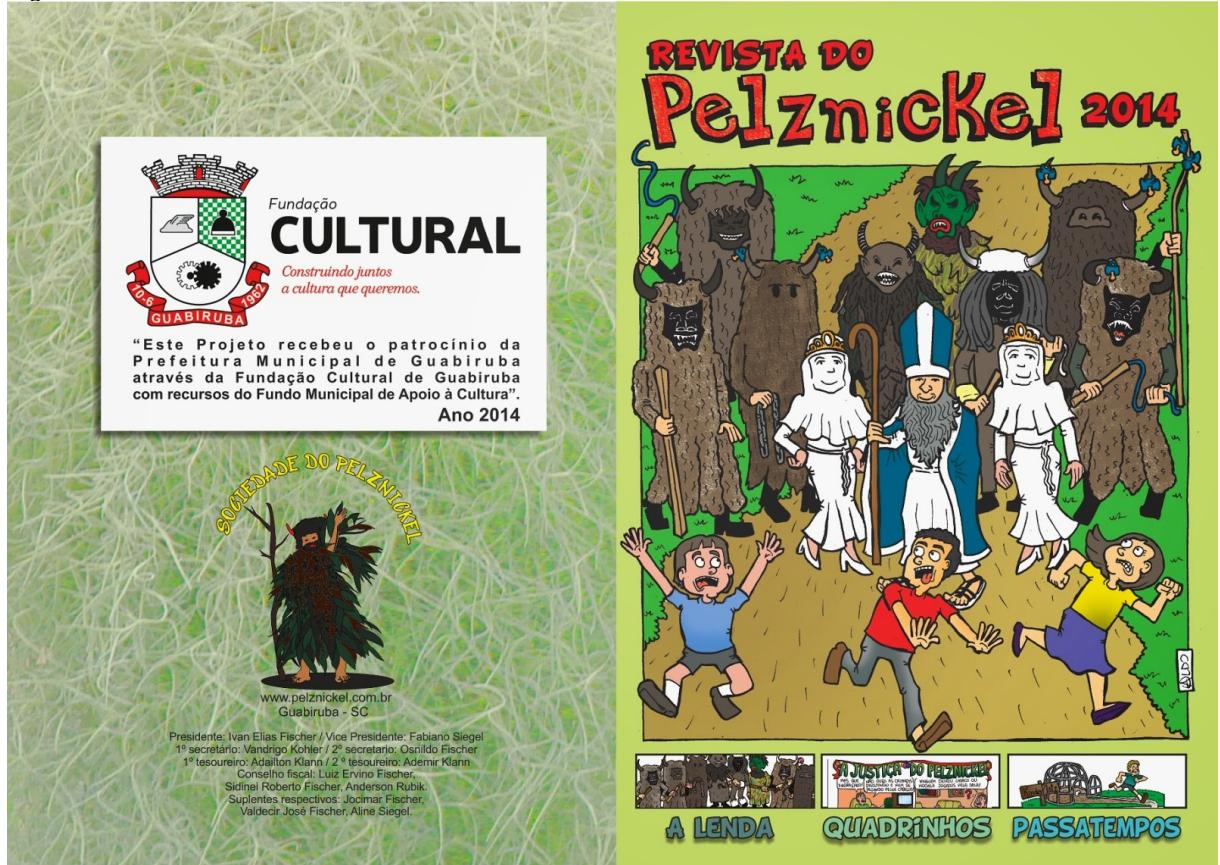
Em 2014 o slogan “uma tradição que encanta” restrito à designação do Pelznickel cedeu lugar à projeção “Guabiruba, terra do Pelznickel”³⁸⁹ algo que se tornará lei em 2018. A mudança revela que, para além de encantar os turistas que ano após ano acumulavam-se no Pelznickelplatz, a encenação do Pelznickel em Brusque por mim em 2014 provocou uma dupla situação para os membros da Sociedade do Pelznickel: reivindicar Guabiruba como a terra do Pelznickel (na qual a Sociedade do Pelznickel seria a responsável por salvaguardar o ritual) e projetar o Pelznickel na cidade de Guabiruba, como uma marca distintiva no mercado global de cidades. Sem slogan que a pudesse singularizar, a Sociedade do Pelznickel passou a influir para que o Pelznickel subsidiasse os anseios de singularização de Guabiruba enquanto um produto turístico, enquanto uma grife natalina, aos moldes de Gramado e Canela (RS).

Decididos a espreiar a dinâmica do ritual para além dos próprios meios do ritual, a Sociedade do Pelznickel passou a promover a visitação de escolas da rede municipal de ensino de Guabiruba à Pelznickelplatz antes do período natalino³⁹⁰. Além disso, foi confeccionada uma Revista do Pelznickel.

³⁸⁹ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2014. Programação de Natal. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2014/11/programacao-do-pelznickelplatz.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

³⁹⁰ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2014. Visita das escolas. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2014/11/visita-das-escolas.html>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Figura 39: Revista do Pelznickel



A Revista do Pelznickel foi confeccionada pelo artista Aldo Maes dos Anjos a partir de um projeto aprovado na Lei de Incentivo à Cultura de Guabiruba. **SOCIEDADE DO PELZNICKEL** (Guabiruba). Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2014/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

A ideia, segundo o site da Sociedade do Pelznickel, é fazer com que as crianças conhecessem a tradição brincando. De uma certa forma, através da revista e das visitas guiadas com os estudantes da rede municipal de ensino de Guabiruba, a Sociedade do Pelznickel acabou por assumir diretamente a tarefa de sensibilizar as crianças para com o ritual, papel que não poderia ser desempenhado por muitos pais de forma tradicional, uma vez que a população migrante, assim como ocorre em Brusque, ultrapassa metade da população. A visitação de alunos da rede municipal de ensino demarca um novo período em que o Pelznickelplatz ficou aberto e funcionando fora do período de Natal. Para além do período natalino e dos pais evidenciando o que é o Pelznickel e como ele age, a Sociedade do Pelznickel passou a exibi-lo fora do período natalino com o intuito de ela mesma intermediar o sentindo do Pelznickel com as crianças. Usurpando a conexão dos pais com as crianças, utilizando material anacronicamente já ultrapassado e desconexo com a realidade local para a

confecção de sua vestimenta, o ritual do Pelznickel parece se moldar a um apelo de patrimonialização artificial e turistificação forçada: de patrimonialização, porque a ofensiva educativa evidencia que não há esse trabalho de forma espontânea, e de turistificação, pois a preparação das vestimentas em desconexão com a realidade local atendem a um anseio de excentricidade com o próprio local de sua ocorrência não sendo mais o Pelznickel algo tradicional para os seus habitantes mas apenas uma grife turística – o Pelznickel se torna algo distante até mesmo para os habitantes de Guabiruba, sendo capaz de ser encenado por uma pequena parcela restritiva à Sociedade do Pelznickel. Por conta destas ações, o Pelznickel ganhou destaque no Guia Turístico de Guabiruba.

Figura 40: Décima passagem



Guia Turístico de Guabiruba (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba).

Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2014/>>. Acesso em: 18 nov.

2019.) e **Souvenirs de Pelznickel em 2016 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL**

(Guabiruba). Crédito da foto do jornal O Município. Disponível em:

<<http://pelznickel.blogspot.com/2016/12/sociedade-do-pelznickel-de-guabiruba.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

Após figurar num mapa turístico e ter presença extra-natalina com sua abertura extemporânea, o Pelznickelplatz atraiu mais de 14 mil visitantes no ano de 2015 ampliando seu leque de atrações com Terno de Reis, apresentação do Coral Cristo Reis e novamente a visitação de alunos da rede municipal de ensino de Guabiruba³⁹¹. Em 2016 ganhou destaque a confecção e venda de souvenirs do Pelznickel por parte de uma artesã guabirubense Marcia Brosolin³⁹². Para além da celebração de Natal, para além de uma questão étnica, agora o Pelznickel enquanto produto poderia ser levado para casa – enfim, o medo da precificação estava concretizado em produtos natalinos, tal qual o Papai Noel vermelho secularizado.

³⁹¹ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2015. Disponível em:

<<http://pelznickel.blogspot.com/2015/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³⁹² SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2016. Disponível em:

<<http://pelznickel.blogspot.com/2016/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

Figura 41: Décima e primeira passagem



Souvenirs de Pelznickel em 2016 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba)).
 Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2016/12/sociedade-do-pelznickel-de-guabiruba.html>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e ***Pelznickelplatz em 2018 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba)).*** Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2018/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.)

Não eram só as minifiguras e os Pelznickel que se multiplicavam. Dentro da residência apareciam três omas (avós). Provavelmente uma inovação em sintonia com os tempos modernos em que as crianças, com madrastas e padrastos, já não têm apenas um par de avós, mas uma multiplicidade de equivalentes. Este equivalente parece estar expresso na cena com as três avós e não só, além dos vários Pelznickel, há outros tantos personagens diferenciados do Pelznickel e que remetem ao Pelznickel do Palatinado: Sackmann (homem do saco) e Farmhand (fazendeiro). A inflação de personagens para acomodar os voluntários da Sociedade do Pelznickel parece não estar perto do fim: falta a criança apreendida pelo Pelznickel; os anjos tocando trombetas; os espíritos do mal e do bem; Deus em si; Jesus crucificado; o espírito natalino; o senhor da venda do bairro; o bêbado do boteco, etc. Além do Pelznickel e de Christkindl as personificações, devido ao número de voluntários e da majestosidade do ritual glamourizado não cessam de permitir novas diferenciações que dêem conta de uma totalidade jamais completa. Omas, sagrada família, presépio vivo, farmhand, sackmann, und só weiter und sofort (e assim por diante, indistintiva- e frenéticamente)³⁹³.

Além da profusão aleatoriamente imaginada de uma cosmologia natalina dos personagens, os Pelznickel em si participaram de eventos extemporâneos que põem em cheque sua caracterização com base em sua aparição restrita ao natal: contra a tradição, o Pelznickel impõe sua presença onipresente em franca propaganda. Aparecendo nos eventos do SESC como as caminhadas da natureza e o dia do Folclore³⁹⁴, os Pelznickel rompem a

³⁹³ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2018. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2018/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

³⁹⁴ Ibidem.

barreira de personagens étnico-natalinos para constituírem-se em atração onipresente da Terra do Pelznickel.

O ano de 2018 marca a instituição do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (GUABIRUBA, 2018a) por meio de lei. Dentre os objetivos, o plano pretende tornar o Pelznickel um atrativo permanente de Guabiruba. Como missão pretende-se “encantar os turistas por meio da oferta de experiências autênticas e sustentáveis, que valorizam o contato com a cultura, natureza e gastronomia de Guabiruba e região”. Com relação à visão de turismo do município, Guabiruba pretende “ser reconhecida nacionalmente, em 2025, como a terra do Pelznickel, um destino sustentável e diversificado, que oferece experiências memoráveis” (GUABIRUBA, 2018a). Seria o Pelznickel, o norteador deste plano, uma experiência autêntica e sustentável? Seria autêntica uma atração criada em 2012 diante das mudanças pelas quais passou o município e implicando na própria mudança do ritual? O que seria sustentável no Pelznickel, considerando que suas roupas (de barba de velho) são feitas utilizando-se barba de velho coletada em Rio dos Cedros pois, em grande número, já não há mais em Guabiruba e não se cuida para que se tenha a planta disponível na cidade? E com relação às vestimentas elaboradas a partir da folha de gamiova, as plantas são preservadas ou cultivadas? A “experiência memorável” seria uma experiência sem memória histórica, sendo uma experiência “daqui para frente”? Qual a necessidade de autenticidade para uma experiência autêntica sem historicidade ou vínculo memorial?

Figura 42: Décima e segunda passagem



Pelznickelplatz em 2018 (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2018/>>. Acesso em: 18 nov. 2019.) e Stand da Sociedade do Pelznickel na Festa da Integração de Guabiruba (SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). Festa da Integração. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2019/06/festa-da-integracao.html>>.

Acesso em: 18 nov. 2019.)

A profusão de omas, farmhand, porteiros, seguranças, técnicos de som e sackmann parecem coroar a declaração do Pelznickel enquanto Patrimônio Cultural Imaterial da Guabiruba (GUABIRUBA, 2018b). E não só, o Pelznickelplatz também passou a ser em 2019 um ponto de cultura³⁹⁵. Uma tradição, um rótulo de grife citadina, um ponto de cultura, um negócio; o Pelznickel se diferencia enquanto capital apelativo à memória local e ao exotismo espetacularizado. Contradições explodem e reúnem-se em torno do Pelznickel enquanto uma prática ritual que implica em um regime de cidade que já carrega, em seu plano turístico, a projeção, a ordem de ser reconhecida nacionalmente como a *Terra do Pelznickel*. Para isso, o Pelznickel caminha na natureza com o SESC e corre uma maratona com o jornal *O Município*. Para desencalhar suas bugigangas, a festa da integração oferece um *stand*, ponto perfeito para vender e consumir notalgias alheias, principalmente as que estão na moda, de uma grife que não para de dar resultados. Mas, quais são os resultados?

É importante frisar que o Pelznickel já é, em si, resultado de algo diferente de São Nicolau desde a Contrarreforma religiosa. Portanto, sua gênese pressupõe a diferença. Representá-lo com um nome apenas evidencia as sucessivas modificações, tanto nele, quanto na sociedade em que ele é ritualizado.

Mas, se o Pelznickel mudou tanto, o que explicaria o fato de Christkindl ainda ser a mesma? Seria a questão religiosa, pelo fato de o catolicismo estar calcado na ideia de tradição (e mesmo assim podemos verificar diferenças na liturgia católica) e a Christkinidl referir-se à celebração de natal luterana? Ou a questão estaria relacionada ao fato de o Pelznickel encarnar o medo e, neste sentido poderíamos verificar, por meio do ritual que o medo assumiu faces diferentes ao longo do tempo. Se na Europa a vestimenta do Pelznickel era composta por um casaco de peles, isso pode estar relacionado aos animais selvagens que representavam perigo para as crianças assim como, no Brasil, a mata fechada e seu elementos – barba de velho e gamiova – representaria o que deveria ser evitado. Com o processo de urbanização e pavimentação das três principais ruas da cidade, a rua passou a representar um grave perigo para as crianças e foi por ela que o Pelznickel passou a aparecer. Mas, e agora que o Pelznickel pode ser encontrado em uma casa enquanto atração turística, enquanto peça de museu, qual seria o medo, qual seria o principal perigo para as crianças? O Pelznickel deixou de trazer implicitamente consigo o perigo, seja em sua vestimenta ou no modo pelo qual aparece?

³⁹⁵ SOCIEDADE DO PELZNICKEL (Guabiruba). 2019. Disponível em: <<http://pelznickel.blogspot.com/2018/02/ponto-de-cultura.html>>. Acesso em: 19. nov. 2019.

Se a ausência de medo no caso da Christkindl contribuiu para que ela não tivesse uma variação muito grande então a ausência de medo como suporte ou relação à aparição do Pelznickel o congelaria? De certa forma, a noção de que algo seja tradição parece constituir um reforço de representação para anular a evidência das transformações pelas quais um ritual passa. Se uma tradição é espetacularizada por meio de um desfile motorizado, logo a seguir, por conta de o desfile estar ligado a algo que seria tradicional, o próprio desfile passa a ser adjetivado como sendo também tradicional. Inclusive, sob a prerrogativa de manter uma tradição é criada uma pessoa jurídica para acessar recursos públicos para viabilizar desfiles e manter uma atração que é uma criação. Nesse sentido, o Pelznickel passa a ser refém do grupo que desejou resgatá-lo em uma espécie de “secularização às avessas”. Mas, de que forma isso ocorre?

Tal qual um morto-vivo, um fantasma da Cidade do Mortos, o Pelznickel só é acessado a partir da intermediação da Sociedade do Pelznickel através da estrutura dos desfiles e do Pelznickelplatz – atrações e ações que recebem recursos públicos. O próprio Pelznickelplatz enquanto atrativo turístico foi possível, de certa maneira, graças às apresentações da Sociedade do Pelznickel fora de Guabiruba onde foi possível perceber o apelo do ritual de forma exótica. Contradicoratoriamente, na medida em que se apresentava fora de Guabiruba, se cunhou o *slogan* “Guabiruba, Terra do Pelznickel”, que passou a constituir a grife de Guabiruba no mercado global de cidades.

Para além da divulgação em eventos natalinos fora de Guabiruba, o Pelznickel passou a aparecer aleatoriamente em eventos os mais diversos, como caminhadas, dias do folclore, etc – tudo fora do período natalino. Além disso o fato de ocorrer visita guiada com alunos da rede municipal de ensino de Guabiruba parece retirar dos pais a responsabilidade de iniciar as crianças na tradição do Pelznickel, pais que podem ser inclusive migrantes e alheios tanto aos costumes locais quanto à religião católica e luterana, não vendo com bons olhos o ritual do Pelznickel. Retirando, portanto, os pais da jogada, a Sociedade do Pelznickel passa a iniciar e explicar a tradição diretamente às crianças operando de certa forma uma “secularização às avessas” pois é a Sociedade do Pelznickel que diz o que é o Pelznickel e é só por meio dela, devido a sua espetacularização e turistificação, que o personagem aparecerá ou aparecerá de maneira mais tradicional. Mas, por que não aceitar que as coisas possam morrer?

Se o dever de memória parece ter impulsionado o “resgate” do Pelznickel, como afirmavam os membros da Sociedade do Pelznickel até 2014, a partir de então parece ter

ocorrido uma secularização do ritual que envolve o personagem na medida em que ele acabou se constituindo em mercadoria em que, se você pagar você terá desfile; acesso a eles; uma lembrança em forma de *souvenir*; etc. Mais espantoso ainda é o surgimento de personagens aleatórios para preencher a ânsia por autenticidade e tradição: no Pelznickelplatz proliferaram-se fazendeiros (Farmhand), homens do saco (Sackmann), avós (Oma) a ponto de quase se esbarrarem dentro da casa. O nome alemão dos personagens sugere uma autenticidade à tradição que é constantemente (re)inventada.

Tal qual um doce de natal conhecido por “bolacha pintada” que fazia parte de um ritual que envolvia os avós e os netos, que espalhavam o glacê branco e polvilhavam o doce colorido nas bolachas e que atualmente é comercializado em qualquer época do ano no supermercado, será que o Pelznickel com sua espetacularização, turistificação e patrimonialização e até mesmo apresentação extemporânea não perdeu um pouco o sentido de ser? O que fez a “bolacha de natal” ser conhecida por esse nome já não faz mais sentido uma vez que ela é produzida e consumida durante o ano inteiro. Quem terá medo daquilo que, pela exposição, é familiar demais? Qual a lógica do Pelznickel sem o medo? Há, ainda, sentido em manter algo que se mantenha pelo medo? E se não há sentido, então porque manter? Por que insistir em um fantasma que vaga pelo Vale dos Mortos? Por que o Pelznickel não se suicida? Onde fica a sustentabilidade dessa prática uma vez que a sua vestimenta passa a ser composta por barba de velho retirada em Rio dos Cedros – a mais de 100km – ao frisar no plano turístico que quer tornar a cidade conhecida nacionalmente como terra do Pelznickel? Como falar em autenticidade (plano turístico) se existe um investimento artificial de educação patrimonial com ação direta da Sociedade do Pelznickel quando a transmissão ritualística deveria ser algo espontânea e ocorrer no seio das próprias famílias com intermediação dos pais? Se o Pelznickel é uma mercadoria e apenas algumas pessoas lucrarão com isso, por que investir dinheiro e recurso público nele uma vez que se socializa o prejuízo em forma de investimento do recurso público e se privatiza o lucro para os prestadores de serviço relacionados ao evento? Todo esse esforço apenas adequa a cidade a um mercado global com uma grife cujo slogan remeteria a uma suposta identidade delirada a partir da percepção da própria falta de identidade por conta da migração, identidade que nunca chegou a se constituir mas apenas a ser delirada em momentos que se pressupunha haver uma homogeneidade cultural. Se Brusque - cidade que sedia gigantes estátuas de marrecos - “exporta” por meio de uma loja estátuas da liberdade para todo o Brasil, em Guabiruba a estética de bugiganga toma

conta do Pelznickel.

CONCLUSÃO

Gotas contra a fúria... cidade morta acorde... eu ouvi dizer que as cores vão voltar. Vozes no rádio e na rua... ninguém pra conversar... volto ao sistema... sigo a máquina. Rostos somem... volto a pintar olhos grandes para me olhar... mas sempre há o sol que toca e acende o mar... deixo a luz entrar... queimar a tela. (*O Legado de Sollozzo*, Jean Glass)

Tente vestir do avesso este pano cinza. Eis o fim, não o começo de uma “nova-velha” vida. Ser refém de si mesmo nada poderá gerar. Então insisto no avesso, descaminho, descaminhar. E isso me cai bem. Você provará? [...] (*Avesso*, Jean Glass)

Pensar é o precipício das palavras não há como evitar... esses sentimentos são a escravidão, não há como falar... Você sabe! Eu sei! Veja que a destruição recomeçou, mas onde você está? As belas formas do meu egoísmo não podem te encontrar... Você sabe! Eu sei! Eu só quis dizer que pensar é uma prisão... lágrimas não matam a sede, mancham a visão... Eu reconheço o seu heroísmo e a minha condição... O motivo da fraqueza agora eu sei é a solidão... Mas você sabe! Nem um anjo vai cair do céu... Ninguém vai voltar pra nos salvar. Quem? Quem eu sou? (*Fim de Partida*, Jean Glass)

Faço novamente uso dos escritos de Jean Glass como epígrafe³⁹⁶. Desta vez os escritos são provenientes do álbum autointitulado da banda Galáxia. A letra da última música do álbum foi escolhida para abrir a tríade. Nela, Glass apela para que a cidade morta acorde. Tal é também o meu apelo depois de tantas páginas pois, sem ninguém para conversar estarei condenado a voltar ao sistema, seguindo a máquina. A segunda letra escolhida nos convida a abraçar a contradição, o avesso de nos percebermos enquanto agentes que atravessam a cidade com seus fluxos, percepções, afecções, ritmos e energia. Enquanto esse é um fim de uma caminhada, diferentemente, ele também passa a ser um começo de uma nova vida para quem, em contato com o texto, permanece na cidade e pode escapar à morte e ao suicídio. Rever nossos regimes de cidade, nossas formas de ver, conduzir nossas projeções, deixar-nos conduzir pelos desejos da cidade descaminhando o descaminhar. Por fim, indagar quem sou eu após estar constantemente beirando o precipício das palavras, colocando-me frequentemente em perspectiva na minha forma de ver, viver e conduzir um discurso sobre a cidade na qual estou preso pelo pensamento, é um motivo de fraqueza. De um modo geral a

³⁹⁶ Desta vez transcrevi três letras das músicas do álbum homônimo da banda “Galáxia”, de Brusque. “O Legado de Sollozzo” é a 13^a, sendo a última música do álbum. “Avesso” é a 10^a música e “Fim de Partida” é a 1^a música.

ambição foi flagrar, por meio das diferenças no tempo, as formas como as pessoas conduzem sua projeção de cidade e como elas próprias são conduzidas por essa projeção, por esse desejo que já não é só delas. Uma vez aberta a torneira, a pressão da água arrasta até quem a abriu e que, a partir de então, já projetará outra cena. Dessa forma, a noção aparentemente pouco vaga de regime de cidade, disforme como uma forma impura, molda-se a determinados contextos para aí sim, evidenciar não a sua definição, mas os seus efeitos.

No primeiro capítulo vimos que houve um forte investimento na área do turismo desde a década de 1960, investimento de desejo que nem sempre foi acompanhado no plano de realização de obras, ao mesmo no momento em que os desejos eram expressos. Contudo, é possível perceber que pleitos antigos, por mais que demorassem, foram atendidos após determinado tempo, culminando em uma enxurrada de modificações que transformaram a cidade de Brusque num período muito curto de tempo. Elucidativo desta mudança, as várias tipologias arquitetônicas advindas com o processo imigratório (sobretudo alemão) presentes no Vale do Itajaí até o início da década de 1970 permitiram um esboço de utilização do ambiente urbano para fins turísticos onde as cidades de Brusque e Blumenau sendo caracterizadas como uma espécie de mosaico europeu devido à heterogeneidade das tipologias arquitetônicas verificadas em seu ambiente urbano.

A partir de 1972, a implementação de legislação de renúncia fiscal como incentivo à adoção da aparência de enxaimel e casa dos alpes implicou uma transcrição nostálgica sob o nome de “estilo germânico” onde o processo de homogeneização generalizante da aparência resultante da técnica construtiva enxaimel e da casa dos alpes implicou novas tipologias na ausência de artesãos que pudessem construir o enxaimel original e da extemporaneidade que tal construção comportaria, além de desconsiderar os aspectos inerentes às edificações da casa dos alpes (frio, neve etc.) implantadas em um ambiente tropical.

Destas novas tipologias demarcamos as diferenças entre o enxaimel (adaptado no Brasil); o falso enxaimel (um enxaimel que não se sustenta por entraves mas que necessita de cabo de aço e pregos); os enxaimeloides – edificações que são enxaimelizadas a partir de uma adaptação ou enxaimelosas a partir de sua concepção –; os neoenxaiméis que tem apenas inspiração na aparência resultante da técnica construtiva. Esse incentivo à homogeneização por meio da onda enxaimelizadora atendeu tão somente a fins turísticos; e, apesar de sua artificialidade, o apelo histórico ao processo imigratório serviu para amenizar o falseamento desse artifício.

Enquanto municípios como Blumenau e Joinville aprovaram legislação de incentivo fiscal ao estilo germânico já na década de 1970, em Brusque os problemas enfrentados com a judicialização da lei de incentivo fiscal visando à preservação patrimonial da Rua das Carreiras podem indicar as razões pelas quais não se editou legislação semelhante para o incentivo do estilo germânico. Além disso, a resistência do Prefeito Alexandre Merico (em sintonia com os arquitetos) e a enchente de 1984 durante o governo do Prefeito José Celso Bonatelli postergaram a adoção do estilo germânico em Brusque.

Se em 1980 havia 46 casas em enxaimel em Brusque (construídas entre 1880-1940), atualmente restam apenas duas. O argumento do historiador Aloisius Carlos Lauth e do ex-prefeito Ciro Roza de que o enxaimel seja algo típico de Brusque e que conferiria à cidade uma atipicidade – comparando-se com as demais cidades –, é totalmente descabido uma vez que esta edificação está presente não só em outros municípios catarinenses mas também em diversos municípios brasileiros e também em diversas regiões no mundo.

As críticas do arquiteto alemão Udo Baumam não parecem ter surtido muito efeito. Em São Bento do Sul o estilo germânico foi adotado após o arquiteto alemão elogiar, até então, a sua não adoção. Em Blumenau, o retorno econômico com o turismo fez com que o processo de enxaimelização prosseguisse. Em Brusque, apesar da não edição de legislação de incentivo fiscal, a própria administração municipal adotou o estilo germânico e, inspirada na Rodoviária de Rio Negrinho e na Prefeitura de Blumenau, construiu seus prédios. Joinville, com o neoenxaimel da Prefeitura, talvez tenha sido o único caso em que as críticas de Baumam tenham surtido efeito – não obstante a descontinuidade com a mudança dos prefeitos.

Paralelo à adoção do estilo germânico em arquitetura, que de certa forma produziu uma estética singularizadamente genérica, os investimentos em infraestrutura modificaram a fisionomia da cidade ao passo em que os planos de diversificação aconômica avançaram com o crescimento do pólo têxtil para além das empresas centenárias.

No segundo capítulo pudemos perceber que as questões relativas ao fenótipo afrodescendente possibilitam pensar a forma como as pessoas se conduzem nessa Brusque miscigenada. Se um paraense é tomado como sinônimo de baiano, isto evidencia que é ignorado que a distância de Brusque para a Bahia seja praticamente a mesma distância do Pará para a Bahia. Além disso, a hipótese de que o preconceito que se acreditava ser majoritariamente racial com relação aos baianos passa a ser invalidada pois ela não atinge os

haitianos, muito pelo contrário, eles são bem quistos no mercado de trabalho com a fama de serem trabalhadores. Além disso, outros laços surgem com a fama de trabalhador dos haitianos ocasionando um apagamento de fronteiras nacionais que dão lugar às fronteiras raciais quando um colega do haitiano, devido à fama “positiva” de trabalhador disciplinado que os haitianos gozam, se passa por haitiano.

A questão do trabalho parece, de certa forma, ser uma matriz essencial sob o qual os regimes de cidade são organizados em Brusque. É a forma de conduzir-se no trabalho que acabou por criar um abismo entre a generalização do estigma negativo fixado aos baianos e o estigma “positivo” que atinge os haitianos por conta de serem disciplinados como mão de obra e úteis aos interesses do capital. Além disso, em outros momentos de tensão social ao longo da história, conforme abordado no capítulo, a afeição ao trabalho enquanto *Beruf* (vocação) ou *tripalium* (sofrimento) é o que definiria a forma como você teria condições de se conduzir pela cidade. Aqueles não afeitos ao trabalho logo eram nomeados como bêbados, malandros, etc. Aos poucos o trabalho, principalmente ditado pelo ritmo fabril, foi amansando os ímpetos e assumindo uma configuração sem a qual as pessoas não conseguiam se conduzir e se relacionar com e na cidade. Essa matriz assume a forma de uma alienação e submissão ao modelo fabril e passivo, retirando dos moradores qualquer protagonismo – salvo em situações raras como a greve de 1952. Inclusive, a própria matriz do regime de cidade relacionada ao emprego pode ter influenciado nos depoimentos orais – é possível perceber isso quando o paraense afirma ter sido elogiado por conta de ser paraense e de que ouviu dizer que o paraense é um povo trabalhador; no caso do alagoano que diz que desde lá em Maceió ele já trabalhava; o haitiano que gabou-se por ser elogiado pelo patrão que só quer trabalhar com haitianos; a venezuelana que não via perspectiva de melhora com o trabalho na Venezuela; a baiana que empreendeu com loja, bar e eventos – portanto, a matriz do trabalho no qual se baseia o regime de cidade, na forma como a cidade deve ser experienciada também se faz presente na forma de narrar a sua própria experiência fundando um dos motivos que levaram o (i)migrante a se estabelecer em Brusque. Nesse sentido, seriam os baianos aqueles que tentaram viver na Cidade Morta ao curtir um pouco a vida? De qualquer modo parece haver duas alternativas quando o regime de cidade tem por base o trabalho: ou se incorpora o trabalho ao próprio regime de cidade como sua base de constituição, vivendo na Cidade dos Mortos – capital do Vale dos Mortos; ou, ao não suportar o emprego como base de sua forma de se relacionar e vivenciar a cidade, passa-se ao Vale dos Suicidas – onde outras questões de

maior peso psicológico tornam a vida insustentável no Vale dos Mortos. Para os capitalistas estabelecidos o trabalho (*Beruf*) enquanto vocação, é uma “dádiva” que impõe uma precarização no modelo Havan; enquanto para os trabalhadores, o sofrimento infligido pelo *tripallium* os atinge como matriz sem as quais não conseguem acessar o mercado de trabalho e por consequência os bens de consumo.

O que se percebe é que os regimes de cidade são ordenados de modo a incorporar outros regimes de experiências anteriores dos migrantes mas, sobretudo, atravessados por uma matriz que submete tudo ao trabalho precarizado pois é somente ele que garante de modo restrito que a potência dos regimes de cidade desejados possam vir a se realizar, é na maior parte dos casos o emprego que faltava, mesmo que precarizado, que tornou o regime de cidade antes da migração indesejável ou mesmo insuportável. Mas, qual é o papel do poder público nos regimes de cidade? Parece que, na visão dos gestores públicos, a geração de emprego é o norte. Com isso se ignora todo o impacto que a matriz emprego exerce sobre os regimes de cidade que são instituídos incorporando e se constituindo hegemonicamente a partir dele.

No terceiro capítulo o processo de espectacularização, patrimonialização e turistificação do ritual envolvendo o Pelznickel permitiu flagrar como, ainda se tratando por meio do artifício da representação, da mesma coisa, mesmo sendo a mesma coisa, é possível flagrar os regimes de cidade a partir das próprias diferenças da encenação do ritual.

O regime de cidade como algo relacionado à condução só se capta em movimento, nos fluxos, nas intersecções, no andamento dos projetos, nas possibilidades de futuro em marcha, nos devires, no jogo entre potência e realização, sem que seja necessária a produção de uma representação, mas que se capta um vestígio.

REFERÊNCIAS

ENTREVISTAS ORAIS

BONAMENTE, Jorge. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 08 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

BONDEZAM, Tamar Pereira. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 14 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

JEAN-BAPTISTE, Arwens. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 05 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

KAESTNER, Rolf. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 06 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

MACEDO, Antônio Alves. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 06 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

RAMOS, Maria Aparecida Pinto. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 10 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

RIBEIRO, Mauro José Nunes. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 13 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

ROZA, Ciro Marcial. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 30 jan. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

SANTOS, Talvanes Hipólito dos. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 13 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

SCHIFFINO, Maria Gabriela Khalif. Entrevista concedida a Álisson Sousa Castro. Brusque, 09 fev. 2019. [Transcrita. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa Regimes de Cidade: Investigações acerca de experiências urbanas no Vale do Itajaí-Mirim (1960-2019)].

LEGISLAÇÃO

BLUMENAU (Município). **Lei Ordinária nº 1169, de 27 de junho de 1963.** Cria o departamento municipal de turismo. Blumenau, SC, 27 jun. 1963. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1963/117/1169/lei-ordinaria-n-1169-1963-cria-o-departamento-municipal-de-turismo?q=departamento+municipal+de+turismo>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1274, de 17 de setembro de 1964.** Cria quota única sobre o movimento econômico e a comissão organizadora de exposições de Blumenau e dá outras providências. Blumenau, SC, 17 set. 1964. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1964/128/1274/lei-ordinaria-n-1274-1964-cria-quota-unica-sobre-o-movimento-economico-e-a-comissao-organizadora-de-exposicoes-de-blumenau-e-da-outras-providencias?q=exposi%E7%F5es%20de%20blumenau>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1288, de 25 de novembro de 1964.** Declara de utilidade pública, para desapropriação, várias áreas de terras situadas no bairro da Velha, nesta cidade, destinadas à Construção do Estádio Municipal de Esportes e do Parque de Exposições em Blumenau. Blumenau, SC, 25 nov. 1964. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1964/129/1288/lei-ordinaria-n-1288-1964-declara-de-utilidade-publica-para-desapropriacao-varias-areas-de-terrassituadas-no-bairro-da-velha-nesta-cidade-destinadas-a-construcao-do-estadio-municipal-de-esportes-e-do-parque-de-exposicoes-em-blumenau?q=parque%20de%20exposi%E7%F5es%20em%20blumenau>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1495, de 23 de maio de 1968.** Autoriza a ocupação e uso da área de terras que constitui a esplanada do “Morro do Aipim” pela SERVITUR – Serviços Turísticos do Vale do Itajaí. Blumenau, SC, 23 mai. 1968. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1968/150/1495/lei-ordinaria-n-1495-1968-autoriza-a-ocupacao-e-uso-da-area-de-terrass-que-constitui-a-esplanada-do-morro-do-aipim-pela-servitut-servicos-turisticos-do-vale-do-itajai?q=1495>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1610, de 08 de dezembro de 1969.** Institui incentivos fiscais para construção de hotéis de turismo no município de Blumenau e dá outras providências. Blumenau, SC, 08 dez. 1969. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1969/161/1610/lei-ordinaria-n-1610-1969-institui-incentivos-fiscais-para-construcao-de-hoteis-de-turismo-no-municipio-de-blumenau-e-da-outras-providencias?q=1610>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1625, de 17 de dezembro de 1969.** Institui a Fundação Promotora de Exposições de Blumenau e dá outras providências. Blumenau, SC, 17 dez. 1969. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1969/163/1625/lei-ordinaria-n-1625-1969-institui-a-fundacao-promotora-de-exposicoes-de-blumenau-e-da-outras-providencias?q=1625>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1771, de 28 de julho de 1971.** Autoriza a ocupação e uso de uma

área de terras, situada no bairro Ponta Aguda, pela CORETUR S/A., Comércio, Restaurante e Turismo. Blumenau, SC, 28 jul. 1971. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1971/178/1771/lei-ordinaria-n-1771-1971-autoriza-a-ocupacao-e-uso-de-uma-area-de-terras-situada-no-bairro-ponta-aguda-pela-coretur-s-a-comercio-restaurante-e-turismo?q=1771>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1804, de 02 de dezembro de 1971.** Concede a CORETUR S/A, autorização para ocupação e uso de uma área de terras situada no bairro de Ponta Aguda. Blumenau, SC, 02 dez. 1971. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1971/181/1804/lei-ordinaria-n-1804-1971-concede-a-coretur-s-a-autorizacao-para-ocupacao-e-uso-de-uma-area-de-terras-situada-no-bairro-de-ponta-aguda?q=1771>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1824, de 28 de fevereiro de 1972.** Revoga a Lei nº 1610/69, de 08 de dezembro de 1969. Blumenau, SC, 28 fev. 1972. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1972/183/1824/lei-ordinaria-n-1824-1972-revoga-a-lei-n-1610-69-de-08-de-dezembro-de-1969?q=1824>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1909, de 22 de dezembro de 1972.** Concede favores fiscais às casas típicas - blumenauenses, para residências, que forem construídas dentro do perímetro urbano de Blumenau. Blumenau, SC, 22 dez. 1972. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1972/191/1909/lei-ordinaria-n-1909-1972-concede-favores-fiscais-as-casas-tipicas-blumenauenses-para-residencias-que-forem-construidas-dentro-do-perimetro-urbano-de-blumenau?q=1909>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 2262, de 30 de junho de 1977.** Concede favores fiscais a casas típicas que forem construídas na área urbana de Blumenau, revoga a lei nº 1909/72, e dá outras providências. Blumenau, SC, 30 jun. 1977. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1977/227/2262/lei-ordinaria-n-2262-1977-concede-favores-fiscais-a-casas-tipicas-que-forem-construidas-na-area-urbana-de-blumenau-revoga-a-lei-n-1909-72-e-da-outras-providencias?q=2262>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 2384, de 11 de julho de 1978.** Proíbe a instalação de estabelecimentos de crédito e empresas de investimentos e similares na rua 15 de Novembro e Avenida Castelo Branco e dá outras providências. Blumenau, SC, 11 jul. 1978. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1978/239/2384/lei-ordinaria-n-2384-1978-proibe-a-instalacao-de-estabelecimentos-de-credito-e-empresas-de-investimentos-e-similares-na-rua-15-de-novembro-e-avenida-castelo-branco-e-da-outras-providencias?q=2384>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 2646, de 11 de março de 1981.** Cria a Secretaria Municipal de Turismo e dá outras providências. Blumenau, SC, 11 mar. 1981. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1981/265/2646/lei-ordinaria-n-2646-1981-cria-a-secretaria-municipal-de-turismo-e-da-outras-providencias?q=2646>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 4204, de 30 de setembro de 1991.** Proíbe a instalação de estabelecimentos financeiros, empresas de investimento, crédito e similares na rua XV Novembro e Avenida Presidente Castelo Branco, revogando a lei nº 3915/91, e dá outras providências. Blumenau, SC, 30 set. 1991. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1993/421/4204/lei-ordinaria-n-4204-1993-proibe-a-instalacao-de-estabelecimentos-financeiros-empresas-de-investimento-credito-e-similares-na-rua-xv-novembro-e-avenida-presidente-castelo-branco-revogando-a-lei-n-3915-91-e-da-outras-providencias?q=4204>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 3934, de 24 de outubro de 1991.** Autoriza a outorga de concessão de uso de uma área de terras do município ao restaurante Frohsinn, revogando as leis nº 1.495/68 e 2.038/74. Blumenau, SC, 24 out. 1991. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/blumenau/lei-ordinaria/1991/394/3934/lei-ordinaria-n-3934-1991-autoriza-a-outorga-de-concessao-de-uso-de-uma-area-de-terrass-do-municipio-ao-restaurante-frohsinn-revogando-as-leis-n-1495-68-e-2038-74?q=3934>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRASIL. Decreto-lei nº 3199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, DF, 14 abr. 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm>. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRUSQUE (Município). Lei nº 12, de 31 de maio de 1948a. Aprova o Código de Posturas. Brusque, SC, 14 jun. 1948. 52p. Acervo da Sala Brusque. Fundação Cultural de Brusque.

_____. **Lei nº 20, de 9 de novembro de 1948b.** Estabelece nomenclaturas de vias urbanas. Brusque, SC, 9 nov. 1948. Acervo da Sala Brusque. Fundação Cultural de Brusque.

_____. **Lei nº 21, de 9 de novembro de 1948c.** Estabelece perímetros urbano e suburbano e divisão em 5 zonas. Brusque, SC, 9 nov. 1948. Acervo da Sala Brusque. Fundação Cultural de Brusque.

_____. Lei Ordinária nº 143, de 15 de julho de 1964a. Institui Concurso Público. Brusque, SC, 15 jul. 1964. In: **O Município**, Brusque. 1 ago. 1964. p.6.

_____. Lei Ordinária nº 386, de 17 de novembro de 1964b. Brusque, SC, 17 nov. 1964. In: **O Município**, Brusque. 5 dez. 1964. p.6.

_____. **Lei nº 166, de 28 de dezembro de 1964c.** Amplia o perímetro urbano, cria zonas suburbanas e estabelece nomenclatura de vias urbanas.

_____. Decreto nº 51, de 30 de agosto de 1966. Fica aprovado o Plano Municipal de Desenvolvimento (PLAMUD), de Brusque. Brusque, SC, 30 ago. 1966. In: **O Município**, Brusque. 16 set. 1966. p. 4.

_____. **Lei Ordinária nº 399, de 14 de julho de 1969.** Autoriza a compra de imóvel e dá outras providências. Brusque, SC, 14 jul. 1969a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1969/40/399/lei-ordinaria-n-399>>.

1969-autoriza-a-compra-de-imovel-e-da-outras-providencias?q=399>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 411, de 11 de agosto de 1969.** Autoriza a abertura da concorrência pública e dá outras providências. Brusque, SC, 11 ago. 1969b. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1969/42/411/lei-ordinaria-n-411-1969-autoriza-a-abertura-da-concorrencia-publica-e-da-outras-providencias?q=comiss%C3%A3o+de+exposi%C3%A7%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 420, de 29 de setembro de 1969.** Declara de utilidade pública. Brusque, SC, 29 set. 1969c. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1969/42/420/lei-ordinaria-n-420-1969-declara-de-utilidade-publica?q=420>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 429, de 20 de outubro de 1969.** Autoriza a cessão de imóvel. Brusque, SC, 20 out. 1969d. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1969/43/429/lei-ordinaria-n-429-1969-autoriza-a-cessao-de-imovel?q=429>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 449, de 30 de dezembro de 1969.** Autoriza a Prefeitura Municipal de Brusque a firmar convênio com o serviço social da Indústria - (SESI). Brusque, SC, 30 dez. 1969e. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1969/45/449/lei-ordinaria-n-449-1969-autoriza-a-prefeitura-municipal-de-brusque-a-firmar-convenio-com-o-servico-social-da-industria-sesi?q=449>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 463, de 16 de junho de 1970.** Autoriza o executivo municipal a transferir doação. Brusque, SC, 16 jun. 1970. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1970/47/463/lei-ordinaria-n-463-1970-autoriza-o-executivo-municipal-a-transferir-doacao?q=463>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. **Lei nº 842, de 21 de maio de 1979.** Altera os limites do perímetro urbano de Brusque.

_____. **Lei Ordinária nº 900, de 22 de agosto de 1980.** Dispõe sobre a proteção do patrimônio natural, histórico e artístico cultural do município de Brusque. Brusque, SC, 22 ago. 1980. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1980/90/900/lei-ordinaria-n-900-1980-dispoe-sobre-a-protectao-do-patrimonio-natural-historico-e-artistico-cultural-do-municipio-de-brusque?q=900>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1.074, de 16 de novembro de 1982.** Concede isenção. Brusque, SC, 16 nov. 1982. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1982/108/1074/lei-ordinaria-n-1074-1982-concede-isencao?q=1074>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1.088, de 18 de maio de 1983.** Revoga dispositivo legal. Brusque, SC, 18 mai. 1983. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1983/110/1088/lei-ordinaria-n-1088-1983-revoga-dispositivo-legal?q=1088>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

1983/108/1088/lei-ordinaria-n-1088-1983-revoga-dispositivo-legal>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1.118, de 18 de novembro de 1983.** Denomina Pavilhão Antônio Heil. Brusque, SC, 18 nov. 1983. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1983/112/1118/lei-ordinaria-n-1118-1983-denomina-pavilhao-antonio-heil?q=1118>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

_____. Decreto nº 2.373, de 1 de agosto de 1990. Tombamento. Brusque, SC, 1 ago. 1990. In: **O Município**, Brusque. 3 ago. 1990.

_____. **Lei nº 1609, de 20 de setembro de 1990.** Estabelece os limites do perímetro urbano do município de Brusque.

_____. **Lei Ordinária nº 1.769, de 26 de abril de 1993.** Adota o Hino do Centenário como Hino Oficial do Município de Brusque. Brusque, SC, 26 abr. 1993. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/b/brusque/lei-ordinaria/1993/177/1769/lei-ordinaria-n-1769-1993-adota-o-hino-do-centenario-como-hino-oficial-do-municipio-de-brusque?q=hino%20de%20brusque>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

_____. **Lei complementar nº 239, de 30 de setembro de 2015.** Estabelece os novos limites do perímetro urbano do município de Brusque.

Guabiruba (Município). **Lei Ordinária nº 1.657, de 16 de novembro de 2018a.** Dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS do Município Guabiruba e dá outras providências. Guabiruba, SC, 16 nov. 2018a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/g/guabiruba/lei-ordinaria/2018/166/1657/lei-ordinaria-n-1657-2018-dispoe-sobre-o-plano-de-desenvolvimento-integrado-do-turismo-sustentavel-pdits-do-municipio-guabiruba-e-da-outras-providencias?q=pelznickel>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1.667, de 12 de dezembro de 2018a.** Considera o "Pelznickel" como Patrimônio Cultural, Histórico Imaterial da Cidade de Guabiruba e dá outras providências. Guabiruba, SC, 12 dez. 2018b. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/g/guabiruba/lei-ordinaria/2018/167/1667/lei-ordinaria-n-1667-2018-considera-o-pelznickel-como-patrimonio-cultural-historico-imaterial-da-cidade-de-guabiruba-e-da-outras-providencias?q=patrim%F4nio%20imaterial>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

Joinville (Município). **Lei Ordinária nº 1.185, de 27 de março de 1972.** Dispõe sobre a Fundação Municipal de Promoção da Indústria - PROMOVILLE. Joinville, SC, 27 mar. 1972. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/joinville/lei-ordinaria/1972/119/1185/lei-ordinaria-n-1185-1972-dispoe-sobre-a-fundacao-municipal-de-promocao-da-industria-promoville?q=promoville>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 1.399, de 16 de setembro de 1975.** Concede benefícios fiscais às "Casas de Enxaimel". Joinville, SC, 16 set. 1975. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/j/joinville/lei-ordinaria/1975/140/1399/lei-ordinaria-n-1399-1975-concede-beneficios-fiscais-as-casas-de-enxaimel?q=enxaimel>>. Acesso em: 19

nov. 2019.

Rio Negrinho (Município). **Lei Ordinária nº 15, de 15 de agosto de 1983.** Autoriza o poder executivo municipal a adquirir por desapropriação, área de terra para terminal rodoviária e dá outras providências. Rio Negrinho, SC, 15 ago. 1983a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/lei-ordinaria/1983/2/15/lei-ordinaria-n-15-1983-autoriza-o-poder-executivo-municipal-a-adquirir-por-desapropriacao-area-de-terra-para-o-terminal-rodoviaro-e-da-outras-providencias?q=15>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 19, de 19 de setembro de 1983.** Autoriza o poder executivo a receber por doação, diversas áreas de terras e dá outras providências. Rio Negrinho, SC, 19 set. 1983b. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/lei-ordinaria/1983/2/19/lei-ordinaria-n-19-1983-autoriza-o-poder-executivo-a-receber-por-doacao-diversas-areas-de-terrass-e-da-outras-providencias?q=19>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Decreto nº 73, de 17 de maio de 1984.** Constitui Comissão Especial para julgamento do concurso de anteprojeto do terminal rodoviário para Rio Negrinho. Rio Negrinho, SC, 17 mai. 1984a. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/decreto/1984/8/73/decreto-n-73-1984-constitui-comissao-especial-para-julgamento-do-concurso-de-anteprojeto-do-terminal-rodoviaro-para-rio-negrinho?q=73>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Decreto nº 76, de 25 de maio de 1984.** Nomeia Comissão Representativa da Comunidade para julgamento de edital de concurso público. Rio Negrinho, SC, 25 mai. 1984b. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/decreto/1984/8/76/decreto-n-76-1984-nomeia-comissao-representativa-da-comunidade-para-julgamento-de-edital-de-concurso-publico?q=76>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Decreto nº 79, de 29 de maio de 1984.** Homologa resultado do concurso público de anteprojeto de arquitetura do terminal rodoviário. Rio Negrinho, SC, 29 mai. 1984c. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/decreto/1984/8/79/decreto-n-79-1984-homologa-resultado-do-concurso-publico-de-anteprojeto-de-arquitetura-do-terminal-rodoviaro?q=79>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 50, de 14 de agosto de 1984.** Autoriza a contratação do projeto para o terminal rodoviário de passageiros do município. Rio Negrinho, SC, 14 ago. 1984d. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/lei-ordinaria/1984/5/50/lei-ordinaria-n-50-1984-autoriza-a-contratacao-do-projeto-para-o-terminal-rodoviaro-de-passageiros-do-municipio?q=50>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

_____. **Lei Ordinária nº 100, de 1 de julho de 1985.** Denomina o terminal rodoviário de Rio Negrinho. Rio Negrinho, SC, 1 jul. 1985. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/r/rio-negrinho/lei-ordinaria/1985/10/100/lei-ordinaria-n-100-1985-denomina-o-terminal-rodoviaro-de-rio-negrinho?q=100>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

Santa Catarina (Estado). **Decreto nº 105, de 22 de abril de 1931.** Estabelece o perímetro

urbano de Brusque. Florianópolis, 22 abr. 1931. In: PERIMETRO urbano. O Progresso, Brusque. 24 abr. 1931. Capa.

_____. **Lei nº 821, de 7 de maio de 1962.** Cria os municípios de Guabiruba e Botuverá. Disponível em: <www.botuvera.sc.gov.br/historia/emancipacao>. Acesso em: 8 jul. 2017.

São Bento do Sul (Município). **Lei Ordinária nº 98, de 15 de dezembro de 1989.** Estabelece imunidades e isenções tributárias no município de São Bento do Sul, e dá outras providências. São Bento do Sul, SC, 15 dez. 1989. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/lei-ordinaria/1989/10/98/lei-ordinaria-n-98-1989-estabelece-imunidades-e-isencoes-tributarias-no-municipio-de-sao-bento-do-sul-e-da-outras-providencias?q=imunidade%20tribut%20ria>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

_____. **Decreto nº 268, de 24 de março de 1994.** Regulamenta os itens VI e XI da Lei nº 98/89, de 15.12.89, relativos a construções em estilo alpino. São Bento do Sul, SC, 24 mar. 1994. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/s/sao-bento-do-sul/decreto/1994/27/268/decreto-n-268-1994-regulamenta-os-itens-vi-e-xi-da-lei-n-98-89-de-151289-relativos-a-construcoes-em-estilo-alpino?q=268>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

REFERÊNCIAS GERAIS

ANGELI, Margarita Nilda Barreto. **Relatório de pesquisa de pós doutorado.** Programa de pós graduação em antropologia social. Universidade Federal de Santa Catarina. Supervisora: Profa. Dra. Maria Amélia Schmidt Dickie. Florianópolis, 2002. 50 folhas.

ANTIBLAC-LOAL. A Colônia Príncipe D. Pedro. O Despertador. Florianópolis, 17 ago. 1869. In: GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Imigração polonesa em Brusque:** um recorte histórico. Florianópolis: Ed. do Autor, 1988. pp.31-33.

BAUMAM, Udo. **A arquitetura de valor histórico em Santa Catarina.** (Relatório). Documento datilografado do arquivo da FCJ. Marburg, Alemanha, março de 1983. Tradução de Andre Gil T. Pires (entre julho e agosto de 1983). 53 p.

_____. **Sem título.** (Relatório). Documento datilografado da FCJ. Joinville, Brasil, 6 de agosto de 1982, tradutor desconhecido. 3 p.

BEHS, Edelberto. **O Processo de Abrasileiramento da “Igreja dos Alemães”.** Florianópolis, 2001. 154 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina.

BESEN, José Artulino. O Museu Arquidiocesano Dom Joaquim. In: SOCIEDADE Amigos de Brusque. **Revista Notícias de Vicente Só.** Julho, agosto e setembro de 1979. n11. pp. 67-70.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BONATELLI, Celso. Sem título. In: CEAB. **1º Seminário sobre o plano diretor de Brusque. 29 e 30 de maio de 1987.** Organização Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque. 55 folhas. Acervo Sala Brusque. pp. 5-6.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOWLER, Gerry. **Papai Noel:** uma biografia. Tradução de Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

BRUSQUE (Município). **Livro Tombo.** Acervo Fundação Cultural de Brusque, Departamento de Patrimônio Histórico. 2012.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Brusque:** Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do Império. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1958.

CALVO, C. R. . Narrativas orais, fontes para investigação histórica: culturas, memórias e Patrimônios da cidade. **Historia & Perspectivas (UFU),** v. 23, p. 13-26, 2010.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica:** ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecilia Prada. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CEAB. **1º Seminário sobre o plano diretor de Brusque.** 29 e 30 de maio de 1987. Organização Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque. 55 folhas. Acervo Sala Brusque.

CECCON-VALENTE, Marília de Fátima. **Subsídios ecológicos ao uso sustentável da palha - Geonoma gamiova Barb. Rodr. (Arecaceae).** 2009. Dissertação (Mestrado em Agronomia, área de concentração em Produção Vegetal) - Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo, Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/19488/Dissertacao%20Marilia%20F%20C%20Valente.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 4ª ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COGOY JUNIOR, João André. Correspondência de 1 de janeiro de 1862a. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano I. Nº 3. Julho, Agosto e Setembro 1977. p. 58.

_____. Correspondência de 13 de janeiro de 1862b. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano I. Nº 3. Julho, Agosto e Setembro 1977. p. 66.

_____. Correspondência de 13 de janeiro de 1862. In: SOCIEDADE Amigos de Brusque. **Revista Notícias de Vicente Só** 1977 julho, p. 66.

DIEGOLI, Airton. Abertura. In: CEAB. **1º Seminário sobre o plano diretor de Brusque**. 29 e 30 de maio de 1987. Organização Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque. 55 folhas. Acervo Sala Brusque. p. 4.

DINKELBORG, Anton. Depoimento de 13 de novembro de 1863. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano VI. Nº 22. Abril, Maio e Junho 1982. pp. 32-33.

DIRETORIA do Patrimônio Histórico - DPH. Fundação Cultural de Brusque. **Inventário do patrimônio arquitetônico urbanístico de Brusque**. Dez. 2009. 106 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/390417078/Inventario-Sobre-o-Partimonio-Material-de-Brusque>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

_____. Fundação Cultural de Brusque. **Catálogo do Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Urbanístico de Brusque - Vol.01**. Aprovado pelo Conselho Municipal do Patrimônio Natural, Histórico e Artístico Cultural - sessão de 23 de março de 2011. Seleção retirada do Inventário do Patrimônio Arquitetônico Urbanístico de Brusque. Março 2011. 75 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/390417017/Catalogo-Do-Patrimonio-Historico-de-Brusque>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre o ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí (SC): Editora da UNIVALI, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FLORASBS. Gênero: Tillandsia. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/florasbs/bromeliaceae/tillandsia-3>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

GALLASSINI, Robson. Xokleng: A trajetória de um povo frente ao processo de imigração europeia no século XIX. In: NIEBUHR, Marlus (Org.). **Brusque 150 anos**: Tecendo uma História de Coragem. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012). p.. 24-59.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GLASS, Jean. Louis e a redenção da Cidade Morta. In: _____. **O dobro de tudo**. Brusque: Fuckitall Records and Press, 2013. pp. 3-27.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Imigração (A) Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**: Uma contribuição ao estudo da imigração polonesa no Brasil Meridional. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

_____. **Imigração polonesa em Brusque**: um recorte histórico. Florianópolis: Ed. do Autor, 1988.

_____. **Raízes polonesas em Brusque**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1989.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Tradução de Ana Isabel Soares. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Vários tradutores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e Indústria no Vale do Itajaí**: o Modelo Catarinense de Desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.
- HOFFMANN-KRAYER, Eduard; BÄCHTOLD-STÄUBLI, Hanns. **Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens**. Band 6 Mauer - Pflugbrot. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1935. Disponível em: <<https://archive.org/details/handworterbuchdesdeutschenaberglaubensband6/page/n275>>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução de Rejane Janowitzer. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KLITZING, Friderich von. Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque em 27 de novembro de 1868. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de Vicente Só**. Ano VI. Dezembro 1997. nº 52. pp. 1000-1001.
- _____. Diretoria da Colônia Itajahy-Brusque em 31 de janeiro de 1869. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de Vicente Só**. Ano VI. Maio de 1997. nº 53. p. 1025.
- KOCH, Eloy Dorvalino. **Catolicismo em Brusque**: recordação do centenário. Brusque: Gráfica Mercúrio, 2010.
- LAUTH, Aloisius Carlos. I – Pesquisa e estudo das Casas de Enxaimel no Vale do Itajaí-Mirim. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque – Ontem e hoje. Ano IV. Julho, agosto e setembro de 1980. nº 15. pp. 58-60.
- _____. **A colônia Príncipe Dom Pedro**: Um caso de política imigratória no Brasil Império. Brusque: Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, 1987.
- _____. Pesquisa e estudo das casas enxaimel. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque – Ontem e hoje. Ano VI. Janeiro, fevereiro e março de 1982. nº 21. pp. 9-11.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O suplício do Papai Noel**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **Cidades Mortas**. (Coleção Obras completas de Monteiro Lobato 1ª série – literatura geral.) São Paulo: Editora Brasiliense, 1971.
- LORENZI, Harri. **Flora brasileira**: Arecaceae (palmeiras). Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2010.
- MESQUITA, Fernando. As marcas do tempo. **Teresa**, n. 3, p. 186-214, 26 dez. 2002.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/121148/118113>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MICHEL, Carlos Eduardo. Colônia Príncipe Dom pedro: uma colônia plural. In: NIEBUHR, Marlus. **Brusque 150 anos**: tecendo uma história de coragem. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012. pp. 106-125.

NIEBUHR, Marlus. **Brusque 150 anos**: tecendo uma história de coragem. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012. pp. 106-125.

_____. **Memória Urbana**: Clube de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Brusque – CEAB – História e Atuação. 1. ed. Itajaí: Univali, 2015.

NISSENBAUM, Stephen. **The battle for Christmas**: A social and cultural history of our most cherished holiday. 1a. ed. New York: Vintage Books, 1997. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=1Mya7BEPK3oC&pg=PA177&dq=The+battle+for+Christmas&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj84Jvr8fTlAhXPELkGHRGdCQsQ6wEILTAA#v=onepage&q=T he%20battle%20for%20Christmas&f=false>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

NOGUEIRA, Cláudio Ailton. **Avaliação da poluição atmosférica por metais na região metropolitana de São Paulo utilizando a Bromélia Tillandsia Usneoides L. como biomonitor**. 2006. Tese (Doutorado em Tecnologia Nuclear - Aplicações) - Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/85/85131/tde-29052007-135539/>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

PAES LEME, Luiz Betim. MAPPA estatístico do anno de 1873. In: **Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial de Santa Catharina em 21 de março de 1875 pelo exm. sr. presidente da provincia dr. João Thomé da Silva**. (MAPA SN, após página 121). Cidade do Desterro, 1875.

PEREIRA, Yone Yara. **Arquitetura de imigração alemã em Blumenau**: Das permanências às transformações. Orientadora: Dra. Odete Dourado. 2009. 215 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PIZZA, Walter Fernando. **Folclore de Brusque**: estudo de uma comunidade. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque, 1960.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tradução de Ingeborg K. de Mendonça e Carlos Espejo Muriel. In: **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, pp. 59-72.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: Ética e História Oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, vol. 15, 1997, pp. 13-49.

RELATÓRIO do presidente da província de Santa Catarina. Do Jornal ‘Kolonie Zeitung’ editado em Joinville sob a direção de Ottokar Doerffel (n. 18 de 12 de maio de 1868). In: Sociedade Amigos de Brusque. Notícias das Colônias Itajahy (Brusque) e Príncipe Dom Pedro. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque - ontem hoje. Ano V. Julho, agosto e setembro de 1981. nº 19. pp. 82.83.

RODRIGUES, Barbosa. 2. Geonoma Gamiova. In: REITZ, Raulino. Palmeiras. **Flora Ilustrada Catarinense**. I Parte: As plantas, Fascículo: Palm. Palmeiras. Herbário Barbosa Rodrigues: Itajaí, 20 de ago. de 1974. pp. 128-133.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. **Colonização italiana no Vale do Itajaí-Mirim**. Florianópolis: Edeme, 1981.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHLÖSSER, Gustavo. Cópia do diário de Gustavo Schlösser, escrito em abril de 1896. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Notícias de “Vicente Só”**: Brusque – Ontem e hoje. Ano XI. Janeiro, fevereiro e março de 1987. nº 41. pp. 651-652.

SCHNEEBURG, Maximilian von. Correspondência de 22 de janeiro de 1862a. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano I. Nº 3. Julho, Agosto e Setembro 1977. p. 69.

_____. Correspondência de 24 de novembro de 1862b. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano III. Nº 11. Julho, Agosto e Setembro 1979. pp. 75-77.

_____. Correspondência de 30 de dezembro de 1863. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano VI. Nº 22. Abril, Maio e Junho 1982. p. 38.

_____. Correspondência de 26 de março de 1867. In: Sociedade Amigos de Brusque. **Revista “Notícias de Vicente Só”** Brusque – Ontem e hoje. Ano XIII. Nº 45. Janeiro 1988 - Dezembro 1990. p. 806.

SEYFERTH, Giralda. **A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim**: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

SIEFKER, Phyllis. European Gift-Bringers. (Capítulo 8). In: _____. **Santa Claus, last of the wild men**: the origins and evolution os Saint Nicholas, spanning 50,000 years. McFarland: North Carolina, 1997. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hkw2bPlfTUQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOCIEDADE Amigos de Brusque. **Álbum do Centenário de Brusque.** Sociedade Amigos de Brusque: Brusque, 1954.

VEIGA, Maurício Biscaia. **Arquitetura neo-enxaimel em Santa Catarina:** a invenção de uma tradição estética; orientador Edson Leite. São Paulo, 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte). Universidade de São Paulo, 2013.

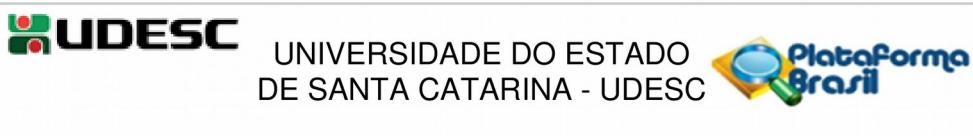
VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.) **O Processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: EdUSP, 1999.

WEIMER, Günther. **Arquitetura enxaimel em Santa Catarina.** L&PM: Porto Alegre, 1994.

WESTPHAL, Euler Renato. Protestantes e católicos: diferenças e semelhanças básicas (uma visão protestante). In: DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. (orgs.) **Protestantes, evangélicos e (neo) petrenses:** história, teologias, igrejas e perspectivas. São Paulo: Fonte Editorial, 2013a. pp. 73-86.

WILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil:** estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Disponível em: <<http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/336>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

Apêndice A – Comprovante de envio de projeto Comitê de Ética em Pesquisa



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Regimes de Cidade: Experiências urbanas em Brusque

Pesquisador: ÁLISSON SOUSA CASTRO

Versão: 2

CAAE: 70598717.7.0000.0118

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SC UDESC

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 073081/2017

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Regimes de Cidade: Experiências urbanas em Brusque que tem como pesquisador responsável ÁLISSON SOUSA CASTRO, foi recebido para análise ética no CEP Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC em 03/07/2017 às 14:26.

| | | | |
|------------------|---------------------------|-------------------|-----------------------|
| Endereço: | Av.Madre Benvenutta, 2007 | CEP: | 88.035-001 |
| Bairro: | Itacorubi | Município: | FLORIANOPOLIS |
| UF: | SC | Telefone: | (48)3664-8084 |
| | | Fax: | (48)3664-8084 |
| | | E-mail: | cepsh.udesc@gmail.com |

Apêndice B – Modelo de Termo de Consentimento Livre Esclarecido



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de doutorado intitulada Regimes de Cidade: Experiências urbanas em Brusque, que fará entrevista, tendo como objetivo geral Colaborar para os estudos sobre cidade no tempo presente em Santa Catarina e específicos Avaliar o impacto dos projetos da gestão do Prefeito Ciro Marcial Roza sobre o regime de cidade em Brusque; Relacionar as transformações urbanas promovidas em Brusque com ondas migratórias mais recentes à exemplo da baiana e haitiana; Investigar os regimes de cidade junto à dimensão étnica presente no ritual do Pelznickel; Conhecer os ritmos e sons de uma cultura urbana brusquense. Serão previamente marcados a data e horário para perguntas, utilizando entrevistas. Estas medidas serão realizadas na residência do entrevistado. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão resarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver lembranças que possam causar algum tipo de desconforto físico ou emocional ao relembrar determinados fatos. Caso ocorra algum desconforto o entrevistado será atendido da melhor forma possível (atendimento médico, por exemplo). A entrevista será encerrada e somente será retomada caso seja da vontade do entrevistado.

A sua identidade será revelada, salvo desejo em contrário, justamente por se tratar de esclarecimentos de fatos amplamente divulgados na imprensa local, sendo respeitado e dando plena liberdade para você não aceitar a divulgação de seu nome ou solicitar a supressão de determinado trecho que julgar conveniente suprimir da entrevista.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão compreender os objetivos e ideias por trás da definição e eleição de uma determinada estética urbana encarnada nos prédios públicos municipais de Brusque assim como os impactos que esta estética urbana exerce sobre populações não-germânicas de modo a possibilitar que se promova uma integração e identificação com estes bens. Os/as entrevistados/as serão agentes fundamentais para a compreensão dessa estética urbana tanto em sua concepção quanto em seu impacto, contribuindo para melhor análise da importância da estética urbana para os habitantes de Brusque-SC.

A pessoa que estará acompanhando os procedimentos será o pesquisador Álisson Sousa Castro, Doutorando em História, Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, Licenciado em História, que atua como Historiador na Fundação Cultural de Brusque e Professor Universitário na Uniasselvi/Assevim.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida, se assim o desejar, através da não-identificação do seu nome, sendo que é preferível que mantenhamos sua identificação por se tratar de esclarecimentos de fatos públicos e notórios amplamente divulgados na imprensa local.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: ÁLISSON SOUSA CASTRO

NÚMERO DO TELEFONE: (47) 992 224 595

ENDEREÇO: RUA SANTOS DUMONT, 288 – SANTA TEREZINHA – BRUSQUE/SC

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPSh/UDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: ceps.h.reitoria@udesc.br / ceps.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: coneep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu comproendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: / / .

Apêndice C – Modelo de Termo de consentimento para fotografias, vídeos e gravações



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

ABINE



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “REGIMES DE CIDADE: EXPERIÊNCIAS URBANAS EM BRUSQUE”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, ____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

Apêndice D – Resumo das eleições/sucessões para o cargo de Prefeito de Brusque entre 1960-2017

3 out. 1955 (31/01/1956-31/01/1961): eleito o médico **Carlos Moritz (UDN)**, tendo derrotado o industrial Ingo Arlindo Renaux (PSD, apoiado por PTB e PDC).

3 out. 1960 (31/01/1961-31/01/1966): eleito o tabelião **Cyro Gevaerd (UDN)** com 4.188 votos, tendo derrotado Francisco Dall'Igna (PTB, apoiado pela ala do PSD ligada à família Renaux, seguindo orientação nacional) com 3.889 votos e Carlos Boos (PSD) com 2.481 votos.

3 out. 1965 (31/01/1966-31/01/1970): eleito o empresário **Antônio Heil (PSD)** com 4.850 votos, tendo derrotado Alexandre Merico (UDN) que fez 4.820 votos e Hilário Bernardi (PTB) com 261 votos

30 nov. 1969 candidatura única (31/01/1970-31/01/1973): eleito **José Germano Schaefer (ARENA)** como candidato único, tendo abrigado correligionários do PSD e UDN.

3 out. 1972 chapa (31/01/1973-31/01/1977): eleito **César Moritz³⁹⁷ (MDB)** com 4.632, superando os companheiros de chapa Valmir (2.267) e Walter (794)³⁹⁸, perfazendo um total de 7.693 votos para o MDB, superando os 6.954 votos da ARENA, que lançou o empresário Gentil Batisti Archer como candidato único da chapa.

15 nov. 1976 chapa (31/01/1977-31/01/1983): eleito o professor **Alexandre Merico (ARENA)** com 5.021 votos, superando os companheiros de chapa Arno Carlos Gracher (2.657) e Aurinho Silveira de Souza (2.562), perfazendo um total de 10.240 votos para a ARENA, superando os 8.490 votos do MDB, distribuídos entre Antônio Abelardo Bado (5.669), Ariberto Ristow (1.993) e Valmir Wagner (823).

15 nov. 1982 chapa (31/01/1983-31/12/1988): eleito o médico **José Celso Bonatelli (PMDB)** com 6.881, superando os companheiros de chapa Heraldo dos Santos (4.962) e Wenceslau Beber (1.760), perfazendo um total de 13.603 votos para o PMDB, superando os 9.832 votos do PDS, distribuídos entre Luiz Amilton Martins (5.465), Eloi Dadan (2.658) e Carlos Moritz (1.709).

15 nov. 1988 (01/01/1989-31/12/1992): eleito o empresário **Ciro Marcial Roza (PDT/PSB)** com 10.547 votos, superando Zeno Heinig (PMDB) com 8.096 votos, Cesar Moritz (PFL) com 4.401 votos e Valmir Coelho Ludvig (PT) com 2.938 votos.

3 out. 1992 (01/01/1993-31/12/1996): eleito o administrador **Danilo Moritz (PDT)** com 18.057 votos, superando Zeno Heinig (PDS/PMDB) com 10.673 votos e Luiz Fernando Krieger Merico (PT) com 3.612 votos.

3 out. 1996 (01/01/1997-31/12/2000): eleito o industrial **Hylário Zen (PPB/PSDB)** com 17.552 votos, superando Ciro Marcial Roza (PFL/PL/PMN/PSL) com 17.373 votos, Marcus

³⁹⁷ Filho do médico e ex-prefeito Carlos Moritz.

³⁹⁸ Não há menção aos sobrenomes nas fontes consultadas.

Antonio Luiz da Silva (PMDB/PDT) com 1.995 votos e Jocelito Nicolau de Souza (PT) com 876 votos.

1 out. 2000 (01/01/2001-31/12/2004): eleito o empresário **Ciro Marcial Roza (PFL/PDT/PL/PMN/PSL)** com 23.098 votos, superando Paulo Roberto Eccel (PT) com 16.307 votos e Amilcar Arnolso Wehmuth (PSDB/PPB/PSDB/PTB) com 5.119 votos.

03 out. 2004 (01/01/2005-31/12/2008): reeleito o empresário **Ciro Marcial Roza (PFL/PDT/PMN/PRTB/PSL/PV)** com 31.552 votos, superando Serafim Venzon (PSDB/PSB/PRP/PPS/PP/PL/PHS) com 15.240 votos e Paulo Roberto Eccel (PT/PMDB) com 6.593 votos.

5 out. 2008 (01/01/2009-31/12/2012): eleito o professor universitário e advogado **Paulo Roberto Eccel (PT/PP)** com 33.498 votos, superando Dagomar Antônio Carneiro (PDT/DEM/PMN/PPS/PR/PRB/PRP/PSC/PSDB/PSL/PTB/PTC/PTN/PV) com 22.200 votos e Osvaldo Quirino de Souza (PMDB/PHS) com 4.358 votos.

7 out. 2012 (01/01/2013-31/03/2015 – mandato cassado): reeleito o professor universitário e advogado **Paulo Roberto Eccel (PT/PP/PDT/PMDB/PR/PPS/PHS/PTC/PCdoB)** com 35.998 votos, superando Ciro Marcial Roza (PSD/PTB/PRTB/DEM/PV/PRB/PSC/PSB/PSL/PTN/PTdoB) com 27.535 votos, Silvio Bertolini (PSDB) com 969 votos e Moisés Nascimento (PSDC) com 631 votos.

Interino (01/04/2015-05/06/2016): assumiu interinamente **Roberto Pedro Prudêncio Neto (PSD)**, presidente da Câmara de Vereadores.

5 jun. 2016 Eleição indireta (05/06/2016-31/12/2016): eleito **José Luiz Cunha (PP)** indiretamente, vencendo Roberto Pedro Prudêncio Neto (PSD).

3 out. 2016 (01/01/2017-atual): eleito **Jonas Oscar Paegle (PSB/PMDB/PPS)** com 25.171 votos, superando Jones Bosio (DEM/PcdoB/PEN/PPL/PR/PRB/PSC/PTdoB) com 11.447 votos, José Luiz Cunha (PP/PSDB/PDT) com 10.919 votos, José Gustavo Halfpap (PT/PTC/PV) com 6.167 votos, Odirlei Dell'Agnolo (SD/PRP) com 5.892 votos, Jadir Pedrini (PROS/PSD/PRTB/PSDC/PSL/PTN) com 2.436 votos e Francisco Luiz Cordeiro (PSOL) com 172 votos.

Apêndice E – Formulário de entrevista oral

Data de Realização da Entrevista:

Dados Pessoais

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____ Nome do Cônjuge: _____

Filhos: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

1 – Trajetória de vida

- Local de Nascimento
- Estrutura familiar da infância
- Profissão do pai e da mãe
- Cotidiano na infância (moradia, vida no bairro, escola, lazer e religiosidade)
- Juventude (fatos marcantes)
- Formação intelectual
- Trajetória profissional (escola e trabalho)
- Participação na vida citadina: pertence a alguma associação (política, moradores, mães, esporte/artes)

2 – Brusque

- O que motivou sua família a se mudar para Brusque?
- Quando ouviu falar pela primeira vez de Brusque?
- Por quem?
- Quais os seus sentimentos e sensações ao chegar?
- Na sua opinião, o que singulariza Brusque?
- Dizem que é uma cidade germânica. O que o Sr. acha?
- O que você entende por germânico?
- Quais sensações você sente/lembra ao olhar para os prédios enxaimeloide?

Anexo 1 – Carta "Aviso para os baianos"

AVISO PARA OS BAIANOS

Nossa Brusque deixou de ser uma cidade boa para viver, nos últimos 5 anos foi invadida por imigrantes de outros estados, principalmente da Bahia das cidades de Itabuna, Ilhéus Buerarema etc.

Sabemos que todos tem o direito de ir em busca de uma vida melhor, mas sabemos também que quem chega numa nova cidade, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local. Os mais sensatos respeitam e são bem-sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades, afinal **TODOS PRECISAM DE AMIGOS.**

Infelizmente junto com os bons vem também os ruins (não civilizados, ignorantes mesmo), que são a maioria e estão incomodando a vida dos moradores locais fazendo um **INFERNO** como: Ouvir música em alto volume, tanto nos carros como em casa mesmo e em qualquer hora, falam muito alto e os vizinhos são obrigados a suportarem isso, se alguém reclama eles ficam bravos, se alguém chama a polícia, ao verem a viatura da PM baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora, voltam a fazer bagunça.

~~Brusque é uma cidade de povo deordeiro, trabalhador e honesto e NÃO MERECEMOS ISSO.~~
Em muitos casos que foram registrados BO (boletim de ocorrência) não deu em nada, então vamos fazer justiça com nossas mãos, **ESTAMOS CANSADOS E REVOLTADOS.**

Desde o mês de março deste ano formamos um grupo com 28 pessoas, somos cidadãos trabalhadores, honestos e honrados, estamos bem preparados, resolvemos dar um **BASTA** nessa situação nosso grupo é discreto e bem estruturado. Estamos publicando este AVISO para depois não reclamarem do pior que vai acontecer, estamos dando uma chance de mudarem de comportamento.

Moro em Águas Claras há 26 anos, tenho filhos que moram em outros bairros, e também estão sofrendo. Não vamos nos mudar por causa desses desordeiros:

Fizemos um levantamento nos bairros: Águas claras, Azambuja, Sta. Terezinha, Nova Brasilia, 1º de maio, Bateias e Steffen, constatamos que é absurdo, inaceitável o que acontece nos bairros, além do barulho, até trafegam contramão com carros e motos em alta velocidade e alguns com a descarga aberta (sem o silencioso), na Bateia por exemplo teve várias discussões por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO entre vizinho local e baiano e os baianos se juntaram para agredir o que estava certo. No Azambuja uma senhora de 62 anos tem que tomar remédio para dormir e calmante durante o dia.

No Steffen teve também discussão por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO e os baianos armados com faca quiseram ter razão, e disseram o seguinte: "Essa rua é nossa é nós que manda aqui é pronto, os incomodados que vão embora, pagamos aluguel e podemos fazer o que quisermos a qualquer hora".

Durante esses 8 meses de levantamento, já temos as placas dos carros que são 34, e motos são 22, temos também a foto desses desordeiros.

Fiquei feliz ao comentar com 2 policiais sobre essa carta (antes de ser publicada) para saber a opinião deles e os 2 disseram assim: "Finalmente acordaram, é bom mesmo que alguém faça alguma coisa para acabar com esses alienígenas" porque 90% dos casos envolvem baianos. "Não diga à ninguém nosso nome" - eu disse tudo bem.

BAIANOS, vocês conseguiram deixar o povo revoltado, TOMEM CUIDADO e tratem de mudar de comportamento URGENTE. VAMOS ELIMINAR VOCÊS, ISSO MESMO, VAMOS MATAR OS RUINS e acabar com essas pragas.

Nosso grupo, composto por 28 cidadãos, onde 11 estão ansiosos para começar a matança, nem queríamos publicar esse aviso, porém, a maioria decidiu avisar antes.

Nossa Brusque será de novo uma cidade boa para viver, CUSTE O QUE CUSTAR.